

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

O LIVRO DIDÁTICO COMO INSUMO NA AULA DE LÍNGUA  
ESTRANGEIRA (INGLÊS) NA ESCOLA PÚBLICA

DOUGLAS ALTAMIRO CONSOLO

Dissertação apresentada ao Departamento de  
Linguística Aplicada do Instituto de Estudos  
da Linguagem da Universidade Estadual  
de Campinas como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Mestre em Linguística  
Aplicada.

Este exemplar é a redação final da tese  
defendida por Douglas Altamiro  
Consolo

Campinas, setembro de 1990

• aprovada pela Comissão Julgadora em  
24, 09, 90.

C765L  
v.1  
12647/BC

UNICAMP

*D. Altamiro Consolo*

ORIENTADOR: Dr. José Carlos Paes de Almeida  
Filho

CANDIDATO: Douglas Altamiro Consolo

BANCA EXAMINADORA:

*Dr. José Carlos Paes de Almeida Filho*  
Dr. José Carlos Paes de Almeida Filho

*Ângela B. Kleiman*  
Dra. Ângela Bustos Kleiman

*John Roberts Schmitz*  
Dr. John Roberts Schmitz

Dra. Marilda do Couto Cavalcanti

"Language is the special treasure of our race. It depends on what we call the mind, but it comes out of the entire person. To learn a second language is to move from one mystery to another."

(Earl W. Stevick, in *Memory, Meaning and Method*)

"...não acredito que alguém jamais tenha ensinado alguma coisa a outro. Duvido da eficácia do ensino. A única coisa que sei é que quem quiser aprender, aprenderá. E talvez o professor seja um fator que facilite, uma pessoa que apresenta as coisas e mostra aos outros como é empolgante e maravilhoso, e os convida a provarem." (Carl Rogers)

## AGRADECIMENTOS

O trabalho realizado em equipe e os efeitos positivos da colaboração mútua caracterizam a satisfação das pessoas nele envolvidas.

Agradeço a todos que colaboraram e participaram do processo de realização deste trabalho, especialmente a

meus pais , Altamiro e Norma, pelo apoio e cooperação, desde os primórdios de minha existência;

Dra. Ângela Bustos Kleiman e Dr. John Roberts Schmitz, pelas valiosas críticas e sugestões, por ocasião do exame de qualificação;

Dra. Marilda do Couto Cavalcanti, pelo acompanhamento e convivência acadêmica durante o programa de Mestrado;

todos os professores, alunos e diretores das escolas envolvidas nesta pesquisa, cuja colaboração permitiram realizá-la;

Débora Baghin e Nelson Viana, auxiliares de pesquisa do "Projeto LD", pela concessão dos dados por eles coletados e registrados;

Aluísio, Anabel, Beth, Fátima, João Bosco, Marisela, Maristela, Max, Rita, Rosita e Teca, amigos e colegas pesquisadores, pelas tantas idéias e serviços prestados;

todos os funcionários do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas;

José Carlos Paes de Almeida Filho, pela valiosa convivência em ensino e pesquisa em língua estrangeira, principalmente durante a realização deste trabalho.

## R E S U M O

Esta pesquisa analisa características pertinentes ao processo de construção do insumo no cenário formal da sala de aula de língua estrangeira (LE). Considerando que a aula de LE se constitui como a única oportunidade de contato dos alunos com a língua-alvo (L-alvo), e que a principal fonte de conteúdo, em termos de amostras da L-alvo é o livro didático (LD), analisamos três livros didáticos nacionais utilizados nas quatro últimas séries do primeiro grau na escola pública, estadual e municipal, para a disciplina LEM, especificamente a língua inglesa. O foco principal de análise é o processo de construção do insumo a partir de dados coletados em aulas de LE, nas quais verificou-se ora a ocorrência, ora a ausência, de características pertinentes ao insumo, levantadas a partir de um arcabouço teórico específico. Obtivemos um quadro de categorias, formalizadas diante da análise dos livros em si mesmos e das aulas observadas, que permitem caracterizar o insumo no processo de ensino/aprendizagem de LE nas aulas da escola pública, *a priori*, ou em outras situações de ensino formal. Esperamos contribuir com um instrumental de análise de livros didáticos, elaborado a partir da teoria e das verificações junto à prática pedagógica existente nas escolas, e com parâmetros de avaliação do processo de construção e fornecimento de insumo favorável à aprendizagem e, eventualmente à aquisição de uma LE em cenário de ensino formal.

# ÍNDICE GERAL

(vols. 1 e 2)

VOLUME 1

página

## Capítulo 1: INTRODUÇÃO

1. Objetivo do trabalho.....	10
2. Língua Estrangeira e Livro Didático na Escola Pública.....	12
3. A Realidade do Professor de Escolas Públicas.....	16
4. Objetivos Específicos e Questões de Pesquisa.....	19
NOTAS.....	23

## Capítulo 2: ARCABOUÇO TEÓRICO.....26

2.1. Livro Didático: Componente da Operação Global de Ensino de LE.....	26
2.2. Insumo.....	29
2.3. Krashen: a Hipótese do Insumo.....	32
2.4. O Modelo de Bialystock.....	36
2.5. Críticas ao modelo de Krashen: White, McLaughlin & Ellis.....	39
2.6. O tratamento do insumo segundo Schachter.....	45
2.7. A Sala de Aula: Aprendizagem Formal de LE.....	47
2.8. Categorização do Insumo.....	50
NOTAS.....	52

Capítulo 3: METODOLOGIA DE PESQUISA.....	57
3.1. Introdução à Metodologia da Investigação.....	57
3.2. Pressupostos Metodológicos.....	58
3.3. Etapas de Pesquisa.....	62
3.4. Instrumentos de Coleta de Dados.....	64
3.5. Análise dos Dados.....	68
NOTAS.....	69
Capítulo 4: ANÁLISE DE DADOS.....	70
4.1. Análise dos Livros Didáticos.....	71
4.1.1. <u>A Practical English Course</u> .....	72
4.1.2. <u>Our Way (volume 1)</u> .....	78
4.1.2.1. o conceito de linguagem.....	80
4.1.2.2. o conceito de aprendizagem.....	80
4.1.2.3. o conceito de ensinar.....	81
4.1.2.4. temas e tópicos.....	82
4.1.3. <u>Our Turn (1<sup>o</sup> grau - livro 1)</u> .....	83
4.2. A Construção do Insumo na Aula de LE.....	86
4.3. A Visão dos Professores.....	92
4.4. Contribuições das Opiniões de Alunos.....	95
4.5. Caracterização do Uso da LE por Professores e Alunos.....	99
NOTAS.....	100
Capítulo 5: CONCLUSÃO.....	101

Bibliografia.....	104
-------------------	-----

## APÊNDICES

Código de transcrição de gravações.....	02
Apêndice 1: 5ª série "A".....	03
Apêndice 2: 5ª série "B".....	45

## VOLUME 2

Apêndice 3: 5ª série "D".....	89
Apêndice 4: 5ª série "E".....	157
Apêndice 5: 8ª série.....	258
Apêndice 6: 6ª série.....	327
Apêndice 7: 7ª série.....	329
Apêndice 8: <u>Professor 1</u> (entrevista).....	332
Apêndice 9: <u>Professor 2</u> (entrevista).....	344
Apêndice 10: questionário de professores.....	358
Apêndice 11: questionário de alunos.....	360
Apêndice 12: roteiro de entrevista.....	363
Apêndice 13: <u>Dur Way</u> (amostras).....	364
Apêndice 14: <u>Dur Turn</u> (amostras).....	368

O LIVRO DIDÁTICO COMO INSUMO NA AULA DE  
LÍNGUA ESTRANGEIRA (INGLÊS) NA ESCOLA PÚBLICA

D. A. CONSOLO

VOLUME 1

## CAPÍTULO 1

## I N T R O D U Ç Ã O

## 1. OBJETIVO DO TRABALHO

Este trabalho analisa três livros didáticos de inglês como língua estrangeira (LE) produzidos no Brasil e utilizados nas quatro últimas séries do primeiro grau, na escola pública<sup>1</sup>. Com o pressuposto inicial da viabilidade de se analisar o livro didático (LD) em si mesmo e quando em uso na sala de aula, procedemos a esta pesquisa com a finalidade de elaborar um quadro de características observáveis e representativas de fatores importantes para a configuração do insumo em um processo de ensino/aprendizagem. Sendo assim, objetivamos verificar quais elementos explícita ou implicitamente presentes no LD podem contribuir para a elaboração de tal quadro descritivo favorável à aprendizagem e, eventualmente aquisição<sup>2</sup> de LE, em cenário formal de sala de aula. Através de tal pesquisa analítica esperamos poder apresentar, alterar ou adicionar intravisiões à prática pedagógica existente.

Verificou-se em outros trabalhos de pesquisa<sup>3</sup> e em depoimentos de professores e outros profissionais vinculados à escola pública a situação precária em que se encontra a disciplina Língua Estrangeira Moderna (LEM). Tal situação se deve a uma gama de razões. Por um lado, há aspectos mais abrangentes do ensino na realidade brasileira como um todo, que repercutem negativamente no aspecto pedagógico. Condições sócio-econômicas freqüentemente desfavoráveis e/ou problemas de ordem institucional terminam, obviamente, por afetar o processo de ensino/aprendizagem na escola, e na disciplina LEM. Por outro lado, os resultados insuficientes e de-

cepccionantes, tanto para alunos como para professores, deste processo, pode também ser explicado pela natureza deficiente do insumo linguístico existente.

Entre os trabalhos realizados sobre a escola pública brasileira, citaremos Jannini (1979) e suas considerações sobre a decadência do ensino, o desinteresse dos alunos e a falta de conhecimentos básicos no âmbito da disciplina LEM, especificamente a língua inglesa. Segundo Jannini (op.cit.), tais fenômenos merecem um estudo (sistemático), objetivando verificar a hipótese de que o defeito fundamental está no método em que se vêm baseando os LDs utilizados na escola pública, e na visão da realidade escolar.

Uma vez que o LD é hoje a única, ou pelo menos, a principal fonte de conteúdo de LE nas aulas da escola pública<sup>4</sup>, justifica-se, a nosso ver, uma reflexão sobre suas características e uma investigação do uso que dele é feito.

Através da análise dos LDs e dos dados coletados via observação sistemática de aulas reexaminaremos as teorias acerca da importância do insumo para a aquisição e aprendizagem de LE, para a seguir, classificar os elementos em categorias de forma a tentar contribuir para um melhor tratamento de aspectos práticos, tais como, planejamento de cursos com definição de conteúdos e elaboração de novos materiais didáticos. Tencionamos ainda tornar acessível aos usuários um instrumental de análise de LDs, podendo, sem dúvida, beneficiar professores e alunos de LE da escola pública brasileira.

## 2. LÍNGUA ESTRANGEIRA E LIVRO DIDÁTICO NA ESCOLA PÚBLICA

Nas últimas décadas, o ensino de inglês como língua estrangeira tem sido foco de bastante atenção e despertado interesse de diversos setores da Linguística Aplicada (LA). McLaughlin, entre outros autores, afirma que

"Nas duas últimas décadas, a gama de estudos sobre aprendizagem de segunda língua tem aumentado exponencialmente, bem como o número de periódicos, antologias e livros sobre este tópico."<sup>5</sup>

(McLaughlin, 1987:1)

Dada a grande utilização do LD nas aulas das escolas brasileiras, inclusive nas de LEM, o vemos então como um importante objeto de pesquisa em Linguística Aplicada (LA), no sentido de buscarmos soluções para um problema envolvendo o uso de linguagem. Concordamos com Cavalcanti (1986) na ênfase sobre a abrangência da LA em termos do foco de investigação em problemas do uso da linguagem, incluindo língua materna (L1), segunda língua (L2) e LE, dentro ou fora do contexto escolar. Certamente o ensino de LE no contexto escolar, cenário desta pesquisa, constitui uma vasta área de pesquisa em LA.

A natureza complexa do processo de ensino/aprendizagem de uma LE, se considerados todos os avanços teóricos e empíricos em LA, relaciona-se, dicotomicamente, com posturas descrentes quanto aos resultados possíveis de serem obtidos na prática pedagógica. Almeida Filho afirma que "embora sem condições para o ensino suficiente, a grande massa das escolas públicas seguem ensinando Língua Estrangeira Moderna em praticamente todas as últimas quatro séries do 1º grau" (Almeida Filho, 1985:19).

Nas escolas públicas (estaduais) do Estado de São Paulo o caráter da LEM, desde 1986, como disciplina não promocional, constitui mais um fator de desânimo e até de desvalorização do trabalho pedagógico nas aulas de inglês. Incluimos, abaixo, parte do texto da legislação estadual sobre o ensino de 1º grau, atualmente em vigor no Estado de São Paulo:

RESOLUÇÃO: SE 7 de 19/10/89:

Dispõe sobre adequação dos quadros curriculares de 1º e 2º Graus das escolas da rede estadual de ensino à resolução CFE 6/86, que reformula o núcleo comum para os currículos de ensino de 1º e 2º Graus, e dá outras providências.

Art. 10: A promoção do aluno, independentemente do tratamento metodológico dispensado ao componente curricular, decorrerá apenas da apuração da assiduidade nos seguintes casos: I-No ensino de 1º Grau: a) em todos os conteúdos curriculares estabelecidos pelo art. 7º da Lei 5692/71, à exceção de programas de saúde que integrarão Ciências ou Ciências Físicas e Biológicas; b) em Língua Estrangeira Moderna.

As abordagens e métodos<sup>6</sup> propostos para o ensino de LE, e de forma intensa para o ensino da língua inglesa, apresentam-se aos professores brasileiros de inglês como promessas de um processo mais eficiente de ensino/aprendizagem da língua, buscando otimizar o rendimento e desempenho dos alunos. Caracterizamos genericamente essa gama de abordagens e métodos como "promessas" por acreditarmos na complexidade e variedade dos fatores envolvidos no processo de aprendizagem

de LE, presentes em situações específicas e nos diversos contextos possíveis de ensino formal. Os LDs apresentam-se também com características de produtos comercializáveis, para os quais se declara diversas vantagens, por exemplo, nas páginas introdutórias dos próprios livros. As discrepâncias e distorções existentes entre as propostas declaradas e a realidade dos materiais, entretanto, comprometem o sucesso do processo de ensino/aprendizagem. Retomaremos os aspectos dos LDs no capítulo 4 desta dissertação.

Diante das discrepâncias verificadas entre "promessas" e resultados decepcionantes na prática, acreditamos que abordagens teóricas e planejamentos de cursos de LE existentes devem ser cuidadosamente analisados para posteriormente, na sala de aula, podermos verificar sua eficácia, ou seja, se obter, como resultado prático, uma competência dos alunos no uso da língua-alvo (L-alvo).

Estamos cientes de que o sucesso de um processo de aprendizagem de LE não depende, exclusivamente, de bons materiais didáticos e de bons professores, mas também, entre outras coisas, de estratégias de aprendizagem (Ellis, 1982:73)<sup>7</sup>. Com relação a esse tópico, podemos citar principalmente Naiman *et alii* (1978), Ellis & Sinclair (1989) e Skehan (1989), entre os trabalhos sobre o bom aprendiz e estratégias envolvidas na aprendizagem de L2 e LE.

Nas salas de aula de escolas públicas, nos contatos com os profissionais de ensino<sup>8</sup> e em ocasiões de encontros de professores das redes pública e particular, a sensação de frustração e a resultante falta de motivação e de interesse são observáveis, tanto em alunos quanto em professores de LE. Esses sentimentos pouco encorajadores para alunos e profissionais de ensino decorrem de vários fatores, da estrutura do currículo escolar à má formação e remuneração do professor, e suas condições específicas de trabalho nos estabe-

lecimentos da rede de ensino público.

Entre os depoimentos dos professores-sujeitos desta pesquisa, salientamos algumas declarações do Professor 1 (P1), a respeito de sua própria formação profissional e sua realidade de trabalho na escola pública, que indicam a atual "descrença" no processo de ensino/aprendizagem de LE em tal contexto:

[1]. "...o que me deu mais base não foi a faculdade, que a faculdade a gente sabe que é um tanto fraca..."

[2]. "...é importante o inglês, apesar (de) que na escola pública nós não temos muitas condições prá trabalhar..."

(vide Apêndice 8 - Entrevista com P1)

Os alunos da escola pública, em sua grande maioria<sup>9</sup>, têm a sala de aula como único cenário para contato, aprendizagem e supostamente produção de LE, e como é em torno do livro didático que se desenvolve a maior parte das atividades da aula, ele se transforma "de mediador em finalidade" (Carvalho, 1987). Enquanto recurso de ensino, "o LD é uma peça central no quebra-cabeça da escola brasileira" ("Projeto LD", 1988<sup>10</sup>).

Acreditamos, entretanto, que à elaboração de um LD "deve presidir o conceito do livro como um recurso didático (entre outros) na configuração do método, não como fim em si mesmo" (Molina, 1987:30, cf. D.O., 19-4-76, p.20). Dessa forma, entendemos que o livro didático seja o livro produzido para ser utilizado em sala de aula, pressupondo a escola como seu contexto de uso; alunos e professores como seus usuários e a dinâmica da sala de aula como seu modo de utiliza-

ção. Isto posto resulta o fato do LD acabar por se tornar uma proposta metodológica para o ensino de seu conteúdo, geralmente organizado em unidades ou lições (cf. Ruiz, 1988:12).

Podemos afirmar que o LD nacional de LE é, de maneira geral, de baixa qualidade, na medida em que "não depende da excelência como critério básico, isto é, não tenta elevar a experiência de aprender a um nível limite para a potencialidade do aluno" ("Proposta de Linhas Gerais para Nortear uma Política de Ensino de LE Moderna na Rede Oficial de 1º Grau", 1987:10). Encontra-se embutida nos LDs de LE uma gama de problemas potenciais, entre eles a qualidade da escolha do conteúdo linguístico e seu calibramento, e questões vitais sobre o que é linguagem e sobre como se aprende e se ensina uma LE<sup>11</sup>.

### 3. A REALIDADE DO PROFESSOR DE ESCOLAS PÚBLICAS

Em virtude da imposição de condições árduas de trabalho e do fornecimento de recursos públicos somente para a compra de LDs, o professor passou a alienar-se do seu fazer docente. Estamos nos referindo à falta de subsídios para a aquisição de variedades de materiais e recursos didáticos, bem como à negligência, ampla e geral em todo o país, por parte de autoridades e órgãos públicos, em relação ao ensino.

Dedicando-se quase que exclusivamente a viabilizar propostas de cuja criação não participaram e sem tempo para criarem alternativas quanto a objetivos e métodos de ensino, os professores da escola pública "assistiram a um processo de inviabilização da possibilidade de agirem como sujeitos da própria história" (Ruiz, 1988:147-148). Por um lado, um número razoável de professores desconhece parcial ou total-

mente os pressupostos teóricos subjacentes às abordagens para o ensino de LE<sup>12</sup>, e encontram-se consideravelmente afastados de atividades de pesquisa e do desenvolvimento de trabalhos mais recentes em LA. Tais professores contam, apenas, com uma formação inicial (e, em vários casos, deficiente, conforme suas próprias declarações). Tal formação resume-se, via de regra, àquela oferecida por um curso de Letras, ou então um "treinamento de professores", muitas vezes superficial, feito em uma determinada escola para a utilização imediata de um LD específico. Posteriormente, esses professores confiam somente nas próprias idéias e intuições a respeito do que seja ensinar LE e de como fazê-lo.

Deste modo, embora cientes de que o processo de aprendizagem de LE na escola pública não esteja alcançando máximo rendimento, ao professor poderemos "dar o direito" de eximir-se, ao menos em parte, da responsabilidade pelo sucesso ou fracasso do processo educacional. Impossibilitado de preparar adequadamente suas aulas, o professor se vê obrigado a lecionar um número elevado de turmas, devendo, em muitos casos, deslocar-se de uma escola para outra para poder garantir um salário minimamente suficiente para sua subsistência. Ilustraremos tais afirmações com declarações de P2, sujeito desta pesquisa:

[3]. "... (eu) traria... coisas que a gente não tem tempo de preparar, não é?..."

[4]. "... se eu pudesse preparar as minhas folhas de sulfite... (...)... você vê, nós temos hora-atividade... ..nessa hora-atividade é para preparar (ENFATICAMENTE)... a matéria... eu tenho doze aulas semanais (nessa) aqui<sup>13</sup>, com duas horas-atividade, imagina... "

(vide Apêndice 8 - Entrevista com P1)

Ruiz (1988), em seu trabalho sobre os LDs de português (língua materna), assim descreve a situação do professor da escola pública, diante da absoluta falta de recursos:

"Conseqüentemente (o professor), passou a se interessar cada vez mais por materiais de ensino que não apenas se adequassem, mas, principalmente possibilitassem essa prática cujo controle lhe escapava das mãos. E, não há dúvida, nessas condições, o material que melhor se apresentava como instrumento eficaz para o desenvolvimento das suas aulas era o livro didático."

(Ruiz, op.cit.1-2)

Além disso, a relação professor-LD tornou-se mais forte quando o Estado passou a distribuir diretamente às escolas milhares de exemplares gratuitos. Tal mecanismo permitiria que o professor selecionasse o LD a adotar. Porém, além de dificilmente haver tempo hábil para que o professor examine os livros oferecidos, segundo Carvalho (op.cit.7) "ele não foi instrumentalizado com critérios que possam auxiliá-lo nesta seleção". Também Molina (op.cit.) aborda a questão do professor e a escolha dos LDs (embora tenhamos verificado a existência de um número muito pequeno de opções de LDs nacionais possíveis de serem classificados como apropriados para um ensino eficaz):

"O quadro está, pois, razoavelmente esboçado - tem-se uma grande população escolar assistida por professores sobrecarregados de aulas e muitas vezes mal preparados que não podem, evidentemente, nem escolher nem, muito menos, escrever bons livros didáticos. Não se pretende aqui acusar os professores por algo que nem sempre é sua culpa, ou seja, sua formação precária."

(Molina, 1987:26)

Devemos lembrar ainda que, ao adotar um LD, o professor pode assumir uma posição de "co-autor", à medida que introduz modificações à proposta original de uso, e complementa o conteúdo linguístico do material, na tentativa de melhor adaptá-lo às condições específicas de seu contexto de trabalho docente. Infelizmente, nem todos os professores sentem-se motivados ao esforço nesse sentido, por razões citadas anteriormente.

A relação professor-LD será eventualmente favorecida à medida que os profissionais diretamente ligados ao ensino engajarem-se mais em um sério propósito de formar melhor esses professores, fornecendo-lhes conteúdo, instrumentos e oportunidades de reflexão, para assumir uma postura mais crítica em relação ao ensino de LE, e em relação à análise de livros didáticos.

#### 4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS E QUESTÕES DE PESQUISA

Nosso trabalho pretende, por um lado, realizar um estudo e mapeamento dos procedimentos na sala de aula de LE, incluindo a análise do material didático utilizado e as opi-

niões de alunos e professores usuários de LDs, visando subsidiar uma reformulação da prática de ensino. Por outro lado, nosso trabalho pretende também verificar mapeamentos teóricos sobre ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

Poderíamos apontar como questão abrangente e genérica, e como norteadora desta pesquisa, a seguinte pergunta : como se configura a situação atual do ensino de LE moderna em nossas escolas públicas, com relação ao insumo? Em seguida, por acreditarmos na importância do material didático nos cursos de línguas e, na relevância de um construto teórico sobre o insumo para melhor compreender o processo de ensino-aprendizagem, elaboramos as seguintes questões de pesquisa:

(1) Dentre as supostas amostras da L-alvo na sala de aula de LE, a saber (a) o LD, (b) a produção de LE do professor e (c) a produção de língua estrangeira dos próprios alunos, qual porcentagem cabe ao LD enquanto

- repositório, isto é, fornecedor das amostras de linguagem?

- incitador ou detonador da construção de insumo não-explicitamente contido no LD?

(2) Se o LD é fonte de insumo, quais são as características desse insumo? Por exemplo, qual o conceito de linguagem subjacente? São contemplados os interesses e necessidades dos alunos?

(3) Qual porcentagem do insumo em LE é construído a partir da dinâmica de utilização do LD em sala de aula?

(4) Se o LD não for responsável pela construção do insumo adequado na sala de aula de LE, a que se deve tal fato?

Os objetivos específicos deste trabalho são, portanto:

(1) Especificar os pressupostos e abordagens subjacentes à escolha de conteúdos na elaboração dos LDs analisados<sup>14</sup>.

(2) Levantar as influências dos pressupostos contidos nos LDs na caracterização do insumo na aula, e no processo de ensino-aprendizagem de LE, no cenário específico da escola pública de 1º grau.

(3) Verificar até que ponto as características de um insumo adequado estão presentes nos LDs e na dinâmica da sala de aula, baseado em um quadro teórico sobre insumo, elaborado para esta pesquisa.

(4) Caracterizar o insumo no cenário específico das séries do 1º grau na escola pública, via utilização de LDs por professores e alunos, e estabelecer um quadro de características que possam servir de diretrizes para os profissionais de ensino que atuam no processo de ensino-aprendizagem de LE, e na formação de novos professores.

O livro didático constitui-se no único material didático efetivamente disponível e utilizado nas aulas de LE nas escolas públicas de 1º e 2º graus, sendo o detonador e a fonte dominante de insumo para alunos e professores. Dada a importância do LD mas também sua baixa qualidade, na precária situação da disciplina Língua Estrangeira Moderna na rede pública, este trabalho se direciona para encaminhar soluções a essa situação-problema. Buscaremos, nos próximos capítulos, descrever e categorizar o processo de construção do insumo no cenário formal da sala de aula, na expectativa de contribuir para uma descrição sistemática do processo atual de ensino/aprendizagem de LE, e, eventualmente, levantar su-

gestões para atenuar os efeitos por hora negativos do uso do LD.

NOTAS:

(1) Os dados desta pesquisa foram coletados em escolas públicas estaduais e municipais em Campinas, Estado de São Paulo.

(2) Durante todo o trabalho estaremos considerando, como um dos pressupostos teóricos, a hipótese do Modelo de Krashen (1982) segundo a qual existem distinções fundamentais entre *aquisição* e *aprendizagem* de uma segunda língua (L2), embora nossa pesquisa seja em língua estrangeira (LE), e não tratemos dos processos de internalização propriamente ditos.

A distinção aquisição-aprendizagem constitui justamente a primeira hipótese do modelo krasheniano, postulando que aquisição caracteriza-se como um processo subconsciente e independente da explicitação de regras (gramaticais) sobre a língua-alvo. No caso da aprendizagem, o conhecimento da e sobre a língua é consciente, explícito e passível de formalizações (vide Krashen, 1982:10-11).

Corder (1967:163) menciona vantagens em considerarmos a distinção aquisição-aprendizagem, referindo-se a dois outros autores:

*"The usefulness of the distinction between acquisition and learning has been emphasised by Lambert (1966) and the possibility that the latter may benefit from a study of the former has been suggested by Carroll (1966)."*

(3) Entre as referências verificadas para esta pesquisa, citaremos Almeida Filho & Consolo (1990), Almeida Filho *et alii* (1989, 1990), Costa, D. N. M. (1986, 1987) e Jannini, C. S. O. (1979).

(4) Almeida Filho & Consolo (1990:5).

(5) No original: "*Over the past two decades or so, the number of studies concerned with second-language learning has increased exponentially, as has the number of journals, anthologies, and textbooks dealing with this topic.*" (McLaughlin, 1987:1)

(6) O termo *abordagem* refere-se ao tratamento total de qualquer operação de ensino (cf. Almeida Filho, 1984). O termo *método* refere-se ao conjunto de procedimentos e técnicas utilizadas na sala de aula.

(7) Ellis afirma que "o aprendizado bem-sucedido de línguas não depende unicamente de bons materiais e de um bom ensino, mas também de estratégias gerais e individuais utilizadas pelos aprendizes. Estes não são como computadores que o professor deve programar; eles próprios constroem o conteúdo que influenciará (ou determinará) a rota da aprendizagem." (Ellis, 1982:73)

(8) Utilizaremos o termo "profissionais de ensino" para nos referirmos mais amplamente às diversas categorias de profissionais ligados ao ensino e à pesquisa em LE, e às instituições escolares, desde o 1º grau até a universidade.

(9) Conforme os dados coletados junto aos alunos de escolas públicas, sujeitos desta pesquisa.

(10) A nomenclatura "Projeto LD" será utilizada para as referências ao projeto "O Livro Didático Nacional de Língua Estrangeira Moderna: Pressupostos, Valores Formais e Validades", iniciado em 1987 (coord: Dr. José Carlos Paes de Almeida Filho, DLA/IEL, UNICAMP).

(11) Retornaremos às características do LD quando apresentarmos, no capítulo 4, a análise dos três LDs realizada nes-

te trabalho.

(12) Constatação através de observações pessoais em encontros de professores da rede pública, e nos contatos com professores-sujeitos desta pesquisa.

(13) O professor refere-se somente a uma das escolas onde foi realizada esta pesquisa.

(14) Alguns dados obtidos nesta pesquisa serão comparados e/ou acrescidos de dados sobre o LD levantados através do "Projeto LD", uma vez que temos objetivos em comum em algumas das etapas da pesquisa (vide "Projeto LD", op.cit. 6, objetivo 2.3).

## CAPÍTULO 2

## A R C A B O U Ç O T E Ó R I C O

Trataremos neste capítulo das bases teóricas que orientam este trabalho, primordialmente em termos de modelos de aquisição e aprendizagem de L2 e LE, artigos especializados sobre insumo nas áreas de aquisição de linguagem e ensino, e trabalhos em LA sobre materiais didáticos e sobre LE na escola brasileira.

## 2.1 LIVRO DIDÁTICO: COMPONENTE DA OPERAÇÃO GLOBAL DE ENSINO DE LE

Estaremos considerando o LD, no processo de ensino-aprendizagem de LE, como um dos componentes integrantes do modelo de Operação Global de Ensino de Línguas proposto por Almeida Filho (1984), o qual nos permite estabelecer uma relação consistente entre a abordagem<sup>1</sup>, o planejamento de conteúdos e o método (técnicas e recursos de sala de aula), bem como as respectivas relações com o material didático utilizado na sala de aula. Ao adotarmos o modelo de Operação Global de Ensino de Línguas concordamos com o pressuposto de que a escolha da abordagem implica na caracterização dos outros componentes do modelo. Nesse sentido, verificaremos posteriormente, na análise dos dados obtidos para esta pesquisa, questões de coerência ou de discrepâncias nas relações práticas entre os componentes do modelo de Operação Global, acima citados.

Com relação à escolha de uma abordagem para nortear este trabalho, optamos em primeira instância por adotar como princípio o ponto de vista que "na medida em que se propõe o atendimento das necessidades dos alunos, nenhum método, técnica ou procedimento deve ser imposto ao professor, mas qualquer metodologia

usada deve ser necessariamente justificada em termos de abordagem privilegiada e sua repercussão para a formação integral do aluno" (Proposta de Linhas Gerais para Nortear uma Política de Ensino de LEM na Rede Oficial de 1º Grau, 1987:110).

Nossa preocupação inicial foi a de procurar uma postura de análise a partir de uma descrição dos fenômenos constatados e pertinentes à questão da construção do insumo em LE, e mais voltada para a importância das relações de coerência nos processos de ensino-aprendizagem de LE analisados que pudessem levar a um sucesso desses processos. Esse sucesso, conforme mencionamos no Capítulo 1 desta dissertação, refere-se à uma competência de uso da L-alvo por parte dos alunos.

Não podemos estar alheios eventualmente às abordagens existentes e nem deixar de considerar as características de uma ou outra determinada abordagem, no que se refere a proporcionar ao professor de LE as condições pedagógicas necessárias para sua realidade específica de ensino.

Os livros didáticos nacionais, na sua grande maioria, são marcados por uma abordagem estruturalista (cf. Almeida Filho & Consolo, 1990), cujos pressupostos norteiam a apresentação e a prática da LE em toda a extensão do material. Verificamos também que "o livro de texto adotado numa disciplina da escola de 1º e 2º graus (LE, no caso) da escola pública (e da particular, embora em menor escala) tem hoje o papel de fonte da maior parte da informação sistemática sobre a L-alvo à qual o aluno terá acesso" (Almeida Filho & Consolo, op.cit.). Acrescentamos ainda o aspecto de "confiabilidade" ou então de "dependência" metodológica por parte de professores de LE na utilização dos LDs, o que nos permite concluir que, conteúdo e técnicas quase sempre propostos na aula de LE, via LD, caracterizam a língua como um sistema formal de regras gramaticais. Por aprendizagem, entende-se um processo de explicitação, prática e mecanização dessas regras gramaticais.

Costa (1987) faz uma avaliação da situação do ensino de LEM na escola de 1º Grau, partindo das legislações federal e estadual (São Paulo) sobre a referida disciplina na grade curricular. Esse autor aborda também pressupostos teóricos recentes sobre ensino/aprendizagem de LE, focalizando aspectos tais como a distinção entre produto e processo de aprendizagem, e a validade da descentralização do professor nesse processo, centrando-o então nos aprendizes. A inadequação do ensino de línguas estrangeiras, segundo Costa (op.cit.:53-54), deve-se, resumidamente, a quatro fatores:

[1]. O critério de seleção de *conteúdo linguístico* a partir de um sistema idealizado de descrição de língua;

[2]. A suposição de *convertibilidade* entre os termos ensino e aprendizagem, supondo-se desse modo que os alunos aprendem tudo o que lhes é ensinado;

[3]. O *papel centralizador* do professor no processo e nas atividades de sala de aula;

[4]. A definição de *objetivos de ensino*, que são negligenciados em vista da preocupação excessiva com o *produto em termos de objetivos educacionais*.

Com relação ao conteúdo e à metodologia de ensino dos cursos de LE, Costa (op.cit.:49) afirma que "o ensino não pode ser visto como implementação a *posteriori* de objetivos especificados através de programas, mas na condição de insumo a *priori* à identificação de objetivos curriculares; em outros termos, a metodologia deve determinar o conteúdo tanto quanto o conteúdo determinar o método".

Em função da escolha, decisão e experiência pedagógica do professor, entretanto, algumas técnicas oriundas do movimento comunicativo de ensino de línguas poderão modificar o quadro puramente estruturalista na sala de aula, focalizando os planejamentos de cursos nos aprendizes e encaminhando então a prática para algumas maneiras de uso da L-alvo. Retomaremos este ponto no capítulo 5, quando trataremos de sugestões para o encaminhamento das questões relativas ao uso do livro didático de LE e de procedimentos de sala de aula.

A partir da seção seguinte buscaremos definir as características de um insumo adequado, de modo a constituí-lo como integrante e pertinente ao processo de ensino/aprendizagem de LE. Tais características são oriundas de alguns construtos teóricos sobre aquisição e aprendizagem de L2 e LE.

## 2.2. INSUMO

O conceito do termo "insumo" (*input*), amplamente utilizado na literatura sobre aquisição de L1, L2 ou LE, pode ser definido em termos de duas instâncias: o insumo oferecido (ou "disponível") ao aprendiz e a "porção" desse insumo que é efetivamente "utilizada" pelo aprendiz, realizando-se então um processo de internalização de conteúdo da ou pertinente à L-alvo, e tendo como resultado a competência nessa língua. Utilizaremos neste trabalho a terminologia insumo e insumo internalizado, sendo este último o correspondente ao termo "*intake*" do inglês, encontrado também na literatura especializada.

Segundo Faerch & Kasper (1986), o termo "input" é utilizado com vários sentidos na pesquisa em L2, abrangendo desde formas gramaticais específicas (cf. Allwright, 1984; Lightbown, 1985), "input" visto sob uma perspectiva interacional (cf. Long, 1981; Pica & Doughty, 1985 a,b) até o "conteúdo cultural" do insumo (cf. Saville-Troike, 1985).

Wong-Fillmore (1985, *apud* McLaughlin, 1987) afirma que o insumo favorável à aprendizagem de uma L2 leva em consideração as necessidades sociais do aprendiz, e caracteriza-se como tendo sido selecionado com base no conteúdo, para então ser modificado na sua forma e apresentação. Segundo Wong-Fillmore (op.cit.) o bom insumo (*the good input to second-language learners*) tende a ser, nesse caso, estruturalmente mais simples, redundante e repetitivo, caracterizado por uma regularidade estrutural maior do que na linguagem usual.

A Hipótese do Insumo de Krashen (1982, 1985) caracteriza o insumo em termos de estruturas gramaticais, e salienta a relevância contextual na compreensão e aquisição da L-alvo<sup>2</sup>:

"Adquirimos (uma língua) através da compreensão da linguagem que contém uma estrutura um pouco além do nosso nível atual de competência."

"Como podemos entender uma linguagem que contenha estruturas as quais ainda não adquirimos?"

"Isto se dá com a ajuda do contexto ou informações extra-linguísticas."

(Krashen, 1982)

"Somos capazes de entender uma linguagem que contenha uma gramática desconhecida com a ajuda do contexto, o qual inclui informações extra-linguísticas, nosso conhecimento do mundo, e a competência linguística prévia."

(Krashen, 1985)

Independentemente da vastidão do escopo de definição do termo "insumo", estamos também interessados na relação entre o insumo e o insumo internalizado, e cientes de que o fornecimento de insumo não garante a sua internalização pelo aprendiz, pois os processos de aprendizagem e de aquisição de uma língua dependem

de inúmeras variáveis, inclusive ao nível individual do aprendiz. Nesse aspecto, citamos o modelo proposto por Naiman, Frohlich, Todesco & Stern (1978), como parte dos estudos sobre o Bom Aprendiz de Línguas (*the Good Language Learner*), bem como as modificações sugeridas por Skehan (1989)<sup>3</sup>.

Concordamos, pois, com Corder, em sua distinção entre *input* (para nós, insumo) e *intake* (insumo internalizado)<sup>4</sup>:

"Seria sensato introduzir neste ponto uma observação sobre o controle do insumo (o qual normalmente denominamos 'syllabus'). O simples fato de apresentar uma forma linguística a um aprendiz na sala de aula não necessariamente a caracteriza como insumo, pelo fato de que insumo 'é o que entra', não o que está disponível para tal, e podemos supor que seja o aprendiz quem controla esse insumo, ou mais propriamente seu insumo internalizado. Isto pode ser determinado pelas características do mecanismo de aquisição de linguagem do aprendiz, e não pelas características do planejamento de conteúdos."

(Corder, 1967)

Nossa tendência é acreditar que a construção do insumo adequado realiza-se a partir de pressupostos válidos genericamente para situações de ensino-aprendizagem de LE, conforme os modelos teóricos tratados nas próximas seções deste capítulo, e guiada por princípios de seleção, gradação e apresentação que dependerão do contexto específico de uma determinada realidade de ensino formal. Variáveis tais como faixa etária e necessidades específicas dos alunos, conceito de linguagem subjacente a uma abordagem pré-estabelecida e objetivos do planejamento do curso de LE exercerão influências vitais na caracterização do processo de cons-

trução do insumo, em cada realidade específica.

Estamos buscando elaborar um arcabouço teórico sobre o insumo em LE no sentido de obtermos definições e categorias que possam ser operacionalizadas para esta pesquisa, mais precisamente no cenário formal de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. Trataremos em seguida dos pontos principais do modelo de Krashen para aquisição de L2, sem dúvida uma das mais divulgadas teorias sobre o insumo.

### 2.3. KRASHEN: A HIPÓTESE DO INSUMO

O modelo de aquisição de L2 de Krashen<sup>5</sup> (1982, 1985) caracteriza o denominado "insumo ótimo" (*optimal input*). Segundo uma das cinco hipóteses do modelo, a Hipótese do Insumo, a aquisição de linguagem ocorre quando o nível de competência do aprendiz, na L-alvo, varia de um estágio denominado arbitrariamente de "i" para um estágio próximo e subsequente denominado "i+i". "i" representa o nível corrente do conhecimento do aprendiz e "i" representa a porção de insumo que o aprendiz desconhecia antes do processo de internalização do novo insumo. Consideraremos, de modo global, o termo "aprendiz" como referente a todo indivíduo em processo de atingir um estágio de competência em um L-alvo, via aprendizagem e/ou aquisição dessa língua.

A Hipótese do Insumo caracteriza-se por quatro princípios, os quais postulam as características do insumo adequado e suficiente para proporcionar a progressão de "i" para "i+i":

(1) A preocupação principal é com a aquisição da língua, objetivo central do modelo, em contraste com processos caracterizados como aprendizagem.

(2) A aquisição ocorre quando o aprendiz é capaz de compreender um conteúdo linguístico<sup>6</sup> um pouco além do seu nível de competên-

cia na L-alvo, portanto um conteúdo novo, representado por "i".

(3) Quando a comunicação é priorizada e bem sucedida, e o insumo é compreensível e em quantidade suficiente, o conteúdo "i+i" estará automaticamente sendo fornecido para o aprendiz.

(4) A habilidade para a produção da língua emerge da prática e contribui indiretamente para o processo de aquisição, mas não é diretamente ensinada<sup>7</sup>.

As características do "insumo ótimo" de Krashen foram postuladas considerando-se principalmente situações de aquisição da língua em ambientes (ou em países) onde ela é utilizada correntemente. Os aspectos de uma competência conversacional na L-alvo, devido à complexidade dos fatores envolvidos<sup>8</sup>, devem, segundo Krashen, ser adquiridos via insumo compreensível, e dificilmente serão ensinados na sua totalidade. Entretanto, alguns desses aspectos conversacionais podem e devem estar disponíveis ao aluno de um programa de ensino formal, como ferramentas para a conversação:

"É possível entretanto, que um subconjunto de ferramentas conversacionais possa ser diretamente ensinado, em termos de regras ou de fórmulas memorizadas, desde que sejam fáceis de serem aprendidas (...). Estas incluem fórmulas para se iniciar a conversação, alguns marcadores de pausa e expressões para pedir ajuda."(Krashen, 1982)<sup>9</sup>

De acordo com o modelo de Krashen, o insumo favorável à aquisição, cujas características foram tomadas como alguns dos pressupostos teóricos para este trabalho, deve ser:

relevante: o conteúdo sendo interessante e/ou relevante para os alunos, o foco da aula de LE será voltado para a mensagem, e a comunicação efetiva contribuirá para o processo de aquisição. Isto ocorrerá à medida que o aluno ouvir ou ler (ainda não estamos considerando os aspectos de produção em LE - vide nota 7) sobre assuntos que lhe despertem atenção e em decorrência sejam interessantes, e que não lhe sejam totalmente conhecidos.

não sequenciado gramaticalmente: a Hipótese do Insumo postula também que o insumo sendo (a) compreensível, (b) relevante e (c) oferecido em quantidade suficiente, o conteúdo "i+1" será direcionado para todos os alunos independentemente da simplicidade ou complexidade das estruturas gramaticais envolvidas. O fator compreensibilidade, mencionado acima, favorecerá uma chamada "ordem natural de aquisição das estruturas" (Krashen, 1982)<sup>10</sup> (vide Quadro 1). Posteriormente Krashen (1983) acrescenta que "as formas compreensíveis 'i+1' devem ocorrer com uma frequência suficiente".

A partir da Hipótese do Insumo decorrem dois corolários:

[1]. A produção oral é resultado e não causa do processo de aquisição. A fala na L-alvo ocorre como consequência da competência construída via insumo compreensível.

[2]. Garantindo-se o fornecimento de insumo compreensível em quantidade suficiente, a gramática necessária será fornecida e revisada no decorrer da ordem natural de aquisição das estruturas da L-alvo.

Questionamos a posição de Krashen em relação ao fato de que a produção oral não é necessária para se adquirir uma L2. Outros autores, entre eles Wong-Fillmore (1982) e Long & Porter (1985), apontam a contribuição, por exemplo, das negociações de significado entre aprendizes de uma língua. As tentativas de uso de uma LE permitem aos aprendizes confirmar suas hipóteses e analisar as

estruturas dessa língua de acordo com os resultados das interações.

Wong-Fillmore (1982, *apud* McLaughlin, 1987) afirma, com relação a alunos estudados, que "se os falantes não utilizarem a língua de modo a permitir que os aprendizes percebam sobre o que se está falando (foco na comunicação), os aprendizes não poderão analisar a linguagem, e se os aprendizes não derem um retorno para que os falantes façam os ajustes necessários em suas falas, não ocorrerá aprendizagem".

Quadro 1: DESVANTAGENS DE UM CURRÍCULO GRAMATICAL (adaptado de Krashen, 1982:70)

<u>Currículo gramatical:</u> tentativa deliberada para fornecer "i+1".	<u>Insumo comunicativo:</u> sendo o insumo suficiente, "i+1" estará naturalmente incluído.
1. Os alunos podem ser de níveis diferentes. Neste caso, a estrutura apresentada poderá não conter "i+1" para todos os alunos.	1. "i+1" será eventualmente fornecido para todos os alunos.
2. Cada estrutura é apresentada somente uma vez e posteriormente revisada. O aluno que perde a apresentação raramente aprenderá na revisão.	2. O processo de apresentação e revisão é natural e extensivo.
3. A ênfase gramatical pode inibir a comunicação real e natural.	3. A ênfase principal do professor e dos alunos está na comunicação de idéias.
4. Pressupõe que a ordem de aquisição (de estruturas) seja conhecida.	4. Não pressupõe que a ordem de aquisição seja conhecida.

## 2.4. O MODELO DE BIALYSTOCK

Na tentativa de entender o processo e os fatores envolvidos na aprendizagem de L2, Bialystock (Bialystock, 1978) desenvolveu seu modelo em três níveis principais: Insumo, Conhecimento e Produto. Bialystock considera o processo de operacionalização da L-alvo organizado através dos três níveis mencionados, e apresenta também suas estratégias de aprendizagem, que são definidas como "métodos operacionais para explorar a informação disponível, aumentando assim a proficiência em L2".

O nível do Insumo refere-se à exposição à L2 nos diversos ambientes e contextos possíveis. Experiências específicas nesse nível, porém, poderão ocasionar efeitos posteriores específicos e diferenciados, nos outros níveis do modelo. Definindo-se, por exemplo, a exposição à língua em contexto formal de sala de aula e via professor e LD, saberemos que tais especificidades influenciarão no processo de aprendizagem da L-alvo.

A nível do Conhecimento, a informação sobre a L-alvo pode ser representada de três maneiras distintas, e cada qual contribui de maneira única para constituir a competência do aprendiz:

(1) Conhecimento Lingüístico Explícito: contém os fatos que o aprendiz conhece conscientemente sobre a língua enquanto código, podendo articulá-los convenientemente, tais como regras gramaticais, regras de pronúncia e conhecimento de vocabulário.

(2) Conhecimento Lingüístico Implícito: contém informações usadas intuitiva e espontaneamente pelo aprendiz, para a compreensão e produção da L-alvo. O conhecimento explícito pode tornar-se conhecimento implícito, e este, por sua vez, pode tornar-se explícito. Nesse ponto temos um contraste entre o modelo de Bialystock e o modelo de Krashen (apresentado na seção anterior), segundo o qual os aspectos da língua "adquiridos" permanecem como conhecimento implícito e os aspectos "aprendidos" não se conver-

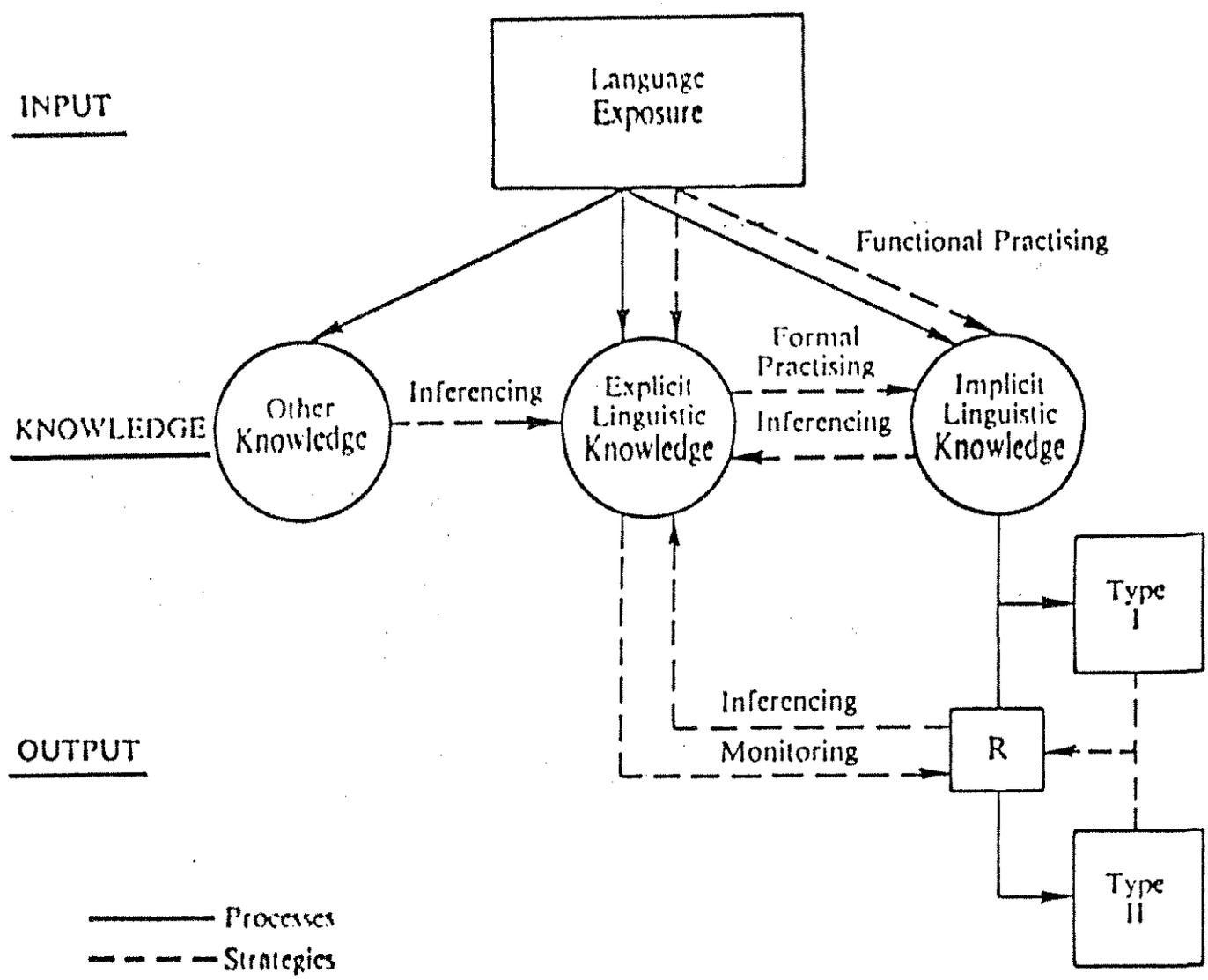
tem jamais em aquisição.

(3) Outros Conhecimentos: outros tipos de informações trazidas pelo aprendiz para a tarefa de aprendizagem da língua, não sendo necessariamente "linguísticos", por exemplo, contextos culturais associados com a L-alvo, conhecimento de outra(s) língua(s), e regras de uso e de significado quanto a contextos sociais. Essas informações auxiliares relacionam-se com os conhecimentos linguísticos, principalmente implícitos, do aprendiz.

O processo de contato com o insumo, então, "aciona" e abastece os três tipos de conhecimento, mas cada um dos três é afetado de maneira específica, dependendo da natureza da exposição à L-alvo. No processo de contato com o insumo no cenário formal da sala de aula, acreditamos que os três tipos de conhecimento propostos por Bialystock possam caracterizar a construção do insumo que pretendemos investigar.

O Produto refere-se à compreensão ou à produção da língua, ambas sendo denominadas pelo modelo de Bialystock como Resposta. As respostas podem ser do Tipo I ou do Tipo II, dependendo do fato de serem espontâneas, imediatas (Tipo I), ou mais demoradas (Tipo II) (vide Fig. 1)

Figura 1 : MODELO DE BIALYSTOCK PARA APRENDIZAGEM DE L2 (Bialystock 1978 : 200)



Model of Second Language Learning.

Com relação à produção de uma língua, Bialystock & Sharwood-Smith (1985, *apud* Tarone, 1988) incorporam o conhecimento sociolinguístico sob a forma de uma competência pragmática, caracterizada pelo conhecimento (*knowledge*) e pelo controle (*control*) da linguagem. Essa distinção refer-se ao conhecimento adquirido ou aprendido da língua, em contraste com a necessidade de uso da língua, quando então o aprendiz pode ou não dominar o processo de controle para utilizar bem seus conhecimentos. Analogamente ao conceito chomskiano de competência pragmática<sup>11</sup>, para Bialystock & Sharwood-Smith (*op.cit.*) essa competência representa o conhecimento da L-alvo.

## 2.5. CRÍTICAS AO MODELO DE KRASHEN: WHITE, McLAUGHLIN & ELLIS

O modelo de Krashen suscitou uma série de reações, comentários e críticas por parte de diversos autores e pesquisadores.

Entre eles, White (1987) reconhece o valor da Hipótese do Insumo por ter gerado estudos diversos sobre o papel do insumo no processo de aquisição de línguas (entre eles Schachter, 1986 e Sharwood-Smith, 1986), mas também observa problemas no modelo krasheniano.

Destacaremos abaixo três pontos da argumentação de White sobre o modelo de Krashen:

1. A Hipótese do Insumo implica que, sendo fornecido um insumo considerado compreensível, a aquisição da L2 será sempre possível e bem-sucedida, e somente será prejudicada quando a configuração do filtro afetivo impuser barreiras à aquisição. Segundo White, a ênfase de Krashen quanto ao papel do contexto e do significado para permitir a compreensão de "i+1", anula a possibilidade do insumo provocar mudanças na competência linguística do aprendiz, a partir de fatores puramente internos do sistema

lingüístico e independentes do contexto e do significado.

Concordamos com esse ponto de crítica ao modelo de Krashen, pois acreditamos que poderão ocorrer variações nos processos individuais de aquisição de LE, processos estes influenciáveis por características individuais dos aprendizes da L-alvo. McLaughlin (1978), ao analisar o trabalho de Krashen (1977a, 1977b, 1977c), salienta mais uma das características do modelo krasheniano, o "Fenômeno da Interferência" (*Interference phenomena*), que prevê diferentes tipos de desempenho por falantes distintos, nesse caso à luz do fenômeno da denominada interferência da L1 no desempenho em LE, em estágios iniciais do processo de aquisição. Nesse caso, então, a questão nos parece basicamente lingüística, e, segundo Krashen (1977a, *apud* McLaughlin, *op.cit.*) as três maneiras diferentes de desempenho em L2<sup>12</sup> "não são vistas como estágios de desenvolvimento" e os aprendizes-falantes podem iniciar e finalizar seus processos individuais segundo qualquer uma dessas maneiras.

2. O nível corrente do aprendiz na L-alvo, "i" agiria como uma espécie de "filtro lingüístico" ao novo insumo. Mas, como funciona esse filtro lingüístico? Que propriedades do insumo provocam mudanças gramaticais que permitem o tratamento, pelo aprendiz, do insumo novo? Para White, seria necessário explicitar o tipo de insumo relevante para cada estágio, "i" e "i+1", e os aspectos do insumo que poderiam ativar o desenvolvimento de um estágio a outro.

White (1987, *apud* Gass, 1988) argumenta também que, apesar da falta de precisão na definição krasheniana dos estágios "i" e "i+1", podemos manter esses conceitos. É necessário, porém, uma caracterização mais precisa do modo como os aprendizes interagem com o insumo. Neste trabalho nos limitamos a tratar das características do insumo oferecido aos aprendizes, disponível no ambiente da sala de aula e candidato a processos de internalização pelos alunos. Estabelecemos essa limitação para esta investigação para focalizarmos o LD como fonte geradora de insumo, e termos

mais viabilidade de operacionalizar nossa pesquisa com dados observáveis na dinâmica da sala de aula. Não trataremos, portanto, dos processos de internalização, nem de todos os construtos teóricos pertinentes à aquisição-aprendizagem de LE, tais como a afetividade (Schumann, 1980; Krashen, 1982, 1985)<sup>13</sup> ou a classificação para o insumo proposta por Gass (1988)<sup>14</sup>

McLaughlin (1987) também argumenta que o insumo compreensível não está bem definido, mesmo que seja considerada a representação dos estágios "i" e "i+1", este último representando o novo insumo. McLaughlin (op.cit.) afirma que "Krashen não define insumo compreensível; ele diz que o insumo é compreensível quando é significativo e entendido pelo ouvinte. Mas isto é tautológico"<sup>15</sup>.

Seria necessário então definir as estruturas características de tais estágios, mas essa definição, concordamos com McLaughlin, ainda é impraticável aos pesquisadores e professores diante, por exemplo, de inúmeros aprendizes em diferentes níveis de competência na L-alvo.

3. Ao contrário de Krashen, White discorda das vantagens de um "calibramento grosseiro"<sup>16</sup> para o insumo, com o objetivo de facilitar a compreensão e simultaneamente fornecer "i+1". White defende o ponto de que a correção ou o ensino de uma gramática com calibramento fino (*fine-tuned*) constituiriam insumo favorável para a passagem de um estágio a outro, no processo de aquisição.

Uma das críticas feitas por McLaughlin (1978) a Krashen, ao então denominado Modelo Monitor (*the Monitor Model*), enfoca a alegada distinção aquisição-aprendizagem, já mencionada nesta dissertação. Para McLaughlin, não encontramos no modelo de Krashen uma definição exata dos termos consciente e subconsciente, a não ser pela caracterização da aprendizagem "consciente" através do uso de regras gramaticais explícitas, e, no caso de aquisição, regras que podemos chamar de "intuitivas" (*feel*)<sup>17</sup>. A dificuldade

quanto a esse tipo de abordagem da dicotomia aquisição-aprendizagem, segundo McLaughlin, está em não podermos observar se um falante está operacionalizando a linguagem com base em regras ou em pressupostos intuitivos. Com relação a evidências "empíricas" sobre a utilização, por falantes, de regras instintivas, Krashen *et alii*, *apud* McLaughlin (op.cit.) afirmam que

"...o argumento de que adultos experienciam uma intuição de gramaticalidade baseia-se em pontos nebulosos. Os dados baseiam-se em relatórios introspectivos, contaminados por instruções que requerem dos sujeitos que declarem estar operacionalizando a linguagem através de regras, para que especifiquem as regras utilizadas."<sup>18</sup>

McLaughlin propõe uma nova distinção para os processos de operacionalização da língua, em substituição à distinção aquisição-aprendizagem feita por Krashen. A distinção proposta por McLaughlin baseia-se em atos observáveis, em vez de estados internos de consciência ou subconsciência; baseia-se também nas características cerebrais de armazenamento de informações na memória humana, conhecidas por "memória curta" e "memória longa"<sup>19</sup>

Um dos tipos de processos, denominado processamento controlado (*controlled process*), caracteriza-se pela utilização de conteúdo armazenado na memória curta, acessível durante um curto intervalo de tempo e limitado na sua extensão - por exemplo, a enunciados curtos, contendo um número limitado de vocábulos. A essas limitações do processamento controlado contrapõem-se as vantagens de rapidez na adaptação e a utilização do processo em novas situações. Além disso, os processamentos controlados regulam o fluxo de conteúdo armazenado entre a memória curta e a memória longa, o que pode ser caracterizado como um processo de aprendizagem.

O outro tipo de processo, denominado processamento automático, caracteriza-se pela imediata utilização do conteúdo armazenado, a partir de uma determinada configuração do insumo, e sem necessidade de controle pelo indivíduo. Contrastando-se com o processamento controlado, o processamento automático utiliza uma série de informações associadas, da memória longa, e, devido a isso, faz-se necessário um intervalo de tempo maior para sua ocorrência. O fator tempo, então, coloca-se como uma variável relevante em termos experimentais, para a verificação dos dois tipos de processamentos sugeridos por McLaughlin<sup>20</sup>.

Segundo McLaughlin, os processamentos automáticos são aprendidos a partir da utilização inicial dos processamentos controlados, e uma vez estabelecidos não necessitam de monitoração por parte do falante<sup>21</sup>.

Chamaremos a atenção, nesse ponto da fundamentação teórica, para dois aspectos importantes relativos à distinção de processos sugeridos por McLaughlin.

O primeiro ponto refere-se à semelhança entre os processos de McLaughlin e o modelo de Bialystock (vide seção 2.4), quanto ao fator tempo e sua relação com o processamento automático de McLaughlin e com as respostas do Tipo II de Bialystock. Verificamos que ambos os construtos teóricos apontam para a relevância da utilização de diversas informações em processos de inferência e de monitoração, processos esses demorados, levando o falante à produção da L-alvo.

Não podemos então caracterizar, segundo os modelos acima citados, as estratégias de inferência ou de monitoração como procedimentos antagônicos a um processo de aquisição de L2 ou LE, como o faríamos sob o ponto de vista de Krashen. Tais estratégias são possíveis de serem utilizadas por quaisquer falantes, inclusive pelos mais competentes na L-alvo.

Por outro lado, ao confrontarmos as proposições de Krashen e de McLaughlin quanto à internalização<sup>22</sup> do insumo, verificamos que, enquanto não existe "vazamento" de conteúdo aprendido para conteúdo adquirido<sup>23</sup> (vide Krashen, 1982:83-89), o estágio de processamento automático (cf. McLaughlin, op.cit.319) é produto da ocorrência anterior de processamentos controlados.

Os construtos teóricos propostos por McLaughlin e por Bialystock nos conduzem a supor a possibilidade de, em determinados casos, uma relação mais direta e "permeável" entre aprendizagem e aquisição de LE, conforme a configuração de outras variáveis envolvidas no processo de contato e utilização da L-alvo.

Ellis (1983) também se posiciona favorável à possibilidade de uma interface entre aquisição e aprendizagem, sugerindo que o falante de L2 ou de LE pode recorrer a diferentes tipos de conhecimento, adquirido ou aprendido, conforme a utilização que fizer da L-alvo, por exemplo, em uma fala do tipo "improvisada" ou do tipo "planejada".

Uma das críticas de Ellis (op.cit.) a Krashen está na ausência, no modelo krasheniano, de considerações quanto ao caráter dinâmico das interações verbais e o papel importante das negociações de significado que ocorrem entre os interlocutores. Nesse sentido, segundo Ellis, haveria a possibilidade da compreensibilidade do insumo também ser "construída" na interação, para posterior aproveitamento desse insumo por um ou mais interlocutores envolvidos.

Embora Krashen não nos forneça dados específicos que nos permitam comprovar empiricamente a distinção aquisição-aprendizagem, e nem nos forneça indicações concretas e inequívocas de como estabelecer um cenário rico de contextos comunicativos na sala de aula, favorecendo portanto, o processo de aquisição de L2/LE, acreditamos que a abrangência de seu modelo nos abra espaço para instrumentalizar pesquisas importantes em LA, tendo como objetos,

por exemplo, o LD e os processos de aprendizagem na sala de aula de LE.

## 2.6. O TRATAMENTO DO INSUMO SEGUNDO SCHACHTER

Nas investigações em aquisição de L2 (e LE) podemos distinguir, segundo Schachter (1986), três maneiras para tratarmos o insumo e as respectivas implicações para o aprendiz. Cada uma dessas visões baseia-se em pesquisas em aquisição de linguagem, e todas buscam fornecer subsídios para responder aos questionamentos sobre as características do insumo linguístico favoráveis ao aprendizado de uma língua.

A primeira abordagem apresentada por Schachter denomina-se "data-oriented approach". Consiste na observação e registro (por exemplo, através de gravações) das amostras de linguagem fornecidas e da produção resultantes da interação entre aprendizes da L-alvo e falantes nativos dessa língua, com o objetivo de se registrar as características do insumo construído e disponível aos aprendizes, a partir dessas interações. Observam-se também as reações dos aprendizes (*behavioral responses*) a esse insumo fornecido pelos falantes nativos.

Os pesquisadores alinhados com a abordagem do insumo voltada para dados consideram o ambiente linguístico (*the linguistic environment*) como fator determinante do desenvolvimento linguístico do aprendiz; este, por sua vez, aprende através do processo de fazer generalizações a partir de padrões recorrentes, presentes no insumo disponível.

Esse tipo de abordagem nos fornece informações importantes quanto a algumas características do insumo disponível, para a subsequente escolha e possível internalização por parte do aprendiz. Entretanto, sem haver critérios prévios para se observar as interações, por exemplo, a partir de um modelo de aquisição de L2

e/ou LE, torna-se difícil comprovar exatamente as características do insumo disponível que favorecem o processo de aquisição-aprendizagem da L-alvo.

A segunda possibilidade de tratamento do insumo, denominada "the language-model approach", pressupõe que um pré-requisito para a questão da aquisição de línguas está na própria caracterização da linguagem<sup>24</sup>. Pressupõe-se que questões referentes aos requisitos do insumo favorável dependem de uma definição bem estabelecida do que significa conhecer uma língua.

Um dos corolários dessa segunda abordagem do insumo sustenta um ponto referente a propriedades abstratas (*abstract properties*) da L-alvo, afirmando que, por exemplo, regras sintáticas não são generalizáveis a partir do insumo disponível, mas que a capacidade de discernimento sobre a linguagem é determinada por propriedades intrínsecas da capacidade linguística inata dos falantes. Argumenta-se, nesse sentido, a pertinência de uma visão inatista da linguagem, para se tentar explicar o aprendizado da L-alvo.

Confrontando-se o "language-model approach" e o "data-oriented approach", observamos que, segundo este último, o insumo linguístico, em si mesmo, não fornece ao aprendiz informações suficientes que permitam inúmeras inferências sobre a língua, resultando portanto em aprendizagem e/ou aquisição.

Citaremos novamente a crítica de McLaughlin (1987) a Krashen, ao questionar como uma fala em uma LE pode ser compreensível para um aprendiz que não conhece absolutamente nada dessa língua. Segundo McLaughlin, a compreensão e progressão na competência em uma L-alvo não pode ser explicada somente pelo uso do contexto e de informações extra-lingüísticas.

Na terceira abordagem do insumo apresentada por Schachter o foco está em modelos de processos pertinentes ao ser humano, tais como a capacidade processual cognitiva do indivíduo. Esta aborda-

gem denomina-se "processing-model approach" e baseia-se na psicologia cognitiva contemporânea. Conforme McLaughlin *et al.* (1983, *apud* Schachter, 1986:213), essa perspectiva do insumo considera os processos de aprendizagem, percepção, memória, resolução de problemas e de tomada de decisões.

Além do tratamento do insumo via as abordagens apresentadas acima, Schachter salienta o papel das informações metalingüísticas, em uma expansão do "language-model approach". Conforme Schachter (*op.cit.*), o insumo metalingüístico consiste de informações fornecidas ao aprendiz para mostrar-lhe que seu enunciado foi, de alguma maneira, insuficiente, incorreto, inaceitável ou incompreensível a um falante nativo da L-alvo.

O insumo metalingüístico não identifica necessariamente a fonte do problema para o aprendiz, a não ser em casos de correções diretamente a pontos específicos da linguagem produzida, e nem sempre é percebido pelo aprendiz, mesmo sendo fornecido pelo interlocutor. O insumo metalingüístico ocorre mais caracteristicamente como uma reação automática do interlocutor diante de um enunciado incompreendido.

Schachter classifica o insumo metalingüístico em dois grupos: (1) direto, como no caso de correções, e (2) indireto, como nos casos de contribuições lexicais e sintáticas, e de incompreensões.

## 2.7. A SALA DE AULA: APRENDIZAGEM FORMAL DE LE

O escopo deste trabalho abrange essencialmente o processo de aprendizagem de LE em situações de ensino formal e, nesse sentido, as características do cenário da sala de aula constituem-se fundamentais na busca de entendermos tal processo.

As considerações de Krashen (1982) com relação à sala de aula limitam-se a enfatizar que, se houver fornecimento de insumo compreensível e em quantidade suficiente, haverá aquisição da L-alvo.

Krashen (op.cit.) propõe que as aulas de língua são eficazes quando são fontes primárias (*primary sources*) de insumo compreensível. Tal fato ocorre para aprendizes que consideram o insumo fornecido pelos ambientes e situações fora da sala de aula ("*the real world*") ainda muito complexo e, portanto, incompreensível.

O ensino da gramática em aulas de línguas, para Krashen (op.cit.), representa somente um tópico para discussão e utilização da L-alvo na sala de aula, fornecendo-se desse modo insumo compreensível. O papel da sala de aula, é, conforme Krashen, o de fornecer insumo compreensível ao aprendiz e levá-lo a um estágio de tornar-se capaz de obter tal insumo fora dela, em situações de imersão ou de uso da L-alvo, dando prosseguimento ao seu processo de aquisição.

Os resultados de pesquisa obtidos por Wong-Fillmore (1985), focalizando alunos da escola primária, também trazem contribuições ao nosso trabalho.

Wong-Fillmore (op.cit.) verificou, em situações de bilinguismo e imersão (portanto L2), que as contribuições quanto ao fornecimento de insumo por parte dos próprios alunos eram poucas, uma vez que havia segregações entre alunos nativos (falantes da L-alvo) e alunos não-nativos, e estes, aprendizes da L-alvo, não eram suficientemente competentes a ponto de fornecer padrões de insumo adequado aos colegas.

Foi também verificado por Wong-Fillmore (op.cit) que a consistência ("*consistency*") e a regularidade são fatores essenciais para facilitar a aprendizagem na sala de aula. Contrário à crença de que o ambiente deva ser de "liberdade" ("*a relatively*

*free setting*"), Wong-Fillmore constatou que, nas classes de alunos mais bem sucedidos quanto à competência na L-alvo, as atividades eram centradas no professor.

O discurso característico da sala de aula inclui inevitavelmente instruções formais, as quais constituem-se pela metalinguagem geralmente utilizada mais pelo professor e também presente nos LDs, com a finalidade de, por exemplo, explicitar mecanismos gramaticais pertinentes a amostras da L-alvo.

Segundo Long (*apud* Ellis, 1989) as instruções formais em cenário de aquisição de L2 ou LE, são benéficas para os aprendizes da língua, independente de seus níveis de competência (básico, intermediário ou adiantado), ou da qualidade do ambiente, em termos linguísticos de imersão na L-alvo. Contrastamos a visão de Long (*op.cit.*) com o ponto de vista de Krashen (*op.cit.*), para quem as instruções formais limitam-se a causar aprendizagem, não aquisição, ou favorecem apenas os aprendizes em estágios iniciais de contato com a língua.

Ellis (1989) enfatiza que as instruções formais colaboram para a aquisição daquilo que "o aprendiz está pronto a adquirir" ("*what a learner is ready to acquire*"), caso contrário, as regras formais poderão inibir o processo de aquisição. Devemos estar cientes também do fato de que nem tudo o que é "ensinado" é aprendido ou adquirido pelos alunos (Costa, 1987; Ellis, 1989). Desse modo, as amostras da L-alvo fornecidas e as instruções formais representam pelo menos potenciais "pontos de apoio" para os aprendizes de LE.

## 2.8. CATEGORIZAÇÃO DO INSUMO

O arcabouço teórico deste trabalho nos fornece diversas características do insumo em aquisição e aprendizagem de LE.

Após uma primeira leitura dos dados obtidos nesta pesquisa retornamos aos referidos modelos no sentido de verificar a viabilidade de, através de prática e teoria, definirmos nossos parâmetros de análise.

Uma vez definidas, listamos abaixo tais categorias, para serem posteriormente constituídas em categorias de investigação:

- a. FORMAS LINGUÍSTICAS MORFO-SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS (Cor-  
der, 1967; Bialystock, 1978; Krashen, 1982, 1985; Scha-  
chter, 1986; White, 1987).
- b. CONCEITO DE LINGUAGEM (Schachter, 1986; White, 1987)
- c. EXPLICITAÇÃO E MONITORAÇÃO DE REGRAS LINGUÍSTICAS (inclu-  
sive ao nível da metalinguagem) (Bialystock, 1978; Kras-  
hen, 1979, 1982).
- d. SEQUENCIAMENTO DE CONTEÚDOS MORFO-SINTÁTICOS (Krashen,  
1982)
- e. CONHECIMENTOS AUXILIARES (Bialystock, 1978; Sharwood-  
Smith, 1986)
- f. INSUMO METALINGUÍSTICO (Schachter, 1986)
- g. RELEVÂNCIA PARA O APRENDIZ (Krashen, 1982, 1985)
- h. CALIBRAMENTO DO INSUMO (Krashen, 1982, 1985; Sharwood-  
Smith, 1986; White, 1987)

- i. COMPREENSIBILIDADE (Krashen, 1982, 1985; Faerch & Kasper, 1986; Gass, 1988)
- j. QUANTIDADE (Krashen, 1982, 1985)
- k. REGULARIDADE (Wong-Fillmore, 1985)
- l. FOCO NA COMUNICAÇÃO E NA INTERAÇÃO (Krashen, 1982, 1985; Ellis, 1983; Schachter, 1986)

O estabelecimento das categorias teóricas que caracterizam o insumo em situações de aprendizagem e aquisição de L2 e LE são avaliadas, nas etapas de análise dos dados coletados nesta pesquisa, em conjunto com os fenômenos verificados na prática de uso do LD, no processo de construção do insumo nas aulas de LE da escola pública de 1<sup>o</sup> Grau. Diante nos dados, podemos estabelecer categorias observáveis e, desse modo, categorias significativas de descrição do insumo no cenário formal da sala de aula de LE.

NOTAS:

(1) Segundo Almeida Filho (1984), abordagem é o tratamento total de qualquer operação de ensino, orientada por uma série de pressupostos, princípios (teóricos e práticos) e mesmo crenças, os quais têm origem na própria LA e em várias disciplinas e áreas de investigação afins, ou na prática somente, no caso de crenças pré-teóricas.

(2) Nos originais:

*"We acquire by understanding language that contains structure a bit beyond our current level of competence."*

*"How can we understand language that contains structures that we have not yet acquired?"*

*"This is done with the help of context or extra-linguistic information."*

(Krashen, 1982:21)

*"We are able to understand language containing unacquired grammar with the help of context, which includes extra-linguistic information, our knowledge of the world, and previously acquired linguistic competence."*

(Krashen, 1985:2)

(3) Para uma discussão sobre os referidos modelos e a importância das diferenças individuais em aquisição de L2 e LE, vide Skehan (1989).

(4) No original: *"It would be wise to introduce a qualification here about the control of input (which is of course what we call the 'syllabus'). The simple fact of presenting a certain linguistic form to a learner in the classroom does not necessarily qualify for the status of input, for the reason that input is 'what goes in' not what is available for going in, and we may reasonably suppose that it is the learner who controls this input, or more properly his intake. This may well be determined by the cha-*

*racteristics of his language acquisition mechanism and not by those of the 'syllabus'.*" (Corder, 1967:165)

(5) Krashen enfatiza o fato de que as hipóteses contidas em seu modelo não se aplicam à aprendizagem, somente à aquisição.

(6) O termo "linguístico" abre a possibilidade para aspectos morfo-sintáticos, fonológicos, lexicais e semânticos (ao nível proposicional) presentes na linguagem apresentada nas experiências de contato com uma LE.

(7) A produção por parte do aluno-aprendiz e o engajamento conversacional, segundo Krashen, contribuem indiretamente no processo de aquisição de L2, uma vez que o insumo recebido através de um interlocutor (ou seja, produzido por outro aprendiz) será "controlado" em termos de qualidade e quantidade. Além disso, a produção permite a exposição do aluno à correção de erros (vide Hipótese do Monitor, Krashen, 1982:15-20).

(8) A competência conversacional mencionada por Krashen, analogamente a outros autores, envolve todos os elementos linguísticos e extra-linguísticos da linguagem, como por exemplo, regras discursivas e de interações assimétricas (Scarcella, *apud* Krashen, 1982:79). Segundo Almeida Filho (Almeida Filho, 1988), o conteúdo linguístico enquanto discurso comunicativo "se distancia do uso puro e simples de estruturas frasais em frases ou simulações artificiosas de discurso, como são, por exemplo, grande parte dos diálogos e textos contidos nos LDs nacionais de LE".

(9) No original: "*It is possible, however, that a small sub-set of conversational management tools can be directly taught, either as rules or as memorized routines, as long as they are easy to learn (...). These include routines for starting a conversation, some pause filters and expressions that ask for help.*" (Krashen, 1982:79)

(10) Vide Hipótese da Ordem Natural em Krashen, 1982:12-15.

(11) Para Chomsky (1980, *apud* Tarone, 1988:35) a competência pragmática caracteriza a habilidade do desempenho na língua, definida como "a habilidade de utilizar a competência gramatical conjuntamente ao sistema conceitual, para atingir certas finalidades e propósitos".

(12) Os três modos ("*modes*") diferenciados por Krashen (1977a) no desempenho de adultos em L2 são:

7.1) "mode I" : os enunciados são iniciados em L1, ao nível da estrutura superficial, isto é, não existem características da L2 na fala do aprendiz.

7.2) "mode II" : os enunciados, produzidos na L2, são baseados na estrutura superficial da L1.

7.3) "mode III": representa o estágio de aquisição da L2.

(13) Vide Hipótese do Filtro Afetivo em Krashen, 1982.

(14) Vide Gass (1988:200-211) e sua classificação dos processos de internalização entre insumo (*input*) e produção da língua (*output*), via fala ambiental (*ambient speech*), insumo perceptível (*apperceived input*), insumo compreendido (*comprehended input*), insumo internalizado (*intake*) e integração (*integration*).

(15) No original: "*Krashen does not define comprehensible input; what he says is that input is comprehensible when it is meaningful to and understood by the hearer. But this is tautological.*" (McLaughlin, 1987:39)

(16) O termo "calibramento grosseiro" refere-se ao conceito de "*roughly-tuned input*" (vide Krashen, 1982:22-25)

(17) *"Krashen does not attempt to define conscious or subconscious. He does, however, operationally identify conscious learning with judgements of grammaticality based on 'rule' and subconscious acquisition with judgements based on 'feel' (Krashen, Butler, Birnbaum & Robertson, apud McLaughlin, 1978:317).*

Faerch & Kasper também apresentam crítica à dicotomia aquisição-aprendizagem, afirmando que *"Krashen has surprisingly little to say about the processes leading to learning itself. Positing two types of learning, 'acquisition' and 'learning', has little explanatory adequacy without some detailed specification of the assumed differences between the two"* (Faerch & Kasper, 1986:260).

(18) No original: *"...the argument that adults experience a 'feel' for grammaticality rests on rather swampy empirical ground. The data rely on introspective reports that are contaminated by instructions that require subjects who said they were operating by 'rule' to specify the rule they used."* (Krashen, Butler, Birnbaum & Robertson, apud McLaughlin, 1978:325-326)

(19) No original, *"short-term store" e "long-term store"* (McLaughlin, 1978:318-319).

(20) *"Operationally, this could be tested by using reaction time measures, for example, since controlled processes require more time than automatic processes"* (McLaughlin, op.cit.326)

(21) *"Once established, they do not require attention"* (McLaughlin, op.cit.319).

(22) O conceito de "internalização" que utilizamos refere-se ao insumo internalizado (*intake*), portanto distinto da utilização do termo *"internalization"* por Krashen:

*"Internalization, in my interpretation, seems to mean the acquisition of a rule that was first learned, where learning is assumed to have caused the subsequent acquisition"* (Krashen,

1982:81).

(23) "A very important point that also needs to be stated is that learning ~~does~~ not 'turn into' acquisition. The idea that we first learn a new rule, and eventually, through practice, acquire it, is widespread and may seem to some people to be intuitively obvious" (Krashen, 1982:83).

(24) "The emphasis in this approach has been on gaining information on the complex and abstract properties of language and languages, based on the no doubt correct assumption that questions as to the learner's input requirements cannot be answered until we have fairly well established what knowledge of a language consists of." (Schachter, 1986:212)

### CAPÍTULO 3

## M E T O D O L O G I A   D E   P E S Q U I S A

O desenho previsto para esta pesquisa interpretativista do processo de construção do insumo em cenário formal de ensino-aprendizagem de LE caracteriza-se como uma etnografia de sala de aula. Nossa proposta foi a de analisar o LD nacional de LE em si mesmo, mas também e, principalmente, quando em uso na sala de aula da escola pública. Focalizamos o cenário formal de aprendizagem de LE em salas de aula das quatro últimas séries do primeiro grau, e nossa coleta de dados procurou levantar e registrar elementos que explicita ou implicitamente contribuam para o estabelecimento, na prática, de uma categorização do insumo adequado à aprendizagem e, eventualmente, à aquisição de LE.

### 3.1. INTRODUÇÃO À METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

A proposta metodológica adotada para este trabalho é de uma pesquisa qualitativa "ecológica", utilizando dados etnográficos de sala de aula. O termo "ecológica" significa que o problema foi estudado em seu contexto complexo e, dentro do possível, sem simplificações quanto a variáveis que pudessem levar a um falseamento na caracterização do problema ou dos dados obtidos. Segundo Kleiman *et alii* (1988), essa postura de buscar a "validade ecológica" dos estudos justifica-se pelo objetivo de análise e resolução dos problemas na prática.

O paradigma desta investigação segue uma perspectiva interpretativista, e se centra em dados orientados para o processo de configuração do insumo vinculado a um processo de ensino-aprendizagem de LE. Investigamos o processo de construção do insumo considerando o maior número possível de variáveis envolvidas, e in-

interpretamos tal configuração de variáveis na busca de descrever as características do insumo adequado à aprendizagem e/ou à aquisição da L-alvo.

O termo pesquisa etnográfica refere-se a fatores tais como a captação das diversas subjetividades existentes na sala de aula, no caso, do professor e dos alunos, além do observador, considerando a visão dos sujeitos observados. A configuração das interpretações, direcionadas aos fenômenos da sala de aula e ao LD, caracteriza um processo de triangulação, reduzindo a limitação da interpretação subjetiva do pesquisador.

A pesquisa etnográfica é um tipo de pesquisa de base antropológica, que realça a preocupação com o todo social e com a visão dos participantes no contexto social onde se realiza a investigação. Coleta-se grande quantidade de dados, sempre na sua contextualização total de ocorrência dentro do campo delimitado para a pesquisa. A etnografia considera o processo envolvido na situação onde os dados são coletados, e preocupa-se com a totalidade das variáveis envolvidas nesse processo (Moita Lopes, comunicação pessoal, ANPDLL, 1989).

### 3.2. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Conforme mencionamos no primeiro capítulo desta dissertação, a sala de aula constitui-se, no contexto educacional e social brasileiro atual, como o único cenário de contato e possibilidade de ensino/aprendizagem de LE para a maioria dos alunos da escola pública. A prática da sala de aula constitui definitivamente, desse modo, um contexto de pesquisa importante para análise de ocorrências e fundamentação de afirmações assertivas sobre o papel do LD no ensino e na aprendizagem de LE. Entretanto, segundo Cavalcanti & Moita Lopes (1990), a preocupação com a sala de aula de línguas como objeto de investigação é fato recente.

Uma pesquisa qualitativa apresenta a vantagem de podermos enfatizar o processo em estudo, e permite captar a realidade pesquisada em toda a sua complexidade. Optamos pela pesquisa de caráter qualitativo por acreditarmos na importância de se considerar todos os fenômenos ocorridos no conjunto de dados coletados, como fatores potencialmente significativos para o processo de construção do insumo na sala de aula e no processo de ensino/aprendizagem de LE.

Além da apropriação da pesquisa qualitativa etnográfica para a situação-problema a que nos propusemos investigar, a viabilidade de operacionalização da investigação também deve ser considerada, devido à dificuldade de se dar um tratamento quantitativo a processos tão complexos.

Os dados da presente pesquisa passam por uma interpretação subjetiva, em vez de serem analisados objetivamente através de um tratamento estatístico convencional. Esse tipo de procedimento é coerente com a afirmação de Cavalcanti & Moita Lopes (op.cit.) com relação à pesquisa etnográfica na sala de aula:

"Na pesquisa antropológica, o pesquisador-observador procura descrever, segundo sua interpretação, o que ocorre no contexto de ensino/aprendizagem." (Cavalcanti & Moita Lopes, 1990:8)

Com relação à interpretação subjetiva, Cavalcanti afirma que

"A interpretação subjetiva de dados provenientes de observação participante ou não-participante pressupõe o envolvimento afetivo e cognitivo do pesquisador; suas crenças em jogo." (Cavalcanti, 1989:160)

Nesta pesquisa, coletamos os dados em um cenário "potencial" de uso da L-alvo, a sala de aula de LE, bem como através do conteúdo dos LDs, para em seguida elaborarmos um quadro de categorias baseado em teorias sobre o insumo, e podermos analisar descritivamente os dados obtidos à luz dessa categorização.

O quadro de categorias sobre o insumo, composto a partir de modelos de aquisição e aprendizagem de L2 e LE, somente estabeleceu-se de maneira definida após uma leitura dos dados obtidos na sala de aula. Este procedimento garante a viabilidade de se trabalhar com categorias observáveis e pertinentes à situação específica desta pesquisa.

O quadro de categorias ao qual nos referimos não é produto somente do arcabouço teórico elaborado, mas constitui-se de categorias determinadas a partir de constatações, através de um levantamento nos LDs em si mesmos, em diários e em transcrições de aulas observadas. Temos desse modo uma pesquisa na qual a decisão sobre os aspectos a serem analisados é feita durante a investigação, em vez de operarmos com categorias pré-estabelecidas. Conforme Cavalcanti & Moita Lopes (op.cit.:9), "a teorização é calçada nos dados".

Conforme mencionamos no capítulo 2 desta dissertação, o arcabouço teórico deste trabalho nos fornece diversas características do insumo em aquisição e aprendizagem de LE. Tornamos em categorias de investigação aquelas verificáveis, sob a ótica de nossa interpretação dos dados coletados, e pertinentes pela sua ocorrência ou ponto de partida para nossas críticas ao processo observado.

As categorias teóricas utilizadas são:

a. FORMAS LINGUÍSTICAS MORFO-SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS;

b. CONCEITO DE LINGUAGEM;

- c. EXPLICITAÇÃO E MONITORAÇÃO DE REGRAS LINGUÍSTICAS;
- d. SEQUENCIAMENTO DE CONTEÚDOS MORFO-SINTÁTICOS;
- e. CONHECIMENTOS AUXILIARES;
- f. INSUMO METALINGUÍSTICO;
- g. RELEVÂNCIA PARA O APRENDIZ;
- h. CALIBRAMENTO DO INSUMO;
- i. COMPREENSIBILIDADE;
- j. QUANTIDADE;
- k. REGULARIDADE;
- l. FOCO NA COMUNICAÇÃO E NA INTERAÇÃO.

Retomaremos as categorias do insumo no capítulo 4, ao tratarmos da análise dos LDs em si mesmos e dos dados das aulas observadas. Os procedimentos e as etapas de coleta e tratamento dos dados são descritos nas seções 3.3 e 3.4. adiante.

Estamos cientes de que, na presente pesquisa, os pressupostos teóricos sobre o insumo certamente nos direcionaram a formular hipóteses subjacentes às perguntas de pesquisa, mencionadas no capítulo 1 desta dissertação, e na elaboração dos instrumentos de coleta de dados utilizados (vide seção 3.4). Consideramos, desse modo, a fundamentação teórica para as categorias de análise não como um direcionamento rígido de observação e análise dos dados, mas como imprescindível para o posterior estabelecimento das categorias de investigação utilizando os dados coletados.

é interessante observar neste momento a posição de McLaughlin (1987:2), ao afirmar que toda pesquisa envolve uma certa testagem de hipóteses, ainda que implicitamente. Tal fato ocasiona a sensação de que todas as pesquisas caracterizam-se como um estudo de verificação de hipóteses (*hypothesis-testing studies*). McLaughlin evidencia o aspecto de verificação de hipóteses em pesquisas, observando que

"Todo pesquisador inicia (seu trabalho) com algumas hipóteses sobre o fenômeno em estudo, embora essas hipóteses não sejam necessariamente declaradas de maneira formal. Mesmo o pesquisador envolvido em pesquisa descritiva de caráter mais rudimentar está testando hipóteses." (McLaughlin, 1987)<sup>1</sup>

As teorias estudadas para a realização desta pesquisa nos orientam na direção de uma previsão sobre os fenômenos posteriormente observados, transformando nossa maneira de pensar sobre os fenômenos e permitindo a utilização de dados empíricos para a elaboração de conclusões e possíveis formulações de novas teorias. Dados utilizados isoladamente em relação à teoria possivelmente não permitiriam esse tipo de percurso.

### 3.3. ETAPAS DE PESQUISA

A primeira etapa da presente pesquisa investiga aulas com alunos das últimas quatro séries do primeiro grau (quintas, sextas, sétimas e oitavas séries) em quatro escolas públicas do município de Campinas, estado de São Paulo, nas quais são utilizados LDs nacionais nas aulas da disciplina Língua Estrangeira Moderna (LEM), especificamente da língua inglesa.

Seguindo os critérios acima mencionados, a escolha e seleção das classes caracteriza-se inicialmente como aleatória, tendo como critérios efetivamente decisivos as possibilidades reais de: (1) aceitação, por parte dos professores e dos responsáveis pela direção das escolas, da presença e desenvolvimento do trabalho dos observadores; (2) abrangência de LDs distintos<sup>2</sup> e (3) ajustes das disponibilidades de horário dos observadores, para realizarem o acompanhamento das aulas. Priorizamos também o fato de todas as turmas serem do mesmo período (diurno ou noturno), na expectativa de limitar a faixa etária dos alunos e subseqüentes variáveis ao nível das necessidades, interesses e diferenças individuais dos aprendizes.

Entre as dificuldades enfrentadas para a definição das classes observadas, mencionamos a proibição de diretores e a não aceitação, por parte de professores, do fato de terem suas aulas observadas, sob a alegação de que "haveria prejuízos no desempenho dos próprios professores e dos alunos". Em uma das classes, as observações tiveram que ser interrompidas após o professor se declarar perturbado pela presença do pesquisador em duas de suas aulas.

Uma vez efetuados os ajustes necessários, definimos as classes e os três LDs utilizados neste trabalho. São eles A Practical English Course (volume único), de E. Laporta; Our Turn (1º grau / volume 1), de A. Yoshimura *et alii*, e Our Way (volume 1), de E. Amos, E. Pasqualin e E. P. Martins.

As classes observadas estão agrupadas em dois grupos, denominados *dados principais* e *dados auxiliares*.

Os dados principais referem-se a três classes de 5ª série, observadas pelo próprio pesquisador. Os professores e alunos dessas classes responderam questionários específicos. Além disso, fizemos entrevistas, gravadas em áudio, com os mesmos professores.

Chamaremos de dados auxiliares as aulas observadas pelo pesquisador e registradas somente sob a forma de diários (vide Apêndices 6 e 7), e aos dados (transcrições e notas) coletados por dois outros observadores, em uma classe de 5ª série e uma de 8ª série.

Temos um total de cinco classes observadas e com as respectivas aulas registradas em diários e transcrições de fitas de áudio, além dos diários de uma classe de 6ª série e outra de 7ª série. Os diários e as transcrições encontram-se nos apêndices numerados de 1 a 7, desta dissertação.

### 3.4. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Definidas as classes para esta investigação, procedemos à observação sistemática de aulas nessas classes, gravando as aulas em áudio<sup>3</sup> e registrando os fatos ocorridos durante cada aula sob a forma de notas de campo. Essas notas foram posteriormente utilizadas para a elaboração de diários das aulas observadas.

Estabelecemos, então, a sala de aula na escola pública de 1º grau como sendo o campo de coleta de dados. Nosso foco concentrou-se na sequência de eventos ocorridos durante cada aula de LE, tais como apresentação de conteúdo, interações professor-aluno (P-A e P-As), interações aluno-aluno (A-A), atividades pedagógicas e, eventualmente, outros eventos tais como barulho e indisciplina dos alunos, conversas e falas sobre assuntos por nós considerados alheios à uma aula de LE, e alterações no horário de duração das aulas. Esses "outros eventos", inicialmente não previstos pelo pesquisador, também representam fatores pertinentes à nossa descrição da construção do insumo na sala de aula.

O papel do pesquisador na coleta de dados é, *a priori*, definido como o de observador das aulas, registrando os eventos no formato de notas de campo e também nas gravações em áudio. As notas de campo estão convertidas em diários para cada aula observada, e as fitas estão transcritas, na sua íntegra, de acordo com um padrão para a transcrição de dados interacionais. O código padrão seguido para a transcrição das gravações foi adaptado de van Lier (1988:243), e cuja descrição detalhada encontra-se no início do conjunto de apêndices desta dissertação (pag.2).

Segundo van Lier (1988:66), embora de caráter subjetivo, os diários podem fornecer muitas informações sobre fatores que influenciam alunos e professores na sala de aula, principalmente sobre fatores afetivos e pessoais que influenciam as interações e a aprendizagem<sup>4</sup> Conforme mencionamos no capítulo 2 desta dissertação, os fatores afetivos, entretanto, não serão analisados neste trabalho.

Os dados de sala de aula são produto de observações feitas por três observadores. O pesquisador e autor desta dissertação é denominado Observador A, e os demais observadores são denominados respectivamente Observador B e Observador C.

Os observadores A, B e C carregaram para o campo de pesquisa uma série de concepções prévias relativas ao processo da aula, aos papéis do professor e dos alunos, e sobre o que significa ensinar e aprender uma LE. A experiência de cada pesquisador<sup>5</sup> então, reflete-se na elaboração dos diários das aulas, variações relativas de foco nos eventos específicos de cada aula, e no caráter dos comentários registrados nas notas de campo.

Esclarecemos neste momento o fato de que os Observadores B e C simplesmente forneceram para este trabalho os dados coletados para um projeto semelhante sobre os mesmos LDs<sup>6</sup>, mas sem entretanto terem a preocupação de focalizar suas observações na construção do insumo, como foi o caso do Observador A.

O número de aulas observadas para cada classe incluída nos *dados principais*, bem como as aulas observadas pelos observadores B e C, corresponde à sequência de aulas necessárias para cobrir o desenvolvimento de uma lição ou unidade completa de cada LD. Consideramos que tal sequência pode ser considerada como uma amostra representativa do processo de utilização do LD na sala de aula, nas demais aulas do ano letivo.

Os alunos e professores das classes cujos dados são considerados como dados principais (5<sup>as</sup> séries B, D, E) consistem nos informantes-chave deste trabalho, pois estiveram bastante integrados no contexto do campo da pesquisa e, além de sua presença nas aulas registradas, temos também os dados de entrevistas com os professores, e questionários de professores e alunos.

No caso dos dados auxiliares, temos somente as transcrições das sequências de aulas observadas e notas posteriormente elaboradas, denominadas pelo Observador B de "Observações" (vide Apêndices 1 e 5).

Foram elaborados três instrumentos de coleta para a obtenção de dados não observáveis nas interações entre os sujeitos de pesquisa (alunos e professores) na dinâmica da sala de aula. São eles um questionário e um roteiro de entrevista para os professores, e um questionário para os alunos.

O questionário do professor contém perguntas acerca de sua experiência profissional com a LE, de suas impressões sobre o ensino de LE na escola pública de 1<sup>o</sup> grau, e de suas opiniões sobre o livro didático por ele utilizado (vide Apêndice 12). O roteiro para as entrevistas, gravadas em áudio e posteriormente transcritas (vide Apêndices 8 e 9), visa orientar o pesquisador quanto aos pontos principais a serem abordados com os professores, mas não estrutura a entrevista a ponto de não permitir variações, conforme o curso da interação entre o pesquisador-entrevistador e o professor.

Durante as entrevistas, algumas das perguntas foram elaboradas a partir dos posicionamentos dos professores (vide Apêndices 8, 9 e 12), tais como:

[1]. Pes: dá pra você explicar um pouco melhor essa...voltar o aluno pro mundo, que você colocou?  
(Apêndice 8:335)

[2]. Pes: e você produziria essas folhas a partir...de que?  
(Apêndice 8:337)

O questionário de alunos buscou levantar a faixa etária dos aprendizes, bem como informações acerca de suas experiências prévias e presentes com a LE, sua atitude diante da LE e seus falantes nativos, e suas impressões acerca dos LDs por eles utilizados. As perguntas do questionário de alunos foram adaptadas a partir dos instrumentos de pesquisa de Reves (1987, *apud* Reves, 1983 e Carroll & Sapon, 1958), que utilizou um questionário de atitudes em um trabalho sobre alunos de hebraico como L2, em Israel.

Os dois questionários de professores respondidos foram analisados, e os questionários de alunos foram tabulados, para sistematizarmos as informações. As contribuições de professores e alunos a esta pesquisa encontram-se respectivamente nas seções 4.3 e 4.4 do capítulo 4 desta dissertação.

### 3.5. ANÁLISE DOS DADOS

A etapa de análise dos dados obtidos para esta investigação divide-se em três momentos, descritos a seguir.

Na primeira etapa de análise focalizamos os LDs em si mesmos, para estabelecer, à luz do arcabouço teórico deste trabalho e de pressupostos subjacentes às abordagens de ensino/aprendizagem de LE, uma descrição inicial do quadro de categorias do insumo.

No segundo momento, fazemos uma primeira interpretação dos dados de sala de aula para então, diante dos procedimentos de utilização do LD por professores e alunos, constituir um quadro de categorias sobre o insumo que consideramos observáveis e pertinentes para esta pesquisa.

Estabelecidas as categorias de análise, passamos então a localizar nos dados de sala de aula, nas entrevistas e nos questionários a ocorrência de traços e evidências que efetivamente caracterizam a construção do insumo na prática, isto é, na dinâmica da aula e pelo uso do LD por alunos e professores de LE.

NOTAS:

(1) No original: *"Every investigator begins with some hypotheses about the phenomena being studied, although these hypotheses may not be stated formally. Even the researcher involved in descriptive research of the most rudimentary nature is testing hypotheses."* (McLaughlin, 1987:2)

(2) O termo "abrangência" refere-se à maior variedade possível de LDs (distintos) observados.

(3) Algumas das aulas não foram gravadas na tentativa de, nos primeiros contatos para as sequências de observações, minimizar os efeitos da interferência do pesquisador no ambiente das aulas. Verifica-se em uma das aulas observadas (vide Apêndice 4: 5ª série "E" - aula 4) uma grande euforia dos alunos devido à presença do gravador na sala de aula.

(4) A questão do afetivo encontra-se em vários trabalhos de pesquisa sobre aquisição de L2 e LE, entre eles Krashen (1982, 1985) e Schumann (1980).

(5) Os três observadores (A, B, C) possuíam experiência prévia como auxiliares de pesquisa em projetos de LA, e como professores de inglês como LE, em escolas públicas ou escolas particulares de línguas.

(6) Os dados referentes às classes 5ª série A e 8ª série foram coletados para o "Projeto LD" (vide capítulo 1 - NOTA 14)

## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE DE DADOS

Trataremos neste capítulo da análise dos dados obtidos nesta pesquisa, conforme as etapas descritas na metodologia definida para realizarmos nossa proposta de investigação.

A sequência de análise inicia-se pelos livros didáticos em si mesmos, em um procedimento que poderíamos considerar como preliminar à pesquisa etnográfica propriamente dita, com dados de sala de aula. Lembramos que outros trabalhos em LA consideram o LD de LE seu objeto de estudo, nos proporcionando conclusões esclarecedoras sobre os materiais didáticos. Citaremos, entre eles, o estudo diacrônico de Silva (1988) sobre os LDs com relação às correntes metodológicas dominantes em determinados períodos, nas últimas décadas.

Na segunda etapa de análise, utilizamos os dados coletados nas aulas de LE, sob a forma de diários e transcrições de aulas, na busca de uma definição da caracterização do insumo na aula de LE, relativa às categorias de nosso arcabouço teórico. Nessa etapa caracterizamos a produção e a utilização da LE por alunos e professores na sala de aula, e descrevemos também a ocorrência de três categorias verificadas somente a partir da observação de aulas: o discurso institucional escolar não-específico para LE, o conteúdo não-relevante para a LE e as discrepâncias entre propostas de ensino propaladas pelos LDs e a prática pedagógica.

A última etapa de análise trata das informações obtidas através das entrevistas e questionários de professores, e de questionários de alunos, consideradas pertinentes à questão central desta pesquisa: a construção do insumo na aula via utilização de LDs.

#### 4.1. ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

A análise dos LDs em si mesmos ocorre em torno de aspectos reveladores das características do insumo eventualmente fornecido pela utilização dos materiais por alunos e professores.

Nossa análise dos três LDs focalizados nesta investigação tem suas bases nas categorias teóricas sobre o insumo, levantadas no capítulo 2 desta dissertação, entre elas (1) o conceito de linguagem subjacente às características das amostras da L-alvo oferecidas; (2) a configuração de estratégias que favoreçam a compreensão das amostras contidas nos LDs; (3) o critério de sequenciamento e/ou gradação do conteúdo linguístico; (4) amostras de metalinguagem e sua provável colaboração no processo de compreensão da L-alvo; (5) a relevância do conteúdo para os aprendizes; (6) os pressupostos de ensino/aprendizagem de LE, explícitos pelos próprios autores ou revelados através das atividades propostas pelos LDs para a realização da aula, e os procedimentos do professor e dos alunos nessas atividades.

De maneira análoga à crença de que não se verifica a conver-sibilidade entre ensino e aprendizagem no cenário da sala de aula (vide capítulo 2), acreditamos também que o conteúdo proposto pelos LDs não será fornecido na sua totalidade aos aprendizes, por ocasião de sua utilização. Fazemos tal afirmação baseados na própria experiência de professor e usuário de LDs para ensino de LE, e nas observações de sala de aula feitas nesta pesquisa, a serem abordadas na seção 4.2.

Descreveremos, nas próximas seções, cada um dos LDs analisados.

#### 4.1.1. LD: A Practical English Course (volume único)

##### DADOS DO LIVRO

Autor: Edgar Laporta

Publicação: Companhia Editora Nacional

Utilização na pesquisa: 01 (uma) classe de 8 série

O livro A Practical English Course, de E. Laporta, constitui-se em um volume único para ser utilizado nas quatro últimas séries do 1º grau. O conteúdo é organizado em 85 lições, divididas em quatro estágios, cada qual correspondente a um ano letivo. Na parte final do livro, existem ainda uma lista de verbos irregulares, uma lista de expressões idiomáticas e um glossário (*general vocabulary*).

O livro do professor é exatamente igual ao livro do aluno. Não são apresentados pressupostos teóricos subjacentes, de qualquer natureza, à elaboração do livro, nem qualquer orientação ao professor quanto à sua utilização na sala de aula. Desse modo, os procedimentos metodológicos equivalem às instruções fornecidas para as atividades e exercícios propostos em cada lição.

As 85 lições desse LD mantêm sempre a mesma organização, em termos de formato de apresentação de conteúdos e propostas de exercícios e atividades, a saber: apresentação de amostras da L-alvo no formato de diálogo ou texto, contendo itens gramaticais a serem trabalhados na respectiva lição; uma seção de explicitação do conteúdo gramatical (denominada *Grammar*), contendo regras e explicações sobre o uso sistemático das formas apresentadas; exercícios estruturais para a fixação da gramática, e, mais frequentemente no quarto estágio, textos com exercícios de compreensão, cujas perguntas são extremamente factuais, não exigindo inferências por parte dos alunos-leitores.

Uma vez que o conteúdo dos diálogos e textos do A Practical English Course foi elaborado com a finalidade exclusiva de apresentação de estruturas da L-alvo, alguns textos têm um caráter bastante artificial, se comparados a textos e interações verbais autênticas. Em determinados casos, um tom humorístico é dado aos textos. Ilustraremos nossa análise desses fatos com um diálogo extraído desse LD:

[1].Título: *"A Strange Plumber"*

Situação: Um casal está com a casa alagada e telefona para os encanadores. Estes vão até a casa do casal, mas em vez de consertarem o defeito no encanamento, um deles toma um lanche, pois é hora de seu almoço, e depois sai da casa "nadando" na enxurrada formada pela água que sai pela porta da casa.

Diálogo: (no formato de uma estória em quadrinhos)

QUADRO 1

Marido: *Help! It's an emergency!*

QUADRO 2

Encanador 1: *Fred, is that the house?*

Encanador 2: *Yes, it is. Look at the water!*

QUADRO 3

Marido: *We're in trouble, Mr. Plumber! Look at the ocean!*

QUADRO 4

Encanador 1: *I'm hungry. Excuse me! It's my lunch time!*

Marido: *Help! (GRITANDO)*

## QUADRO 5

Esposa: *He's a very strange plumber!*

O irrealismo no diálogo acima verifica-se, por um lado, a nível linguístico e discursivo (falas com enunciados idealizados), e, por outro lado, certamente o comportamento dos personagens envolvidos não se assemelha ao que um encanador faria em uma situação de emergência

O fator compreensibilidade é favorecido, nesse LD, pelos diálogos ilustrados (vários deles no formato de estórias em quadrinhos), e pelas traduções fornecidas, no próprio livro, no decorrer das apresentações de conteúdos. O livro contém também piadas em seções denominadas *"Relax"* e *"Fun Time"*. Consideramos que determinados textos das piadas não necessitam ser acompanhados da tradução, uma vez que as ilustrações e as experiências prévias dos alunos já favoreceriam a compreensão do humor. Desse modo, o material deixa de requerer um maior desempenho cognitivo do aluno, e que poderia ser um fator de contribuição no processo de aprendizagem da L-alvo.

Em todo o volume, encontramos somente uma tarefa como proposta mais próxima da abordagem comunicativa, tarefa essa transcrita abaixo:

[2]. (Exercício 3 - pag. 10)

Complete o diálogo no caderno:

- *Hello, girl! What's your name?*
- .....
- *How are you?*
- .....
- *I am an office-boy. And you?*
- .....
- *Nice to meet you!*

Os exercícios no formato de diálogos abertos (open dialogues), embora ilustrem uma sequência de falas previsíveis, requerem do aluno a produção de conteúdos semelhantes às amostras autênticas da língua, produzidas por falantes em contextos análogos. Propostas de atividades envolvendo oralidade, ainda que através de um exercício formal e guiado, nos parecem uma prática mais eficaz para se atingir propostas pedagógicas do movimento comunicativo.

Através da análise da apresentação do conteúdo e organização das lições, percebemos que o livro A Practical English Course tem sua proposta de fornecimento de insumo baseada na teoria linguística do estruturalismo, na qual a língua é descrita como um sistema de estruturas formais, regido por regras gramaticais. Uma vez que tais regras variam progressivamente quanto ao seu grau de complexidade, o sequenciamento de conteúdo gramatical nesse LD é elaborado a partir de estruturas supostamente mais simples, nas lições iniciais, prosseguindo para estruturas mais complexas, nas lições finais.

Uma gama de exercícios estruturais e mecânicos caracteriza todas as lições desse LD, geralmente apresentando um "modelo" a ser seguido, não exigindo, portanto, muita reflexão por parte do aluno. A compreensão é bastante facilitada, como já mencionamos, pelo excesso de traduções acompanhando as amostras de LE.

A análise dos conteúdos do A Practical English Course possibilitou a elaboração da seguinte relação de temas e tópicos, feita por Viana (1989), para o "Projeto LD":

1. Identificação Pessoal: nome, endereço, local de residência, idade, lugar de nascimento, origem, ocupação, família, gostos e aversões, caráter, temperamento e disposição.

2. A Casa e o Lar: tipos de acomodação, cômodos, serviços, região, problemas e rotinas.
3. Lazer e Diversão: interesses, rádio e televisão, cinema, teatro, música, clubes, esportes, partidas de futebol, inclinações intelectuais, hobbies e praia.
4. Viagens: férias, transporte público, países e lugares.
5. Relacionamento com outras pessoas: convites e opiniões.
6. Saúde e Bem-estar: partes do corpo humano, doenças, acidentes, conforto pessoal e poluição.
7. Educação: professores, opinião sobre a escola que frequenta e conceito de educação.
8. Compras: locais de compras, produtos alimentícios, roupas e moda, remédios, pesos e medidas.
9. Comida e Bebida: tipos de comidas e bebidas.
10. Serviços: polícia e consertos.
11. Lugares: informações sobre localização.
12. Língua Estrangeira: habilidade.
13. Tempo: condições climáticas.
14. Socialização: cumprimentos e despedidas, apresentação de pessoas, sugestões e conselhos, elogios, festas, visitas, jogos e passeios.
15. Zona Rural: rotinas e descrição de fazendas.

16. Valores Morais: harmonia, equilíbrio, paciência e provérbios populares.

Os temas e tópicos levantados revelam-se variados, provavelmente abrangentes da realidade dos aprendizes e genericamente pertinentes a um curso de LE enquanto assuntos cotidianos e conhecidos. De acordo com a proposta estruturalista do LD, entretanto, o conteúdo não é o aspecto mais importante, sendo desse modo prejudicado para que haja necessariamente a apresentação de determinadas estruturas gramaticais. Nesse sentido, a possibilidade de classificarmos o insumo de "interessante" ou "relevante" via análise de temas e tópicos, se invalida ao verificarmos os critérios de elaboração do conteúdo das lições desse LD.

#### 4.1.2. LD: DUR WAY - English Junior Series (volume 1)

##### DADOS DO LIVRO

Autores: E. Amos, E. Pasqualin e E. P. Martins

Publicação: Editora Moderna - 1987 (1 edição)

Utilização na pesquisa: 01 (uma) classe de 5 série e 01  
(uma) classe de 6 série

A série completa do Dur Way é constituída de quatro volumes, para serem utilizados respectivamente em cada uma das quatro últimas séries do 1º grau. Nossa análise se restringe ao volume 1, utilizado pelas classes observadas nesta pesquisa.

O conteúdo do LD é organizado em 12 unidades (*Unit 1 - Unit 12*) cujo formato de apresentação de amostras da LE e de exercícios propostos segue praticamente o mesmo padrão, da primeira à última unidade. Cada unidade inicia-se com um diálogo (*Chat 1*), ilustrado no formato de três ou quatro quadrinhos, cada um representando a cena correspondente a determinadas falas do diálogo. A proposta de apresentação desses diálogos centra-se primeiramente no professor, que deve lê-los em voz alta, e os alunos acompanham a leitura em seus livros. Em seguida, o professor deve fazer uma repetição em coro, seguida de leitura dos alunos em voz alta, e concluindo com uma dramatização do diálogo por dois ou três alunos, provavelmente diante dos demais (vide Apêndice 13: amostras do Dur Way - Unit 5).

As demais partes de cada unidade constituem-se de exercícios gramaticais, do tipo perguntas e respostas, e exercícios para completar ou preencher lacunas. Cada unidade pretende focalizar um ou mais pontos gramaticais, apresentando sempre um "quadro azul" com exemplos e breves explicações e/ou traduções das estruturas apresentadas. Existem também atividades de ditado, exercícios orais mecânicos e exercícios de compreensão oral, nos quais o professor deve fornecer o conteúdo em LE, a partir de um texto

contido somente no livro do professor.

O livro do professor contém quatro páginas introdutórias nas quais são apresentados os objetivos gerais da série OUR WAY, a estrutura das unidades e suas partes, com os respectivos objetivos específicos de cada parte. As partes de cada unidade, salvo eventuais modificações quanto à sua sequência, são denominadas *Chat, Drill, Write, Reading, Training e Puzzle*.

Apresentamos abaixo um exemplo de explicitação de pressupostos dos autores para as partes de cada unidade desse LD, através da explicação para a seção *Chat*, transcrito do livro do professor:

#### 1. CHAT

O próprio significado da palavra *Chat* (bate-papo) mostra que a intenção é apresentar um diálogo condizente com a realidade do aluno. Tanto as estruturas como o vocabulário estão rigorosamente graduados para que o aluno não os confunda. As novidades que aparecem são treinadas durante a unidade. Os alunos não encontrarão grandes obstáculos ao passar da leitura e compreensão para exercícios de dramatização do diálogo. (OUR WAY - volume 1, Exemplar do Professor, pag.2)

Pequenas variações nas partes das unidades e tipos de tarefas ocorrem de um volume para outro, mas o pressuposto básico em toda a série é de que o aluno aprenderá as estruturas formais da LE.

#### 4.1.2.1. o conceito de linguagem

Segundo o texto introdutório do livro do professor, a língua *é um veículo de comunicação e de idéias*. Através da análise do LD verifica-se, entretanto, que a concepção estruturalista de linguagem domina todos os tipos de apresentações e práticas linguísticas do livro. A prática de variações de linguagem é realizada somente ao nível frasal e em termos de substituições "simplesmente mecânicas" ao nível do vocabulário. Vários exercícios para preenchimento de lacunas, de tradução de palavras e de transformações, por exemplo, do tipo "passe para a negativa", ilustram essa concepção da LE enquanto um sistema e a importância dada pelo LD em se operacionalizar as estruturas frasais.

Neste cenário estruturalista, a língua com o objetivo de possibilitar a interação entre falantes-usuários e a comunicação torna-se uma meta quase inviável, a não ser pela sugestão de se utilizar a técnica de dramatizações pelos alunos, dos diálogos contidos no LD. A viabilização de uma abordagem comunicativa na aula de LE utilizando-se a série DUR WAY seria somente através de uma adaptação, por parte do professor, das tarefas para os alunos. Retomaremos este ponto no capítulo 5 desta dissertação.

#### 4.1.2.2. o conceito de aprendizagem

No livro do professor afirma-se que aprender uma LE implica *"em um processo de sedimentação lenta"*, processo esse *"ligado ao aprendizado de qualquer idioma"* (Dur Way - volume 1, livro do professor, pag.1); que o processo de aprendizagem é gradativo, e *"requer a utilização, ainda que mecânicamente guiada, das estruturas frasais, em exercícios do tipo completar lacunas ou em diálogos abertos"*. Entendemos por diálogos abertos (do inglês, *open dialogues*) como os exercícios que apresentam um diálogo no qual as falas de um dos falantes não são fornecidas (vide exemplo [2], seção 4.1.1). O aluno deve, então, produzir as falas que faltam

para completar o diálogo.

A tradução e a versão, ainda que somente ao nível frasal, são utilizadas, e os autores são favoráveis ao uso, pelos alunos, de um glossário contido no final do livro.

Resta ainda discutirmos o conceito dos próprios autores sobre os exercícios do LD, classificados no livro do professor como *exercícios funcionais de desempenho linguístico*. A análise do LD não revelou exercícios linguísticos que fossem além das tarefas estruturais já mencionadas nesta análise e, na maioria das ocorrências, o LD equaciona *desempenho em LE* com realização de exercícios estruturais e mecânicos.

#### 4.1.2.3. o conceito de ensinar

Partindo-se ainda do livro do professor, a eficiência em ensinar pressupõe o fornecimento de "pequenas doses", com a finalidade de "não deixar o aluno diante de um desafio excessivo" e "criar um alicerce sólido" para etapas posteriores.

O segundo critério é o de apresentar a LE através de temas e idéias que sejam conhecidas pelos alunos, e graduar cuidadosamente a estrutura e o vocabulário "para não confundir o aluno". Temos nesse ponto um contraste entre as hipóteses krashenianas da Ordem Natural de Aquisição das Estruturas e a do Insumo, sendo que esta última postula exatamente o fornecimento de conteúdo além do limite de conhecimento do aluno, o qual deve conter um fator " $i + 1$ " para possibilitar aquisição de LE.

Segundo os autores do Our Way, é importante a utilização de *atividades lúdicas*, do tipo palavras cruzadas, para motivar os alunos, e a existência de seções periódicas de revisão, as quais favorecem o aprendizado. Ambos os tipos de atividades estão presentes nos quatro volumes da série.

#### 4.1.2.4. temas e tópicos

As páginas introdutórias do livro do professor e o quadro de conteúdo, também presente no livro do aluno, não mencionam uma relação de temas e tópicos a serem abordados, mas apresentam o conteúdo do livro em termos de estruturas e categorias gramaticais, tais como *That's my...*, *Yes/No answers*, *adjectives*, *pronouns* e *question words*. No *Sumário*, no início do livro, encontra-se uma relação das unidades, cujos títulos são do tipo *This is my family* e *What's his occupation?*, permitindo uma visão genérica dos tópicos abordados.

Apresentamos abaixo uma relação de temas e tópicos do volume 1 da série Our Way, feita por Consolo (1989) para o "Projeto LD":

1. Identificação Pessoal: nome, família, origem, nacionalidade, idade, ocupação, caráter e disposição moral.
2. Viagens: países e lugares.
3. Compras: roupas (identificação) e locais de compras.
4. Lugares: informações sobre localização.
5. Socialização: cumprimentos e despedidas.
6. Horários

Analogamente às características do conteúdo verificadas no livro A Practical English Course, analisado na seção 4.1.1, os temas e tópicos contidos no livro Our Way, volume 1, têm seu aspecto de relevância e eventual contribuição à aquisição da L-alvo prejudicados em função da ênfase gramatical na organização e seqüenciamento do conteúdo das unidades, e nos exercícios e atividades propostos. Os textos e diálogos não têm traços de linguagem

autêntica tais como pausas, rephraseamentos e demais características da imprevisibilidade do discurso oral, se comparados a interações verbais reais, e a eventual relevância dos temas e tópicos, simplificados na sua apresentação pelo livro, não contribui significativamente no processo de ensino/aprendizagem da LE.

Our Way e A Practical English Course são exemplos significativos de livros didáticos elaborados sob forte influência do movimento da Gramática-Tradução e do Audiolingualismo, revelando uma concepção de linguagem predominantemente estruturalista-frasal, cuja meta, no processo de ensino/aprendizagem, é o conhecimento, pelos aprendizes da LE, de um sistema de estruturas e suas respectivas regras de operacionalização. Aspectos de interação e comunicação não são considerados por tais livros, nem o uso da L-alvo para a realização de tarefas autênticas.

#### 4.1.3. LD: Our Turn (1º grau - livro 1)

##### DADOS DO LIVRO

Autor: A. Yoshimura

Publicação: Difusão Nacional do Livro, Editora e Importadora Ltda. - 1984 (2 edição)

Utilização na pesquisa: 02 (duas) classes de 5 série e 01 (uma) classe de 7 série

O *Our Turn*, livro 1, é composto pelos livros do aluno e do professor, sendo que este último traz uma ampla introdução sobre os objetivos de se ensinar LE no 1º Grau, sobre o que significa ensinar e aprender LE e explicações detalhadas sobre a proposta metodológica do livro. O livro do professor traz também alguns princípios (teóricos) e sugestões de avaliação dos alunos, e o conteúdo programático detalhado para cada uma das lições do livro do aluno, tratando especificamente de todas as seções que ocorrem

nas lições. A título de ilustração, apresentamos no Apêndice 14 amostras das seções da lição 5 (*Lesson 5*), trabalhada durante as observações de aulas em duas classes observadas, respectivamente as 5 s séries "D" e "E" (vide Apêndices 3 e 4).

A escolha e seleção das amostras de LE contidas no *Our Turn* baseia-se em funções, conforme a utilização da L-alvo para atingir objetivos comunicativos, em atos de fala e estes, por sua vez, inseridos em uma situação ou evento de fala. A sequência de funções não segue, em primeira instância, critérios de dificuldade estrutural, apesar do fato de verificarmos, no conteúdo programático do livro, uma sequência de conteúdos gramaticais semelhante àquelas dos livros claramente identificados como estruturalistas (vide seções 4.1.1 e 4.1.2).

Conforme o texto introdutório ao livro do professor, o *Our Turn* visa proporcionar ao aluno mais do que a competência linguística (conhecimento das formas e regras do L-alvo). Objetiva-se proporcionar ao aluno a possibilidade de decidir se uma sentença, por exemplo, está sendo usada corretamente, conforme a contextualização da ocorrência.

"Sob este ponto de vista, a língua é considerada como um sistema dinâmico de comunicação sempre dentro de determinado contexto." (*Our Turn*, livro do professor :8)

O professor é orientado, desse modo, a não apenas ensinar ao aluno as estruturas da língua, mas a mostrar-lhe como a língua é usada para expressar idéias, tais como fazer solicitações, pedir e dar informações. O aluno deve ser levado a fazer uso da LE, e, nesse aspecto, o professor deve procurar estabelecer oportunidades para tal uso.

Entre os princípios de ensino de LE no 1º Grau, os quais, segundo o autor, "norteiam" o material, destacaremos abaixo os

mais relevantes para nosso trabalho.

Afirma-se que, para a LE ensinada no contexto formal da escola o que ocorre é aprendizagem e não aquisição, contrastando a sala de aula com a experiência de contato com a L-alvo através de vivência em um país onde ela é falada (cenário de L2). Assume-se uma visão cognitivista de aprendizagem de LE, considerando-a como um processo, dinâmico e não estático.

Conforme a introdução ao *Our Turn*, "as condições para a aquisição de uma língua, segundo a teoria cognitiva, consiste em expor o aluno à língua estrangeira e em motivá-lo a se comunicar" (*Our Turn*, livro de professor : 9).

O *Our Turn* pressupõe que a língua inglesa é utilizada como meio de comunicação entre brasileiros e estrangeiros no Brasil, e que os brasileiros, para manter esses contatos com estrangeiros, devem "aprender a se comunicar efetivamente nessa língua".

Ao professor cabe o papel não só de conhecer a LE, mas também o de estimular e facilitar a aprendizagem. Afirma-se que "compete ao professor propor o contexto e organizar atividades que possam estimular o aluno a se expressar, além de dar-lhes oportunidade de se comunicar" e que "o professor supre as necessidades dos alunos, em termos do que ele precisa expressar para se comunicar" (*Our Turn*, op. cit.:7).

O conteúdo programático do *Our Turn*, livro 1, é organizado em 12 lições (*Lesson 1 - Lesson 12*), com mais três lições de revisão (*Review Lessons*) intercaladas, uma a cada três das outras lições.

As atividades de apresentação e posterior uso dos respectivos expoentes são orientadas gradativamente, através de "pequenas quantidades" de amostras da LE seguidas de propostas para trabalho em pares, no sentido de dar aos alunos a oportunidade de pra-

ticar a linguagem fornecida (vide Apêndice 14: amostras do Our Turn). Os expoentes apresentados são posteriormente incluídos em diálogos maiores, nas seções denominadas *Transfer*, com a proposta de dramatização pelos alunos (*Dramatization*).

As propostas de uso da L-alvo nas diversas etapas de cada lição do Our Turn caracterizam-no como mais favorável à proporcionar, na sala de aula, a geração de insumo adequado para efetivar aprendizagem e eventual aquisição da LE, uma vez que as instruções formais nele contidas encaminham os aprendizes para tarefas de interação e realização de pequenas tarefas comunicativas. O traço de distanciamento entre as amostras de LE e as atividades propostas nesse LD de interações autênticas, entretanto, o caracterizam como um avanço na área de livros didáticos mas que ainda necessita ser avaliado e sofrer modificações.

#### 4.2. A CONSTRUÇÃO DO INSUMO NA AULA DE LE

A etapa desta investigação que consideramos mais significativa, consiste na análise dos dados etnográficos obtidos na sala de aula, cenário de utilização do LD por professores e alunos, e do processo efetivo de contato dos aprendizes com a LE.

Verificamos, em um total de trinta e duas aulas observadas e registradas sob a forma de diário, das quais vinte e uma aulas foram também gravadas em áudio, uma série de fatos relevantes, os quais, a partir de nossa interpretação, nos possibilitam elaborar um quadro descritivo sobre o insumo no cenário formal da escola pública de 1º grau.

O primeiro fato constatado é a adoção e utilização de LDs nacionais em todas as aulas registradas. Confirmamos nossa expectativa de que o LD é efetivamente o único fornecedor de conteúdo nas aulas de LE, conteúdo esse praticamente nunca expandido, somente operacionalizado, por professores e alunos na dinâmica das

aulas. Trataremos então das características dessa operacionalização de conteúdo na sala de aula, no sentido de obtermos, na prática, uma categorização do insumo em LE por nós considerado disponível aos aprendizes, e possível de ser por eles internalizado.

A ocorrência de eventos na sala de aula se constitui de determinados fatos característicos em praticamente todas as classes (5 a 8 série) observadas. Trataremos primeiramente dos eventos que consideramos favoráveis ao propósito da aula de LE, sendo portanto relevantes ao processo de ensino/aprendizagem da L-alvo em cenário formal.

O LD, único material didático disponível (além de materiais para anotações dos próprios alunos), presta-se a determinar as amostras de LE a serem trabalhadas e, na maioria das vezes, determina a metodologia empregada nas aulas. Professores e alunos praticamente não contribuem no fornecimento de amostras adicionais de LE. Encontramos somente dois exemplos de amostras não contidas nos LDs, a saber:

[3]. Em uma aula da 7ª série, P introduz a expressão "*I'm tired out*" e a palavra "*ranch*" (vide Apêndice 7 - aula 2);

[4]. Nas aulas de nº 1, 2 e 3 da 5ª série "A" P introduz vocabulário adicional sobre "profissões, não contido no LD. Esse procedimento, entretanto, não é iniciativa do professor, uma vez que o fornecimento desse vocabulário é sugestão do manual do professor, no qual encontramos uma lista adicional de profissões em inglês.

Quanto aos procedimentos metodológicos propostos pelos LDs, a fidelidade dos professores é parcialmente abrandada à medida que algumas atividades não são realizadas ou sofrem modificações, talvez pelo fato de não corresponderem às expectativas de tais

professores enquanto atividades importantes e válidas para o ensino da L-alvo, ou por serem de difícil operacionalização. Na sequência de aulas para a 5 série "B", por exemplo (vide Apêndice 2) verificamos que o professor não utilizou a atividade de compreensão oral proposta no LD (vide Apêndice 13 - amostras do LD Dur Way).

Observamos em várias aulas, principalmente nas classes "5 série D" e "5 série E", o uso exaustivo da técnica de repetição em coro e que a apresentação das funções contidas no LD se caracteriza, na prática em primeira instância, pela repetição pelos alunos dos respectivos expoentes. Cronometramos a duração total de gravação das aulas classificadas como *dados principais*, e obtivemos as seguintes informações:

TOTAL DE AULAS GRAVADAS: 12 aulas

TEMPO DE DURAÇÃO TOTAL: 5 horas 50 minutos de gravação

Total de aulas gravadas na 5 série "E": 4 aulas

Total de tempo utilizado para procedimentos de repetição em coro na 5 série "E": 31 minutos

No caso da 5 série "E", o procedimento de repetição em coro é exaustivamente utilizado em três das quatro aulas gravadas. O total de 31% do tempo de duração dessas aulas foi utilizado para repetições e, em todos os casos, de "pequenas quantidades de amostras" da LE. Na aula de nº 6, por exemplo, são gastos cinco minutos para os alunos repetirem os seguintes expoentes:

[5]. *Let's go to the snack bar.*  
*Sure. That's a good idea.*  
*I'm sorry, I can't. I have to do my homework.*  
*What time is it?*  
*It's...o' clock. (variações para horas)*  
*It's late. Bye bye.*

Questionamos a validade de se consumir tanto tempo das aulas nesse tipo de procedimento, em vez de se dedicar mais tempo às outras atividades propostas, como por exemplo, aos trabalhos em pares. No caso do exemplo acima, acrescentamos a observação de que o conteúdo em LE não era novo, uma vez que os alunos já haviam sido expostos a tais amostras em aulas anteriores.

A ocorrência de vários momentos de utilização do procedimento de repetição em coro, nas aulas observadas, revela uma forte influência do movimento audiolingualista no ensino de línguas, o qual enfatiza tal procedimento com a finalidade de "treinar os alunos" e "rotinizar a utilização da L-alvo". Uma vez que ambos os LDs utilizados por esses professores propõem uma visão de ensino de LE na direção do movimento comunicativo para o ensino de línguas, vemos nessa utilização demasiada da repetição em coro um aspecto de discrepância entre a proposta dos autores e a utilização dos LDs pelos respectivos professores.

Os alunos, por sua vez, chegam a reclamar desse tipo de atividade, conforme o registro das seguintes falas:

- [6]. P: *that's a good...*  
 As: *that's a good... ((...))*  
 P: *that's a good idea...*  
 As: *that's a good...*  
 P: *that's a good idea...*  
 As: *that's a good idea...*  
 P: *that's a good idea...*  
 A1: tem que falar de novo?

(Apêndice 4: 5ª série "E" - aula 4)

- [7]. P: *it's late, bye bye...*  
 As: *it's late, bye bye...*  
 P: *bye bye...*  
 As: *bye bye, bye bye, bye, bye bye...* (DESORDENADAMENTE  
 E INÚMERAS VEZES)  
 As: pára, cumpadre...  
 P: vão direitinho... *it's late, bye bye...*

(Apêndice 4: 5ª série "E" - aula 5)

- [8]. P: *what time is it?*  
 As: *what time is it?*  
 P: *it's one o'clock.*  
 As: *it's one o'clock.*  
 P: *it's late, bye bye...*  
 As: *it's late, bye bye...*  
 A: já decorou, dona...

(Apêndice 4: 5ª série "E" - aula 5)

Os dados de aulas gravadas e transcritas (vide Apêndices de nº 1 a 5) contém revelações contrárias ao quadro descritivo do insumo elaborado a partir do arcabouço teórico deste trabalho, conforme estabelecido por nossa interpretação dos fenômenos da

sala de aula, na busca de fatos que pudessem confirmar expectativas de efetiva construção do insumo, na dinâmica da sala de aula.

Em vez de se priorizar o uso da LE, em interações P-A, A-P e A-A, na realização de tarefas autênticas e conceber a língua como veículo de comunicação, o processo das relações e atividades desenvolvidas nas aulas de LE caracterizam-se muito mais pelo tempo consumido em interações em L1 e, em muitos casos, de conteúdo não relevante à disciplina LEM. Os inúmeros exemplos de conteúdos não relevantes referem-se a conversas sobre assuntos alheios à aula, tais como os de interesse particular dos alunos ou dos professores. Salientamos nesse aspecto toda a sequência de aulas registradas da 8 série, nas quais poucas amostras da LE se intercalam com as falas do professor e dos alunos, em L1 e de conteúdo não pertinente ao conteúdo em LE das respectivas aulas (vide Apêndice 5).

O discurso da sala de aula de LE, conforme abordamos nesta seção, caracteriza-se por conteúdos pertinentes ao processo de ensino/aprendizagem de LE e por conteúdos não relevantes à L-alvo, cuja frequência nos dados revelam o tempo desperdiçado durante as aulas, em vez de se utilizar a carga horária das aulas mais apropriadamente, no fornecimento e construção de insumo em LE.

Verificamos também a ocorrência de conteúdos em termos de procedimentos institucionais, tais como a referência a dias letivos, cumprimento de conteúdo programático pré-estabelecido, modo de avaliação e controle de disciplina durante as aulas. A esses conteúdos denominamos discurso institucional não-específico, uma vez que sua ocorrência caracteriza o cenário formal da escola, mas não necessariamente a aula de LE.

#### 4.3. A VISÃO DOS PROFESSORES

Os dois professores sujeitos desta pesquisa<sup>1</sup> lecionam na escola pública há respectivamente dez anos (P2) e quatorze anos (P1).

Através do questionário de professores e das entrevistas levantamos um conjunto de opiniões desses professores que contribuem para a caracterização do uso do LD e da configuração do insumo nas aulas de LEM na escola pública.

Segundo P1 e P2, o ensino de LE no 1º grau contribui para expandir a visão dos alunos sobre o mundo, e pode despertar o interesse no aprendizado de outra línguas, além da língua materna. Os professores declaram-se favoráveis ao ensino da LE vinculado à realidade, em termos mundiais, e às experiências cotidianas dos alunos.

Os alunos da escola pública, pelo menos em parte, não utilizam o LE a curto prazo e, desse modo, interpretamos a visão dos professores como limitada ao objetivo de proporcionar aos alunos o conhecimento da língua com finalidade em si mesma. Quanto aos alunos que almejam um estudo universitário, e devem prestar exames de ingresso nas universidades, as necessidades desses alunos tomam mais especificamente um caráter instrumental. Acreditamos que a preocupação com o uso da LE se evidencie entre os alunos no 2º grau, ficando, portanto, fora do escopo deste trabalho.

Os professores mencionam o interesse dos alunos pela LE devido ao contato com a língua através de frases em camisetas, músicas e filmes em inglês. Parece-nos que, além das limitações desses contatos, a visão desses professores é ingênua e parcial. Verificam-se nos questionários de alunos respostas sobre o uso da LE para, por exemplo, estudo e trabalho. Tais objetivos, a nosso ver, são mais reais e coerentes com a importância de ensinar LEM na escola de 1º grau.

Um dos professores tem expectativa de que, enfocando-se a conversação durante as séries nas quais ensina LE no 1º grau, os alunos aprendam a se comunicar na LE até o final dessa etapa escolar.

Com relação aos LDs, ambos os professores são favoráveis a sua utilização, devido principalmente à facilitação do seu trabalho. Destacamos abaixo algumas declarações de P1 e P2 quanto a validade do uso do LD:

[9]. "o livro didático... é mesmo porque nós não temos condições de trabalhar...fora...dele... se ficasse apenas com o caderno...e a matéria na lousa... o aluno não vai ter mesmo como fazer a lição em casa, como estudar...os pais exigem isso..." (vide Apêndice 8:entrevista com P1)

[10]. "...o livro didático já vem, né, o exercício pronto, ele não precisa copiar...então ele já faz direto, né no livro...então mesmo pro aluno, pro professor...eu acho que o livro... é bem mais prático, né..." (vide Apêndice 9:entrevista com P2)

As razões que provocam a fidelidade ao LD, segundo P1 e P2, resumem-se em dois pontos: (1) a praticidade de planejamento dos cursos de LEM e a existência do material pronto, comparados a falta de disponibilidade dos professores e de recursos para elaborar outros materiais; (2) a necessidade do aluno ter um material para acompanhar o curso, fato esse acrescido da "cobrança" por parte dos pais dos alunos.

Os aspectos positivos do LDs, apontados por P1 e P2, são a objetividade quanto ao conteúdo programático a ser ensinado, os

textos que despertam o interesse dos alunos e a utilização de vocabulário atual e coloquial, com mais enfoque na conversação do que na gramática, que deve ser contextualizada.

Os aspectos negativos dos LDs são a complexidade na apresentação do conteúdo, tornando-o confuso para os alunos, os textos antiquados e desinteressantes, e o excesso de ilustrações, pois "despertam o aluno mais para o visual do que para entender o que está no livro" (afirmação de P2 - Apêndice 9).

A partir das categorias do insumo determinadas através do arcabouço teórico e da interpretação dos dados, nos concentramos neste momento nas questões da compreensibilidade e da relevância de conteúdos apresentados pelos LDs.

P1 declara que "se o professor não for traduzir, explicar a gramática, o aluno não...não vai entender bem...". Como já verificamos nas aulas observadas, o procedimento de tradução é frequentemente utilizado e o interpretamos, conforme os dados da pesquisa e nossa experiência com alunos de LE, como o "veículo" de compreensão mais utilizado. Nas suas próprias aulas, P1 preocupa-se em traduzir todos os enunciados em LE, contidos no LD, literal e integralmente para os alunos (vide registros de aulas no Apêndice 2). Verificamos que apesar do fato de P1 traduzir todos os enunciados em LE para o português (vide aulas 1 e 3 da 5ª série "B"), esse professor também recorre várias vezes às ilustrações do LD para contextualizar e explicar conteúdos novos. Citaremos, nesse aspecto, Krashen (1985), ao afirmar que o professor de LE, ao trabalhar com principiantes, contextualiza a linguagem através da utilização de recursos visuais (figuras e objetos) e via discussão de tópicos conhecidos. Krashen (op.cit.) acrescenta a esse aspecto o fato de que pesquisas confirmam o grande efeito, na compreensibilidade, das informações extra-linguísticas, e da contextualização na compreensão de textos.

Gass & Varonis (1984, *apud* Krashen, 1985) evidenciam que a familiaridade com o tópico facilita a compreensão da fala em LE. Os dados desta pesquisa não apresentam ocasiões de uso da LE, na sala de aula, em tarefas que exijam compreensão oral, uma vez que a "oralidade" na L-alvo limita-se, em todas as ocorrências de falas na LE, à reprodução dos enunciados contidos no LD. Retornaremos a tais ocorrências ao tratarmos do uso da LE por professores e por alunos nas aulas observadas.

P2 considera, por outro lado, a possibilidade de uso de estratégias de compreensão no trabalho com a LE, tais como a colaboração de ilustrações, transparência de termos como a L1, o uso de histórias em quadrinhos, as previsões e inferências via conhecimentos prévios, a utilização dos títulos de textos, e também o acesso, pelos alunos, aos glossários contidos nos LDs.

Ambos os professores enfatizam a importância do conteúdo que desperte o interesse dos alunos, sendo portanto, relevante para eles, mas P2 declara que nenhum LD se ajusta perfeitamente às necessidades e à realidade dos alunos, principalmente devido às diferenças culturais subjacentes à LE, em detrimento da cultura nacional.

#### 4.4. CONTRIBUIÇÕES DAS OPINIÕES DE ALUNOS

Os dados sobre as opiniões dos alunos das três classes de 5<sup>a</sup> série classificadas como *dados principais*, levantados através de 83 questionários respondidos, podem contribuir, principalmente, com relação às preferências desses alunos quanto ao conteúdo dos LDs e às aulas de LE. Os alunos envolvidos nesse levantamento, na faixa etária de 11 a 14 anos, estudam no período da tarde, um terço deles em escola de bairro e os demais em escola de periferia. Os LDs utilizados por esses alunos são Dur Turn (escola de periferia) e Dur Way (escola de bairro).

Comprovamos também o fato de que alunos da escola pública praticamente não tem experiência de contato com o uso da LE a não ser no cenário da sala de aula . Entretanto, apesar do pouco contato e perspectivas distantes do uso de LE, os alunos revelam uma atitude positiva, interesse e motivação para o aprendizado da língua inglesa.

Verifica-se nos alunos sujeitos dessa pesquisa a evidência de uma configuração de atitude positiva em relação a L-alvo, bem como em relação aos falantes nativos e países onde o inglês é língua materna. Os adjetivos mais escolhidos , nos questionários, para classificar a língua inglesa são "interessante" (75%), "útil" (65%), "bonita" (49%), "difícil" (28%) e "fácil" (27%).

A atitude positiva dos alunos nos é significativa por acreditarmos que atitude e bom desempenho em uma LE estejam diretamente correlacionados, principalmente nos estágios iniciais de aprendizagem da língua (cf. Schmann, 1978; Reves, 1987), e desse modo, pertinente à situação dos alunos da 5 série da escola pública. Entre outros trabalhos sobre implicações do fator atitude no processo de aprendizagem de LE, citamos Jakobovits<sup>1</sup> (1970, apud Tílio (1981), Lambert & Lambert<sup>2</sup> (1973, apud Tílio, op.cit.) e Tílio<sup>3</sup> (1981), os quais verificaram a interdependência entre atitude positiva (por exemplo, com relação aos falantes de uma determinada língua ) e o sucesso do aprendizado da L-alvo.

A pesquisa de Tílio (op.cit) nos interessa de modo especial por ter sido realizada no Brasil (Estado do Paraná), e ter entre seus sujeitos de pesquisa, 3.109 alunos de 1º grau (8ª série).

No âmbito deste trabalho, consideramos que a atitude positiva exista conjuntamente a características do fator motivação. Não nos parece, segundo os tipos de respostas dadas pelos alunos nos questionários, que as características de motivação, no caso de alunos de 1º grau , devam ser diferenciadas e consideradas somente como motivação instrumental.

Os conceitos de categorias de motivação integrativa e de motivação instrumental foram elaborados por Gardner & Lambert (1972). Consideramos, neste trabalho, que existe uma motivação quando o aprendiz se mostra interessado em conhecer a LE, e em tornar-se usuário (competente) dessa língua, conforme as tarefas (comunicativas) nas quais pretende utilizá-la.

As informações obtidas através do questionário de alunos nos permite delinear, pelo menos parcialmente, o perfil de características próprias de alunos adolescentes de LE, em estágios bem iniciais de contato com a L-alvo (cf. Reves 1987). Apesar de correremos o risco de delinear uma imagem parcial desses alunos, concordamos com Reves ao afirmar que:

"...a consciência das características afetivas e cognitivas individuais de vários aprendizes da língua, e sensibilidade às suas diferenças individuais ao nível sócio-situacional, poderá criar as bases de uma abordagem humanística para o ensino de línguas." (Reves, op.cit.:38)

Ao analisar as respostas dos alunos nos questionários, constatamos duas limitações nesse instrumentos de pesquisa. Uma delas refere-se à falta de pelo menos uma pergunta na busca de levantar, com os alunos, a questão da compreensibilidade do conteúdo em LE nos LDs e no processo de contato com a língua na sala de aula. Outro aspecto a merecer atenção reparadora no futuro é o de que as perguntas do questionário são de modo geral, de difícil compreensão para alguns dos alunos.

Os alunos se declaram, na sua grande maioria, satisfeitos com seus LDs com o fato de estudarem a LE. Os aspectos positivos dos LDs mais enfatizados são as estórias em quadrinhos, a existência de desenhos ilustrativos, os diálogos e as atividades de

leitura. Alguns alunos salientam também os exercícios (com exceção daqueles considerados "muito difíceis") e a utilidade do glossário.

Os aspectos negativos dos LDs apontados pelos alunos são as atividades escritas, os desenhos "mal feitos" e nomes repetidos de personagens. Acreditamos que essa pergunta também foi respondida tendo-se em mente as atividades feitas na sala de aula. Os alunos reclamam de fazer cópias e, no caso de um aluno, "quando a dona manda nós fica repetindo".

#### 4.5. CARACTERIZAÇÃO DO USO DA LE POR PROFESSORES E ALUNOS

Os dados coletados nas aulas de escolas públicas ilustram determinadas ocasiões de uso da L-alvo por alunos e professores, na maioria dos casos envolvendo a ocorrência de tarefas específicas de cenário formal de sala de aula, tais como fazer exercícios escritos e corrigí-los na lousa. Considerando-se o conceito de uso efetivo da L-alvo em tarefas comunicativas e relevantes para a geração de insumo, entretanto, as ocasiões de utilização da LE podem ser classificadas como raras, demasiadamente centradas no e controladas pelo professor, não havendo, desse modo, oportunidades significativas para o uso e produção oral, por exemplo, por parte dos alunos, a não ser em procedimentos de "repetição" de modelos, guiados pelo professor.

A utilização da LE pelo professor caracteriza-se por:

- a. procedimentos de leitura, em voz alta e a partir do LD, para apresentar amostras novas da L-alvo ou para servir de modelo, em exercícios mecânicos de repetição;
- b. cumprimento aos alunos: *"good afternoon"*;
- c. chamada dos alunos, pelos seus respectivos números;
- d. fornecimento de vocabulário adicional.

A utilização da LE pelos alunos caracteriza-se por:

- e. repetição em coro ou individualmente, de enunciados modelados pelo professor;
- f. reprodução oral de expoentes de funções, conforme a solicitação do professor;

- g. fazer exercícios gramaticais, no LD, e corrigí-los na lousa;
- h. fazer traduções de diálogos e textos contidos no LD;
- i. ler textos e responder exercícios de compreensão (verificam-se exercícios de compreensão de textos em L1 e em LE).

#### NOTAS:

(1) "Alunos com atitude favorável em relação à cultura e aos falantes da língua estudada tendem a ser bem sucedidos nos resultados atingidos (considerando-se também outros fatores equivalentes), especialmente na habilidade oral".

(Jakobovits, 1970) (nossa tradução)

(2) "O aprendizado de uma língua estrangeira parece também depender da atitude do aprendiz em relação às pessoas que utilizam tal língua, e de suas razões para estudá-la. Tendo atitudes favoráveis em relação ao outro grupo e uma motivação 'integrativa' para estudar sua língua (por exemplo, deseja aprender sobre essa pessoa e sua cultura) um aprendiz tenderá a ser mais bem sucedido..." (Lambert & Lambert, 1973) (nossa tradução).

(3) "*One should not forget that once the pupils have little or no contact at all with natives of English speaking countries and whatever their source of information on the English speaking people and their culture was it left a positive image which consequently led to positive and favourable attitudes towards them*". (Tilio, 1981: 79).

## CAPÍTULO 5

### C O N C L U S ã O

Retomamos, neste último capítulo da dissertação, os objetivos da pesquisa que realizamos, as questões de pesquisa que nos orientaram durante as etapas de realização do trabalho e apresentamos as conclusões que se derivam da análise dos dados coletados. Abordamos também nossas sugestões de encaminhamento de próximas pesquisas em Linguística Aplicada, especialmente em aquisição, ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

Nossa proposta de investigação das características do processo de construção do insumo no cenário formal de ensino/aprendizagem de LE permitiu uma avaliação mais criteriosa da realidade da disciplina LEM na escola pública, de modo específico nas quatro últimas séries do 1º grau, e a reflexão sobre comparações entre pressupostos teóricos em ensino/aprendizagem de LE e os fenômenos da prática pedagógica junto aos sujeitos dentro do cenário específico desta pesquisa.

Reconfirmamos, através de todo o conjunto de dados de aulas de LE em classes de escolas municipais e estaduais, o fato da grande dependência, mascarada em algumas circunstâncias pelo termo "fidelidade", do LD enquanto praticamente o único fornecedor das amostras de língua-alvo durante as aulas. Conforme os dados de uso da LE por professores e alunos verificadas nos registros de procedimentos de sala de aula, e nos inúmeros turnos das transcrições de aulas, toda a "produção" em LE caracteriza-se como reprodução das amostras de conteúdo contidas no LD.

Havíamos sugerido, em nossos objetivos de investigação, detectar a construção de insumo na sala de aula como apenas motivada pelo LD: este, hipoteticamente, funcionando como detonador do processo.

gerando oportunidades, por exemplo, para a ocorrência de uso da LE em interações autênticas entre P-A, A-P e A-A. Nesse sentido, a competência linguística e a competência comunicativa dos interlocutores seriam incorporadas num processo efetivo de construção de insumo favorável à aprendizagem e eventualmente, à aquisição da L-alvo. As conexões entre o LD e o insumo efetivamente construído se dariam em diversos níveis da linguagem, e as oportunidades de uso, de realização de tarefas na LE na sala de aula contribuiriam para proporcionar aos alunos uma competência de uso (comunicativo) da L-alvo.

Os dados desta pesquisa revelam, entretanto, a inexistência de qualquer ocorrência que possa ser, de fato, classificada como representativa de um processo de "construção" ou de "geração" de insumo, e tal deficiência relaciona-se diretamente com a formação insuficiente e inadequada do professor que, por sua vez, desenvolve alta dependência do LD, além da baixa qualidade dos LDs nacionais disponíveis para o ensino de LEM no 1º grau. Estamos admitindo tal generalização não só a partir das evidências do dados deste trabalho de pesquisa, mas também a partir do contato com professores e alunos de escolas da rede de ensino público quando de nossa participação, como auxiliar de pesquisa, no "Projeto LD", mencionado em capítulos anteriores.

Através da observação dos alunos em ocasiões de "tentativa" de uso e desempenho na LE, durante algumas aulas observadas, podemos sugerir que os resultados de internalização de conteúdos e metas de competência, desses aprendizes, na L-alvo, são bastante tímidos, mesmo se considerados os objetivos propostos pelos próprios LDs, estes em determinados casos irrelevantes. Nos referimos principalmente às perspectivas levantadas por professores e alunos quanto aos objetivos de se ensinar LE no 1º grau. E a questão dos objetivos para o ensino da LE na escola se nos coloca, então, como ponto importante de investigação junto a alunos e professores em termos de reais necessidades dos aprendizes e possibilidades de uso da L-alvo ou de projeções realistas e verossímeis para a formação cultural do aluno aprendiz. Sugerimos, nesse sentido, a reflexão dos profissionais de

ensino , sobre a situação específica da LEM no 1º grau, baseada em pressupostos teóricos e resultados de pesquisa pertinentes, objetivando a elaboração de um planejamento de curso possível de ser mais bem sucedido que os existentes na atualidade.

A produção dos LDs nacionais para o ensino de LE necessita, sem dúvida, de reformulações. Os resultados das pesquisas feitas na escola pública precisam, sem dúvida, ser incorporados à prática profissional dos professores de LE e, se tivermos materiais mais apropriados a orientá-los para abordagens de ensino/aprendizagem e procedimentos metodológicos fundamentados em tais resultados, poderemos ter expectativas de processos mais eficazes.

O professor de LE tem certamente um papel fundamental no direcionamento das aulas, principalmente ao nível dos procedimentos metodológicos dos quais pode se utilizar na tentativa de modificar imediatamente o quadro deficiente, em termos do que vem acontecendo nas salas de aula.

Recomendamos, pois, que se invista na formação de profissionais ligados ao ensino de LE, especialmente para beneficiar os professores das escolas de 1º grau, etapa escolar fundamental na formação de alunos e cidadãos brasileiros.

BIBLIOGRAFIA:

ALLWRIGHT, R. L. *The analysis of discourse in interlanguage studies: the pedagogical evidence*. In: Davies, Cripser & Howatt (orgs.), 1984.

ALLWRIGHT, D. Observations in the Language Classroom. New York: Longman, 1988.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. de *Notes on the Theory and Practice of the Teaching of English as a Foreign Language*. São Paulo: PUC-SF, 1984. (mimeo)

---- *Notas preliminares para uma discussão da questão das línguas estrangeiras no currículo da escola de primeiro e segundo graus no Estado de São Paulo*. In: Revista INTERACÇÃO 16:19-21, novembro 1985.

---- & L. C. Lombello (orgs.) O Ensino de Português para Estrangeiros. Campinas: Pontes, 1989.

---- & D.A. Consolo *A pesquisa analítica sobre o LD nacional de LE na escola pública de 1º Grau*. A sair em: Anais da V JELLE - Jornada de Ensino de Língua Estrangeira, Campinas: PUCCAMP, 1990.

----, M. B. Alvarenga, D. C. M. Baghin, D. A. Consolo, J. B. C. dos Santos & N. Viana *O Livro Didático Nacional de*

*Língua Estrangeira Moderna no 1º Grau: Pressupostos, Valores Formais e Validades* (Projeto de Pesquisa), DLA/IEL, UNICAMP, 1989.

----*A Representação do Processo de Aprender no Livro Didático Nacional de LEM no 1º Grau*. Relatório de pesquisa apresentado no V Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, 1990.

ALVES, N. *A Desestrutura dos Conceitos*. In: Leia 9 (103):52-53, São Paulo, maio 1987.

AMOS, E., E. Pasqualin & E. P. Martins DUR WAY - Junior English Series. São Paulo:Editora Moderna, 1987.

BIALYSTOCK, E. *A Theoretical Model of Second Language Learning*. In: Language Learning 28:199-212, 1978.

---- & Sharwood-Smith *Interlanguage is not a state of mind*. In: Applied Linguistics 6, 2:101-117, 1985.

BREEN, M.P. & C.N. Candlin *Guide for the Evaluation & Design of Materials*, 1980. (mimeo)

-----, M.P., C.N. Candlin & A. Waters *Communicative Materials Design: Some Basic Principles*. In: RELC Journal 10/2:1-13, 1979.

BOHN, H.I. *Avaliação de Materiais*. In: H. Bohn & P. Vandresen (org.) Tópicos de Linguística Aplicada: o Ensino de Línguas Estrangeiras, Florianópolis:292-313, 1988.

BOURNE, J. *Natural Acquisition and a Masked Pedagogy*. In: Applied Linguistics 9/1:83-89, 1988.

Campus: Jornal da Universidade Federal do Paraná. *Mas, um mal necessário?*, (6):8, 1985.

CARROLL, J. B. & S. M. Sapon Modern Language Aptitude Test - MLAT. New York:The Psychological Corporation, 1958.

CARVALHO, N. *Livro Didático e Produção Regional*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 14, Recife, 1987.

CAVALCANTI, M. C. *A Propósito de Linguística Aplicada*. In: Trabalhos em Linguística Aplicada 7:5-12, UNICAMP,1986.

----Interação Leitor-Texto: Aspectos de Interpretação Pragmática. Campinas, SP:Editora da UNICAMP, 1989.

---- & L. F.da M. Lopes *Implementação de pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro*. Texto base do mini-curso Implementação de Pesquisa em Sala de Aula, X ENPULI, Rio de Janeiro,1990.

CECCON *et alii* A Vida na Escola e a Escola da Vida. Petrópolis:Vozes, 1982.

CHAUDRON, C. *A Method for Examining the Input/Intake Distinction*. In: S. Gass & C. G. Madden (orgs.) Input in Second Language Acquisition. Rowley, Mass:Newbury House, 1985.

CHOMSKY, N. Rules and Representations. New York:Columbia University Press, 1980.

CORDER, S. P. *The Significance of Learners' Errors*. In: International Review of Applied Linguistics-IRAL 5: 161-170, 1967.

COSTA, D. N. M. A Língua Estrangeira na escola de 1º Grau: Aspecto formativo (Tese de mestrado). São Paulo:PUC-SP, 1986.

----Por que ensinar língua estrangeira na escola de 1º Grau. São Paulo:EPU, 1987.

DARIN, I.J. Análise através de elementos do sistema Savi da interação verbal em livros didáticos para o ensino da língua inglesa (Tese de mestrado), São Paulo:USP, 1980.

DULAY, H., M. Burt & S. Krashen, Language Two. New York:OUP, 1982.

ELLIS, R. *Informal and Formal Approaches to Communicative Language Teaching*. In: ELT Journal 36/2:73-81, 1982.

----*Review of Principles and Practice in Second Language Acquisition (S. Krashen)*. In: ELT Journal 37/3:283-284, 1983.

----*Formal Instruction in Second Language Acquisition*. Trabalho apresentado no III LABCI, Tlaxcala (México), 1989.

ELLIS, G. & B. Sinclair Learning to learn English (Teacher's book & learner's book). CUP, 1989.

FAERCH, C. & G. Kasper *The Role of Comprehension in Second Language Learning*. In: Applied Linguistics 7/3:257-274, 1986.

GARDNER & W. E. Lambert Attitudes and Motivation in Second Language Learning. Rowley, Mass:Newbury House, 1972.

GASS, S. *Integrating Research Areas: A Framework for Second Language Studies*. In: Applied Linguistics 9/2:198-217, 1988.

---- & C. G. Madden (orgs.) Input in Second Language Acquisition. Rowley, Mass:Newbury House, 1985.

---- & E. Varonis *The effect of familiarity on the comprehensibility of non-native speech*. In: Language Learning 34:65-89, 1984.

GONÇALVES, A. M. Z. Escolha do Livro-Texto de Língua Estrangeira: contribuições linguísticas (Dissertação de mestrado). Porto Alegre:PUC-RS, 1980.

GRANT, N. Making the Most of Your Textbook. New York:Longman, 1987.

HAWKES, N. *Some Aspects of Communicative Course Design*. In: K. Johnson & D. Porter (orgs.) Perspectives in Communicative Language Teaching:89-103, ACADEMIC PRESS, INC.: London, 1983.

JANNINI, C.S.O. Estudo de Inglês na Escola Estadual (Tese de mestrado), São Paulo:PUC-SP, 1979.

KLEIMAN, A., J.C.P. de Almeida Filho & M. C. Cavalcanti Relatório de Pesquisa do Programa de Mestrado em Linguística Aplicada, DLA/IEL/UNICAMP. In: III Encontro Nacional da ANPOLL, UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

KRASHEN, S. D. *The Monitor Model for second language performance*. In: M. Burt, H. Dulay & M. Finocchiaro (orgs.) Viewpoints on English as a Second Language. New York: Regents, 1977a.

----*Second language acquisition research and second language testing*. Trabalho apresentado na Convention of the American Council on the Teaching of Foreign Languages, San Francisco, 1977b.

----*Some issues related to the Monitor Model*. In: H. D. Brown, C. Yorio & R. Crymes (org.) On Tesol'77: teaching and learning English as a second language: trends in research and practice. Washington: TESOL, 1977c.

----*A response to McLaughlin The Monitor model: some methodological considerations*. In: Language Learning 29:151-167, 1979.

----Principles and Practice in Second Language Acquisition. Pergamon Press: New York, 1982.

----The Input Hypothesis: Issues and Implications. New York: Longman, 1985.

LAPORTA, E. A Practical English Course (curso completo). São Paulo:Companhia Editora Nacional.

LIGHTBOWN, P.M. *Input and Acquisition for Second-Language Learners In and Out of Classrooms*. In: Applied Linguistics 6/3:263-273, 1985.

LONG, M. H. *Input interaction and second language acquisition*. In: H. Winitz (org.) Native Language and Foreign Language Acquisition. Anais da New York Academy of Science, 379:259-278, 1981.

LOPES, L.P.da M. "Yes, nós temos bananas" ou "Paraíba não é Chicago". In: Educação e Sociedade 4(13):113-131, 1982.

McLAUGHLIN, B. The Monitor Model: Some Methodological Considerations. In: Language Learning 28/2, 1978.

----, T. Rossman & B. McLeod *Second language learning: an information-processing perspective*. In: Language Learning 33:135-158, 1983.

----Theories of Second -Language Learning. Edward Arnold, 1987.

MOLINA, O. QUEM ENGANA QUEM? - Professor x Livro Didático, Papirus, Campinas, 1987.

NAIMAN, N., M. Frohlich, H. H. Stern & A. Todesco The Good Language Learner. Ontario: OISE, 1978.

NOVA ESCOLA, n. 30, maio 1989:42-44, "Livro Didático - Alunos Reclamam mais Respeito e Qualidade".

OCHSNER, R. *A Poetics of Second-Language Acquisition*,  
In: Language Learning 29, 1:53-58, 1979.

OLIVEIRA, J.B.A. (coord.) *O Livro Didático e Sua Importância, O Livro Didático no Brasil: sua política - sua utilização*, junho 1982.

PICA, T. & C. Doughty *The role of group work in classroom second language acquisition*. In: Studies in Second Language Acquisition 7:233-248, 1985a.

--- *Input and interaction in the communicative language classroom: a comparison of teacher-fronted and group activities*. In: S. Gass & C. G. Madden (orgs.) Input in Second Language Acquisition. Rowley, Mass: Newbury House, 1985b.

Proposta de Linhas Gerais para Nortear uma Política de Ensino de Língua Estrangeira Moderna na Rede Oficial de Primeiro Grau (Comissão de Avaliação e Reformulação do Ensino de Língua Estrangeira Moderna). In: Trabalhos em Linguística Aplicada 10:103-119, Campinas:UNICAMP, 1987.

REVES, T. What makes a good language learner? Personal characteristics contributing to succesful language acquisition (Tese de doutorado). Jerusalem:The Hebrew University, 1983.

----*Individual Differences in Language Learning: the Initial Stages.* In: Trabalhos em Linguística Aplicada 10:37-54, Campinas:UNICAMP, 1987.

RICHARDS, J.C. & T. Rodgers Method: Approach, Design and Procedure. In: Tesol Quarterly 16, 2:153-168, 1982.

ROA POLANCO, D. Afeto e Insumo Linguístico no Processo de Ensino-Aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira de Tipo Instrumental na Colombia (Dissertação de mestrado). Campinas, UNICAMP, 1989.

RUIZ, E.M.S.D. Livro Didático de Português: a Artificialidade no Uso da Linguagem (Dissertação de mestrado), Campinas:UNICAMP, 1988.

RUMELHART, D. P. Understanding understanding. In: J. Flood (org.) Reading Comprehension, Newark, Delaware:1-20, IRA, 1984.

SAVILLE-TROIKE, M. Cultural input in second language learning. In: S. Gass & C. G. Madden (orgs.) Input in Second Language Acquisition. Rowley, Mass:Newbury House, 1985.

SCHACHTER, J. *Three Approaches to the Study of Input*. In: Language Learning 36/2:211-225, 1986.

SHARWOOD SMITH, M. *Comprehension versus Acquisition: Two Ways of Processing Input*. In: Applied Linguistics 7/3, 1986.

SCHUMANN, J. *Affective Factors and the Problem of Age in Second Language Acquisition*. In: Language Learning 25/2:209-235, 1975.

SILVA, M. A. C. M. B. da Estudo Diacrônico de Livros Brasileiros para o Ensino de Inglês: Grau de Atualização Frente às Correntes Metodológicas (Tese de mestrado), São Paulo:PUC-SP, 1988.

SKEHAN, P. Individual Differences in Second Language Acquisition. Edward Arnold, 1989.

TAKALA, S. *A Review of Language Two* (Dulay, H. et alii, New York:OUP, 1982). In: Language Learning 28/3, 1984.

TARONE, E. Variation in Interlanguage. Edward Arnold, 1988.

TÍLIO, M. I. do C. Cultural Identity and Foreign Language Teaching: Attitudes Towards English-Speaking People and their Culture. In: Revista UNIMAR 3/1:75-81, Universidade Estadual de Maringá, 1981.

van LIER, L. The Classroom and the Language Learner. New York:Longman, 1988.

YOSHIMURA, A. Our Turn - 1º grau (livro 1). São Paulo:Difusão Nacional do Livro, 1984 (2ª ed.)

WHITE, L. *Against Comprehensible Input: the Input Hypothesis and the Development of Second-Language Competence*. In: Applied Linguistics 8/2:95-110, 1987.

WONG-FILLMORE, L. *Instructional Language as Linguistic Input: Second Language Learning in Classrooms*. In: L. C. Wilkinsons (org.) Communicating in the Classroom, New York:Academic Press, 1982.

----*When does Teacher Talk Work as Input?*

In: S. Gass & C. G. Madden (orgs.) Input in Second Language Acquisition. Rowley, Mass:Newbury House, 1985.

WILLIAMS, D. *Developing Criteria for Textbook Evaluation*. In: ELT Journal 37/3:251-255, 1983.

**A P P E N D I C E S**

ÍNDICE DE APÊNDICES

-----

	página
APÊNDICE 1: 5 série "A".....	3
APÊNDICE 2: 5 série "B".....	45
APÊNDICE 3: 5 série "D".....	89
APÊNDICE 4: 5 série "E".....	157
APÊNDICE 5: 8 série.....	258
APÊNDICE 6: 6 série.....	327
APÊNDICE 7: 7 série.....	329
APÊNDICE 8: <u>Professor 1</u> (entrevista).....	332
APÊNDICE 9: <u>Professor 2</u> (entrevista).....	344
APÊNDICE 10: questionário de professor.....	358
APÊNDICE 11: questionário de alunos.....	360
APÊNDICE 12: roteiro de entrevista.....	363
APÊNDICE 13: <u>OUR WAY</u> (amostras).....	364
APÊNDICE 14: <u>Our Turn</u> (amostras).....	368

CÓDIGO DE TRANSCRIÇÃO DE AULAS

As convenções e símbolos utilizados nas transcrições das aulas gravadas em áudio (Apêndices 1 a 5) foram adaptadas a partir da simbologia apresentada por van Lier (1988). As adaptações objetivam registrar adequadamente as falas ocorridas em situação de uso do português como L1 e evidenciar aspectos do discurso da sala de aula relevantes para esta investigação.

P:	:	professor(a)
A:	:	aluno não-identificado
Ai	:	aluno identificado (em uma sequência de falas representativas de interação P-A, A-P ou A-A)
As	:	dois ou mais alunos
Pes	:	pesquisador (observador da aula)
...	:	pausa breve
(PAUSA)	:	momento de silêncio
(UM MINUTO)	:	pausa (momento de silêncio) cronometrada
(RISOS)	:	observação do pesquisador
<i>one</i>	:	em <i>itálico</i> : falas em LE
(aula)	:	entre parênteses: aquilo que provavelmente foi dito
((...))	:	falas ou palavras incompreensíveis
=	:	interrupção do turno

APÊNDICE 1

- DADOS: Transcrições das Aulas e Notas do Observador 1 -

LD: DUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "A" (período matutino)

AULA 1 - Data: 12 / outubro / 1989

Obs: D.C.M. Baghin

10:00 - sinal

10:10h - chamada: 10:12h - final da chamada a qual os alunos presentes respondem ora com "here", ora com "I'm here"; para os que faltaram, dizem apenas "faltou".

As: ((...))

P: eu não vou mais emprestar livro para o aluno... todo ano dá confusão...

As: ((...))

P: até hoje a ((...)) está para devolver o livro... até hoje não devolveu...

As: ((...))

P: ãh... a professora corrigiu esse challenge aqui? (ela se refere a uma professora substituta que havia dado a aula anterior: 09/10/89)

A: não...

P: e o que vocês fizeram?

As: ((...))

P: ô Rodrigo! ... se você quiser aparecer.. pindura uma melancia na cabeça ... e fica aqui ó ... oh... ã... eu sei que a professora deu o exercício... ela apenas deixou um papel comigo...dizendo os números que fizeram os exercícios... tá?

As: ((...))

P: só... que eu não sei onde estão os exercícios ... eu não os achei... eu não sei o que aconteceu ... então estes (nomes) aqui né ... eu não sei ... não adianta ninguém brigá ... eu fiz ... deixei de fazê... ((...)) ô Fabiano ... por que não responde a chamada na hora exata?... ... respondeu? ... ..

A: respondeu... dona...

P: graças aos seus amigos aí ... ó... ficô falando ... fica com falta...

A: ((...)) ficô com falta...

P: então eu não sei se realmente..... vocês fizeram ... não ou não ...então vou confiar no que está escrito aqui... então o challenge... quem fez?

As: eu!

P: então Ingrid ... coloca o primeiro no quadro...

A: quem não fez copia ... dona?

P: quem não fez ... copia...

As: ((...))

*Challenge - pag.52 do LD - NA LOUSA:*

*A1: Do you have any brothers and sisters?*

*A2: I have one sister, she's in the 7th grade.*

*Ex1: A1: What's she like?*

*A2: She's really wonderful.*

As: ((...))

P: calma! ... calma.... eu chamo..... o número dois ... a Mel-  
lissa Neves vai fazê...

A: e o treis ... dona ... posso fazê?

As: ((...))

P: eu já falei!... depois eu chamo ... eu não quero que peça  
... Aline... fique quieta!

A: ah...

As: ((...))

P: Patrícia ... qual o teu número?

As: faltou ... dona! / As: trinta e treis ... trinta e dois!

As: ((...))

P: (aí é que é né...) ... só tem um nome aqui... ... Melissa ... vô dá positivo ((...)) ... Geraldo ... é assim? ... Ali-  
ne percebeu que não está no ((...)) vê se seu número aí ...  
... não dê palpites...

(barulho de As)

Ex. 2:

A1: *Are you in the 5<sup>th</sup> A or 5<sup>th</sup> B?*

A2: *I am in the 5<sup>th</sup> grade A.*

As: ((...))

P: Ellen ... qual o teu número? ... Carla... Renato...((...))  
... Mauri ...Natacha...

A: cê tá gravando ... dona? ...

P: pergunte ao A2 se ele tem irmãos ou irmãs...ó ... mesmo que  
você não tenham uma irmã só ..... o exercício esta pedin-  
do para dizer que você tem uma irmã... que esta na sétima  
série ... né? ... então *seventh grade* ... então ... e só ti-  
rar o cinco ... né que é de quinta série ... colocar o sete  
...*what 's she like?* ... *she's really wonderful* ... isso!

As: ((...))

P: ó ...então ... vamos repetir o primeiro... *do you have any  
brothers and sisters?*

As: *do you ((...)) and sisters?*

P: *I have one sister....*

As: *I have one sister...*

P: *she's in the seventh grade...*

As: *she's in the seventh grade...*

P: *what's she like?*

As: *what's she like?*

P: *she's really wonderful.*

As: *she's really wonderful.*

P: Tais... agora pergunte para o Rodrigo quantos irmãos ele tem ...você vai responder a realidade ... Tais ((...)) ... Carolina... pergunte para o Rodrigo... essa pergunta aqui... não ouvi!

A: olha pá Iosa e responde!

P: essa pergunta aqui Carolina! ... Daniela... pergunte para o Rodrigo..

A1: (Daniela): *(do you) have... any brothers and sisters* (A ALUNA NÃO USA ENTOÇÃO APROPRIADA PARA A PERGUNTA)

P: responda ... Rodrigo!

A2: (Rodrigo): *ãh... eu leio o segundo dona?*

P: só que tem que dizer a verdade...

A: responde!

P: *é ... I have...*

A2: ((...))

P: isso! ... então vejam ... aqui a pessoa tem que dizer o ano ((...)) que o livro quer ... mas cada um tem ... uma família diferente ... *ãh... do you have any brothers and sisters?* ...

As: ((...))

A: (Carla): *I have ((...))*

P: isso!

P: Fabiano... *do you have any brothers and sisters?*

A4: (Fabiano): *I have ... one sis...brother...*

P: isso! ... Rodriguinho lá ...*do you have any brothers and sisters?*

A5: (Rodriguinho): *I have one sister.*

P: Isso, ...então ... o segundo ... vamos corrigir que está errado ... pergunte ao A2 se ele esta na quinta A ou na quinta B ...*are you in...então vejam ... vocês vão colocar as duas possibilidades né ...repetindo ... are you in the fifth grade A or in the fifth grade B?*

As: *are you in the fifth grade A or in the fifth grade B?*

P: *I am in the fifth grade A /ei/...*

As: *I am in the fifth grade A...*

P: Fábio... pergunte para a Marlene ... se ela está na quinta A ou na quinta B.

A6: (Fábio): ((...))

A7: (Marlene): ((...))

P: o terceiro... ãh ...Daniela...

A: posso fazê ... dona?

A: deixa eu fazê o quarto dona?/ A: posso fazê o quarto dona?

P: já pedi que não peçam! ...Fábio! ...ãh ... Angélica ... pergunte para o Fábio

AB: (Angélica): *are you in the fifth grade A or in the fifth grade B?*

A6: (Fábio): não ouvi dona! ... não ouvi o que ela falou ... agora não sei responder ... também ...

P: ... ela perguntou ... *are you in the 5th grade A or in the 5th grade B?...answer!*

A6: *are you in the... / P: responda! ...você estará quinta A ou na quinta B?*

A6: *are you in...* / P: Ai... Fábio... quéq'ouve? ... aconteceu alguma coisa Fábio?...você é o aluno mais esperto ... tudo sabia ... de repente...

A: deu branco!

As: ((...))

P: ... ãh ... Sil/ Silmara ... *are you in the fifth grade A or in the fifth grade B?*

As: (RISOS) / A: Juliano!

P: Juliano ... *answer...* assim não é resposta nenhuma! ...Marlene...

A7: que dona?...

As: (RISOS)

P: Marlene ... *are you in the fifth grade A or in the fifth grade B?*

(barulho de As)

P: *I'm...in the fifth grade A...* ah ... meu Deus ... estou cansada de responder...

A: então dona...

P: então ... ((...)) pergunte ao A2 se ele tem ... é dezesseis anos...

NA LOUSA - 3º exercício - pag. 52:

A1: *are you sisteen?* (ERRO DE GRAFIA em *sixteen*)

A2: no, I am not. Yes

P: ó: ... a Daniela não foi esperta ... né ... porque se alguém quer entrar num filme proibido para menores de dezesseis ... não pode ser que não tenha dezesseis né? ... não dá né? ... pode?...

As: ((...))

P: ela respondeu a realidade ... mas daí ... ela não entraria no cinema ... né? .....,... então diga *yes*...

A: ((...))

P: então ... o porteiro do cinema vai perguntá ... você tem dezesseis? ... sim ... se disser não ... não vai entrar ... né? ... Ah... então .... repetindo... *are you sixteen?*

As: *are you sixteen?*

P: *yes*...

As: *yes*.

P: agora ... respondem a verdade ... vão dizer não ... e vão dizer a idade... *are you sixteen?*

As: *are you six*.../ P: Mauri aqui!

A9: (Maurício): ((...))

P: Rodrigo!

A5: *I'm twelve*...

P: *I'm twelve*... Ah: ... Melissa...

A10: (Melissa): *No*...

P: eu quero a resposta!...*eleven*...

A10: *I'm eleven*...

P: *eleven*... isso

As: ((...))

P: ô Rodrigo ...como você se apresenta?

A5: *my name is* ((...))

P. isso! ... Maurício ...como que você diz que está na quinta série?

A9: *I'm in the fifth grade*...

P: isso!...ãh...Fabiana ... como que você pergunta a onde você mora ... fale para alguém ... aonde você mora...

A11: ((...))

P: isso! ... ãh ... Ellen ... responda ... *where do you live?*..

A: *where do you live?*

P: aonde você mora...

A: como é que se responde, dona?

P: *I live in...*

A11: *I live in Jardim Boa Esperança...*

As: ((...))

P: Ah... Tais... *do you live on General Osório street?*

A12: (Tais): *no...*

P: *no... ah... vamos ver...Ingrid ... do you live in Jardim Chapadão? ... yes(?) ... é a única que eu sei aonde mora... ((...)) ... do you live in Centro?... yes...Fábio... do you live in Centro?*

A6: *no!*

P: *where do you live?*

A6: (SILÊNCIO)

P: *I live...*

A6: *I live...*

P: *in....*

A6: *I live in Jardim do Taquaraí...*

P: põe interrogação lá... (P se dirige ao aluno que faz o ex. na lousa)

As: ((...))

NA LOUSA:

4º exercício: A1: *where do you live?*

A2: *I live in Swift.*

A1: *How nice! I live in Swift, too.*

P: ãh... pergunte ao A2 onde mora... responda ... expresse satisfação... como qu'eu expresse satisfação?

As: *how nice!*

P: ... *how nice* ... como qu'eu digo...eu também moro na Swift?  
... como que eu digo ... ela disse onde mora... cada um colocou o seu bairro ... e cada um vai dizer ... eu moro no chapadão ... no centro ... na Swift também ... como que eu digo...

A: *yes...*

P: ... *I live... in...((...)) ... too ...* é Alípio ... *what's the meaning of Swift?*

A13: (Alípio): eu?

P: que que significa ... aquela palavra lá ...

As: ((...))

P: não! ... que que significa isso aqui...

A: é o meu bairro!

A: ((...))

P: mas isso daqui... é uma palavra em inglês ... eu quero saber o que ela significa em português...

A: nem imagino...

P: nem imagina? ...quem sabe?

As: ((...))/ A: quem tem dicionário?

A: dicionário de inglês tá em casa...

P: eu quero saber o que significa esta palavra em português...

As: ((...))

P: ((...)) procurem no dicionário...

(barulho de As)

P: número 5!

A: Ah... dona!

P: Melissa ... você sempre vai pro quadro

A10: eu?!

As: é!! (RISOS) - (barulho de As)

A: segunda-feira eu dou a resposta dona

P: isso!

As: ô dona! ((...))

P: o ... vocês já entenderam ... em casa ... quem tiver o dicionário ... procura e vai achá o que significa ... não... pode tê hamburguer da Swift ... mas é a marca da indústria ...eu quero saber o que significa em português! ... suponhamos que fosse .../ As: ((...))

A: dona ... não é bem-vindo?

A: bem-vindo? (RISOS)

P: ó ... agora vamos repetir a última ... *can I help you?*

NA LOUSA:

A1: *Can I help you?*

A2: *Are you Paulo Moretti?*

5º EXERCÍCIO:

A1: *No, the in room ten.* (ERRADO - Correto: *No, he is in room ten.*)

A2: *thank you.*

As: *can I help you?*

P: *are you Paulo Moretti?*

As: *are you Paulo Moretti?*

P: *no... he is in room ten...*

As: *no... he is in room ten...*

P: *thank you!* As: *thank you.*

P: como que eu respondo ao agradecimento?

As: *you're welcome...*

P. então vejamos... ah ... se eu lhe perguntar ... *are you Paulo Moretti?*

A: *no...*

P: *no... are you Mauri?*

A9: *yes...*

P: agora nós vamos começar a *Lesson 8/ eit/ ...*

A: *página doze...*

As: ((...))/ P: ((...)) (barulho de As)

P: então ... vamos à entrevista aí ... silêncio ... não ... pode perguntar o que você quer...

A: em inglês ou em português... dona?

P: evidente/ As: (BARULHO) / P: silêncio!!

A: fala alto!

P: vai Marlene ... você vai entrevistar a Carla ... então você vai perguntar o nome ... pode perguntar a idade ... onde mora... né?... (chi) ... então ouve lá ...

A7: (Marlene): ((...)) - Coment: As alunas estão muito inibidas e falam muito baixo.

A3: (Carla): ((...))

A: fala alto!

P: você sabe fazê a pergunta... ô...

A: ô... eu sei fazê!

As: alto!

A: *how are you!*

A: é em português!!

P: a Débora tá gravando ... fica mais perto dela ... lá... os outros em silêncio senão não dá para gravar direito...

As: ((...))

P: ela não consegue ouvi! ... ãh... alto!!

A7: *how old are you?*

A8: *twenty-five...*

A7: *do you live in... apartment...or... in a house?*

A8: (SILÊNCIO)

As: o nome!

A7: *what's your name?*

A3: *my name is Cristiane...*

P: pergunte se ela está na quinta ... sexta... sétima...

A7: *are you in the fifth grade... A...?*

(barulho de As)

P: *close your books!!*

A: fechem os livros!

P: fechem os livros... vamos começar lição nova... como que eu pergunto onde alguém mora?

A: onde cê mora?

P: em inglês!

A: *where do you live?*

P: *where do you live?*...como que eu pergunto ...pode sair Rodrigo!!...bom...*where do you live* ...como que eu pergunto ...Danilo ... se a pessoa mora num apartamento ou numa casa? ...Marlene

A7: *I live in a house or in an apartment...?*  
/rouse/

P: eu quero a pergunta!

(barulho de As)

P: não ouvi ((...))

A: *do you live in a house or in an apartment?*

P: então ... *do you live in a house or in an apartment*... nesta lição ... a primeira pergunta que o amigo vai fazer ... é para a pessoa ... você mora perto daqui? ... então vão começar igualzinho... *do you live* ... e vou dizer ... perto daqui? ... a pessoa sim ou não ... ah ... a quantas quadras do local ná? ... onde eles estão ... fecha o livro Hélio!... Aline ... então repetindo ... *do you live near here?*

As: *do you live near here?*

P: *near* é perto ... *here* .. aqui... então qual o local e .... qual o ponto ... de localização ...a escola ... então vamos pergunta prá alguém ... você mora aqui perto?... então essa pessoa mora... a quatro quadras ... cinco... dez... quantas quadras aí forem necessárias ... né ... então repetindo ... *do you live near here?*

As: *do you live near here?*

P: *yes...about five blocks from here...*

As: *yes...about five blocks from here...*

P: *yes...about five blocks...*

As: *yes...about five blocks...*

P: *from here...*

As: *from here...*

P: então vejam ... aqui eu tenho a rua ... aqui eu tenho *block* ...em frente ... aqui ... passa uma rua... então o que vai ser *block*? ( A professora desenha na lousa)

As: *ãh?*

NA LOUSA: P desenha um mapa improvisado da região próxima à escola.

P: ... quadra ... né? ... então aqui é a Avenida Anchieta ... aqui é a Benjamin Constant... aqui tem uma quadra... tem outra...pois tem outra rua... tem outra quadra ... né? ... e assim por diante ... então essa pessoa mora a cinco quadras daqui ... daqui onde... da escola ... nossa localização agora ... então repetindo ... *do you live near here?*

As: *do you live near here?*

P: *yes...about five blocks from here...*

As: *yes...about five blocks from here...*

P: um amigo ... né ... que/ FIM DA FITA - lado A

Lado B:

P: ...é um técnico de TV... *what does your father do?* ... agora eu vou perguntar para cada um de vocês ... se não souberem em inglês ... é evidente que não vão saber... eu coloco em inglês repetem ... Fábio... *what does your father do ?*

A6: (Fábio): aposentado...

P: então repita ... Fábio ... *he's retired...*

A6: *he's retired...*

P: mais alguém aqui tem o pai ...aposentado? ...

(barulho de As)

P: ... então repita Melissa... *he's an IBM worker...*

A10: (Melissa): *he's an IBM worker...*

P: o seu Maurício...

A9: (Maurício): agiota...

P: ich! esse me pegou...

A: que que isso dona?

P: ih... agora não sei...

A: a dona não sabe...

P: esse aí passou ... eu vou ver... *what does your father do?*

(barulho de As)

P: Danilo... *he's a salary analyst...*

A14: (Danilo): *he's a salary...*

P: *analyst...*

A14: *analyst...*

P: Rodrigo ..... Rodrigo... *he's a taxi driver...*

A2: *he's a taxi driver...*

P: mais alguém aí ...Angélica...

(barulho de As)

P: *he is a pharmacist...* (chi) ...Carla...*he is a public worker...*

A3: *he is a public worker...*

P: diga... *he is a section chief...* *section...* *section chief...*

(barulho de As)

P: maquinista ... não me lembro também ... Tais...olha ... não é isso aqui não né ... *he is a paper worker...* *worker...* (chii)... *he's a salesman...* *he is a salesman* (chii) ó ... a pessoa para quem eu pergunto fala ... o restante ouve ... agiota é uma pessoa que empresta dinheiro a juros altíssimos ... tá? ... então ... ganha dinheiro com dinheiro do emprés-

timo ... ele empresta mil cruzados... e tem retorno de três mil cruzados...

As: nossa! nossa!

P: cada um copia a profissão do seu pai ... né? ....., Adriano... engenheiro?

As: óh ... òh ... (pedido de silêncio)

P: (chii) *ãh ... he is an engineer ... Adriano...*

A15: que??

P: *he is an engineer!*

A15: *he is an engineer...*

P: *ãh ... /As: (muito barulho) / P: ... vocês não entenderam ainda ... só quem for responder é que fala ... com barulho lá de fora ... quase não dá pra ouvir... ãh ... *he is an oven maker...* ãh ... desculpe... *oven* é forno ... *stove...* *he is a stove maker...* então ((...)) ... fabricante de fogão ...então diga... *he is a salesman...**

A: motorista ... dona!

As: ((...))

P: motorista?..... (chii) ... *he is a driver...he is a personnel worker...* (chii)... olhe ... me desculpe ... a Débora está gravando a aula ... mais ... de duas uma... ou você é surda ou você é burra Aline... idem idem para a Melissa ... Fábiano ...

As: (SILÊNCIO)) /P: *he is a supervisor...* é a mesma palavra lá...

(barulho de As)

P: *he is a computation chief.... ó ...eu fico devendo... maquinista né... e que mais que eu não disse? ... agiota...*

- FINAL DA PRIMEIRA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "A" (período matutino)

AULA 2 - Data: 16 / outubro / 1989

Obs: D.C.M.Baghin

As: ((...))

P: eu fiquei devendo ...só não consegui achá uma uma  
((...))...

As: ((...)) (barulho)

P: então... ah... foi corretor ... quem que... quem tem o pai  
corretor aqui logo... corretor de imóveis ... quem que é o  
pai ... então olha ... é *broker* ... corretor de imóveis ...  
que vende casa ... terreno... chácara ... essas coisas ...  
ah... então ... aí depois... (interrupção da aula por uma  
menina de outra classe; veio dar um recado para a irmã.) ...  
olha ... pode ser também *engineer* né ... tipo engenheiro...  
olha...tchau... agiota que é o pai do Maurício ... então ...  
esse daí eu não sei... viu...

A: e corretor de imóveis... dona?

P: corretor de imóveis?

A: e... de apartamento ... vendas...

P: então ... *broker*!

As: ((...)) (barulho)

P: ((...)) tá... então ... continuando ... hoje nós não temos  
giz, desde ontem nós não temos giz na escola ... aí fica di-  
fícil né...

A: eu tenho um dona...

P: eu tenho ... eu tenho um pedacinho aqui né ... ah... em quem  
que eu parei? ... (Obs: a Profª pergunta a profissão do pai  
do aluno, e depois a escreve na lousa) ... na profissão do  
pai ... aqui ... parô nessa primeira aqui.../ As: ((baru-  
lho))/ P: ... Rodrigo... já falou? ... já ... então... Ali-  
ne... diga assim ... *he has his own business*...

A(Aline): *he has his own...business...*

P: ele tem seu próprio negócio né ... ele não tem patrão...

As: (risos) (barulho)

P: *he is a chief...*

A: *he is a chief...*

P: *he is an electrician...chief...he is an electrician... chief...*

(barulho de alunos)

P: então ... *he is... a D..R..E/ di..ar..i/...director*

A: *he is...*

P: a D R E...D..R..E!

A: D...R...E

P: *director...*

A: *director...*

P: ãh... então ... *he is...a steel worker... steel é aço... né ... então trabalhador... com aço... trabalhador que trabalha com aço... então metalúrgico...*

As: ((...))

A: dona... ali ó... na primeira letra ... é éle?

P: é pê ... ele...*he is a salesman... ãh...diga... he is a manager (10 SEGUNDOS)... he is a section chief...*

A: *he is a se...section chief...*

P: *section chief... section...chief... ãh ... pronto ... já foi tudo né? ... cê que andou dando ((...))...*

(barulho de As)

P: *he is a flower shop owner...*

A: *he is a flower shop owner...*

As: ((...))

P: eu ganhei sim... eu ganhei da Débora né? ... depois eu preciso lhe agradecer... ah... Patrícia...então ... *he is an electrician...*

A: (Patrícia): *he is an electrician...*

P: do Maurício eu fico devendo ... não consegui ainda achar ... já falou todo mundo né?...

(barulho de alunos)

P: *he is a chemist...he is a chemist...*

A: que?

P: *chemist...*então ... shhh (=pedido de silêncio)/ As: ((...))

P: Natasha... não sei se pode falar assim né ... eu não conheço outro jeito... *he is a FotoLito shop owner...*gerente aqui ó ... *he is a manager...*

A: *he is a manager...*

P: mais alguém que não falou?

As: ((...))

P: ó...então ... *what does your mother do??*

A: que qui é isso dona?

As: *what does your mother do?*(os alunos repetem após P)

P: qui qui eu quero saber?

As: ((...))

P: a profissão...

As: da mãe/P: da mãe ...então *father* ... é pai ... nós já perguntamos ... *what does your father do...* *what does your mother do* ... o que a sua mãe faz... dos alunos presentes ... levantem a mão ... aqueles cujas mães não trabalham fora... são donas - de-casa...

As: ((...))

P: olha... então ... todos estes alunos cujas mães são donas-de-casa... respondam... *she is a housewife...*

As: *she is a housewife...*

P: *wife* é esposa ... então seria a esposa do lar né .... a esposa da casa... então... dona-de-casa...Aline... a mãe pode ser formada ... só que ela não trabalha fora ... ela é dona-de-casa!

(barulho de As)

P: bom ...Melissa ... *what does your mother do?*

A: (Melissa): minha mãe é diretora do guarani e contabilista ... como é dona?

P: escolha uma!

A: as duas dona!

P: *ãh...she is a director...*

A: *she is a director...*

P: *and an accountant...*

A: *and an accountant...*

P: *ãh ... a tua Ellen...*

A:(Ellen): *ô dona ... ela costura ... só que ela costura dentro de casa...*

P: *she is a dressmaker...*

A: *she is a dressmaker...*

P: calma Fábio ... na tua vez você pergunta ... *ãh:...* Tais ... olha... nós temos aqui ó... *salesman* ... vendedor ... masculino ... então ... mulher é *saleswoman*...

As: seios!!

P: não são os seios que vocês conhecem em português não ...

As: (risos)

P: *she is a saleswoman...*

A: *she is a saleswoman...*

P: vamos guardar isso aí Daniela?... *she is a saleswoman... saleswoman...*

A: dona!

P: fala...

A: (minha mãe é douradora em química)

P: e As: ((barulho))

P: *she is a chemist...*

A: *she is a chemist...*

P: Rodrigo ...cada cópia(?) a profissão da sua mãe... (chii) ... *she is a secretary...*

A: *she is a secretary...*

(barulho de As)

P: *she is retired...então retired...é aposentada ... não trabalha mais ... Carla ... será? she is a... (BARULHO) ... ãh? ... que?...ãh... she is... an artistical education teacher, né ...an artistical education teacher...*

A: e digitadora?

P: o... *she is a computer worker...*

A: *she is a computer worker...*

A: de computador?...

P: é!

As: ((...))

P: *she is a lawyer...*

A: *she is a lawyer...*

P: Adriano...você deveria ter ficado cinco anos na Alemanha ... viu... Fábio... um só foi muito pouco...

As: hum! (ironia)

P: Adriano ... dona-de-casa? .....,... ãh ... *she is a teacher...* então diga ... *she is a teacher...she is a factory owner.... owner...*

A: ((...))

P: que ela faz lá? ... qui que ela faz lá?

A: ah... eu não sei...

As: ((...))

P: *she is a city hall worker...*

A: *she is a city hall worker...*

P: *worker.....* quer dizer ... é...é uma trabalhadora da prefeitura...

A: pera aí dona ... não apaga não que eu vou copiar!

P: eu sei ... não vou apagar aquele ...Alípio ...

A: poxa!!

P: então diz... *she is a chief section...*

A: *she is a chief sec...section...*

P: *she is a chief section... she is a chief section...eu sei que é ...she is a nurse.... ((...)) ...she is... ô Erika.... she is an operator...*

A: *an operator...ela não opera nada ... ela é telefonista ...a tua ... (15 SEGUNDOS)... ãh... como é que é a história aí? ... acessor?...*

A: acessora do diretor ((...))

P: tipo secretária? então ...

A: ela é assim ó ((...))

P: *she is... a director... a director...assistant...she is a doctor...*

A: *she is a doctor...*

P: no lugar do *he* cê põe o *she* ... *she is a flower shop owner* ...ãh... que nem a doutora aí ... *she is a doctor...*ãh... *she is a maid...*

A: *she is a maid...*

P: Maurício ... dona-de-casa também? ... *she is a secretary.... she is a saleswomen... she is a saleswoman...*só queria saber de quem é esse bonequinho aqui...

As: (risos)

P: certeza... sabe quando você ...o verá novamente?... *never more!*

A: a dona vai dar pro filho da dona brincá né?

P: aí que tá né ...meu filho não precisa não viu?!... mas vai ficar guardado ... só no final do ano ... dependendo do seu comportamento ... eu lhe devolvo... tá? ... então vejam bem. ..ãh...começamos a perguntar a profissão do pai ... depois ((...)) ... então ... com o livro aberto aqui...

Observações feitas a partir da transcrição da aula-data: 16/10/89  
- 5ª série "A" -  
Obs: D.C.M. Baghin

Esta aula gira basicamente em torno de duas funções: como perguntar o que o pai faz, e depois, o que a mãe faz. Ex: *what does your father do?* e *what does your mother do?*

O manual diz que o professor deve motivar a interação entre os alunos, desenvolvendo-lhes primeiro a segurança. Nesta aula observou-se que o professor domina o ambiente, ele tem a palavra, e não propicia momentos (durante a *Presentation*) para que os alunos pratiquem a função recém-aprendida com o colega ao lado.

Não houve acréscimo qualitativo de insumo, apenas quantitativo. Ainda com relação a este, podemos destacar os momentos de controle de disciplina, que acontecem com certa frequência. Em outros momentos P chama o aluno pelo nome usando tom severo: Ex:

p. 3 - P: Vamos guardar isso, Daniela?; p. 4 - Você deveria ter ficado cinco anos na Alemanha... viu ... Fábio?!

Temos ainda os momentos reservados aos informes previsíveis, como quando P comenta a falta de giz na escola (seria uma forma de discurso institucional).

Com exceção dos momentos em que P verbaliza as funções: *what does your father/mother do?*, e as respectivas profissões, tanto dos pais como das mães, seu discurso é todo em português.

Ex. de compartimentalização: V. folha nº 5: quando o professor diz o seguinte:

P: no lugar do he põe o she ... she is a flower shop owner...

Como a aula só girou em torno disto, foi ficando cada vez mais cansativa, os alunos muito indisciplinados, pareciam repetir mecanicamente após o professor, alguns sem muita noção do que estavam falando.

- FINAL DA SEGUNDA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

5ª série "A" (período matutino)

AULA 3 - Data: 19 / outubro / 1989

Obs: D.C.M. Baghin

(O professor faz a leitura das funções do LD/Lesson 8 com os alunos:)

P: *do you live near here?*

As: *do you live near here?*

P: *yes...about five blocks from here...*

As: *yes...about five blocks from here...*

P: *what does your father do?*

As: *what does your father do?*

P: *he's a TV repairman.*

As: *he's a TV repairman.*

P: já ... então este pai aqui... ãh... é um técnico em televisão né... conserta televisão ... virando a página ... há outras profissões que nós vamos repetir aí... né... algumas até tem aparecido ..... *he is unemployed at the moment...*

As: *he is unemployed at the moment...*

P: então aqui quer dizer o que ... ele está desempregado no momento... no momento o pai não tem profissão porque está sem emprego... né ... *he is a dentist...*

As: *he is a dentist...*

P: qual a profissão?

P e As: dentista... P: *he is a taxi driver...*

As: *he is a taxi driver...*

P: qual a profissão?

P e As: taxista ... P: motorista de taxi...

P: *he is a steel worker...*

As: *he is a steel worker...*

P: qual a profissão?

As: ((...))

P: alguém aqui tinha o pai com essa profissão aí... a Renata ali ó ..... qual a profissão do teu pai?

A (Renata): metalúrgico

P: metalúrgico ... *steel* é aço né ... ãh... *he is a lawyer...*

As: *he is a lawyer...*

P: alguém aí tinha a mãe com essa profissão né? que qui é?

A: advogada...

P: advogada ... advogado...

A: ao! (risos)

P: *ãh...he is a veterinarian...*

As: *he is a veterinarian...*

As: ((...))

P: *he is a farmer...*

As: *he is a farmer...* (barulho de As)

P: não ... não...

A: fazendeiro!

P: fazendeiro!..... *he is a bank clerk...*

As: *he is a bank clerk...*

P: qual a profissão?

As: bancário ... (trabalho bancário)...

P: bancário ... trabalha em banco ... *he is a baker...*

As: *he is a baker...*

P: que qui é *baker*?

As: ((...))

P: *baker!*

As: ((...))

P: *a baker works at Orly... Massa Pura ... Pura Massa...*

As: (risos)

P: *ãh?... a profissão é panificadora?*

As: (risos) ... padeiro ... padeiro!

P: isso ... padeiro... padeiro... qual é a profissão do pai do garotinho aqui... *he is a TV repairman...* aí... qual como o pai conserta televisão ... vamos perguntá se ele trabalha em alguma firma ... com o livro não pode ser feita ... existe a

Sharp né!... ((...)) ó ... como não pode fazer ... ãh...  
propaganda da Sharp ... tiraram o "s" e inventaram uma ...  
uma... firma que não existe...

As: (barulho)

P: então ... vejam bem ó ... então diga aí ... *does he work at Harp?*

As: *does he work at Harp?*

P: *no...he has his own shop...*

As: *no... he has his own shop...*

P: então eu pergunto ... ele trabalha na Harp?

As: não! ... ((...))

P: na Sanyo ... na Phillips ((...)) ... ele tem sua própria loja ... então ele tem sua própria ... é ... ele tem uma firma própria... né? então o Zé ... conserta televisão ... né? ... tem a firma dele lá ... aí em exemplo aqui embaixo... *bank clerk* ... suponhamos que a pessoa seja bancário ... *does he work at Bradesco?*

As: *does he work at Bradesco?*

P: *yes!* As: *yes!*

P: *no ... he works at the Banco Itaú...*

As: *no ... he works at the Banco Itaú...*

P: *lawyer... advogado ... does he works in a firm?*

As: *does he work in a firm?*

P: *yes!*

As: *yes!*

P: *no... he has his own law firm...*

As: *no... he has his own law firm...*

P: então ... trabalha numa firma? ... sim! não... ele tem seu próprio escritório... firma de leis ... né ((...)) escritó-

rio de advocacia ... Priscila... *does your mother ... have her own shop? her own firm?*

A: (Priscila): *yes...*

As: (barulho)

P: *no? ... does she works in a firm? ... no?... ela não tem escritório e não trabalha em nenhuma firma? ... tem? então ... does she have ... her own... firm? ... yes?*

A: (Priscila): *yes...*

P: *bom...então... ah...a Renata cujo pai é ... metalúrgico ... does he work at Bosch?*

A: (Renata): *yes...*

P: *acertei sem querer!... e se eu perguntasse does he work at... vamos... ver=*

A: ((...))

P: *=... at Cosipa? ... does he work at Cosipa? ...no...bom ... repetindo (o dê)... what does your mother do?*

As: *what does your mother do?*

P: *she is a housewife.*

As: *she is a housewife.*

P: *she is a nurse.*

As: *she is a nurse.*

P: *she is a secretary.*

As: *she is a secretary.*

P: *he is a teacher.*

As: *he is a teacher.*

P: *he is seventeen!... he is sixteen... dezenove? ... he is nineteen... ah ... he is eight...he is fifteen...*

A: *que horas acaba? ... dez?! / As: ((...))*

P: *he is nineteen ((...)) he is sixteen...he is one...*

A: ô dona ... aqui dona!

P: *he is eighteen...((...))*

A: ô dona ... pulô eu aqui dona!

As: (muito barulho)

A: pulô eu aqui dona!

P: você que não levantou a mão! ((...)) então diga a idade de um deles!

A: dez!

P: *he is ten...tá ... então repetindo ...how old is your brother?*

As: *how old is your brother?*

P: *he is twenty-one...*

As: *he is twenty-one...*

P: aí a profissão do irmão ... *what does your brother do?*

As: *what does your brother do?*

P: *he is a student.*

As: *he is a student.*

P: há alguém aqui cujo irmão trabalha?... não seja aluno... trabalhe fora... além de ser aluno ...((...))

As: ((...))

P: então diga... *he is a computer worker... he is an office worker... he is an office...*

As: *he is an office...*

P: *worker...*

As: *worker.*

As: (barulho)

P: olha ... é muito barulho ... ô Rodrigo ... a próxima vez que  
você me interromper ... das duas uma ... ou lhe xingo ou eu  
lhe jogo pra fora!

A: nossa!

P: você é muito engraçadinho para meu gosto... agora você tá aí  
conversando/ (problema na gravação - trecho interrompido)  
... *he is a manager...manager...* ãh ... *he is a supermarket  
worker...*

As: *he is a...*

P: *supermarket...*

As: *supermarket...*

P: *worker...*

As: *worker.*

P: o Adri ... o Adilson está estudando aí?

A: tá!

P: qui qui ele é ? ... ãh...

A1: ele trabalha em supermercado ... ele empacota coisa no su-  
permercado...

A2: não ... não

P: eu o encontrava sempre no Pão de Açúcar...

A: no Jumbo Eletro!

P: então tira o *supermarket...* onde trabalha?

A: ((...))

P: então ... *he is a worker...*

As: *he is a worker.*

P: bom ... o amigo, o irmão é estudante ... como que eu pergunto a profissão do irmão?

As: ((...)) *do?*

P: então ... repetindo... *what does your brother do?*

As: *what does your ((...)) do?*

P: *he is a student...*

As: *he is a student.*

P: bom ... como ele estuda ... eu quero saber o que que ele está fazendo... *what's he studying?*

As: *what's he studying?*

P: *medicine...*

As: *medicine.*

P: qui qui ele estuda?

As: medicina!

P: então ... vamos ver aqui...repetindo...*journalism...*

As: *journalism...*

P: qui qui ele estuda?

As: jornalismo.

P: jornalismo...*engineering...*

As: *engineering/engenheiro!!*

P: ele estuda engenheiro?!

As: engenharia!!

P: engenharia ...*social sciences...*

As: *social sciences...*

P: ciências sociais ... *law...*

As: *law...((...))*

P: *direito...law é lei... então quem estuda law...estuda direito... design...desenho...*

As: *design... desenho...*

P: *music...*

As: *music/música!*

P: *mechanics...*

As: *mechanics/mecânica!*

P: *cosmetology...*

As: *cosmetology ((...))*

P: *accountant...*

As: *accountant...*

P: *há alguém aí que é accountant... a mãe da... Melissa aqui ó...contabilidade...*

As: *((...))*

P: *bom ... aí eu vou querer saber da irmã...what about your sister?*

As: *what about your sister?*

P: *she goes to school...*

As: *she goes to school.*

P: *é claro que quando eu pergunto what does your brother do.... he is a student ... eu falo da minha irmã...she goes to school...ela também é ...she is a student ...ela também é uma aluna ...evidente ... aí o amigo quer saber a que escola ela vai...where does she go to school?*

As: *where does she go to school?*

P: *Júlio Ribeiro.*

As: *Júlio Ribeiro.*

P: é uma construção meio estranha ...para nós...brasileiros...,  
 ... onde ela vai à escola? ... no Júlio Ribeiro é o nome da  
 escola... se eu perguntar ... *where do you go to school*...  
 ((...)) a que escola se eu perguntar ... *where do you go to*  
*school*... ((...)) a que escola você vai... você dizer Carlos  
 Gomes né! ...((...)) acho que vai dar o sinal né?.....

- FINAL DA TERCEIRA AULA -

Observações feitas a partir da transcrição da aula de: 19/10/89-5ª  
 série A- período matutino

Obs: D.C.M. Baghin

O P começa a aula fazendo uma leitura das funções da lição B com os alunos e as palavras novas são traduzidas simultaneamente. P incentiva a tradução por parte dos alunos também. A função "que pergunta a idade do irmão" é apresentada com o livro aberto (mas segundo o manual, neste momento de "Presentation", os alunos devem ficar com os livros fechados), os alunos repetem e o prof. se dirige imediatamente aos alunos (individualmente) perguntando sobre a idade de seus irmãos. Ele não dá oportunidade para que eles pratiquem a função com o colega ao lado.

O acréscimo de insumo é quantitativo, o prof. dá aquilo que está no livro e o correspondente em inglês da resposta dos alunos. Há apenas um momento na aula em que ele tenta explicar uma profissão dando um exemplo em inglês: ex: P: (p.2) *a baker works at Orly...Massa Pura...Pura Massa...*

A passagem de uma função para outra se dá rapidamente. Depois de perguntar a idade do irmão, o aluno já vê como se pergunta a profissão do irmão, e as matérias que ele pode estar estudando.

O prof. ainda é quem domina; ele fala, os alunos repetem, e assim se desenvolve a aula.

A parte do insumo caracterizado como falas "destinadas" ao controle de disciplina é mais reduzida nesta aula (P parece mais ignorar o barulho dos alunos). Só que temos um contra-exemplo disto na p.5, quando ele se dirige a um aluno (Rodrigo) com muito agressividade.

A parte destinada aos informes previsíveis, como discurso intitucional, é inexistente nesta aula, como também qualquer comentário descontextualizado (informes imprevisíveis).

Tudo é dado muito rapidamente, o aluno sempre repetindo, não fazendo um uso natural da língua. Acreditamos que, nessas condições, a aprendizagem se torna algo quase impossível.

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "A" (período matutino)

DIÁRIO DA AULA 4 - Data: 23 / outubro / 1989

Obs: D.C.M. Baghin

Nessa aula P mandou que dois alunos lessem o "Transfer" da página 57; não trabalhou o "Dramatization", e pediu para que os alunos fizessem o primeiro exercício do "Writing" (pag. 58) em aula. (Este exercício deveria ter sido feito em casa, e corrigido em aula; no entanto, muitos alunos não o fizeram, e P foi obrigado a lhes dar tempo para fazê-lo).

- FINAL DA QUARTA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "A" (período matutino)

AULA 5 - Data: 26 / outubro / 1989

Obs: D.C.M. Baghin

O professor começou a aula devolvendo os exercícios (ex. 1 - pag. 58) entregues por alguns alunos na aula anterior.

P: doze, treze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove...vinte e três...vinte quatro...vinte seis...vinte oito...trinta e um, trinta e dois...trinta e sete...quarenta...

As: ô dona...eu ja fiz ((...))

P: mas...e onde está a folha? ((...)) ... ah ...o ... Fábio ... e Rodrigo ... Daniel...

A: o um e o dois só professora?

P: só o um...

A: só o um ...

A: ô dona ... o Rodrigo ((...))

P: Fabiana ... Renata ... Priscila ... Janaina ... ((...)) ...  
 Marlene ... Fabiana...quem mais que você falou que fez com  
 você?

A: ((...))

P: ((...)) ... Renata e Carla ...((...))... Melissa Neves...  
 quem ainda não entregou ... faça agora e entregue para nota  
 ... ((...)) primeiro ... quem é número vinte e quatro?

A: Janaina!

A: mentirosa!

P: você não tem nenhuma nota Fabiana ... você não tem nenhuma  
 nota... faça o exercício um aí... na próxima aula eu lhe dou  
 outro... ((...))...(15 SEGUNDOS) ... Angélica ... Helena ...  
 vamos parar Fábio?... (10 SEGUNDOS) ...Ellen ... (10 SEGUN-  
 DOS) ...dois!

A: eu...dona! ((...))

P: três!...cinco!...cinco...quem é?

A: sou eu!

P: oito...

A: eu!

P: dez!

A: aqui dona!

P: quem emprestou o exercício para o Amauri vai ficar com E!  
 hein!... você tem que fazer ... não copiar!...((...))...ãh...  
 . dez... ((...)) ... depois o número vinte quatro...vinte  
 seis...vinte oito... trinta... trinta e dois...quarenta ...  
 ((...))... (30 SEGUNDOS)

(burburinho: 15 SEGUNDOS)

As: ((...)) (CONVERSA ENTRE As)

P: olha... eu não sei quem foi ...foi (a) Tais (que fez exercí-  
 cio um e dois)... quem entregou o exercício um e dois? ...  
 fez o um e o dois ... era pra fazer só o primeiro ... e o  
 primeiro não completou!...foi a (Carolina)?

A: quem dona?

P: alguém ((...)) fez o um e o dois ... eu só queria o um!...

(BARULHO DE AS) / (10 SEGUNDOS)

P: olha... vocês quando fazem o exercício... precisam prestar atenção no seguinte ...vocês vão me dizer das profissões ... na página sessenta ou cinquenta e oito ...me parece...((...))... é ... cinquenta e quatro ou cinquenta e seis ... existem as profissões aqui em cima... é o vocabulário que deve ser usado ... mas o que acontece?!...vocês não prestam atenção ...se a pessoa é do sexo masculino ou feminino... vocês começam colocar she para homem ... he para mulher ... aí coloca assim... meu tio Maria...

As: (RISOS)

P: minha tia Mário ... né?!

As: (RISOS)

P: então... vamos concordar ... por isso que eu coloquei ... como que eu falo tio ... como eu falo tia... como qu'eu falo mãe como eu falo... ãh... pai...né ... então... por exemplo.. eu vou dizer... *my uncle Joana!*... meu tio Joana...então eu vou dizê ... *my aunt Joana*... só que aqui ... eu tenho um rapaz ... então eu vou dizê ... *my uncle João* ... *my father João* ... *My (cousin) João* ...eu só posso usar substantivo masculino ... não posso usar feminino ... não posso dizer *my aun/*...ãh... *my uncle João* ... *she works* ... o João ... né ... vocês se esquecem de concordar ... então fica errado a concordância ... agora vocês vão fazer o número dois... tá?

As: ((...))

P: Marlene... até agora ... eu queria saber quem que havia feito o dois... ninguém me respondeu ... eu sabia que alguém havia feito errado... vocês fizeram errado o primeiro ... só falaram assim... ãh... *my uncle João is a taxi driver* ... e não colocaram onde ele trabalha ... puseram o seguinte...foi você então?... por que não respondeu até agora??

A: não dona... eu pensei ... ãh...

P: eu fui bem explícita ... fizeram o um e o dois ... o dois eu não queria... eu corrigi mas eu não queria o dois!

A: ô dona! ((...))

P: agora... o exercício dois!

A: dona ... *she* significa ... é ... homem ou ... mulher?

P: *she* é pra mulher ... *he* é para homem ... *she* é feminino ... *he* ... é masculino ... tá?!...ó... exercício dois ... estes são seus irmãos ... descreva cada um deles ... você já estava chupando sorvete a hora qu'eu entrei? ...((...))

A: eu trouxe pra cá ... ((...))

(RISOS E BARULHO DE AS)

P: seus irmãos ... faz de conta ... agora vão dizer ... eu não tenho irmã ...eu não tenho quatro irmãos (P IMITA COM VOZ FINA) ... não interessa! ... é pra fazer de conta! ... tá? ...a ... tá vendo ... tô acabando de falá ... pergunta ... ai meu Deus do céu!! .. ah ... faz de conta qui esta fulaninha aqui esta fulaninha ... este fulaninhoo e este fulaninho... são seus irmãos ... tá? ... quem não tem quatro ... quem não tem nenhum não interessa!... são seus irmãos ... (vejam bem) ... *my sister Thais is twelve years old* ... então vejam bam ... o A está feito ... o A é este daqui... *twelve years old*... olha..... o que vocês vão mudar ... o *sister* e o nome da irmã ... você não terá duas irmãs com o mesmo nome né? ... então ...vai ter o irmão com o nome que tá aí ... né...

As: ((...))

P: ((...)) ...*my sister Thais is twelve years old*... onde que eu acho ... a idade? ... olhem o numeral doze aqui ó ... doze ... então eu tenho que colocar a idade ... doze...a segunda moça vai ser irmã também... então eu vou dizer ... *my sister Maria... is twenty-one years old*... olhem o vinte e dois aqui ó ... muda a idade ... só que eu tenho duas orações pra fazer ... a minha irmã Thais ... que tem doze anos. .. *she goes to Machado de Assis... and is in the 7th grade* ... ela vai para a escola Machado de Assis ... ela vai à escola Machado de Assis ...e ela está na sétima série...

As: ((...))

P: doze anos ... na sétima série...

A: ô loco!!

A: ô dona ,ô dona ... aí no doze é pra escrever ou pode colocar o número?

P: pode colocar o numeral... olha ... eu vou colocar a segunda oração aqui... coloquem embaixo...

A: dona... pode escrever de lápis?

P: de lápis não ... a lápis pode!

A: ô dona... a senhora ((...)) o doze ... não tem que escrever?

P: pode escrever ou não!... *she goes to Machado de Assis...* aqui eu posso usar o nome da escola ... Carlos Gomes

(barulho de As)

P: olha ...a série eu vou mudar também ... né! ... doze anos está na sétima série... ãh...

A: dona... pode ser em grupo?

P: pode... ãh ... vinte e dois anos ... vai falar que está na sétima série?... tá um pouco ruim... né ... na sétima série né?

A: não ... pôe... qu'ê professora já ... não pode por?

P: pode!...agora ... quando eu for falar do irmão... eu vou usar...

As: *brother!*

P: tá... eu não vou dizer *sister*... então os dois últimos ... a idade de um é quinze ... a idade do outro é dez ...tá? ... ((...)) que aqui também eu vou mudar ... tá?! ...se for homem eu não posso dizer *she*...

A: *he!*

As: ((...))

P: estenderam o que é pra fazer ? ... o dois ...agora ...o terceiro...

A: ah... dona!! (tom de reclamação)

(barulho de As)

P: o terceiro exercício ... nós temos aqui ó ... o Banco do Brasil ... que é o local onde diversas pessoas trabalham ...  
 ãh ... *Silva e Ramos Law Firm*...escritório de advocacia cujo nome é Silva e Ramos ...o nome é Silva e Ramos ...o nome dos proprietários ...ãh ... Volkswagen...

A1: revendedora Volkswagen...

A2: como é que a dona sabe que é Volkswagen?

As: ((...))

P: ãh...*Júlio Ribeiro School* ... que é a escola Júlio Ribeiro ... então ... que qui é que eu vou fazê? ... *does he work at Harp?* ... ele estuda na Harp? ... *no... he has... his own ... repair shop...* não ... ele tem sua própria loja de consertos ... de televisão ... ((...)) ... então vocês vão perguntar ... *does he work at Banco do Brasil?* ... cê vai dizê ... *no!... he works at Banco Itau... no!... he works at Banco Bradesco...*

As: ((...))

P: ãh... aí eu pergunto ... ele trabalha ... coloco o nome de uma outra firma de advocacia ... aí você pode dizer ... não ... ele tem sua própria firma de advocacia ... *no... he has his own... law... firm...ãh?*...e assim por diante ... entenderam? ... ãh... Janaína ... aproveita faça o número dois ... aí você fica com as duas notas (igual) tá?!

As: ((...))

P: ((...)) ... aí ... só no 4º bimestre ...já passou por quê?

A: tô com A...A... e A!

P: vou dar um E agora...

A: pelo amor de Deus dona! ... só inglês também ... viu dona?!..  
 .ah professora ... já fechei matemática...((...)) falta só portugueses...

P: também Neto... depois de três anos na 5ª série!

A(Neto): não ... dois!

P: dois? ... Olha ô ... falei, falei não adiantou nada !!

As: ((...))

P: trinta e dois ... ainda falta ... estes últimos precisa entregar... hein?.... as notas estão (com lápis) ... é ... só não fechei as faltas porque ainda há uma aula na segunda-feira...

As: (êêê!) (barulho)

A: eu já fechei de inglês professora?

P: que notas você tem?

A: A...A...A...A

P: só que reprova por falta! ... ((...)) Valkiria...

(barulho de As)

P: o Adriano tá aí ... quem é Adriano?...

As: ((...))

- problema na gravação -

P: *she goes to Fucc*....então ela tem vinte e dois anos ...né? ... pode estar até fazendo magistério estar na oitava série ... isso aí é relativo né?... *she goes to Fucc and is the first grade of Economy*... no 1º ano de Economia ... ela poderia estar no 1º magistério ... na 8ª série na 7ª série... depende de cada um né! ... indo pela lógica com vinte dois anos deve estar na faculdade mesmo né? ... mas se for igual o Neto né ... com vinte dois ((...)) né Neto?!... tô brincando ... o Neto agora criou juízo ...

A(Neto): mas não tô morto né dona?

P: é ... Carla ... faça o sexto...ãh ...Rodrigo ...((...))... Fábio ...((...))

A(Neto): o quarenta só tem A ... fala a verdade professora...

P: olha ((...))

As: ((...))

P: o próximo ... Fabiana...

A: eu dona?

P: ((...)) quinze ... faça o três...

A: eu também não fiz dona!...

A: que exercício dona?

P: ai meu Deus ...não é hora de intervalo ... pode chupar o pirulito ... só que acontece que os outros aqui podem ficar com vontade de chupar pirulito!

As: ((...))

P: Adilson está com vontade...

(RISOS E BARULHO DE As)

P: o Neto! ... olha a malícia ...Neto ... e pensar que fui eu que te dei ...

A: é verdade dona...

P: Daniela e Janaína ... ((...)) (15 SEGUNDOS)... Melissa Neves...*my brother Paulo is ten years old... he...* coitado do Paulo ... o Paulo é ela??

As: não...*she!*

P: *he goes to Machado de Assis...*

A1: o feriado vai emendá professora?

A2: sexta feira vai tê aula professora?

P: acho que não ...eu não sei ... qu's eu saiba é só quinta o feriado...*(it's up to you!)* ...sabe o que é isso? ...depende de você ... você é quem sabe ... Fabiana! ... faça ao lado (do três) ...Danilo ...*(ao lado de três)* ... depois eu termino de corrigir ...

- FINAL DA QUINTA AULA -

OBSERVAÇÕES SOBRE A AULA DO DIA 26 /OUTUBRO /1989 (QUINTA AULA):  
5ª série A (período matutino)

Obs: D.C.M. Baghin

Os alunos passaram a aula do dia 26/10 fazendo os exercícios 2 e 3 das páginas 58 e 59 do livro (exs. do *Writing*).

A professora passa um bom tempo desenvolvendo o ex.1 entregue pelos alunos na aula anterior; é ela quem fala quase o tempo todo, em meio ao burburinho normal da classe. Dá explicações de como devem ser feitos os exercícios 2 e 3 - sempre em português. Ela só fala em inglês aquilo que ela leu no livro, que é imediatamente traduzido. Como poucas exceções, ela faz uso de um "it's up to you" em determinado momento da aula (o que os alunos ficam logo sabendo da tradução, e que não chegam a repetir ou praticar).

Uma parte de suas falas é destinada ao controle da disciplina, por exemplo, o aluno que trouxe sorvete para a sala de aula; outra parte das falas se destina a informes previsíveis, como: a reprovação acontece devido a por faltas, e a informação dada a respeito do feriado.

APÊNDICE 2

- Diários e Transcrições de Aulas: 5ª série "B" -

DADOS PRINCIPAIS (Coletados pelo Pes)

LD: OUR WAY - Junior English Series / volume 1

CLASSE: 5ª série "B" (período da tarde)

DIÁRIO DE AULA - AULA 1 - Data: 30 / outubro / 1989.

Primeiramente P introduziu o Pes para a classe e desculpou-se com o Pes (diante dos alunos!) pelo "grau de infantilidade" dos alunos, dizendo algo do tipo "nessa idade eles acabaram de vir da quarta série e ainda são imaturos, são muito crianças". O Pes acenou com a cabeça, em sinal de concordância com a P e evitou comentários.

P iniciou então a primeira atividade sobre a LE utilizando o LD na unidade cinco (UNIT 5 - pag.38) e passou a explicar o primeiro diálogo da lição. P traduziu cada linha do diálogo, e em seguida fez a repetição do mesmo. Os alunos repetiram em coro, após cada fala lida pelo professor e tinham seus LDs abertos na página correspondente. Após a repetição, P escreveu na lousa:

Itália (país) ----- *Italy*  
italiano (nacion.) ----- *Italian*

P manteve-se sentada à sua mesa a maior parte do tempo em que explicou o diálogo e durante o procedimento de repetição. Os alunos demonstravam estar prestando atenção às falas de P e todos tinham seu LD, com exceção de uma aluna, que foi por isso repreendida por P.

P passou a apresentar e a fornecer a tradução das sentenças do próximo diálogo da lição e fez também o procedimento de repetição (os alunos repetiram em coro). O mesmo procedimento (apresentação e repetição) foi feito para o terceiro diálogo. Em seguida, P escreveu na lousa:

Copy: Where's she from?

Os alunos passaram então a copiar o diálogo no caderno, a pedido de P. Enquanto os alunos faziam a cópia, P fez comentários, com os As, sobre o programa e mencionou, por exemplo, o fato da classe estar "cinco unidades do LD atrasada".

P manteve os As informados durante toda a aula sobre a lição, quanto a aspectos linguísticos e metalinguísticos (vide TRANSCRIÇÃO), e sobre outros assuntos, como por exemplo o programa e os procedimentos de como conduzi-lo, segundo a orientação pedagógica da Prefeitura.

Na próxima etapa da aula P pediu aos alunos que fizessem a tradução dos diálogos já vistos da unidade 5. Quando os alunos terminaram a tarefa, a P corrigiu o trabalho, com a classe toda, fornecendo oralmente a tradução dos diálogos. P ditou frase por frase, chamando sempre a atenção dos alunos para a ortografia e a pontuação.

Traduções ditadas por P:

(DIÁLOGO 1)

- Quem é aquele menino?
- é Marcelo.
- Ele é americano?
- Não, ele não é.
- De onde ele é?
- Ele é da Itália. Ele é italiano.

(DIÁLOGO 2)

- Quem é aquela menina?
- é Ideko. (ou: Ela é Ideko.)
- Ela é japonesa?
- Oh, não! Ela é brasileira.
- Brasileira?
- Sim, ela é de São Paulo.

(DIÁLOGO 3)

- Quem é aquele rapaz?
- é Davi. (ou: Ele é Davi.)
- De onde ele é?
- Ele é da Inglaterra.
- Qual a sua nacionalidade?
- Ele é inglês.

Em seguida P pediu aos alunos para que abrissem o LD na página 40 e disse que viriam "bandeiras, nomes de países e nacionalidades". Seguindo a sequência do LD, P apresentou cada nacionalidade, como por exemplo *Japanese* e *Spanish*. Nessa etapa é também importante salientar os comentários de P sobre as nacionalidades e sua atitude diante da influência da LE/língua inglesa no contexto cultural e linguístico brasileiro (vide TRANSCRIÇÃO - aula 1).

Uma pergunta, feita por um aluno, sobre a diferença entre "inglês britânico" e "inglês americano" fez com que P fornecesse

uma série de informações metalinguísticas, para explicar "essa diferença" (vide TRANSCRIÇÃO - aula 1). Observa-se ao mesmo tempo, analisando-se as falas de P, sua atitude em relação à LE e sua opinião quanto ao que significa, para os alunos, aprender inglês como uma LE.

No final da aula, após o sinal de término de aula, P passou uma tarefa para casa, a ser feita no LD.

- FINAL DA AULA 1 -

LD: OUR WAY - Junior English Series / volume 1

CLASSE: 5ª série "B" (período da tarde)

AULA 1 - Data: 30 / outubro / 1989

P: unidade((...)), primeiro((...))

A: ((...))professora...

P: então vamos fazer uma coisa...vamos começar de novo...certo. ..você<sup>s</sup> vão acompanhar...em seguida você<sup>s</sup> vão ler((...))...primeiro você<sup>s</sup> vão((...))...daí você<sup>s</sup> vão fazer a cópia em seguida, tá? olha lá((...))...todo mundo de livro aberto((...))...*Where is*((...))...de onde que ela é, lembram?...o *from* significa a origem...de onde que ela é...então vamos acompanhar direitinho... *Who's that boy?*=

As: ((...))

P: =não, primeiro só eu, depois você<sup>s</sup> repetem...(eu) vou estar falando a tradução para você<sup>s</sup>((...))se esqueceu alguma coisa, vamos novamente entrar (no)((...))...quem é aquele ali? *That's Marcelo*...é Marcelo...*Is he American?*...ele é americano?...*No, he isn't*...não, ele não é...*Where's he from?*...de onde que ele é?... *He's from Italy. He's Italian*...ele é da Itália...ele é italiano. ..OK? então agora eu leio e você<sup>s</sup> repetem...olhando para o livro, não olhem para mim, tá bom? (leiam o texto)((...)) *Who's that boy?*

As: *Who's that boy?*

P: *That's Marcelo.*

As: *That's Marcelo.*

P: *Is he American?*

As: *Is he American?*

P: *No, he isn't.*

As: *No, he isn't.*

P: *Where's he from?*

As: *Where's he from?*

P: *He's from Italy.*

As: *He's from Italy.*

P: *He's Italian.*

As: *He's Italian.*

P: bom...eu já comentei com vocês que((...)) do país((...)) *Italian* é a nacionalidade, certo? os dois são escritos com letra maiúscula...prestem atenção que em português não acontece isso... português a gente escreve, por exemplo, Itália, que é o nome do país, certo, com letra maiúscula...olha aqui...e nós escrevemos italiano...que é a nacionalidade...certo?...nós escrevemos com letra minúscula, umm? em inglês isso não ocorre...nós vamos ver *Italy* com letra maiúscula e nós vamos ver *Italian* com letra maiúscula...(daí) nós vamos ver vários países, várias nacionalidades...então em inglês, nome do país e nome da nacionalidade, tudo com letra maiúscula, certo? então (hoje) nós vamos observar outras coisa aí...segundo parágrafo...então eu leio ...traduzo... vocês em seguida...depois vocês vão ler...*Who's that girl?*...quem é aquela menina?...*That's Ideko*...é Ideko...bom...Ideko soa como nome de japoneses, não é? e realmente, pelos olhos dela, ela é uma japonesinha...mas é uma japonesa que nasceu no Brasil, portanto ela não é japonesa, ela é bra...sileira, certo? então, por exemplo, no caso dela, certo? ela é filha de japoneses, mas nasceu no...Brasil...eu não posso falar que ela é japonesa, ela é brasileira...certo? então *That's Ideko*...*Is she Japanese?*...ela é japonesa?...*Oh, no, she's Brazilian*...ela é brasileira...*Brazilian?*...olha a indignação quando (vê)((...)) de olhinho puxado...*Yes, she's from São Paulo*...sim((...))São Paulo...repitam por favor...*Who's that girl?*

As: *Who's that girl?*

P: *That's Ideko.*

As: *That's Ideko.*

P: *Is she Japanese?*

As: *Is she Japanese?*

P: *Oh, no, she's Brazilian.*

As: *Oh, no, she's Brazilian.*

P: *Brazilian?*

As: *Brazilian?*

P: *Yes, she's from São Paulo.*

As: *Yes, she's from São Paulo.*

P: ah... lembrando vocês que em inglês...*Brazil*...vou repetir, hein?...escrito com...certo? não vão escrever Brasil com *z* na prova da dona Marcia, que eu vou falar que ela dê *I* pra vocês, certo? não vão começar a misturar aí...ah, porque eu aprendi que é com *z* então vou escrever na prova da dona Marcia, pra mostrar que eu tô sabendo...=

A: ah...(dona)((...))com ela...

P: =certo? então *Brazil* com *z* é o país...a nacionalidade também com letra maiúscula, também vai ser escrito com *z*...certo, gente? então, continuando aí...nós terminamos((...))?

As: não...

P: nós só começamos...(tá)...então vamo(s) lá...*Who's that girl?*

As: ((...))

P: vamos novamente...eu perdi a sequência (aqui)...

As: ((...))that girl...

P: eu perdi a sequência((...))...(tá)...vamos voltar((...))aí...então vamos lá...*Who's that girl?*

As: *Who's that girl?*

P: *That's Ideko.*

As: *That's Ideko.*

P: *Is she Japanese?*

As: *Is she Japanese?*

P: *Oh, no, she is Brazilian.*

As: *Oh, no, she is Brazilian.*

P: *Brazilian?*

As: *Brazilian?*

P: *Yes, she's from São Paulo.*

As: *Yes, she's from São Paulo.*

P: *vamos ao último aí...(((...))ao último...não, São Paulo...*

As: *(risadas)*

P: *(((...)))*

A: *Sun Paulo...*

P: *(((...))é São Paulo, hein?(((...)) na oitava série...(eu) não, não reparo muito isso, não...na oitava série escreveram uma coisa tão gozada outro dia que eu não sabia ler...na oitava, olha só... (se fosse na quinta ainda) teria uma desculpa, na oitava já não(((...)))...*

A: *(((...)))*

P: *(uma palavra) completamente torta...trocaram(((...)) numa redação...mas foi(((...)))...eu vou mostrar prá eles como eles não lêem jornal...você sabem que isso aí é porque vocês não tão lendo jornal, né?*

As: *(((...)))*

P: *a leitura (faz) com que (vocês) escrevam certo...agora, na oitava série, tem uns lá que...nem forçando, tá? vamos lá, gente, o último parágrafo...(um apressadinho aí), né?...bom, toda vez que a gente vê um relógio...assim tipo *Big Ben* a gente já sabe que é da Inglaterra...=*

As: Big ben, big ben, big ben...

P: =né? então, vamos lá...*Who's that boy?*...quem é aquele menino?...*That's David*...é David...*Where's he from?*...de onde que ele é?...*He's from England*...ele é da Inglaterra...*What's his nationality?*...qual a sua nacionalidade?...*He's English(i)*...ele é inglês...OK? então vamos lá...*England*... é o país...*English(i)* ((...)) com letra maiúscula...repitam por favor...*Who's that boy?*

As: *Who's that boy?*

P: *That's David.*

As: *That's David.*

P: *Where is he from?*

As: *Where's he from?*

P: *He is from England.*

As: *He is from England.*

P: *What's his nationality?*

As: *What's his nationality?*

P: *He's English.*

As: *He's English.*

P: (então) vamo(s) lá...rapidinho...(em cinco) minutos...

A: ((...)) cinco minutos((...))...

A2: ((...))

(barulho)

P: ((...))...rapidinho, hein, gente...

(barulho)

A: ((...))

P: umm?

A: ((...))

P: (sei)...

(barulho)

P: Janaina... esqueceu tudo hoje?

Jan: é professora((...))

P: vai mal, hein?

(barulho)

P: ((...))

A: ((...))

P: ((...)) não sei se eu já falei pra vocês...(barulho)... eu conversei com a orientadora pedagógica da prefeitura (desde) a semana passada, já contei pra vocês?

As: tss, tss... (=negação)

P: ((...)) cinco unidades atrasadas((...)) na prefeitura... não contei, né?... contei só na outra classe... então((...)) a orientadora pedagógica da prefeitura... expliquei pra ela que como não veio uma pessoa me substituir, né, nós estamos cinco unidades atrasadas... lembram que eu falei pra vocês((...)) na unidade dez, né?... até (ela falou o seguinte)... (para) eu não atropelar o semestre... dar a matéria e depois((...)) terminar... começar correr, correr com a matéria, certo? eu vou dando a matéria normalmente, até o fim do ano... (vamos supor que eu) termino a unidade sete... o ano que vem... eu continuo sendo professora de vocês... ou a dona (Eleusina) ou a dona Marcia... uma das três (que é) professora de inglês, certo?... a professora de inglês vai continuar da unidade (mesma) que nós paramos...

A: e se for((...)) sexta série não terminar o outro((...))

P: ((...)) (depois) dá pra acomodá(r) tudo direitinho((...))... 'cê entendeu? então (se), por exemplo, (em casa) as mães vão falar "a dona Elaine adotou livro, e não termina o livro?", certo? então, não fiquem preocupados, que as mães não fiquem preocupadas que ((...))... eu fiquei preocupada, 'ceis lembram, quando eu cheguei no primeiro dia... tudo atrasado... então que vocês não se preocupem... e suas mães((...))... e também não... e não percam o livro o ano que vem, por favor((...)) continuar... certo? e o ano que vem a gente continua da onde (parou)((...))

A: agora...

A2: no ano que vem((...))?

P: não, eu nunca pego as duas classes..olha, a pergunta que ele fez aqui...se eu pegar a classe de inglês, eu pego a de português na sexta? não...é que daí ficam muitas aulas...por semana...com o mesmo professor...vocês cansam...

A: é, mas a dona num cansa...!

P: não cansa hoje que são só duas aulas por semana...(seis) aulas por semana comigo, vocês cansam de me ver...(vocês) começam a não estudar...certo? então vamos terminar, gente?

As: ((...))

A: eu ainda tô no segundo...(barulho)

(TRÊS MINUTOS)

P: vamo lá?((...)) (barulho) terminando essa unidade, nós vamos ((...)) umas aulinhas prá (nota) do mês...do terceiro bimestre ((...))

A: vai cair o que, dona?

P: então...terminando essa unidade (depois) a gente combina direitinho...tá?

(barulho)

P: ((...))

As: ((...))

A: ô dona, dá coisa fácil...

A2: ((...))

A: pode fazer à lápis, professora?

P: pode fazer à lápis...(barulho)...primeira linha=

A: pera aí, dona...

P: =travessão...

A: pera aí, dona...

A2: pera aí, dona...

As: não, dona...

P: vai...(barulho)...todos já pararam, né? pode começar?

As: pode...

P: então, primeira linha...travessão...quem é aquele menino? interrogação...na linha seguinte, travessão...

As: ((...))

P: (ou todos) sem travessão...é Marcelo, ponto...na outra linha, travessão...ele é americano? interrogação...na outra linha, travessão...

A: ô, dona ((...))

P: ((...))novamente((...))letra maiúscula, né? então, travessão...não, vírgula, ele não é, ponto...na outra linha, travessão...de onde ele é? interrogação...de onde ele é? interrogação...na outra linha, travessão...(barulho) ele é da Itália, ponto, na mesma linha...ele é da Itália...Itália com letra maiúscula, é o nome do país, não é? ele é da Itália, ponto, na mesma linha...ele é italiano...

A: ((...))

P: na mesma linha...(barulho)...italiano com letra minúscula...então agora vamos para o segundo desenho...travessão...quem é aquela menina? interrogação...na outra linha, travessão...é Ideko...

A: é Ideko?

P: ela é Ideko, ou somente, é Ideko...

A: (pera aí, dona...)

P: na outra linha, travessão...ela é japonesa? interrogação...na outra linha, travessão...oh, não! exclamação...oh, não! (exclamação) na mesma linha...ela é brasileira, ponto...na mesma linha...brasileira com letra maiúscula...na outra linha, travessão...brasileira? interrogação=

A: brasileira com letra maiúscula...

P: =interrogação...na outra linha, travessão...sim, vírgula, ela é de São Paulo...terceiro desenho...travessão...

A: calma aí, dona...

P: quem é aquele rapaz? interrogação...vocês colocaram menino? tudo bem ((...))...eu falei rapaz (porque) ele tá de terno, né gente? (porque) boy pode ser menino, garoto ou rapaz, não é? ((...)) um menino de terno...

As: ((...))

P: então...quem é aquele rapaz? interrogação...

As: ((...))

P: na outra linha, travessão...é Davi...ou senão, ele é Davi, tanto faz...na outra linha, travessão...de onde ele é? interrogação...na outra linha, travessão...ele é da Inglaterra...ponto...na outra linha, travessão...qual é sua nacionalidade? interrogação...nacionalidade, interrogação...na outra linha, travessão...ele é inglês...agora (em vez de) nós fazermos os exercícios da página trinta e nove, virem na página quarenta...nós vamos ver aqui essas bandeiras, os nomes das pessoas ou países e a(s) nacionalidade(s)...então 'cês vão ver aí que vão aparecer oito países e oito nacionalidades, certo? na próxima aula, nós vamos colocar na lousa vários países importantes e as respectivas nacionalidades pra vocês...por exemplo, aqui todos são importantes, certo?...mas tá faltando muita coisa aqui ((...)) ou outro país...na próxima aula nós vamos colocar na lousa, de um lado o país, e do outro lado, a nacionalidade, correto? então, pra vocês terem assim uma noção...colocaram aqui oito, depois a gente vai completar na lousa, na próxima aula...((...))...então, olha lá...Ching Ling...o nome já está dizendo...olha ((...))(brasileiro), não é? ela é da...China...((...))(não falei) ((...))...China, Chinese...os dois com letra maiúscula...o país, China...Chinese a nacionalidade...Vicente...Vicente é nome de português...certo? Portugal, Portuguese...Suzuki...Suzuki, não é? tem até uma moto, Suzuki, certo? =

A: ((...))

P: =não é? tem um(a)...o nome dele...a...o=

A: o autódromo...

P: =o autódromo lá...corrida de fórmula um...foi em Suzuki, né? o nome da cidade é Suzuki, no Japão, não é? então, 'Ojapan (em vez de Japan), Japanese...Pedro...Pedro é um nome bem brasileiro. ..=

A: ahh...(discordância)

P: =né, Pedro, Paulo...José...e Joaquim? Joaquim é ((...)), certo? então olha lá...Brazil, com z...Brazilian com z também... prestem atenção nisso...então, vamos ((...))... país e nacionalidade, os dois com letra maiúscula, não é? não vão pôr na prova... escrever com letra minúscula que nem português ((...)) dona, esqueci...eu tô frisando bem pra vocês que os dois são com letra maiúscula...

As: ((...))

P: Sally...America...Estados Unidos...e American, americano... Juan...né? prestem atenção que escreve Juan mas se lê "ruan" por ser espanhol...certo? então Juan...Juan (é da) Espanha, em inglês se lê "Spain" (para Spain), "Ispenish" (para Spanish)...Kelly... Kelly da Inglaterra...England, Englishi...

A: (O) dona, agente (num) usa o nome Kelly...?

P: aqui também..mas é ((...)) menos (cotado) ((...))...o que que o brasileiro não copia...=

A: tudo...

A2: O dona...

P: =certo? ((...)) carrinho de cachorro quente...custava eles escreverem "cachorro quente"? não...mas eles escrevem=

As: hot-dog...

P: =hot-dog, não é? outro dia, eu tava passando em frente à Escola Normal...baiano's dog...

As: ah, ah,...(risadas)

P: dog, ((...)) em inglês com baiana, já viu que baianada saiu...certo? então...brasileiro copia tudo, gente, certo? então 'ceis vejam só, nós temos na nossa língua, não é, muitas palavras importadas que no fim são incorporadas à língua, não é...e mudam depois até a maneira de escrever...vejam só...uma observação que

As: ehh...(indignação)

P: (tava certo)...toailete...vem do francês, né? escreve assim em francês, né? mas...nós a trouxemos para o português...essa palavra, não é? (vocês já viram)...em ônibus eles não colocam "banheiro à bordo", não é? (o) que que eles colocam? toailete à bordo, não é isso gente? por que...escrever banheiro...não é?=#

A: dona...

P: =...é pesado num ônibus...

A: dona, e...e...e (esse negócio) de WC?

P: mesma coisa...

A: mesma coisa?

P: mesma coisa...então, gente, essa palavra entrou para o português...e ficou toailete...já é uma palavra aportuguesada...em francês assim...a gente pronuncia "toailete" e a palavra já foi aportuguesada...se vocês procurarem essa palavra nos nossos dicionários vocês (vão) encontrar...umm? essa palavrinha...abram (um) dicionário de português, o Aurélio, que vocês têm, aquele de bolso, não é? procurem a palavra toailete em português, que você vão encontrar...essa palavra já foi aportuguesada...

A: olha, dona...

A2: dona...

P: um (de) cada vez...fala...

A: ((...))

P: ((...))...gente, a pergunta dele aqui...(há) alguma diferença do inglês da Inglaterra e o inglês dos Estados Unidos? não!...o inglês da Inglaterra e o inglês dos Estados Unidos são idênticos, certo? a única coisa que 'ceis podem notar (uma) diferença é a maneira como é pronunciado...no inglês da Inglaterra...é mais nítido...o inglês nos Estados Unidos é mais...rápido...e eles não pronunciam as palavras com tanta ((...)) o inglês da...Inglaterra...que nem o português do Brasil...=#

A: ((...))

P: =e o português de Portugal, né?

A: qual (o) inglês que a gente tá aprendendo?

P: umm?

A: qual inglês a gente tá aprendendo?

P: nós (es)tamos aprendendo o britânico, da Inglaterra, que é igual dos Estados Unidos...se o 'cê for nos Estados Unidos 'cê vai entende(r) (a mesma coisa)...certo? só que o americano...fala mais corrido...o inglês da Inglaterra fala mais devagar...certo? justamente...prá aprender, 'ceis precisam aprender uma coisa mais devagar, não é? agora...lógico que quando tive(r) sabendo bem, 'ceis podem ir pros Estados Unidos, certo? ((...)) lá você vai entender normalmente, só que eles falam mais depressa, 'cê tem que...acompi...acompanhá ((...)) com uma rapidez bem maior...português de Portugal e português do Brasil...idêntico(s), escreve do mesmo jeito...tudo...só que o português do Brasil...fala enrolado, certo?

A: (é ao contrário)

P: o português de Portugal...eles correm pra falar, não é? e o português do Brasil não...fala mais devagar...mesma coisa, só que (o meu vizinho) de Portugal...(ele) fala tão...tão gozado, dona, realmente eles falam (assim) bem enrolado...certo? ((...)) o meu avô era português, não é? faleceu já...ele falava (e) eu dava tanta risada, não é? =

A: ((...))

P: ...não é? agora eu fico pensando, puxa vida, eu dava tanta risada do velhinho, coitado, não é?...e ele...((...)) normalmente, mas aquilo pra mim era uma novidade...certo? quando ele ia pra Portugal e voltava...daí ele falava mais enrolado ainda...

A: ((...))

P: o inglês não tem acento...a outra pergunta que ela tá fazendo aqui...por que o inglês não tem acento? a língua não tem acento...(assim) em português também ((...)) já caíram vários acentos...mas restaram vários pra vocês estudarem...no ano que vem (eu) vô tomá de vocês...((...))

A: tinha mais acento ainda?

P: tinha mais acento... em mil novecentos e setenta e dois (determinaram) uma reforma ortográfica (e daí) caíram os acentos...

qué vê...sua mãe deve escrever ainda...sua mãe quando escreve pra sua vó...bilhetinhos, assim, não é...ela pode...ela deve escrever ainda palavras com acento, palavras que perderam o acento...por exemplo, a palavra ele...'ele é bom', né? a palavra ele tinha acento circunflexo no e...esse acento desapareceu...você (vão) aprendendo assim hoje, não é? sem acento...((...)) (equiparação com) suas mães, suas vós...suas avós escrevem...elas (ainda devem colocar uns) acentinhos aí...certo?...porque elas tem..elas estudaram antes daquela reforma de mil novecentos e setenta e dois...umm? então, vários acentos já...caíram...e outros ficaram, não é? e esses outros (você têm que) estudar...

A: ah... (reclamação)

P: o ano retrasado a mãe de uma aluna...(vou contar) esse caso pra você...prá você...até comentei na prefeitura depois com...com as orientadoras pedagógicas de lá...o ano retrasado...(eu) corrigindo uma prova de sexta série...um aluno...((...)) uma aluna com um monte de (erros)...certo?...então ((...)) de acentuação eu colocava uma bolinha em cima da acentuação e (depois eu) desconto o que tem que desconta...entreguei a prova, tudo...veio a mãe do aluno...aí ela veio conversar, não, ela veio brigar...porque conversar é devagar, né, e brigar é:...ela já veio brigando comigo...eu falei, nossa, o que é que tá acontecendo...

A: aula de português, dona?

P: ela veio falando...falando pra mim...se eu não sabia, como professora de português...que os acentos da língua portuguesa já tinham caído...eu falei, nossa, que novidade...eu como professora de português num tô sabendo disso...que os acentos caíram...e ela falou, não, porque saiu na televisão que há um estudo...olha!...há um estudo...para os acentos caírem, umm? mas o estudo já acabou...certo? então o que ela achou...como há um estudo para os acentos caírem, que os acentos não precisam mais ser considerados...a gente pode levar isso em consideração?

As: (não)

P: gente, mas ela brigou tanto, tanto comigo...e queria que eu considerasse todos os erros do filho dela...(eu falei) a senhora não vai me convencê...então eu vou dar um conselho pra senhora...a senhora tira seu filho daqui...porque se ele continuar sendo aluno meu até o fim do ano, eu vou descontar todos os erros...e consequentemente como a senhora não quer que desconte, ele vai ter que ((...))...certo? eu comentei isso uma vez lá na prefeitura...a maneira como a mulher veio...ela escutou na televisão uma coisa...e entendeu outra...certo? e veio brigar comigo, não é?

((...)) quando suas mães quiserem conversar, podem mandar que elas conversem comigo, não que briguem...certo? porque tem mãe que (vem aqui) pra brigar mesmo, não é? e esse caso foi por causa do acento aí...certo? não sei se eu expliquei direito (porque em) inglês não tem acento, não é? gente, então ficou faltando aqui a Rita, na página quarenta...a Rita veio *Turkey*...Turquia... "Tár-quishi"..turca é a nacionalidade...bom, na próxima aula, na quarta-feira, eu vou trazer países...nacionalidades...(SINAL/TÉRMINO DE AULA)...certo? gente, para casa...página trinta e nove...

A: ahh...(reclamação)

P: façam o exercício A e B...tá? (tá bom?)...exercícios A e B da página trinta e nove, tá? (barulho)

- FINAL DA PRIMEIRA AULA -

LD: OUR WAY - Junior English Series / volume 1

CLASSE : 5ª série "B" (período da tarde)

DIÁRIO DE AULA - AULA 2 - Data: 08 / novembro / 1989.

OBSERVAÇÃO: Esta segunda aula observada aconteceu somente após um período de nove dias desde a primeira aula observada, devido a duas faltas consecutivas de P, respectivamente nos dias 01 e 06 de novembro.

Os alunos estavam, nesse dia, especialmente mais agitados do que na primeira aula observada. A presença do Pes na sala de aula já começou a deixar de ser um fator de inibição.<sup>1</sup>

P perguntou aos alunos se haviam feito a tarefa para casa e quem gostaria de ir fazer os exercícios na lousa. Após alguns comentários de P e dos alunos (vide TRANSCRIÇÃO - aula 2), uma aluna foi à lousa e escreveu o exercício A da página 39. Nesse momento, P revisou o significado de *from*, salientando que indicava "origem" e tinha o significado de "de". P perguntou então aos alunos se eles haviam entendido o exercício. Alguns alunos foram bastante "rígidos" durante a correção, e confirmaram verbalmente a necessidade de utilizar "letra maiúscula" para países e nacionalidades em inglês, aspecto esse que havia sido bastante enfatizado por P na aula anterior.

OBSERVAÇÃO: O exercício de compreensão oral da página 41 não foi dado.

Em seguida P chamou a atenção dos alunos para o quadro azul da página 42, contendo um resumo da gramática pertinente à unidade (ênfase na utilização da preposição *from*). A P escreveu na lousa

Janaína is from Campinas.

e explicou enfaticamente os exemplos do quadro do LD.

A próxima atividade da aula foram os exercícios A, B e C das páginas 42 e 43. A P explicou cuidadosamente o que cada exercício pedia e em seguida os alunos fizeram a tarefa no próprio LD. Nesse momento, a P deslocou-se pela sala de aula, monitorando o trabalho dos alunos. Ocasionalmente, quando o aluno não sabia uma informação "geográfica", por exemplo, a nacionalidade correspondente a um determinado país, a P o ameaçava dizendo que iria contar o fato para a professora de geografia.

OBSERVAÇÃO: Uma aluna havia esquecido seu LD (vide transcrição - aula 2).

Na última parte da aula P fez a chamada, pelo número dos alunos, dizendo os respectivos números em português. A chamada foi iniciada e os alunos respondiam também em português, por exemplo, "presente". Em um determinado momento (vide transcrição) P lembrou aos As que a chamada deveria ser respondida em inglês. A chamada foi reiniciada e terminada.

P fez toda a chamada em português, apesar de haver exigido que os alunos respondessem em inglês. Uma razão para esse procedimento seria a de garantir que os alunos compreendessem seus números no momento em que estavam sendo chamados e evitar problemas com faltas marcadas erroneamente.

No final da aula P tentou iniciar a correção dos exercícios. Uma aluna foi até a lousa mas nesse instante soou o sinal de término de aula.

NOTA 1: Observa-se uma semelhança no comportamento dos alunos em diversas classes, por ocasião da primeira aula observada. Todos mantêm "bom comportamento" e fazem silêncio, evitando brincadeiras que não tenham relação com a matéria. O comportamento dos alunos, entretanto, varia bastante nas aulas subsequentes, quando já não predomina o fator inibição devido à presença do Pes na sala ou da utilização do gravador.

- FINAL DA AULA 2 -

LD: DUR WAY - Junior English Series / volume 1

CLASSE: 5ª série "B" (período da tarde)

AULA 2 - Data: 08 / novembro / 1989.

(barulho)

A: pegá...pegá...pegá a((...))

P: pegá o que, Janaina?

A: ((...))

As: ((...)) (barulho)

P: eu mandei fazer (os) exercícios da página (trinta) e nove, exercício C...

A: ((...)), dona...

P: eu mandei fazer...

A: (num) mandô...

A2: ninguém fez...

P: quem vem à lousa pra mim, faz favor?...

A: eu, eu, eu...

A2: eu, dona...

A: eu, eu...

A3: eu fiz, dona...

P: quem vem à lousa e tem letra boa?...

A: ele...

P: você tem letra boa?

A4: ai, não...(barulho)

A: cala a boca aí atrás...

P: ((...))

As: ((...))

P: senta... (barulho)... gente... vamos à correção dos exercícios, por favor... (rápido)... todo mundo corrigindo, sem brincadeira...

A: é... é no caderno, dona? no livro?

A2: ((...))

A: umm? (dúvida) (onde?)

A2: (no caderno)(barulho)

P: bom, gente, então prestem atenção... na aula passada nós vimos que a preposição *from* significa "de", é a origem... então, de onde que Marcelo é? *Marcelo's from Italy*... então esse *from* significa "da Itália", indicando origem... certo?... tô vendo que hoje (eu) vou precisar chamar a atenção de alguém...

A: de quem, dona?

P: (de) você mesmo...

A: euuu?... eu dona?

P: é...

A: eu tô quieto... (barulho)

(UM MINUTO)

A: ô, dona...

P: oi...

A: eu coloquei assim, dona...ô...

P: quem ao invés de colocar Marcelo, David, Ideko e Suzuki, colocou *he*, *she*, dá na mesma... certo? substituiu os nomes pelos respectivos pronomes... então quem não entendeu veja agora porque não entendeu... (barulho)... (pera aí, Janaina)... obrigada... fala, Fernando... (barulho)... ((...))... ((...)) tudo bem...

A: dona Eliana, dá licença... (P estava na frente da lousa)

P: é ((...))...

As: ((...))

P: fecha a porta pra mim, faz favor...

A: ô, deixa aberta...(barulho)

P: deixa eu ve(r)...((...))

A: é um e dois...

P: é um e dois, dá na mesma, né? (comentário sobre um item na lousa)

A: é, mas só que (lá em cima)((...))

P: olha ((...)) (barulho)...letra maiúscula, os dois...os dois..  
..((...))

As: ((...))

P: Douglas, você pretende lecionar depois?...

Pesq: ((...))

P: hoje eu fui ao Estado ((...)) no Estado ((...))...((...))  
gritavam tanto no corredor que eu saí com dor de cabeça...até ((...))  
..((...)) (com) uma colega ((...))...((...)) reposição das aulas por  
causa da greve, eles estão cansados (porque não tiveram férias desde)  
fevereiro, sabe...durante a greve eles não puderam viajar porque é  
uma tensão...será que volta, será que não volta...((...))  
)...então eles estão emendando desde fevereiro...para eles, (vir à  
escola é)((...))...então (eles não sentam) mas eles ((...)) no  
corredor...((...))...bom, gente...vamos corrigindo...

A: calma...

As: ((...))

P: ((...))...o que que tem a três?...

A: (tá) certo?

P: *is Carmen from England? Yes, she is...she's English...certo?*

As: iii...

A: ô dona...

P: pronto, pronto...ela colocou um *the* lá que não existe...

A: milagre...(comentário irônico sobre uma aluna que "nunca erra" e havia utilizado um *the* erroneamente)

A2: uuuu...

P: certo?...

A: fiz tudo errado, dona...

P: ah, isso que é, né?

A: ((...)) (barulho)

P: pronto, gente?...

As: não...

P: quem já terminou abra na página quarenta e dois...né...(que) na aula passada nós vimos até a página...=

A: ô dona...

P: =quarenta...

A: ô dona...((...)) na prova que ia dá ((...))

P: é, mas eu não vou ((...))...como eu faltei dois dias, eu perdi um pouco a...a sequência aí da...(do livro)...tá?...pronto, gente...página quarenta e três...então nós estamos vendo...na página quarenta e dois nós temos um quadro azul...onde eles (explicam) a gramática, né? eu coloco na lousa quando aqui está incompleto...mas aqui é tão (simples) a gramática que não há necessidade de colocar na lousa...(pode ser acompanhado) no livro, não vai ter problema algum...olha lá...((...)) na página quarenta e três ((...))(quadro azul) aí...nessa lição 'ceis tão reparando que apareceu essa preposição aqui, olha...em todas as sentenças aparece o *from*...*from*, *from*, *from*...certo? essa prepos...preposição *from*...é a nossa preposição "de"...mas um "de" que indica...origem...certo? então, por exemplo...eu digo...Janaina...a nossa coleguinha aqui...'cê nasceu aonde, Janaina?

A: umm?

P: aqui em Campinas?

A(Janaina): é...

P: *Janaina...is...from...Campinas...* Janaina é de Campinas...a origem dela, a cidade da onde ela é originária é...Campinas... certo? então...é diferente (por exemplo) daquele livro...o livro...olha, aquele "de"...o livro é de Pedro...de Pedro...o possuidor é Pedro, então é outro "de" ali...então esse "de" *from*...é aquele que vai indica(r) origem...*Janaina is from Campinas*, umm?...*Maria Bethânia is from Bahia*, *Caetano Veloso is from Bahia*...*Gilberto Gil is from Bahia*...(então os baianos), não é? depois o Rio de Janeiro...*Gal Costa is from Rio de Janeiro*, umm? que mais?...umm...outro artista aí...*Roberto Carlos is from Rio de Janeiro*...(de) Niterói...certo? então, gente, o *from* indica...a...o de (que) significa a origem da pessoa, (é) a preposição *from*...então olha aí o exemplo que eles deram no...no livro...página quarenta e dois, lá no quadro...*from*...igual a "de"...*where's he from?* de onde que ele é?...*where's she from?* de onde que ela é? *she's from Italy*...ela é da Itália...então...foi quando eles colocaram aqui os nomes dos respectivos países...certo? agora prestem atenção (n)uma coisa...então lembraram (d)a aula passada que eu falei...na aula passada eu dei...a última aula que eu dei...que eu faltei duas aulas em seguida, né...que o...o nome do país e a nacionalidade (a gente) escreve com letra maiúscula...é diferente do português, que a gente escreve só o nome do país com letra maiúscula...a nacionalidade com letra minúscula...em inglês os dois...então olha lá...*America*...são os Estados Unidos...*American*...americano...*Brazil*...*Brazilian*...os dois com letra maiúscula, hein?...*Italy*...*Italian*...então eles (es)tão mostrando aí que as terminações são parecidas, né? *China*, *Chinese*..."*Djeipan*", *Japanese*...*Portugal*, *Portuguese*...*England*, "*Inglishi*", *Turkey*, "*Tárquishi*"...então eles colocaram grupos de três países (e) três nacionalidades...para mostrar...que cada um desses três tem a mesma terminação quanto à...nacionalidade...quem tá conversando aí atrás?...umm?...((...))...((...))a matéria...entregaram, Henrique?...é...certo, gente?...então 'ceis tão observando que colocaram os nomes dos países e as nacionalidades ((...))...((...))eles colocaram terminações idênticas aí...(cada) três mostrando as...terminações...até aí alguma dúvida? então agora vamos para o exercício A...o exercício B, e o exercício C...

A: ((...))

P: (vocês)(es)tão lembrados de muita coisa aí atrás...certo, gente? o exercício A...é essa matéria ((...)) que nós estamos estudando...o exercício B, essa matéria...o exercício C também (é) essa matéria mas trabalhando c'ó verbo...na forma negativa...então (no nosso) exercício A...olha...o exemplo...*Sally is from New York*...Sally é de Nova Iorque...então (como) o *from* indica...origem, certo? *what's her nationality?* qual a nacionalidade dela?

então vocês vão pensando...a cabeçinha de vocês vai...vai...a ca-  
beçinha vai ((...)) trabalhá...na aula de geografia...Nova Iorque  
fica em que país, hein, gente?...Estados Unidos...=

A: (é...)

P: =certo? então se fica na América ela é...americana...então  
,olha lá...*she's American*...ela é americana...então a gente tá  
forçando com que vocês pensem...o lugar onde fica a cidade para  
dar a...nacionalidade...certo? por exemplo...nós somos de Campi-  
nas...no, no...se (tivesse que) fazer esse exercício...nós somos.  
..brasileiros...eles querem (que) a nacionalidade...o país que  
eles querem, não campineira, no caso...entenderam, gente? então..  
.colocá o nome do...a nacionalidade da ((...))...o exercício B,  
vamo lá em cima...complete os diálogos...(nós vamos) faze(r) diá-  
logo com isso daqui...*Karen is wor...from Washington*...Karen é de  
Washington...Washington fica onde mesmo, gente?

As: ((...))

P: na América...então *is she American?*...ela é americana? ele  
tá fazendo uma pergunta...certo? resposta...*yes, she is*...OK?  
exercício C...*Cheng is from Peking*...Cheng é de...de Pequim...  
bom, Pequim fica onde, hein, gente, no Japão?...no Japão? (sur-  
presa) não...na...China...

As: China...

P: então olha lá...*is he Japanese?*...ele é japonês?...resposta  
*no, he isn't*...não, ele não é...(se) ele mora em Pequim...(que) é  
na China, não é no Japão...tá OK? gente, (vós têm) dez minutos  
pra faze...pra fazer os três exercícios...

A: pra nota, dona?

P: mas é só completar...completar aqueles (cinco)((...)) pra  
completá aí...tá bom?

A: ((...)) dona...

P: que?...

A: Salvador?...

P: Brasil...pelo amor de Deus, Bahia, né?

A: e Salvador é...da ((...))?

P: mas lá é...outra coisa, eles nem colocariam aqui...(barulho)...agora (só que eu) quero (ver) a atenção de vocês, hein? se responderem errado quanto à parte de geografia, eu vou fala(r) com a dona...Salma...

As: ahh...(desaprovação)

P: ahh, sim...vocês ((...)) muito bem de geografia...

A: ((...)) na aula dela...

As: ((...))

P: agora eu quero...

A: pera aí, dona...

A2: eh, dona...fico(u) com inveja, dona...só (porque ele) tirou F, dona...

A3: ahh...((...)) prá você...

As: ((...))

P: olha...eu vou fazer uma coisa...hoje a dona Maria Inês tá aí...eu aproveito, levo você...

A: eu, dona?...por que?

As: ((...))

P: fica...combinado assim...

As: ((...))

P: tá bom, tá bom...ai, como vocês gostam de entregar o outro, não?...=

A: dona, ((...))

P: =...tá louco...

As: ((...))

P: ((...))...não começa espalhar que não vai te(r) aula...se o primário não vai ter, às vezes é só o primário que não vai tê...=

A: ((...))

P: =não tem nada a ver com o ginásio...

A: num tô espalhando...

P: humm...só que na classe todo mundo já tá sabendo...

As: ahh...

P: (eu também fiquei sabendo através) de você...

A: tô falando...(se tiver aula) ((...)) sorte dele...

A2: se tive(r), dona...humm...(reclamação)

P: tá OK...

As: ((...))

P: terminaram?

A: ô, dona...

P: ((...))(estavam) conversando...

As: ((...))

P: ((...))

A: ((...))

P: (*What's his nationality?*) acabei de explicar...qual a sua nacionalidade?...

A: ((...))

P: falta de vontade, isso sim...

As: ((...))

P: bom, eu vou passar entre as carteiras prá vê(r) quem não está trabalhando...

A: ô, dona ((...))

A2: ((...))

P: ((...))

A: ô dona, num sei que é ((...))

As: ((...))

A: num sei, dona...

P: 'cê tá aprendendo (aqui)...agora 'cê tá relaxando...((...))

A: ((...))

P: ((...)) na sua frente...(a segunda letra)((...)) outra palavra...

A: não, dona...

P: ((...))(querê sabê)... 'cê vai querê dá uma de burrinho...

A: ((...))

P: é, sim senhor...

A: eu num sei, dona ((...))

P: (tá escrito aqui, na sua frente...)

A2: êh, dona...

A: ô dona...

P: ((...)) agora...

As: ((...))

P: ((...))... 'cê tá aprendendo...

As: ((...))

P: umm?...

As: ((...))

P: o que você veio fazê(r) aí na frente?

A: eu...(vim jogá um) papel...

A2: aii...

P: ((...))

As: ((...))

P: ah, dona Salma...onde fica Londres...

As: ((...))

P: da onde?

A: ((...))

P: (num sabe?)

As: ((...))

P: ((...))...não? e na quarta série, gente, que ((...))

A: ((...))

P: vocês ((...))

As: ((...))

P: Inglaterra...*England* é o país, (*English*) é a nacionalidade..

A: ô, dona...

As: ((...))

P: (*England* é o país, *English* é a nacionalidade...) (barulho)..  
.Londres é a capital de que país?

As: ((...))

P: (da Inglaterra...) ô, gente, vô(u) falou c'oa dona Salma, viu?...

As: ahh ((...)) (desaprovação) (barulho)

A: ô, dona...

P: (é o país...)

A: ô, dona...

P: pera aí...(*English* é a nacionalidade)...Inglaterra...

As: ((...)) (barulho)

A: ô dona...?

P: que?... (incompreensão)

A: (onde é) Nova Iorque?

A2: dona, o que tá escrito aqui...?

P: pera aí...

A: London...dona, é Londres?

P: (*London*)...na Inglaterra...cadê o livro? ah, 'cê esqueceu, né? (barulho)...pera aí...Londres fica na América?

As: ((...))

P: (fica) na Inglaterra, hein?

A: (que absurdo...) (reprovação) (barulho)

P: ((...)) num pode ficá na janela, não...

As: ((...))

A: cala a boca, ô... (barulho)

P: gente...vocês tão errando porque 'ceis tão copiando errado..

A: ô dona... (desaprovação)

P: já fêz, (Janaina)? (barulho)

A: ô dona...

P: terminaram, gente?

A: ((...)) (barulho)

P: ô gente (vamos terminando)... (barulho)

P: atenção para a chamada...um...

A: eu...

P: dois...

A: presente...

P: três...

A: presente...

P: quatro...

A: presente...

P: cinco...

A: presente...

P: seis...

A: presente...

P: sete...

A: presente...

P: oito...

A: presente...

P: nove...

A: presente...

P: dez...

A: eu...

P: onze...

A: presente...

P: ((...)) em inglês, né?...esqueceram que tem que respondê(r) em inglês?

As: ahh ((...))... (reclamação)

P: onze...

A: presente... .

P: eu vô dá falta...pr...pra todo mundo que...que tá respondendo em português...esqueceram? *yes, here* ou senão *present...*

A: *present...*

A: *present...* (barulho)

P: um...

A: *present...*

P: dois...

A: *present...*

P: três...

A: *present...* (risadas)

P: quatro...

As: ((...))

P: quatro...

A: eu, dona... .

P: eeu? (desaprovação)

As: ahh...

P: cinco...

A: *yes...*

P: seis...

A: *yes...*

P: sete...

A: *yes...*

P: oito...

A: *yes...*

P: nove...

A: *yes...*

P: dez...

A: *yes...*

P: onze...

A: *yes...*

P: doze...

A: *yes...*

P: treze...

A: *yes...*

P: catorze...

A: present(e) ...

P: quinze...

A: *present...*

P: falta, né? ...dezesesseis...dezessete...

A: ô dona... (reclamação)

P: dezoito...

A: (*here*)

P: dezenove... (barulho)

P: dezenove...vinte...

A: ô dona, falta, dona?

A: *yes...*

P: vinte e um...

A: *yes...*

P: vinte e dois...vinte e dois...

A: ((...))

P: vinte e três...

A: yes...

P: vinte e quatro...

A: yes...

P: vinte e cinco...

A: yes...

P: vinte e seis...

A: yes...

P: vinte e sete... (barulho) (risadas)

P: faz favor, gracinha não...vinte e oito... (barulho)...vinte e nove...

A: yes...

P: trinta...

A: yes...

P: trinta e um...

A: yes...

P: trinta e dois...

A: yes...

P: trinta e três... (barulho)...(bom, gente, vamos à) correção.  
..(barulho)...correção...

A: correção... (barulho)

(SINAL / TÉRMINO DE AULA) (barulho)

## - FINAL DA SEGUNDA AULA -

LD: DUR WAY - Junior English Series / volume 1

CLASSE: 5ª série "B" (período da tarde)

DIÁRIO DE AULA - AULA 3 - Data: 20 / novembro / 1989.

A primeira atividade da aula foi a correção de exercícios gramaticais contidos no LD, páginas 42 e 43 (exercícios A, B e C).

Os alunos apresentavam-se bastante alvoroçados no início dessa aula.

P pediu a uma aluna<sup>1</sup> para que escrevesse os exercícios na lousa, com as respostas, e os demais alunos acompanhariam em seus respectivos LDs (todos os alunos tinham o LD). P disse que iria "exigir" dos alunos que soubessem as nacionalidades e os países em um futuro teste, e os alunos reclamaram dessa exigência (vide TRANSCRIÇÃO - aula 3).

Durante atividades de correção de exercícios na lousa, observadas ao longo de uma série de aulas em 5ªs séries, o comportamento dos alunos é geralmente dispersivo. Eles brincam muito entre si e conversam sobre assuntos alheios à matéria da aula. A "intensidade" desse tipo de comportamento varia, sem dúvida, de aula para aula e entre classes distintas. O questionamento sobre esse aspecto da sala de aula seria de uma possível "perda de tempo" em se escrever todos os exercícios na lousa, tempo esse que poderia ser melhor aproveitado para um outro tipo de fornecimento de insumo de LE.

Enquanto a aluna escrevia os exercícios na lousa, P permaneceu sentada à sua mesa a maior parte do tempo, conversando ocasionalmente com os alunos. A aluna "acertou" todos os exercícios, que apresentavam apenas um ou dois erros sem gravidade. Quando todos os exercícios já estavam na lousa, P comentou algumas respostas, principalmente as do exercício C (vide TRANSCRIÇÃO).

Durante a correção dos exercícios, a participação dos alunos foi pequena.

Após os exercícios, P disse: "Não acabou a aula, faltam cinco minutos!" e iniciou então a Unidade 6, na página 44.

P utilizou a gravura do LD para introduzir a profissão *doctor* (vide TRANSCRIÇÃO), salientando o aspecto da "roupa branca" do personagem da figura e a maleta que ele carregava. Em seguida, P leu e traduziu cada sentença de todos os diálogos sob as figuras (vide LD). Depois disso, P pediu para os alunos copiarem os diálogos no caderno.

NOTA 1: A referida aluna, de nome "Janaina" é um caso típico de "xodó da professora", pois é sempre mencionada por P. O rendimento de Janaina é considerado por P como um dos melhores da classe, segundo uma conversa informal com o Pes.

- FINAL DA AULA 3 -

LD: OUR WAY - Junior English Series / volume 1

CLASSE: 5ª série "B" (período da tarde)

AULA 3 - Data: 20 / novembro / 1989

(barulho/falas incompreensíveis dos As e de P - UM MINUTO 30 SEGUNDOS)

P: calma ((...))...((...))os exercícios da página quarenta e dois e quarenta e três...(não é?)...nós já corrigimos?

A: não...

P: (nada,nada?)

A: (não...)

P: então...Janaina...depois que você terminar de apagar a lousa...(você) coloca os exercícios (pra mim?)=

Janaina: coloco...

P: =...então vamo(s) lá...((...)) pra corrigir?

A: não...

P: não?...uéé...((...))

As: ((...))

P: num comentei nada, nada, nada? =

As: nada...

A: (nada, nada, nada...) (imitando P)

P: =...vocês sim que faltaram na aula passada, né?

A: é, dona...

P: ((...))

A1: dona, que página que é, dona? (barulho de alunos)

A2: (nada, nada, nada...) (barulho de alunos)

P: todo mundo corrigindo os exercícios, por favor... (barulho de alunos)

P: (vira prá frente, pode ser?) ((...)) (barulho/falas incompreensíveis de P e dos As) - UM MINUTO)

P: tô vendo quem tá conversando...(TOM DE AMEAÇA) ((...))

A: dona...ô dona...(CHAMANDO P)...que que a dona (Ester) tá ((...))?

P: ela tá ((...))

A: (sossega, meu...)

P: (Renato)...a correção?

A: não...

(QUINZE SEGUNDOS de pausa)

P: prestem atenção...(que) na aula passada eu falei que vocês não estavam sabendo a localização dos países...das cidades...(não é?)...(que) Londres fica na Inglaterra...((...)) fica na Inglaterra ((...)) inglês...((...)) (atenção) que na prova eu vou pedir (isso aí também)...

A: ah, dona... (desaprovação)

P: sim...

A: ah, dona...mas não é prova de geografia, dona...

P: não é prova de geografia...mas (na) prova de inglês eu posso pedir as nacionalidades...

As: ah...(falas incompreensíveis de As reclamando)

A: ((...)) de geografia ((...))

P: (eu posso pedir...lógico...) (barulho de alunos)

P: gente, vamos fazer (os exercícios)...

As: ((...))

A: ((...))

(Pausa com algumas falas incompreensíveis de As - UM MINUTO 20 SEGUNDOS)

P: Salvador...Salvador (está) no Brasil, portanto...*he's Brazilian*...okay? (comentário de P sobre um exercício na lousa)

(Pausa com algumas falas incompreensíveis de As - 30 SEGUNDOS)

P: (ai, gente, como ela tá) tagarela hoje, não?

As: ((...))

A1: (ela enguliu matraca, dona...)

As: ((...))

A2: vitrola...

A3: vitrola...

A4: gravador...

A1: ((...)) (conversa) ((...)), dona... (risadas de As)

A: silêncio...silêncio...

P: *what's*...tá faltando um agá...((...)) (comentário de P sobre um exercício na lousa)

As: ((...))

P: olha lá...*Ideko is from Tokyo*...((...))...se ela é de Tóquio...Tóquio fica no Japão...a capital do Japão...então ela é...japonesa (enfaticamente)...*Japanese*...japonesa...

A: ô, dona ((...))?

P: ((...))

A: ô dona...((...))

P: (só corrigir, por enquanto...)

(Conversa de P com os As sobre assunto referente à escola/falas incompreensíveis - UM MINUTO 50 SEGUNDOS)

P: (não) falta uma?...são cinco (na prova)?...

A: o que que é aquilo ali? (nesse momento P conversava com um A sentado na primeira fileira)

A: dona...(chamando P)..ô dona...dona...o exercício ((...))?

A2: letra dê...

P: é letra (dê)...

A2: não é letra ((...))?

A1: ali, dona...oh...(apontando para a lousa)

A2: ((...))?

P: é...agá, ê, erre ...

A: (dona, olha o agá dela...)

P: tá ótimo...

A: tá ótimo, parece ((...)) (ironicamente)

As: ((...))

P: eu dô(u) aula no Lancastre (enfaticamente)...não Lancastro..

A: ((...))...(a senhora já deu aula pra)((...))?

P: olha...eu tenho lá seiscentos alunos...

As: ((...))

A: ((...)) é loira...assim...

P: eu não lembro...outro dia uma professora falou assim "minha filha é sua aluna"...eu não sei quem é a filha dessa professora..  
.(entendeu?)

A: ((...)) (dando aula pra ela...)

P: eu acho que...eu creio que (nem) ela sabe...

As: ((...))

(15 SEGUNDOS)

As: ((...))

A: ((...)) de história...

P: ((...))

A: (um livro) de história...

P: ((...))...quem é?...((...))...cê num tem livro de história?

A: ã...?

P: cê num tem livro de história?

As: ((...))

A: panaca...

P: *Japanese*...escreveu certo?

A: não...(errado)...

P: que misturada (que) cê fez...

As: ((...))

(15 SEGUNDOS)

P: ((...))...bom, as aulas vão até o fim da semana que vem, praticamente...a outra semana...é a semana da gente fechá(r) as médias...

A: ebaa... (em vez de "oba")

P: então, por exemplo...e depois...na outra semana (antes) de (eu) fechar as médias...((...))as aulas...então (ainda tem) duas semanas pela frente...aí começa (a) recuperação...recuperação... quem já sabe que vai ficar...já vai estudando...pode (ficá só em duas matérias)...não é?...porque...no finalzinho...((...))semana de recuperação...uma semana...sempre são...quinze dias, por aí... não é?...que a recuperação começava no dia primeiro de...dezem-

bro...certo?...a Prefeitura mudou o calendário...((...)) da greve...que (não teve) greve, certo?...((no)) Estado sim...o Estado tem três dias de recuperação...((...))

A: só três?

P: só três...por causa da greve...e...e as aulas vão até janeiro...((agora))=

A: ((...))

P: =((...))...a reposição...((as aulas))((...))=

A: dona...

P: =((...))((reposição não))((...))((mas agora))((...))...certo?...então...quem já sabe (que vai ficar de) recuperação=

As: ((...))

P: =...quem ((...)) de recuperação...já começa (a) estudá(r)...em uma semana não dá para estudar...((...))((semana))((...))

A: ô dona... (A chamando P)

P: ((...))((na semana que vem a gente) entrega as notas...na outra, que é o dia oito...prá fechá(r) as médias...((daí acaba))...

A: (puxa, dona...)

P: daí começa a recuperação...então até o dia trinta...a gente termina as provas...do dia primeiro ao dia oito...((...)) dia oito é sexta-feira...((...))((dia) dez que é domingo...((uns falam))...até o dia oito...((deixa eu ver))((...))...tá?...e depois...dia onze começa...a recuperação...não é?

(Barulho e falas incompreensíveis de P e de As - UM MINUTO 50 SEGUNDOS)

P: vamos à correção, faz favor? (em tom enérgico)

(Pausa com algumas falas incompreensíveis de As - 50 SEGUNDOS)

P: /s...então vamo(s).../s...

(Pausa com algumas falas incompreensíveis de P e de As - DOIS MINUTOS 20 SEGUNDOS)

As: ((...))

A: depois disso ((...))(que eu)((...)), né?

(Pausa com alguns enunciados incompreensíveis de As - 45 SEGUNDOS)

P: *American* ...com êne no fim...=

A: ahh... (tom de reclamação)

P: =...êne...

(10 SEGUNDOS)

As: ((...))

P: que foi aí atrás?

A1: ((...)), dona...(o) moleque...((...)) tava olhando prá cima. ..((...))(foi lá)((...))...

A2: umm... (tom de gozação)

As: ((...))

A1: ((...)) ('cê num percebe) ((...))...pergunta pro ((...))

(Barulho e falas incompreensíveis de As - 30 SEGUNDOS)

P: o terceiro exercício...nós vamos colocar apenas...a resposta...que vocês deveriam colocar...no livro...certo?...então vamos lá...

(Barulho e falas incompreensíveis de As e de P - 30 SEGUNDOS)

P: o terceiro exercício (nós estamos colocando) só a resposta que vocês deveriam colocar no livro, certo?...depois nós vamos ler...e...checar (porque que está correta) a resposta...(não) é?

(40 SEGUNDOS)

P: ((...)), faz favor...

A: tô corrigindo, dona...

P: guarda isso daí, faz favor...

(10 SEGUNDOS)

A: não terminou ainda?

P: não...((...)) o exercício, letra cê...=

A: eu sei...

P: = 'cê tá corrigindo?

A: eu já fiz, (já)...

P: ((...))(tem uma coisa...)=

A: eu sei, o...(tá certo)...((...))

As: ((...))

(Falas incompreensíveis de As - 45 SEGUNDOS)

P: então vamo(s) vê, gente...olha lá...((...))(o exercício cê, aí)((...))(como resposta)...(o número um é simples)...acompanhem comigo o número um...olha lá...*Carmen is from Madri(d)*...o exercício cê da página quarenta e três...*Carmen is from Madri(d)*...Carmem é de Madri...se ela é de Madri, ela é espanhola...certo? (olha) a pergunta que ele fêz...*Is she Turkish(i)?*...ela é turca? ...num pode sê(r)...então a resposta ((...)) que sê(r)...*no, she isn't*...ela não é turca...lógico, ela é de Madri...tá?...número dois...*Frank is from Los Angeles*...Frank é de Los Angeles...se (ele é) de Los Angeles, ele é americano, não é turco...então olha lá...a resposta (da) segunda...*no, he isn't*... não, ele não é... certo?...terceiro...*Silvia is from Paris*...Silvia é de Paris...se ela é de Paris, ela é...francesa...olha a pergunta que foi feita...*Is she English(i)?*...ela é inglesa?...((...))*no, she isn't*... não, ela não é...número quatro...*Greg(ui) is from London*... Greg(ui) é de Londres...opa, se é de Londres...Londres fica na Inglaterra, então ele é...in...glês...a pergunta que foi feita... *Is he English(i)?*...ele é inglês?...certo...olha lá o número quatro...*yes, he is*...(né?)...número cinco...*João is from Manaus*... João é de Manaus...Manaus fica no Brasil...se ele é de Manaus, ele é brasileiro...olha a pergunta que foi feita...*Is he Italian?* ...ele é italiano?...bom, se ele é de Manaus (ele) não pode sê(r) italiano...então a resposta ((...))...*no, he isn't*...não, ele não é...número seis...*Pablo is from Montevideo*...Pablo é...de Montevidéu...Montevidéu fica onde?...no...Uruguai...certo?...então... jamais pode servir a pergunta *Is...Is he Brazilian?*...ele é brasileiro?...*no, he isn't*...não, ele não é...número sete...*Chico is from Natal*...Chico é de Natal...Natal...fica lá no norte do Bra-

sil...nordeste, né?...então...se fica no nordeste do Brasil, ele é brasileiro...olha a pergunta...*Is he Brazilian?*...ele é brasileiro?...olha a resposta da número sete...*yes, he is*...sim, ele é...não é?...número oito, *Manuel is from Lisboa* (Coment: em vez de "Lisbon")...Manuel é de Lisboa...Lisboa fica em Portugal...((...))Portugal, ele é...português...(olha a pergunta que foi feita)...*Is he Chinese?*...ele é chinês?...(imagina) o Manuel ser um chinês, ele ((...)), não dá...então olha lá a resposta...*no, he isn't*...não, ele não é...okay?...(não é?)...(gente), na prova eu vou dar desse jeito aqui...(né?)=

As: ahh... (reclamação)

A: dona, dona...

P: =(porque) quem não sabe nacionalidade, que é obrigatório saber...(não é?)=

A: ah, dona...

P: =...agora...questão de...lugares do mundo, já vai implicá(r) em geografia...vocês têm que saber...(((...)))

A: ô dona,(((...)))

P: (de quinta prá sexta série)...não é?...a prova (que eu dou) eu vou marcá(r) na próxima aula...alguma dúvida nessa lição? =

As: (((...)))

P: bom...vamos (ler) a lição...no início da próxima aula eu vou explicar a gramática da lição (((...)))..então, gente...página quarenta e quatro...*what's his occupation?*...qual a...ocupação dele? ...o que ele faz?...né?...vamos ler...(vocês) vão vê(r) que vão aparecer vocabulários novos, palavras novas...comecem a estudar, que é matéria de prova =

A: ah, dona...vai cair...(assim) os dois (textos)?

P: =...é pouco, até...(estou pensando em dar até)((...)))

As: não...

P: siim...

A: (claro, dona...)

As: não...

P: bom...então vamo(s) lá, gente...((...))

As: iii...

P: vamo(s) lá, gente...eu vou ler...vocês acompanhem...depois (vocês) vão fazer a cópia com ((...)) a tradução...certo? vamos ver ((...)), tá?...então (vamos prestar atenção aí)...primeiro quadrado... (tem) um homem aí, vestido de branco com uma ...malha na mão...será que ele é médico?...((...))...então olha lá a pergunta...*who's that man?*...quem é aquele homem?...*that's Mr Halley*...é o senhor Halley...*he's my neighbor*...ele é meu vizinho...*is he a dentist?*...ele é um dentista?...se é dentista também se veste de branco, não é, gente?...então a resposta...*no, he's a doctor*...ele é um...doutor...bom...no segundo quadrado... olha, parece uma bruxa...mas não é bruxa, não...é uma arquiteta=

A: olha aquele ((...))

P: =...olha os óculos dela, gente...

A: ó(lha) o de baixo, então...

P: nossa senhora...olha lá...*who's that woman?*...quem é aquela mulher?...*that's Mrs Miller*...é a senhora Miller...*she's my friend*...(ela) é minha amiga...*is she an engineer?*...ele é uma engenheira?...*no, she's an architect*...ela é uma arquiteta... okay?=  
 =

As: ((...))

P: =...último quadrado...*is that man your neighbor too?*...aquele homem é seu vizinho também?...*too* no fim da frase, com dois ós...significa "também"...*yes, that's Ted Lee*...sim, é Ted Lee...*is he a teacher?*...ele é um professor?...olha só...*no, he's an author*...ele é um autor...que que é autor? aquele que escreve...livros=

As: (livros...)

P: =certo?...então agora...num vai dá(r) tempo de explicar a gramática da...da lição...((...)) eu quero fazer uma revisão (aí) com vocês...vocês vão fazer a (cópia)...come...vai tê(r) um minuto...(então) nem vai dá(r) prá começá(r)...comecem a...a fazer a...a cópia...não se esqueçam do travessão...que na próxima aula nós vamos fazer a tradução...(tá bom?)...podem começar...começá(r) e ((...))

(Falas incompreensíveis de P e de As - UM MINUTO E 15 SEGUNDOS)

: ((...))

: piorô(u), dona...

s: ((...))

: pode(m) guardar o material...acabou a aula...

s: ((...))

: então na próxima aula ((...))

barulho - 10 SEGUNDOS)

FINAL DA TERCEIRA AULA -

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

O LIVRO DIDÁTICO COMO INSUMO NA AULA DE LÍNGUA  
ESTRANGEIRA (INGLÊS) NA ESCOLA PÚBLICA

- V O L U M E 2 -

DOUGLAS ALTANIRO CONSOLO

Dissertação apresentada ao Departamento de  
Linguística Aplicada do Instituto de Estu-  
dos da Linguagem da Universidade Estadual  
de Campinas como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Mestre em Linguística  
Aplicada.

C765L  
v.2  
12648/BC

Campinas, setembro de 1990

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

O LIVRO DIDÁTICO COMO INSUMO NA AULA DE  
LÍNGUA ESTRANGEIRA (INGLÊS) NA ESCOLA PÚBLICA

D. A. CONSOLO

VOLUME 2

Este exemplar é a redação final da tese  
defendida por Douglas Altamiro  
Consolo

e aprovada pela Comissão Julgadora em  
24, 09, 90.

Assinatura:

**A P P E N D I C E S**

APÊNDICE 3

- Diários e Transcrições das Aulas: 5ª série "D"

DADOS PRINCIPAIS (Coletados pelo Pes)

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "D" (período da tarde)

DIÁRIO DA AULA 1 - Data: 19 / outubro / 1989

A aula iniciou com vinte e cinco minutos de atraso (17:25 hs.) devido à participação de P em uma reunião de conselho de classe.

Alguns As possuíam seus próprios exemplares do LD; os demais, utilizavam livros trazidas por P e emprestadas aos As durante a aula.

Os As encontravam-se bastante agitados, talvez devido à presença do Pes pela primeira vez nessa classe.

(1) Primeiramente, P pediu aos As para abrirem os livros na pag. 32, *Lesson 5*, e disse que seria feita uma revisão. O procedimento (=técnica de sala de aula) utilizado foi o de repetição em coro pelos alunos, a partir do modelo oral fornecido por P, de acordo com os expoentes contidos no LD.

(2) Em seguida, o mesmo procedimento (repetição em coro) foi utilizado para a pag. 34. O expoente "*Let's go to the snack bar*" foi modelado e repetido seis vezes. Depois, os As trabalharam em pares o seguinte diálogo:

A1: *Let's go to the snack bar.*

A2: *That's a good idea.*

P monitorou os As durante a atividade.

Os As aparentavam estar empenhados em realizar a tarefa proposta; entretanto, foi gasto muito tempo para a prática de um diálogo tão curto e simples, e os As logo começaram a ficar irrequietos.

(3) P tornou a utilizar a técnica de repetição em coro para o expoente "*Let's go to the cinema*", introduzindo variações do tipo "*Let's go to the club*". Em um certo instante, P irritou-se com o fato de nem todos os As estarem fazendo a repetição e disse "Quero todo mundo abrindo a boca!". O mesmo expoente foi modelado e repetido cinco vezes.

(4) P pediu aos As para continuarem a praticar em pares, utilizando os itens de vocabulário fornecidos no LD, no final da pag. 33. Durante essa atividade, um aluno perguntou à P: "Como é gol em inglês?"; P confirmou a resposta (goal) com o Pes antes de dizê-la ao aluno.

P escreveu na lousa o seguinte modelo para orientar os As:

*Let 's play* \_\_\_\_\_

Recusar.

Justificar. *I can't. I have to* \_\_\_\_\_

Em seguida, os As escreveram o mesmo diálogo no caderno, enquanto P monitorava o trabalho, deslocando-se pela sala.

Enquanto alguns As pareciam estar cumprindo todas as tarefas propostas durante a aula, outros As brincavam muito e não pareciam estar interessados nas atividades. O LD foi praticamente a única fonte de conteúdo de LE.

O insumo fornecido pareceu-me compreensível aos As todos os momentos (mas os As já conheciam a lição); o nível de motivação observado não foi muito alto.

- FINAL DO DIÁRIO DA PRIMEIRA AULA -

LD: DUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "D" (período da tarde)

DIÁRIO DA AULA 2 - Data: 20 / outubro / 1989

No início da aula, P fez a chamada dos As, utilizando os números dos As em inglês.

(1) A primeira atividade foi a prática, em pares, do seguinte diálogo (colocado na lousa por P):

*Let 's play* \_\_\_\_\_

*I'm sorry, I can't.*

Justificar.

Um aluno retrucou, dizendo "Já fizemos isso, dona"; os As conversavam e brincavam bastante.

Enquanto os As trabalhavam em pares ou brincavam, P sentou-se à sua mesa e alguns As foram até lá fazer perguntas e esclarecer dúvidas. P "aproveitou" esse período de tempo para responder um Questionário de Professor, a pedido do Pes, como parte dos dados para este trabalho.

A aula de LE (inglês) aparenta ser uma aula "menos interessante" para os As, dado que a algazarra, as brincadeiras e as conversas alheias ao assunto da aula são frequentes. Perguntamos se eles apresentam "mau comportamento" também nas aulas das outras disciplinas. Alguns alunos deixam de realizar as atividades propostas por P para folhear revistas, pentear-se, olhar-se em espelho e brincar com os colegas.

(2) Após cerca de quinze minutos para a primeira atividade, P pediu aos As que olhassem na pag. 32 do LD, dizendo: "Vamos fazer uma revisão...Convidem um amigo para ir a algum lugar..." Os As produziram "Let's play soccer", e P utilizou a técnica de repetição em coro para praticar mais o mesmo expoente (vide TRANSCR).

(3) Ainda utilizando a técnica de repetição em coro, P passou a trabalhar com os expoentes da pag. 34:

"What time is it? It's \_\_\_\_\_ o'clock."

Terminada a repetição em coro, P passou a deslocar-se pela sala, praticando os mesmos expoentes da pag. 34, e em seguida pediu aos As para que trabalhassem em pares. Essa foi a última atividade da aula. P recolheu os livros dos As e a aula terminou.

- FINAL DO DIÁRIO DA SEGUNDA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "D" (período da tarde)

DIÁRIO DA AULA 3 - Data: 26 / outubro / 1989

(Primeira aula gravada nessa classe.)

(1) A aula iniciou-se com uma atividade de repetição em coro, dos expoentes da Lesson 5 (vide TRANSCR). Os As pareciam desinteressados e cansados, e enquanto alguns participavam da repetição, outros folheavam o LD. P prosseguiu para a página seguinte do LD, ainda com a mesma técnica de repetição, e os As demonstravam, através de gestos e "suspiros enfadonhos", estar ainda mais cansados de repetir em coro.

(2) A próxima atividade proposta por P, um trabalho em pares para "perguntar as horas", durou cerca de dois minutos. Depois, os As ficaram excitados e entretidos com um pequeno chaveiro eletrônico de um aluno (que produzia sons variados), deixando de trabalhar a LE. P então pediu aos As para que escrevessem no caderno o mesmo diálogo (sobre horas), mas apenas alguns As cumpriram a tarefa. Quando os As terminaram de escrever, levaram os

diálogos até a mesa de P para serem corrigidos.

Não foi feita mais nenhuma atividade nessa aula. Aos quinze minutos antes do horário de término da aula, P disse: "Quem estiver mais quietinho vai sair". Um A desenhou um círculo na lousa e escreveu o nome de outro aluno dentro do círculo, o qual estava então "autorizado" (escolhido pelo primeiro aluno) a ir embora da aula. O mesmo procedimento foi realizado em sequência, e um aluno por vez foi deixando a sala de aula.

O procedimento de "autorização para sair" via nome no círculo na lousa pareceu-me bastante familiar aos As.

- FINAL DO DIÁRIO DA TERCEIRA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "D" (período da tarde)

AULA 3 - Data: 26 / outubro / 1989

(barulho) (os alunos conversando: UM MINUTO, VINTE E SEIS SEGUNDOS)

P: ((...)) *let's play soccer!*

As: *let's play soccer!*

P: *let's play soccer!...todos juntos...*

As: ((...))

P: *let's play soccer!*

As: *let's play soccer!*

P: *sure!*

As: *sure!*

P: *that's a good idea!*

As: *that's a good idea!*

P: *let's play soccer!*

As: *let's play soccer!*

P: *sure!*

As: *sure!*

P: *that's a good idea!*

As: *that's a good idea!*

P: *let's play volleyball.*

As: *let's play volleyball.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea!*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play "tchãs" (para chess)*

As: *let's play "tchãs" (para chess)*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play volleyball.*

As: *let's play volleyball.*

P: *sure!*

As: *sure!*

P: *that's a good idea!*

As: *that's a good idea!*

P: *let's play "tchãs" (para chess)*

As: *let's play "tchãs" (para chess)*

P: *sure!*

As: *sure!*

P: *that's a good idea!*

As: *that's a good idea!*

P: ((...))

A1: *"let's play ((...))"* (aluno imitando a professora, em tom de deboche)

A2: (RISOS)

A3: *"let's play ((...))"*

(barulho - alunos conversando)

P: ((...))...para de falar! *let's play football.*

As: *let's play football!*

P: *sure!*

As: *sure!*

P: *that's a good idea!*

As: *that's a good idea!*

P: *let's play table tennis!*

As: *let's play table tennis!*

P: *sure!*

As: *sure!*

P: *that's a good idea!*

As: *that's a good idea!*

P: OK...então vamos fazer um convite e recusar..tá? *let's play cards...*

As: *let's play cards.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.* (DESENCONTRADAMENTE)

P: *let's play football.*

As: *let's play football.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry...* (DESENCONTRADAMENTE)...*I can't.*

P: ((...)), *tá? let's play football.*

As: *let's play football.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play basketball.*

As: *let's play basketball.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.* (DESENCONTRADAMENTE)

P: *let's play volleyball.*

As: *let's play volleyball.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.* (DESENCONTRADAMENTE)

P: *let's play "chiquers".* (para checkers)

As: *let's play "chiquers".*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play chess.*

As: *let's play chess.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.* (DESENCONTRADAMENTE)

P: *let's play football.*

As: *let's play football.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play (handball).*

As: *let's play (handball).*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play soccer.*

As: *let's play soccer.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play volleyball.*

As: *let's play volleyball.* (DESENCONTRADAMENTE)

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.* (DESENCONTRADAMENTE)

P: *let's play...let's play handball.*

As: *let's play handball.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play "tchãs" (para chess)*

As: *let's play "tchãs".*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: OK...depois da...do convite, ela recusa e vai justificar, né? e agora...recusar...e...(((...)))... *let's play chess...*

As: *let's play chess.*

P: *I'm sorry.*

As: *I am sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play "tchãs". (para chess)*

As: *let's play "tchãs".*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play football.*

As: *let's play football.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play volleyball.*

As: *let's play volleyball.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play volleyball.*

As: *let's play volleyball.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play "tchãs". (para chess)*

As: *let's play "tchãs".*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play cards.*

As: *let's play cards.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play basketball.*

As: *let's play basketball.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: (eu queria que vocês olhassem) de novo ((...)) falou que vocês ((...))...sabendo a palavra é só ((...))...fica olhando pra cima...olhando pra ((...)), tá bom? então, vamo(s) lá...*let's play "tchãs" (para chess)...*

As: *let's play "tchãs".*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: (vamos fazer um convite)...eu vou repetir aqui a ((...)) a frase inteira, tá bom? depois que eu terminar a frase, vocês comecam...*let's play chess...*

As: *let's play chess.*

P: *I am sorry=*

As: *I am so...* (apenas alguns alunos)

P: *=I can't. I have to study.*

As: *I am sorry, I can't. I have to study.*

P: *let's play football.*

As: *let's play football.*

P: *I'm sorry, I can't. I have to study.*

As: *I'm sorry, I can't. I have to study.*

P: *let's play volleyball.*

As: *let's play volleyball.*

P: *I am sorry, I can't. I have to study.*

As: *I am sorry, I can't. I have to study.*

P: *let's play volleyball.*

As: *let's play volleyball.*

P: *I am sorry, I can't. I have to study.*

As: *I am sorry, I can't. I have to study.*

P: *let's play checkers.*

s: *let's play checkers.*

: *I am sorry, I can't. I have to study.*

s: *I am sorry, I can't. I have to study.*

: *let's play "tchãs". (para chess)*

s: *let's play "tchãs".*

: *I am sorry, I can't. I have to study.*

s: *I am sorry, I can't. I have to study.*

: *agora vamo(=) mudá...(((...))), tá? let's play "tchãs"...*

s: *let's play "tchãs"*

: *I am sorry, I can't. I have to go home.*

is: *I am sorry, I can't. I have to go home.*

: *vamo todo mundo dá uma olhada aqui agora, tá? vocabulary, vá-  
io lá...(((...))) então...então, vamo(s) lá...let's play chess...*

is: *let's play chess.*

is: *I'm sorry, I can't.*

is: *I'm sorry, I can't.*

is: *I have to go home.*

is: *I have to go home.*

is: *let's play "tchãs". (para chess)*

is: *let's play "tchãs".*

is: *I am sorry, I can't. I have to go home.*

is: *I'm sorry, I can't. I have to go home.*

is: *let's play football.*

is: *let's play football.*

is: *I am sorry, I can't, I have to go home.*

As: *I am sorry, I can't. I have to go home.*

P: *Let's play checkers.*

As: *Let's play checkers.*

P: *I am sorry, I can't.*

As: *(I) am sorry. I can't.*

P: *I have to do my homework.*

As: *I have to do my homework.*

P: *Let's play football.*

As: *Let's play football.*

P: *I'm sorry, I can't. I have to do my homework.*

As: *I am sorry, I can't. I have to do my homework.*

P: *Let's play football.*

As: *Let's play football.*

P: *I'm sorry, I can't. I have to do my homework.*

As: *I'm sorry, I can't. I have to do my homework.*

P: *Let's play "tchãs". (para chess)*

As: *let's play "tchãs".*

P: *I am sorry, I can't. I have to help my mother.*

As: *I'm sorry, I can't. I have to ((...)) my mother.*

P: *to have...to help my mother.*

As: *to help my mother.*

P: *I have to help my mother.*

As: *I have to help...(apenas alguns alunos, interrompidos pela P)*

P: agora...((...))lendo a frase, não olha prá mim... aqui! *I have to help my mother.* (ENFATICAMENTE)

P/As: *I have to help my mother.* (P falou junto com os As)

P: *I have to help my mother...tá?...I have to help my mother... let's play chess...*

As: *let's play chess.*

P: *I'm sorry, I can't. I have to help my mother.*

As: *I am sorry, I can't. I have to help my mother.* (DESARTICULADAMENTE)

P: *I have to help my mother.*

As: *I have to help my mother.* (AINDA DESARTICULADAMENTE)

P: então, vamos virar (a página), né? vamo lá...(barulho - alunos conversando)...então (GRITANDO)...(eu vou ler aqui)...perai, eu não...((...)) um convite ((...)) um lugar, né? ((...))convite prá que? prá jogar, né? ((...))prá jogar...agora, para ir...a algum lugar...então vamo(s) lá...*let's go to the snack bar...*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: vamos tentar ((...))...*sure...*

As: *sure!* (QUASE SIMULTANEAMENTE À FALA DE P) *that's a good idea* (DESARTICULADAMENTE)

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's go to the cinema.*

As: *let's go to the cinema.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to (the) snack bar.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's go to the cinema.*

As: *let's go to the cinema.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *sure. (ENFATICAMENTE)*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

P: *let's go to the cinema.*

As: *let's go to the cinema.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *vamos recusar o convite, tá? let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *I'm sorry.*

As: *I am sorry. I can't. I have (a dis)...*

P: *((...)), tá? (só) I'm sorry, I can't. vamos lá...let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's go to the cinema.*

As: *let's go to the cinema.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't. (SOMENTE ALGUNS As)*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure.*

As: *sure. (SOMENTE ALGUNS As)*

P: *((...)) vamos lá...let's go to the club.*

As: *let's go to the club.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's go to the cinema.*

As: *let's go to the cinema.*

P: *I am sorry. I can't.*

As: *I am sorry. I can't.*

P: *então, vamos recusar e ((...)) justificar...let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *I am sorry, I can't. I have to study.*

As: *I am sorry, I can't. I have to study.*

P: *let's go to the cinema.*

As: *let's go to the cinema.*

P: *I am sorry, I can't. I have to do my homework.*

As: *I am sorry, I can't. I have to do my homework.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *I am sorry, I can't. I have to study.*

As: *I am sorry, I can't. I have to study.*

P: *(es)tão cansados, já?*

A1: *ah, demais!*

P: *é?...então...vamos fazer uma outra coisa, né?...a garota pergunta (as horas)...onde é que...como que pergunta as horas?*

As: *((...))*

P: ((...)) *what time is it?*

P/As: *what time is it? what time is it?*

P: *one o'clock.*

As: *one o'clock.*

P: *it's one o'clock.*

As: *it's one o'clock.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's two o'clock.*

As: *it's two o'clock.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's three o'clock.*

As: *it's three o'clock.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's four o'clock.*

As: *it's four o'clock.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?* (APENAS ALGUNS As)

P: (mas) vamos! (vocês) estão cansados?

As: ah...tamos, tamos! (DESORDENADAMENTE) ah, claro (que) tamos!

P: vamos lá...*what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's five o'clock.*

As: *it's five o'clock.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *(it's) six o'clock.*

As: *it's six o'clock.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's seven o'clock.*

As: *it's seven o'clock.*

P: *(presta atenção) em mim, tá?*

A1: *clock, cLock, cLock...*

P: *bom...((...)) (agora) a garota perguntou as horas, ele respondeu...agora ela vai dizer que é tarde, e vai se despedir...tá? ((...)) (vai dormir)...what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock.*

As: *it's one o'clock.*

P: *it's late, bye bye.*

As: *it's late, bye bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's two o'clock.*

As: *it's two o'clock.*

P: *it's late, bye bye.*

As: *it's late, bye bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's (seven) o'clock.*

As: *it's (seven) o'clock.*

P: *it's late, bye bye.*

As: *it's late, bye bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: então vamos fazer uma conversa (entre) vocês, vai...um diálogo...converse com o seu colega=

A1: *bye bye...*

A2: *bye bye...*

P: =pergunte as horas, responda...diga que é tarde e se despeça...então vamos fazer com ((...)), tá? ((...))...vamos perguntar as horas? ((...))=

As: *what time is it? what time is it? (DESORDENADAMENTE)*

(a partir desse instante, barulho de alunos conversando - QUATRO MINUTOS E VINTE SEGUNDOS - e percebe-se algumas frases em inglês, tais como *bye bye* e *what time is it?*, mas a maioria das falas são em português)

P: (para...para) pára! tá bom! vamos fazer aí o diálogo que vocês fizeram oralmente...vamos fazer por escrito agora...(vocês

passem) o diálogo no caderno...

As: ((...))

P: ((...)) agora, responder...dizer que é tarde e se despedir..  
..ãh?

As: ((...)) (barulho de alunos - TRÊS MINUTOS)

P: tudo o que vocês fizeram...oral...ãh? ((...)) não adianta copiar ((...)) é fazer, tá? ((...)) o diálogo com as ((...)) palavras...ãh? não foi feito oralmente?...agora vai ser feito...o próprio diálogo...o diálogo...no seu caderno...

(barulho e burburinho - DOZE MINUTOS - com algumas falas incompreensíveis da P com os As)

- FINAL DA TERCEIRA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "D" (período da tarde)

DIÁRIO DA AULA 4 - Data: 09 / novembro / 1989

P pediu aos As para que escrevessem no caderno o diálogo proposto pela seção "Dramatization" da pag. 35 do LD, envolvendo três participantes: A1, A2 e A3. Os As deveriam preparar o diálogo em classe, nessa aula, para uma futura chamada oral, a ser feita para cada grupo de três alunos, na semana seguinte.

Em seguida, P leu em voz alta as notas dos As correspondentes ao 3º bimestre (vide TRANSCR).

P desperdiçou uma aula de cinquenta minutos somente para os As prepararem um diálogo simples. Durante a maior parte do tempo, os As ficaram brincando ou reunidos em volta da mesa de P, discutindo suas notas bimestrais.

Esta aula (vide aula anterior) também terminou antes do horário previsto.

- FINAL DO DIÁRIO DA QUARTA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "D" (período da tarde)

AULA 4 - Data: 09/ novembro/ 1989

(burburinho: DOIS MINUTOS 40 SEGUNDOS )

P: ((...)) vamos fazer todos oral, depois vamos fazer no caderno, ((...)) então vamos fazer no caderno... ((...)) uma pequena revisão ((...)). vamos lá: A2 e A3 não se conhecem...apresente o amigo dois ao amigo três...como se apresenta?

As: ((...)) (DESARTICULADAMENTE)

P: ((...)) faz um convite...((...)) tá certo?

As ((...))

P: ((...)) depois da apresentação ((...)) né? ((...))

As: ((...))

P: aceite o convite...

As: *good...good idea...sure...*

P: *sure...that's a good idea...* depois da apresentação... outra vez...depois da apresentação...

As: ((...))

P: como é que é?

As: *glad to meet you* (GRITANDO) *my* ((...)).

P: e recusa o convite...

As: *oh, I'm sorry, I can't.*

P: justifique, dizendo que é tarde...

Al: *ah, I'm sorry, I can't, I...*

P: não...(diz que) é tarde...oh...*it's late, bye bye...* né? *bye, bye...* então, agora, vocês (copiem), aqui no caderno, tá? ((...)) e vão fazer ((...)) vai ter chamada oral, hoje...

As: uh! (RECLAMAÇÃO)

P: (se você) não tem livro pra estudar em casa, então tem que copiar no caderno!

A1: eu tenho!

P: mas tem muitos que não tem!

A2: então...aqueles que têm não precisam fazer...

P: mas vocês também copiam!

A2: é?

P: =tá?

A2: (então), aqueles que têm não precisam fazer... (BURBURINHO)

P: (P grita por cima das vozes dos alunos) ((...)), páginas 33..  
 . (burburinho: 15 SEGUNDOS) ((...)) o que é pra fazer? (P chama a  
 atenção dos alunos) ((...)) (burburinho: 35 SEGUNDOS) então va-  
 mos fazer, vai, apresenta um colega ao outro... faça-lhe um con-  
 vite, responda à ((...)), aceite o convite, responda à apresenta-  
 ção, e recuse o convite...justifique-se (primeiro), dizendo que é  
 tarde...((...)), né? ((...))...quem não tem o livro , então copia  
 isso aqui, viu...(eu) vou colocar a resposta, né ((...)) (a pró-  
 xima aula) ((...))...

A3: são três, dona?

P: ((...)) são três, oh, viu?...forma um grupo de três pessoas..  
 . ((...)).

A3: eu vou ficar com o grupo eh... (dois mais quatro), (que) eu  
 sou (o quinto), então...

P: bom, na próxima aula nós vamos chamar (vocês três)... ((...  
 )), hem?

A4: tá...((...)).

P: ((...))

A5: oh, dona, e o ((...)) dormir aqui, oh...  
 (burburinho: DOIS MINUTOS)

P:(P fala por cima das vozes dos alunos) amanhã, não , amanhã eu  
 vou... não vou dar chamada amanhã... eu vou dar na ... próxima  
 terça feira... ((...))

A: quinta feira!

A2: vale pro 3º bimestre, dona?

P: quarto bimestre!

A2: mas no terceiro a senhora não deu chamada oral!...

P: ((...)) eu vou dar nota...

(burburinho: 50 SEGUNDOS)

P: ((...))

A: é, mas eu a senhora não chamou, não...

P: ((...)) o número um ficou com B; no 2, B; 3, B; 5... tem que esperar... ((...)) direto...

A: a turma tem que tirar um A, né...((...))

A: (mas) a senhora não fez chamada pra mim, dona...

P: ((...)) daí, então, daí... qualquer lugar ((...))...ãh? qualquer ((...)) não tem matéria, né? ((...)) vai ser depois de Educação Moral e Cívica ((...)), então, o número ((...)) tem B...

A: ((...))

P: não...fica só o B...

A2: ((...)) mas não tem, dona!

P: ((...)) demora muito... o número oito, B...=

A3: óia, oh...olha que boa nota que eu fiquei...

P: = no 9, (D), 10, D... uma falta ... número 11, C...não tem falta, né? =

A3: óia, todo mundo, né...aonde que...

P: = então, só vou falar (as) faltas de quem veio, né... número 13, D... quatorze, D... quinze, D...dezessete, C... =

As: (risos)ai, passou!

P: ((...)) 19, B...20, C...21, A...22, A...23...o 22 tem uma falta, viu? o 20, também. ((...)) 23, D, duas faltas...24, D, uma falta

...250...26,A...27...A...28, E uma falta... 27 tem uma falta; 26, não. 29, D...30,D...,31,D...32...C...33,A...

A1: Wagner, você também tá com C?

A2: ((...))

A1: credo! ((...)), hem? credo ...

(BURBURINHO)

A1: na minha carteirinha, (eu tô) com (seis) B, nem um A...

As: ((...)) (burburinho: UM MINUTO 30 SEGUNDOS)

-FINAL DE GRAVAÇÃO-

(Outro lado da fita)-LADO B - (Continuação da aula)

(burburinho: DOIS MINUTOS 40 SEGUNDOS)

A1: pode abrir... tá cheio de vento, aí...

A2: ((...))

A1: ((...)) ah, é do meu ex-namorado, ex...

A3: (ele é aquele que ) foi preso?

A1: não... mas aí ele tinha o que...? (uns) treze anos...

A: ((...))

A1: ãh? ... não sei...

As: ...

A3: (esse) aí? credo! tá horrível: ele falou "oh, vou te dar... a única...

P: quem terminou, vai ((...))

A: oh, dona, quem terminou é prá subir? todo mundo é prá subir..

A2: todo mundo é prá subir...

- FINAL DA QUARTA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "D" (período da tarde)

Diário da AULA 5 - Data: 16 / novembro / 1989

Primeiramente P revisou os expoentes das funções da *Lesson 5*, baseado na seção "Target" da pag. 39.

Em seguida, foi iniciada uma chamada oral. P solicitou As voluntários, dizendo: "Quem quer ser chamado?". Um aluno voluntariou-se, mas faltavam outros dois As para integrar um grupo de três As, de acordo com o diálogo preparado na aula anterior (09/novembro). O formato da chamada oral foi então alterado: P dizia as funções, a partir da pag. 39 do LD, e o aluno produzia os expoentes em inglês.

Terminada a chamada para o aluno individualmente, houve um grupo de três As, um menino e duas meninas. Ao finalizar a chamada oral para esse grupo, P pediu ao aluno (Juliano) que "estudasse mais".

Havia menos As em sala nesse dia - 16 As - provavelmente devido ao feriado do dia anterior (15 de novembro). Os As estavam "mais quietos" do que nas aulas anteriores, devido à situação de "chamada oral".

Outros grupos de As foram até a mesa de P, dando continuidade à chamada oral (vide TRANSCR). Nesse período, o aluno de nº 16 desempenhou-se bem e recebeu uma nota "A".

Durante o procedimento de chamada oral para os grupos, os demais As fizeram um exercício por escrito, a partir do LD (funções + expoentes), e ocasionalmente iam mostrar seus cadernos a P para correção do exercício.

Novamente P permitiu que os As saíssem mais cedo, antes do horário previsto para o término da aula (vide as duas aulas anteriores).

- FINAL DO DIÁRIO DA QUINTA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE : 5ª Série "D" (período da tarde)

AULA 5 - Data 16 / novembro / 1989

P: ((...)) (chamada) oral, tá bom? eu vou explicar, então, o exercício da página 39, né, e vocês vão fazer isso (assim)... fala...

- A1: ((...))
- P: ãh? ah, faça um convite ((...)) (os amigos) 2 e 3 para jogar, ãh?... como se faz o convite para jogar?
- A2: é...
- P/As: *let's play soccer?*
- As: *let's play soccer? let's play soccer?*
- P: ((...)) *let's play ((...)), let's play "nã-nã-nã", let's play ((...))*, o que vocês quiserem... aceite o convite...
- P/As: *sure, that's a good idea...*
- P: recuse... como se recusa?
- As: é... Oh... *I'm sorry, I can't.*
- P: justifique a recusa...
- As: *I...I have to study... I...I...*
- P: pergunte as... ao aluno 2, né, as horas...
- As: *what time is it? what time is it?*
- P: responda...
- As: ((...)) *it's one o'clock... it's one o'clock... it's two o'clock...*
- P: diga que são seis horas e que é tarde... é outro ((...)) diga que são seis horas... como que é, "são seis horas"?
- A: ((...))
- P: si...si...*six o'clock...isso... e "é tarde"? e "é tarde"? como que é?*
- A1: *it's late...*
- As: *bye, bye, (again)*
- As: *it's late... (nice to meet you) (it's late too)...*

- P: despeça (-se)... (a gente já viu, né) *bye,bye.* =
- ?: *it's late...*
- P: = convide o aluno, né, o colega, para ir ao... cinema...  
(ao) supermercado...
- A1: bar... bar...
- P: ao bar, ao ((...)), à discoteca, ((...))
- A2: ao zoo! (=rindo) ((...))
- P: é...
- A3: *let's play...*
- P: para sair...
- A3: *let's go...*
- P: isso!
- A3: *let's go...*
- P: (tudo bem)...*let's go to the club?*... recuse...
- A5: *oh, I'm sorry, I can't...*
- A4: *I have...*
- A5: *I have to study...*
- A3: *I have to study* (= CORRIGINDO A PRONÚNCIA DE A5)
- P: tá *ok*, então? faça aí, então... faça no caderno, quem não tem livro, copia... certo? quem não tem livro, quem tem ((...))...
- A6: ((...)) mas e quem ((...)) ganhar ((...)), quem ganhou?
- P: ah?
- A6: ((...))
- P: não... ((...)) preto ((...)) é o da (avaliação) do professor =

A6: ôh, dona...

P: = então, quem quer fazer chamada?

A7: eu!

P: vamos lá. e o resto vai fazendo, aí, hem?

As: ((...))

A6: ôh, dona...

(burburinho: DOIS MINUTOS)

A6: ôh, dona, ôh, dona, ôh, dona...

A7: (Will)! psiu!

A8: ôh, ((...)), vem cá fazer grupo aqui...

A7: grupo? grupo?

A8: xi...((...)) grupo aqui, animal!

P: grupo? ele não tem grupo?

A8: ih, dona, era eu, ele e mais um que faltou...

A9: mentira...

A8: ôh, érica!, ((...))

A7: graças a Deus, eu (arranjo) ((...))

A8: não...

A6: aqui, oh...

As: ((...))

A7: o que é pra mim falar, falo direto, (eu já) falo?

As: ((...))

P: faça (-me) um convite...

A7: ((...))

- P: aceite...
- ?: sure...
- P: ((...)) recuse o convite, agora... (vamos fazer um convite pra sair) ((...))
- A7: ((...))
- P: recuse...
- A7: ((...))
- P: ((...)) (pra mim saber)... oh, bom, oh, bom... tá bom...
- A1: (vou) fazer sozinho... é mais fácil...
- A2: mais fácil, nada...
- A1: (vou) fazer sozinho, é mais fácil...
- A?: ((...))
- A1: dona, chama eu, dona vou fazer sozinho, dona... por favor, dona...
- As: ((...))
- A1: ôh, dona, pode deixar, eu vou sozinho, hein...
- P: ((...)) quem vai apresentar?
- A3: tem que ir de três, né, dona?
- P: ((...)) não adianta, que não vai ter (graça) aqui na frente, tá?
- A4: eu não vou fazer graça (= RINDO)
- P: então vamos lá... como que é a res... ((...))
- A3: *glad to meet you.*
- A4: *glad to meet you.*
- P: deixa ela falar.
- A3: ((...)) não, não.

- P: tá certo, vai... isso... agora, faz um convite pra ele...
- A4: *let's to ((...)), (please).*
- P: (desculpe)
- A5: (RISOS)
- A3: peraí, dona...
- P: então, vamos ver ((...))
- A3: ((...))
- P: agora, faz um convite pro Juliano...
- A4: ((...))
- P: (responda, hein, Juliano) ... fala((...))
- A5: ah, não dona! peraí!
- P: não, mas ((...))
- A: (= RISOS)
- A3: ((...))
- A: (= RISOS)
- A3: (queira saber) por que, (só)...
- P: ((...))
- A3: ((...)) o Juliano, dona...
- A5: mas eu já fiz, dona... eu já fiz, dona ... ah, lá, dona, eu já fiz...
- A3: ((...)) três ((...))
- A5: eu já fiz, dona...
- A6: ôh, Marquinhos, eu vou sozinho ((...))
- As: ((...))

- A5: eu já fiz, já...
- As: ((...))
- A5: mas eu já fiz, dona ((...))
- P: (mas então o que ele tá fazendo aqui, gente?)
- As: ((...))
- P: pára quieto... agora, faz um convite pra ((...)) =
- A: ((...))
- P: = é, pra Daniele...
- As: ((...))
- A5: ah, se eu soubesse que tinha ((...)), eu faria... eu fazia, dona...
- As: ((...))
- A5: ei, (Lídia), 'ceis ficaram com A, também, oh. 'ceis tiraram B+, burros!
- Líd: então, (com B+), então...
- A5: é A, não é? B+, não é A, não?
- Líd: não... ((...)) B+ não é A...
- A: em Estudos Sociais, é ((...)). seria um ((...)).
- A5: aí era eu, hein... dá licença, viu, "meu"...
- As: ((...))
- P: que que é (aí) ôh...=
- A1: Mõõõ... (= COMO QUEM MUGE)
- A2: oba!... ((...))
- A: agora eu vou fazer chamada... é...
- A1: ele já fez chamada, dona, o cinco... não fez dona, sim o cinco, não fez?

A: ((...))

P: que número que (ele) é?

A3: cinco... já não fez? você não fez?

As: ((...))

A3: ((...)) fala pra mim, moleque!

A: uhmm... tem vergonha!

P: que que ela fala? faz o convite você, Daniel?

A3: olha, ((...))ai, burra!

A: ah, eu fiz chamada oral!

A: vou lá fazer, viu (Dani)...((...)) tá por fora...(vou) chegar lá "*glad to meet you*", não sei que lá...

As: ((...))

A1: regular... regular...

A2: o que?

As: ((...))

A3: ôh dona...

P: oi...

A3: pode fazer de dois, dona?

P: pode...

A3: pode?

A1: ôh, ((...))

A2: ãh?

A1: (a gente) podia ter ido nós três...

A2: é mesmo...

- A3: é mesmo, viu ((...))
- As: ((...))
- P: ((...))
- A: *six o'clock...*
- P: e ((...)) (vai refrescar a cuca, vai), vai treinar mais, vai lá porque eu quero o texto (na ponta) da língua é ((...))
- As: ((...))
- P: ((...)) vai lá, apresenta (um amigo ao outro)
- A: 'cê já fez, Bodão?... que que é pra fazer (com isso aqui? que que é pra fazer? hmm... ((...)) pra fazer, isso aqui, (eu sei lá)
- As: ((...))
- P: você fez né?
- A3: dona! ((...)) (= GRITANDO)
- A4: (mas, viu) ((...)), não falei que ia te...
- A5: que milagre!
- As: ((...))
- P: ((...)) que dia que foi a prova? dia vinte e ...? dia 30, né?
- A: é...
- P: ((...)) fazer um a prova (inteira), tá ((...)) ... mais alguém pra fazer chamada?... André!
- And.: senhora! ((...))
- A: posso ir embora, dona?
- P: mas (não) já tem um outro, (lá)?
- A: já...

- P: então, vamos fazer o outro, ((...))...vamos lá, vai...
- A: ah, dona...eu queria ir embora, dona... ah, dona...
- P: ((...)) inglês, vamos, vamos...
- As: ((...))
- A1: é pra fazer esse negócio, aqui, dona?
- P: já fez o primeiro?
- A1: Já...
- P: ((...))
- A1: ah... dona...
- A2: faz chamada, bobão... (é só) 'cê não fazer...
- A3: eu vou fazer pra ele, dona, eu vou fazer pra ele...eu tirei A, "meu", eu tirei A...faz aí...
- A4: vai, lá, agora eu tô a fim, dona...
- P: ãh?
- A3: ah, se esqueceu, não vai ((...))
- As: ((...))
- A2: ((...)) pode olhar no caderno ((...)), oh... 'cê vai olhar no caderno lá, (mas tá) ((...))
- As: ((...))
- A1: ah, eu já fiz... tirei B...
- A2: ôh, dona...
- A3: (ai), peraí...
- A2: peraí, "oh xente" ((...))
- As: ((...))
- A1: dona, é pra devolver o livro, ou (pra) colocar mais?

- A2: (quanto) você tirou na chamada?
- A3: oh, dona, é pra fazer aqui embaixo?
- A4: oh, Michele, como é que faz mesmo, Michele?
- A2: oh, dona, fá fiz o de cima, o de baixo, o do meio... já vou embora.
- A1: oh, dona, quem terminou pode ir embora?!...
- As: ((...))
- A2: que número 'cê é?
- A3: (30)
- A4: ôh, Michele! (=GRITANDO) (assustou) ?
- A5: oh, dona, pode fazer com el(a), dona?
- P: que número 'cê é?
- A5: trinta e ...
- A4: vamos fazer, vai eu e ele, eu e ele, dona, vai. ((...))
- A3: desculpa, desculpa, desculpa...
- A4: é... Oh... é... é o seguinte ((...))
- As: ((...))
- P: agora, diga que é tarde.
- A4: é... *it's late*...
- A5: *it's too late, bye, bye.*
- A4: *bye, bye*...
- ?: ((...))
- A4: ah... é... não vale isso, hein...
- A5: só eu, hein... solta mais um A, aí dona... ((...)) solta mais um A, aí...

A: Ôh, dona, vou ((...)) isso aqui, dona? ((...))

As: ((...))

A1: Ô, dona, posso ir embora, dona? (= GRITANDO)

A2: Ô, dona, tem gente indo embora! (= GRITANDO)

A1: posso ir embora, dona?

P: ((...))

As: oba! ((...))

A1: Ô, dona, já fiz a lição, também, hein...

A3: não pode ir embora...

A1: mas eu quero ir embora...

A3: não pode!

A4: a dona já viu, dona não viu?

P: ah, não, que é isso? ((...)) vai, deixa aí!

As: ((...))

A2: pode ir embora, dona?

A3: não...

P: ((...))

A2: pode ir, dona?

P: ((...))

As: ((...))

A2: Ô, dona, a senhora já corrigiu, né?

As: ((...))

P: ((...))

A: ai, dona, a briga ((...))! também não ((...)), viu,  
(Márcia)?

- FINAL DA QUINTA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "D" (período da tarde)

DIÁRIO DA AULA 6 - Data: 17 / novembro / 1989

(1) A primeira parte da aula foi dedicada a uma revisão das funções da *Lesson 5*, a partir da seção "*Challenge*" do LD. P lia o nome das funções em voz alta e os As, em coro, produziam os expoentes (vide TRANSCR). Os As foram capazes de produzir os expoentes na LE.

P perguntou se os As se lembravam dos dias da semana, em inglês, e nesse instante folheou o LD, tentando encontrar as lições anteriores nas quais os dias da semana tivessem sido apresentados. Não encontrando a informação no LD, P decidiu então escrever na lousa:

*It's Saturday.*

("sábado" era o dia da semana necessário para o exercício - vide TRANSCR)

Em seguida, os As fizeram o mesmo exercício (*Challenge*) por escrito.

(2) A próxima atividade da aula foi uma continuidade à chamada oral iniciada na aula anterior (16/novembro). Durante esse período, alguns alunos que não estavam sendo chamados ficaram bastante agitados devido ao gravador na sala de aula.

(3) P pediu aos As para que terminassem o exercício da pag. 39 e disse que seria para outra chamada oral na semana seguinte. Um aluno perguntou: "Vai ser em grupo?" e P respondeu: "Não, não dá certo em grupo". Enquanto os As faziam o exercício no caderno, P ocupou-se da leitura de um livro de gramática, em inglês. Notando que alguns As haviam terminado a tarefa, P disse: "Vão trabalhando!".

(4) P reiniciou o procedimento de chamada oral e mais três grupos de As foram até sua mesa, em sequência:

- Primeiro grupo: As n.ºs 26, 27 e 28 (somente meninas);
- Segundo grupo: As n.ºs 21, 29 e 32 (somente meninas).

O terceiro grupo, somente de meninos, tentou fazer a chamada mas depois "se recusaram" (vide TRANSCR)

Durante o restante dessa aula os As ficaram brincando pela sala e conversando entre si.

- FINAL DO DIÁRIO DA SEXTA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "D" (período da tarde)

AULA 6 - Data: 17 / Novembro / 1989

A1: ô, dona, a ((...)) faltou, viu, dona?

As: ((...))

A2: não vai lá fora, não, ô ... (tá uma gritaria), que ninguém foi ainda ...

As: ((...)) (burburinho: 45 SEGUNDOS)

A3: ô, dona, é do um ao cem, dona?

P: ãh?

A3: do um ao cem?

P: vamos fazer oral, depois vocês fazem escrito, tá bom? (então vamos lá)... o aluno um e o aluno (dois) não se conhecem ... apresente o aluno (dois)...

A4: *Bob, this is (Wanda).*

A5: *Bob, this is (Wanda).*

P: isso, apresente-se...

As: *my name is ((...))*

P: isso... diga ((...))

As: ((...))

P: agora, apresente (-se)... o outro se apresenta ... como que (o outro se apresenta)?

As: ((...))

P: ((...)) ((aqui))...

As: *my name is...*

P: diga que também está na mesma série... *I am...*

As: *I am the ((...)) (grade)...*

P: *I am the ((...)) (grade)...*

P/As: *too...*

A: (sussurrando:) não é ((...)), não, moleque...

P: bom, o aluno vai indo pela rua... até... ((...))

As: *excuse me...*

P: pergunte as horas...

As: *What time is it?* (quais as horas?)

P: responda...

As: *it's one o'clock...*

P: *it's one o'clock...* agradeça...

As: *thank you...*

P: o aluno chegou atrasado à aula, no primeiro dia ... ofereça ajuda...

As: ((...))

P: como oferece ajuda?

As: *can I help you?*

P: é... *can I help you?*... apresente-se ... apresente-se...

As: *my name is ...*

P: *my name is ... ((...))*, né diz que está na 5ª série "A"...

A: tô na 5ª série "A"...

P/As: (risos)

P: (vai)... ânimo, prá (valer), vai...

As: é ... *I am ... I am... I am ((...)) "A"*.

P: *I am (in) the grade "A"*, né, "A" ... convide-o a entrar e sentar...

As: *come in and sit down...*

P: *come in and sit down. ... "é sábado" ... como que é "sábado"?*

?: (vamos lá), ((...)).

P: *Saturday, né? Saturday...*

?: ((...))

P: lembrem, que é "sábado"?

A1: não ! a senhora não deu isso, não, dona...

A2: também não...

P: mas nós não aprendemos os dias da semana?

As: não...

P: tá legal. ... faça um convite...

As: *let 's play... let 's play...*

A: *let 's play soccer?*

P: aceite o convite ...

As: *sure, that 's a good idea...* (destaca-se a voz de um aluno)

P: recuse...

As: *oh, I'm sorry, I can't. ...* (apenas alguns alunos) *I have...*

P: justifique...

As: *I have to (study) ...*

- P: bom, o aluno está caminhando e esbarra no aluno dois ... peça desculpas...
- As: *I'm sorry, I cant't...* (a última oração é dita em tom mais baixo do que a primeira, e por um número menor de alunos)
- P: aceite...
- As: *(let's) ((...))*
- P: *that's all right...* o aluno chega ao escritório ... cumprimente...
- As: (APENAS ALGUNS ALUNOS) *how are you? how are you?*
- P: ofereça-lhe ajuda ... *yes...?*
- As: *yes, can I help you?*
- P: pergunte se ele... ou ela, né?
- A: é...
- P: (Carmen)... como seria (Carmen)?
- As: *are you (Carmen)?*
- P: isso... confirme...
- As: *that's (Carmen)*
- P: convide pra entrar e sentar...
- A1: *hmm... come in...*
- As: *come in and sit down...*
- A2: *come and sit down...*
- P: ((...)), né? (vou) colocar no quadro o "sábado", né? 'ceis não queriam, o "sábado"?
- A3: ôh, dona, volta ((...))
- P: vocês não aprenderam os dias da semana, mas (eles) estão aí, (quer dizer) ((...))
- A4: ((...)) novo, (tia), ((...)) novo...

P: ((...))

As: ((...))

P: ((...)) e é sábado, né? sábado ... agora, ((...)) (sabe?)  
((...)), né? então, é sábado, né? certo...

A: só, dona?

P: não, mas faça a lição aí, né? começa já...então, quando chega lá, "é sábado", então o que você vai colocar? como vocês vão colocar? é sábado...

A: (só sábado)?

P: *Saturday* ... viu?

As: ((...))

P: agora, quem não tem o livro, já sabe ... é copiar isso aqui, prá (apresentar), né? já pronto ...

As: ((...)) (burburinho: aprox. 45 SEGUNDOS)

P: (tem que ver no treze), né, lá no (signo), né, o dele ...

As: é ... ((...)) (burburinho: UM MINUTO 50 SEGUNDOS)

P: é ... (prá) quem faltou ontem ... nossa prova é dia trinta, viu?

As: ((...)) (burburinho: aprox. 40 SEGUNDOS)

A: ô, dona, faz chamada, senão, não vai dar tempo...

A: ((...)) pera eu, dona!

P: você é o último((...))

A: não! ((...)), não!

P: pela ordem, ((...))

Pes: ((...)) pode deixar, pode deixar (tá funcionando) ...

P: ((...)) pode deixar aí, tá vendo ...

As: (risos)

P: pára de dar risada ... por que? então vai lá ...é esse aqui?  
então apresenta um amigo ao outro ...

A1: é ... Paul (a), *this is Vânia.*

P: responda ...

A1: *glad to meet you, nice to meet you...*

A2: "glestchomitchico" ?

P: faça um convite ...

A1: *let's play soccer?*

P: aceite ...

A3: é ... *sure, sure, ... that's a good ...*

P: isso ... é ... faça um convite prá sair ...

A1: é ... *let's go to park?*

P: isso ... recuse ...

A1: *I'm sorry, I can't...*

P: justifique ...

A3: *I have to study...*

P: isso ... pergunte as horas ...

A1: ((...)) *time is it?*

P: responda ...

A1/A3: *It's one o'clock...*

P: diga que é tarde...

A1: *it's late...*

A3: *bye, bye...*

P: isso ... que mais? vem você, Gabriel ...

Gab.: eu, dona?

P: hum, (você) já tem nota...((...))

Gab.: não, dona!

A4: ((...))

P: ele não fez...

A4: aqui, oh ...

P: ((...)) fazer ...

A4: outro A, dona ...

P: pronto ... vai lá ...

A5: a dona coloca outro A, mesmo, dona? nossa ...

P: então vai apresenta um colega ao outro ...

A4: (Ricardo), *this is Vânia*...

P: isso ... responda à apresentação ...

A4: *glad to meet you, nice to meet you*...

P: isso ... faça o convite prá jogar ...

A4: *let's play soccer*...

P: aceite ...

A4: *sure, that's a good idea*...

P: isso ... pergunte as horas ...

A4: *what time is it?*

P: isso ... diga que são seis horas ...

A4: ah?

P: diga que são seis horas ...

A4: *it's si ... (it's) six o' clock*...

- P: isso ... faça o convite prá sair ...
- A4: *let's go to the cine(ma)?*
- P: isso...ah ... recuse ...
- A4: *oh...I'm sorry, I can't... I ((...))* (MUITO BARULHO DOS DE-  
MAIS ALUNOS)
- A5: vamos mexer, vai...
- P: diga que é tarde...
- A5: dona chata...
- A6: dona chata ... chata, chata...
- A4: ((...))
- P: despede-se ... não ... despede-se ...
- A4: *bye, bye.* ... quanto tirei, dona?
- P: A ... dezesseis...
- A4: é... outro A ...
- A7: Silmara!
- A4: outro A ...
- P: mais alguém?
- As: ((...))
- A8: aqui, dona, nós três agora, dona. ((...))
- A7: dona, eu vou com a Silmara...
- A9: 'ceis já foram, ô ...
- A8: é claro que não, a dona disse que não valeu ((...)) não res-  
pondeu...
- A10: é claro que pode, sim...
- P: apresenta um colega ao outro...

AB: Sérgio... =

As: (barulho)

P: psiu! Sh!

AB: = *Sérgio, this is Márcio...*

P: responda à apresentação...

A11: "glestumitchiu". (POSSIVELMENTE PARA *Glad to meet you*)

A12: ((...)), (RINDO), não sabe nem falar!

P: faça um convite pro seu colega...

AB: *Let's play soccer?*

P: ((...)) aceite...

A11: *sure... that's a good idea...*

P: faz um convite pra ele, prá ... sair...

A13: ah, dona...

AB: *Let's go to the "sneik" (em vez de *snack*) bar?*

P: recuse...

A11: *oh, I'm sorry, I can't...*

P: justifique...

A11: *I have to study...*

P: oh... diga que ... pergunte as horas pro...pergunte as horas...

AB: é...

AB/A11: *what time is it?*

P: responda...

AB/A11: *it's one o'clock...*

P: ah... diga que é tarde...

A8/A11: ah... *it's...it's late...bye, bye...*

P: isso... você não respondeu nada, hein?

A8: ah...

P: qual o seu número?

A8: três...

A11: número quatorze...

A8: três e quatorze...

P: isso... ((...)) (pra vocês fazer) tá? mais alguém?

A14: mas essa chamada ai não é desse bimestre, dona!

P: é do quarto... bimestre...

A14: ãh... ((...))

P: você vai fazer chamada?

A15: ((...))

P: ãh?

A15: (eu já fiz). ((...))

P: vai fazer chamada?

A14: o André quer fazer de novo, né?

A16: deixa eu fazer com ele, deixa eu fazer com ele...

A17: ele já fêz, dona...

A18: ôh, dona, ôh, dona, ôh, dona, posso ir de novo?

A19: vou eu...

P: oh, tá rodando, aqui, né.... então, vai ... apresenta um colega prá ele...

A19: é ... *Celso, this is Elza...*

P: resposta (à apresentação)...

A20: *glad to meet you...*

P: que mais?

A19/A20: *nice to meet you...*

P: faça um convite prá ele, faça um convite (prá ele)...

A19: *let's play soccer?*

P: resposta, aceite...

A19: *sure, that's good idea...*

P: agora, faça um convite prá ele sair...

A19: *let's go to the park?*

P: recuse...

A20: *oh, I'm sorry, I can't... (RISOS) I'm sorry, I can't...*

P: justifique...

A20: *I have to study...*

P: pergunte as horas prá ele ...

A19: *what time is it?*

P: resposta...

A20: *oh... it's one o'clock...*

P: diga que é tarde...

A20: *it's late, bye, bye...*

A19: *bye, bye...*

P: agora tá bom, né, antes 'cê não tinha feito... qual é o seu número?

A19: é... (cinco)

P: trinta ...

A19: ah, lá... outro A, oh...

P: é...

A19: coloca mais um A aí prá mim, dona ...

P: oh, vou deixar esse A aqui ((...)) que ontem não fez nada, não respondeu...

A1: ôh, dona... e ...é...

P: mais alguém, aí, que não fez? vai quem já fez chamada, vai prá lá, fica atrapalhando...=

A1: ôh, dona...=

P: =vai prá lá, fica atrapalhando, aqui...

A1: = e a prova, onde vai colocar aqui, dona?

P: a prova põe aqui, depois, oh quanto lugar pra por prova, aí.  
..

A1: aqui, depois desse A aqui, dona, oh...?

P: isso...

A1: e depois a (o) comportamento, dona?

P: ((...)) tudo isso aí ((...))

A1: mas eu tirei dois A ... ajuda na nota da prova?

P: ajuda, sim...

A2: dona... dona... ((...)) dá prá fazer... é... chamada oral na quinta-feira... sozinha?

P: não pode ser quarta?

A2: tá bom...

A3: (valeu) o mesmo de ontem?

P: é ... então vai lá... apresenta uma colega...

A3: não tem nenhuma ...

A4: deixa eu fazer com ela, dona?

P: (tá bom). ((...)) ela faz sozinha, né? apresenta uma amiga..

A3: *Sônia, this is Angela...*

P: isso... responda à apresentação...

A3: *glad to meet you, nice to meet you...*

P: faça um convite prá jogar...

A3: *let's go to the...*

A4: *let's play...*

A3: *let's play... ((...))*

P: aceite...

A3: *sure...*

P: abra a boca, fala!

A3: *sure, dona!*

P: então, vai...

A3: *that's a good idea.*

P: isso ... faça um convite prá sair...

A3: *let's go to the ((...)) bar.*

P: ok... recuse...

A3: *oh, I'm sorry...*

A4: que mais?

A3: *I'm sorry, I can't.*

P: justifique...

A3: *I can't, I have to study.*

P: diga as horas, pergunte as horas...

A3: ((...))

P: *what...*

A3: *what time is it?*

P: isso... responda...

A3: *it's one o'clock*

P: *isso ... diga que é tarde ... despeça-se...*

A3: *let's ... é... it's late... bye, bye.*

P: *ê ... qual é o número?*

A3: trinta e quatro...

P: *ã?*

A3: trinta e quatro...

P: você já foi chamada ontem, né?

A: ((...))

P: então , vai ... apresentar uma colega... a outra...

A4: ((...))

P: isso... ah... responda à apresentação...

A4: *glad to meet you, nice to meet you...*

P: ah ... faça um convite prá jogar...

A4: *let's play (volleyball).*

P: aceite...

A4: *sure... that's a good idea.*

P: isso... faça um convite prá sair...

A4: *(let's go to the park)*

P: pergunte as horas...

A4: *what time is it?*

P: diga que são seis horas...

A4: *it's six o'clock.*

P: *clock...* diga que é tarde...

A4: *it's late, bye, bye.*

P: ah... recuse... o convite...

A4: *I'm sorry, I can't. I have (to do my homework).*

P: ok...acho que já ... você ((...)) né?

A4: trinta e três...

P: seu número, Tatiana? tudo bem, viu?

A4: trinta e três, trinta e três...

P: só que tava tão baixinho...

A5: tava tão longe, dona...

A6: ((...))

P: as meninas, que tão aí sentadas, (quanto falta) prá terminar?

A7: a gente já terminou, dona! a gente tá sem nada prá fazer...

A8: vai, Andrezão!

P: ((...)) as carteiras, arrumem as carteiras, tá? vai sentar ((...))

A: ((...)) quando vai ter prova?

P: vamos terminar isso aí... vamos fazer chamada... ((...)) hoje, não, na outra aula eu chamo, tá?

A: oba!

P: ((...))

As: ((...))

P: ((...)) quinta-feira...

A: vai ser em grupo, também, dona?

P: ((...))

A: ah ... deixa fazer, dona!

P: ((...)) fica quieto ((...))

As: ((...))

A1: ô dona, vai fazer ((...))?

P: ((...))

A2: tudo de novo, dona?!

P: (tudo... a página inteira é prá dar nota)...

As: ((...))

P: ((...))

A2: é só esses dois, dona?

P: ah... ((...)) atenção do colega...

A1/A2: *I* ((...))

P: peça ajuda...

A1/A2: ((...)) *I help* ((...))

A3: esse negócio aí, oh, esse negócio ((...))

P: não esse ((...))

A4: é ...

P: é tudo aqui, agora...

A5: ((...)) chamada oral, dona?

P: ((...))

A5: nossa prova é segunda ou terça-feira?

As: ((...))

P: ((...))

A5: não, vamos fazer trabalho em casa, dona...

P: que isso?

As: ((...))

P: vão trabalhando, vão...

A6: eu tô aqui, já ...

A7: eu já acabei, já...

A8: o Bodão (é) que não acabou, dona!

A9: chama eu de Bodão de novo!

A8: Bodão...

As: ((...))

A8: Pedro Malasartes ... (Gipó)...

A9: dona!

P: fala...

A9: pode ((...))?

P: pode...

A9: pode... vem, Márcia...

As: ((...))

P: Michel, Telma!

A10: (thank you) bye, bye

A9: bye, bye.

P: ((...)) Ok... vamos ((...)), então, ...

A9: vinte e dois... vinte e três...

P: a outra?

A9: vinte e seis...

P: ((...)) prá quinta feira ... quinta feira próxima ((...))

As: ((...)) (MUITO BARULHO - OS AS CONVERSANDO ENTRE SI E COM P).

P: ((...))?

A8: é o Pedro Malasarte!

A10: o Marcos não vem mais ...

P: não vem, né?... e o número sete?

As: não vem mais ...

P: e o número nove?

As: faltou...

P: (estou fazendo) a chamada ... o número onze?

A: aqui, dona...

A2: vai lá, vai lá, vai lá...

A3: vamos lá, Marcião, nós dois ... vamos nós dois.

A4: vamos nós três...

A3: nós três...

A5: vamos lá, Marcinho ...

P: número dezessete?

17: eu?

A5: vai sozinho, Marcinho, é mais fácil...

As: ((...))

P: chamada... número dois ... dezenove?...

A: tá tudo aqui...

P: vinte e três? ... vinte e três?

A1: quem é vinte e três?

A2: é o (Ademar)...

P: tá estudando, né ... vinte e quatro? ... vinte e cinco?...  
vinte e oito?...

A3: faltou... faltou... (é) a Rita...

P: trinta?

A2: faltou...

P: trinta e um?

A4: Silmara!

P: tá estudando?

A4: tá estudando...

P: veio o trinta e cinco?

As: veio, dona...

P: trinta e seis?

As: trinta e seis não tem mais, dona ...

P: tó bom ((...))

As: ((...))

5ª SÉRIE "D" - AULA 4 (Continuação) - Fita 2

As: ((...)) (burburinho: CINCO MINUTOS 10 SEGUNDOS)

- FINAL DA SEXTA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "D" (período da tarde)

Diário da AULA 2 - DATA: 24 / novembro / 1989

A primeira atividade dessa aula foi a estória sobre "Beto Fusquinha", na seção *Reading* (pag.37) do LD.

Primeiramente P leu a estória em voz (em inglês) alta e os As acompanharam pelos LDs. Em seguida, P pediu para os As responderem às perguntas (em português) de compreensão da estória (pag.38). Enquanto os As respondiam às perguntas, por escrito, alguns As dirigiam-se até a mesa de P para solucionar dúvidas sobre o texto "Beto Fusquinha".

A maioria dos As parecia interessada na estória e na atividade de leitura. Alguns alunos andavam pela sala "à toa" e brincavam.

Após um determinado tempo, P levantou-se e disse para a classe: "Agora vou explicar o texto". P procedeu dessa maneira, e também comentou com a classe todas as respostas das perguntas de compreensão do texto (vide TRANSCR). Dado o número de respostas "corretas" dos As (fornecidas oralmente), constatamos que os As haviam compreendido o texto.

A próxima atividade foi uma revisão das lições 4, 5 e 6 do LD, a partir de uma seção de revisão no próprio livro, às pags. 46 e 47.

P utilizou as figuras da pag. 46, sobre jogos, para revisar a função de "convidar alguém para jogar" (*Lesson 5*). Embora a proposta do exercício no LD fosse para escrever os exercícios no caderno, P conduziu a atividade oralmente. Os As produziram adequadamente os expoentes correspondentes (vide TRANSCR). Em seguida, P pediu para que os As escrevessem os exercícios, mas eles reclamaram, e um A disse: "Mas a gente já fez!" (vide TRANSCR).

A partir desse momento os As ficaram muito agitados e interessados em ir embora, pois era a última aula do dia.

P então sugeriu que os alunos interessados fizessem uma chamada oral, mas ninguém se voluntariou. P decidiu "dispensar" metade da classe antes do término da aula, e assim procedeu, chamando os números de alguns alunos, que foram saindo da sala. P, quinze alunas e o Pes permaneceram na sala de aula, aguardando soar o sinal de término da aula.

- FINAL DO DIÁRIO DA SÉTIMA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE : 5ª série "D" (período da tarde)

AULA 7 - Data: 24 / novembro / 1989

A1: ô, dona, ô dona...=

P: podem ler, vocês aí, né...é...=

A1: = traduz pra gente!

P: = sem traduzir, tá legal? vamos fazer o seguinte... eu vou ler pra vocês ... em português... pra vocês entenderem o texto...sem tradução! =

A2: ah... não sei...

P: = tá?

A2: não entendi nada !...

As: ((...))

P: não precisa copiar ((...)) de onde é ((...))?

As: Brasil... Brasil...

P: em que ano ele foi ((...))?

As: (1981).

P: por que (décimo capítulo)?

As: por que... porque... ((...))

A3: porque ((...)), dona...

P: ãh? então, responde ((...))

As: ((...))

A2: ãh?

P: ((...)) vou fazer chamada...

A2: ãh? ãh? ãh?

As: ((...)) (burburinho:: SEIS MINUTOS 30 SEGUNDOS)

P: ((...)) fica sentado! faz favor, Miguel!

Mig.: ah, dona...

P: vai pro seu lugar!

As: ((...))

A4: ô dona!... eu tô com o livro, aqui e ((...))

A5: quantas é?

P: pô, ô, Cléber, você ((...))

As: ((...)) (burburinho: CINCO MINUTOS 40 SEGUNDOS)

P: ((...)) (que ano que) ele veio para o Brasil?

A6: (1961)!

P: ((...)) onde que tá isso?

As: ((...)) (no segundo) ((...))

P: ((...)) ele veio para o Brasil... que ano ele foi ((...))?

As: 1961!

P: ((...)), *nineteen sixty-one*, né?

As: é...

P: por que (Beto) está triste?

As: ((...)) (TODOS FALANDO AO MESMO TEMPO)

P: ((...)) então ((...)), né (é velho)((...))

As: ((...))

P: ((...)) (ele está triste)... por que?

As: ((...))

P: ele não tem utilidade, né? e ninguém gosta... ninguém quer... (fusca) velho... aí vem a idéia do ... Beto, né? qual foi a idéia do (Roberto)?

As: (sair) ((...))

P: isso, (foi)... ele chama o ... o Beto, né, o Beto ((...))

As: ((...))

P: ele teve uma idéia... ele vai... cuidar do ... edi...  
(Edinho)... né... hmm... e qual foi a idéia dele?

As: (pintar o carro)

A7: pintar o carro...

P: e (como) foi que o Roberto pintou?

As: ((...))

P: quais foram as cores?

As: branca... rosa... azul... amarelo... verde...

P: *green*...

As: verde...

P: *red*... (=soa como 'ready')

As: vermelho...

P: vermelho, né... *yellow*...

As: amarelo...

P: *blue*...

As: azul...

P: *white*...

As: branco...

P: *and black*...

As: preto...

As: ((...))

P: ((...)) Beto ((...))?

As: (no parque)

P: no parque, né... então, mostre onde tá isso... onde que tá...

As: ((...)) (TODOS FALANDO AO MESMO TEMPO)

P: quanto custa uma corrida (de) ((...))?

As: (dez cruzeiros)!

P: *all right*... dez cruzeiros, *all right*...

As: ((...))

P: quanto... é... qual é a nova utilidade do ((...))?

A8: dar volta na quadra...

P: (para) que vai servir, agora, o ...? =

As: (vai guiar) ((...))

P: e quem que vai levar o carro?

As: a prima dele... ((...)) (TODOS FALANDO AO MESMO TEMPO)

P: ((...)) bom, agora, qual é a nova utilidade que vem aqui?

As: levar (presos)...

P: às vezes, a ((...)) pode ter mudado, hem? ((...)) uma nova...nova finalidade, tá (você) tem uma outra idéia para um... velho fusca?

A9: reformar...

P: ah, reformar... isso... o ((...)) teve essa idéia, né...

As: é...((...)) pintar ((...)) novo, (arrumar) a lataria, (colocar) um ((...)) novo...((...))

P: ((...)) vocês entenderam? tá difícil?

As: não...

P: agora, na página... 44... vamos lá... (abram na) página

44... .

As: ((...))

P: ((...)) (DANDO INSTRUÇÕES SOBRE OS EXERCÍCIOS - BARULHO DE As)

P: vamos lá!

A10: vai... .

P: (*repeat*) ((...)) vai lá!

P/As: *let's play chess..*

A11: *football...*

As: *let's play football.*

P: outra vez!

As: *let's play volleyball...*

P: ((...))

As: *let's play (cards)....*

P: ((...))

As: *let's play volleyball....*

P: ((...))

As: *let's play ((...))*

P: então (tá), aí...((...))

As: ah... (=PROTESTO, DECEPÇÃO)

A12: o que é pra fazer?

As: ((...))

P: então, agora, fazendo a tarefa, viu? sem brincadeira! chega de brincadeira!

As: ((...)) (TODOS FALANDO AO MESMO TEMPO - burburinho:45 SEGUNDOS)

P: ((...)) classe (não) tem pernilongo... na outra classe (a quinta "C"), tinha tanto pernilongo...

Pes.: ah, é...?

P: ((...))

As: ((...))

A13: ôh, Du! Eduardo! ô, Carlos Eduardo! Carlos Eduardo! dá licença?... seu nome ((...)) Carlos Eduardo de quê?

A14: ((...))

A13: da Silva? dá licença...

As: da Silva! ((...))

A13: do quê?... Nogueira?... Carlos Eduardo Pereira!...(como que é seu nome? por favor! ... hein?

( burburinho: TRÊS MINUTOS 40 SEGUNDOS)

A15: pode guardar, dona? pode guardar, dona?

(interrupção da gravação)

P: nº 4?

As: não vem mais! não vem mais!

P: nº5?

As: ((...))

A16: por que, dona?

P: nº (8)?

As: não vem mais...

P: quem que é 8?

B: é eu, dona...((...))

P: nº9?

9: eu, dona...

As: ((...))

P: ãh? ((...)) nº10?

As: faltou...

As: ((...))

P: ((...)) eu (não) mandei sentar aí...((...))

As: ((...))

P: o nº 12? ... o 11 tá aí?

A17: tá, dona...

A18: 12 não tem!

As: ((...))

P: 13...

13: eu, dona... eu...

P: (e o ) 14?

14: eu, dona...

As: ((...))

- FINAL DA SÉTIMA AULA -

LD: DUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "D" (período da tarde)

DIÁRIO DA AULA 8 - Data: 30 / novembro / 1989

A aula toda foi dedicada a uma prova, cujas questões foram colocadas na lousa por P e estão copiadas abaixo:

Name: \_\_\_\_\_ Number: \_\_\_\_\_ Grade: \_\_\_\_\_

Date: 30 - 11

English test

1. Cumprimente o colega.
2. Responda ao cumprimento.
3. Atraia a atenção do colega.
4. Faça um convite para jogar xadrez.
5. Aceite.
6. Pergunte as horas.
7. Responda.
8. Agradeça.

//

1. Apresente um(a) amigo(a).
2. Respondam ao agradecimento.\*  
\*Posteriormente, P modificou esse item para "Respondam à apresentação".
3. Faça um convite para ir ao zoo.
4. Recuse.
5. Justifique
6. Despeça-se.

Good test!

- FINAL DO DIÁRIO DA OITAVA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "D" (período da tarde)

DIÁRIO DA AULA 9 - Data: 01 / dezembro / 1989

A aula foi dedicada somente a um exercício de revisão, colocado na lousa por P:

Review

1. Faça um convite para jogar cartas.
2. Recuse, dizendo que você tem que ajudar sua mãe.
3. Faça um convite para ir ao cinema.
4. Recuse, dizendo que você tem que fazer a tarefa de casa.
5. Faça um convite para ir à discoteca.
6. Pergunte as horas. Responda.
7. Recuse o convite dizendo que é tarde.

Enquanto os As faziam o exercício por escrito, P corrigia as provas, feitas na aula anterior (30/novembro). Os As também brincavam e conversavam bastante.

Na parte final da aula, os As combinaram uma brincadeira de 'amigo secreto'.

- FINAL DO DIÁRIO DA NONA AULA -

APÊNDICE 4

- Diários e Transcrições de Aulas: 5ª série "E" -

DADOS PRINCIPAIS (Coletados pelo Pes)

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "E" (período da tarde)

- ESCOLA DE PERIFERIA -

DATA: 06 / outubro / 1989

PRIMEIRA AULA OBSERVADA (Aula não gravada)

P entrou na sala de aula e distribuiu os LDs para a maioria dos As; apenas alguns As possuíam seu próprio LD.

Os As estavam extremamente agitados, talvez devido à presença do Pes na sala.

Os As perguntaram a P quem era o Pes e ocorreu o seguinte diálogo:

As: "É professor novo?"

P: "Ele vai me substituir..." (ironicamente)

As: "Ah, não, dona..." (decepcionados)

Os As pediram para ver uma prova que haviam feito recentemente mas P finalizou rapidamente esse assunto. Em seguida, P pediu aos As para que confeccionassem tiras de papel, utilizando folhas de seus cadernos ("quatro tiras de papel para cada um", disse P), e organizou os As em pares ou pequenos grupos de três ou quatro As cada. Uma vez engajados na tarefa de preparar as tiras de papel, os As ficaram menos agitados e a sala mais silenciosa.

Os As sentados na parte traseira da sala não demonstravam estar interessados na atividade, dado que conversavam sobre assuntos alheios à aula e faziam brincadeiras uns com os outros.

P deslocou-se então de grupo em grupo, fornecendo mais instruções aos As sobre o que eles deveriam fazer. Nesse instante, ocorreu o seguinte diálogo entre alguns As sentados próximos ao Pes:

A1: "O que a gente vai fazer agora?"

A2: "Vamos brincar de detetive...Você não sabe brincar?"

A3: "é nada, mentiroso! é pra fazer diálogo!"

Um período de tempo bastante significativo (cerca de 20 MINUTOS) foi consumido até que todos os As começassem a trabalhar na atividade proposta.

Um grupo de seis alunas aproximou-se do Pes e começaram a tentar algumas interações em inglês, tais como *What's your name?* / *My name's...*. Um A perguntou ao Pes: "O senhor vai ser diretor?"

A técnica, na íntegra, utilizada por P foi a seguinte:

- a) Os As copiaram do LD, diálogos que foram determinados por P (grupos diferentes trabalharam com diálogos distintos), nas tiras de papel - uma fala em cada tira.
- b) Em seguida, os alunos trabalharam em pares, lendo o diálogo em voz alta (cada aluno possuía as falas de um só interlocutor).
- c) Finalmente os mesmos alunos tentavam reproduzir o mesmo diálogo sem olhar nas tiras de papel (memorização).

P continuou deslocando-se pela sala, monitorando o trabalho dos As e ouvindo os diálogos. P disse então aos As que iria atribuir-lhes uma nota pelo desempenho oral deles, na aula seguinte (aparentemente utilizando os mesmos diálogos).

- FINAL DA PRIMEIRA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "E" (período da tarde)

Diário da AULA 2 - DATA: 06 / outubro / 1989

O professor havia pedido para o Pes "ficar com os alunos, fazendo alguma atividade que ele (o Pes) desejasse" durante essa aula, a segunda aula da classe, no mesmo dia da semana (=aula dupla). No horário dessa aula, o professor foi lecionar para outra classe na mesma escola, para compensar a falta de um professor.

No início da aula o P pediu aos alunos para que reorganizassem as carteiras na sala, em fileiras apropriadas, e que ficassem sentados. P disse-lhes que "quem quisesse, poderia apresentar o diálogo ao Pes, para nota", e avisou-os também que na próxima aula fariam uma prova de gramática. (Posteriormente P informou o Pes que os As já haviam feito uma "prova de diálogo", envolvendo as funções do LD. P afirmou também que "os As falam melhor do que escrevem".)

O Pes sentou-se então à mesa do professor e passou a ouvir a apresentação de diálogos preparados por pequenos grupos, dois ou três alunos em cada grupo. Para cada aluno foi atribuído um conceito, que variou entre "B" e "A".

- FINAL DA SEGUNDA AULA -

LD: DUR\_IURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "E" (período da tarde)

Diário da AULA 3 - DATA: 20 / outubro / 1989

Nesse segundo dia de observação de aulas nessa classe, a primeira aula foi dedicada a uma prova, previamente marcada por P.

P começou a escrever a prova na lousa enquanto os alunos ainda estavam alvoroçados e conversavam entre si. P aparentou estar zangado, e não deu muitas informações a respeito do que a prova envolveria. Abaixo temos a cópia da prova, exatamente como estava na lousa:

"Prova com consulta"

Nome: \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_ série \_\_\_\_\_  
Data: 20 / 10

English test

A - Translate into English:

- a) Ela é uma enfermeira.
- b) Eu sou um professor.
- c) Eles são cantores.
- d) Ele é um engenheiro.
- e) Nós somos professores.
- f) Você é um jogador.

B - Insert A-AN-The:

- a) That is\_\_\_\_orange.
- b) \_\_\_\_dof is white and brown.
- c) That is\_\_\_\_book.
- d) It's\_\_\_\_apple.

C - Make substitution:

he - she - it - we - they

- a) Jane is a girl.  
(        )
- b) I and you are friends.  
(        )
- c) The cat is black.  
(        )
- d) Mary and Jane are sisters.  
(        )
- e) Paul is a boy.  
(        )

----- // -----

Os alunos fizeram a prova, e entregavam-na ao professor à medida que terminavam. Em seguida, saíam da sala de aula.

- FINAL DA TERCEIRA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "E" (período da tarde)

Diário da AULA 4 - DATA: 20 / outubro / 1989

(Primeira aula gravada nessa classe)

No início da aula os As estavam bastante agitados, e também eufóricos devido à existência do gravador, pela primeira vez, na sala de aula.

A primeira atividade, conduzida por P, foi a repetição do seguinte diálogo, contido no LD (*Lesson 5*, pag.32):

[1]. *"Let 's play soccer."*  
*"Sure. That 's a good idea."*

Em seguida, P solicitou que os As produzissem alguns expoentes, de acordo com funções já apresentadas (contidas no LD), como por exemplo:

P: faça um convite...  
As: *Let 's play soccer...*

A próxima atividade foi um trabalho em pares, de acordo com a sugestão do LD (pag.33). P circulou pela sala, monitorando os As. Nesse período de tempo, enquanto alguns alunos (aparentemen-

te) faziam a tarefa proposta, outros aproximaram-se do Pes com o gravador e disseram várias enunciados, em L1 e na LE, com o propósito de "gravá-los" (vide TRANSCRIÇÃO).

P iniciou nova repetição com os alunos do mesmo diálogo praticado anteriormente, variando apenas o léxico em termos de vocabulário sobre "jogos", como por exemplo:

[2]. *"Let 's play basketball."*  
*"Sure. That 's a good idea."*

[3]. *"Let 's play checkers"*.  
*"Sure. That 's a good idea."*

Em seguida, ainda utilizando a técnica de repetição em coro, P introduziu as funções de "recusar" e "justificar" (*Lesson 5*, pag.33), através dos diálogos ilustrados em [4] e [5] abaixo:

[4]. *"Let 's play cards."*  
*"I 'm sorry, I can 't."*

[5]. *"Let 's play chess."*  
*"I 'm sorry, I can 't. I have to study."*

P continuou (exaustivamente) utilizando a repetição em coro, introduzindo variações lexicais, em termos de "jogos", analogamente ao procedimento feito nos diálogos [2] e [3] acima (vide TRANSCRIÇÃO).

O barulho do sinal marcou a interrupção dos expoentes, e o término da aula.

- FINAL DA QUARTA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "E" (período da tarde)

AULA 4 - Data: 20 / outubro /1989

(burburinho: UM MINUTO - falas incompreensíveis de As e de P)

A1: vai um pouquinho pra frente, João...

As: ((...))

A2: oi, 'fessor...(dirigindo-se ao Pes)

A3: senta comigo aí ((...))

(burburinho: 20 SEGUNDOS)

A: ô, minha carteira é aqui...

P: ((...))...ô Renato...((...))

A1: tá gravando?

P: ((...)) (em vez de ) gravar a aula, vai gravar a bagunça de vocês... não vai nem ouvir o que vocês vão falar, tá?

A2: vai gravar, professor? (dirigindo-se ao Pes)

As: ((...))

P: eu vou falar com a diretora, pra ((...))

As: já tá gravando?

A1: grava aí, professor...

A2: já tá gravando!

A3: já tá gravando...

A1: grava aí, professor...

Pes: pode deixar, eu vou (gravar)...

As: ((...))

A1: ô dona, só tem nego jóia...

A2: o senhor vai trazer aqui pra nós escutar?

Pes: depois eu trago, um dia eu trago, tá?

A: ai...que legal, ele tá com (um) gravador...

As: ((...)) (comentários a respeito do gravador)

P: ((...)) da segunda lição... o que vocês vão aprender nesta lição? (lendo, a partir do LD) ...ao terminar essa lição, você deverá ser capaz de ... ((...)) fazer convite...

P/As: aceitar um convite... recusar um convite ... justificar uma recusa ... perguntar as horas ... dizer as horas ... (expressar a idéia de tarde) e (seguir)...

P: amigos se encontram... um deles faz um convite ((...)) e o outro aceita. ... aceita, né ((...))

(barulho de As)

A1: ôh, dona!

P: ãh?

A1: (tô) sem livro, dona!

A2: ô dona, (ele) tá sem livro, dona...

As: ((...))

P: ((...)) *sit down*, né?

A2: sente-se!

A1: *thank you!*

P: *let's play soccer.*

As: *let's play soccer.*

P: *let's play soccer.*

As: *let's play soccer.*

P: *sure.*

As: *sure*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer?*

As: *let's play soccer?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer?*

As: *let's play soccer?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer?*

As: *let's play soccer?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer?*

As: *let's play soccer?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer?*

As: *let's play soccer?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer?*

As: *let's play soccer?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer?*

As: *let's play soccer?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer?*

As: *let's play soccer?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer?*

As: *let's play soccer?*

P: *sure.*

A: *aquela frase ((...))*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer?*

As: *let's play soccer?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer*

As: *let's play soccer*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer?*

As: *let's play soccer?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer?*

As: *let's play soccer?*

(Alguns As, próximos do gravador, não acompanham os outros As na repetição e fazem comentários, incompreensíveis.)

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer?*

As: *let's play soccer?*

P: *sure.*

As: *sure.*

A: *vem falar pra nós aqui, dona...*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer*

As: *let's play soccer*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer.*

As: *let's play soccer.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *((...)) vamos lá ((...)) (muito barulho dos alunos)*

As: *let's play soccer?*

P: aceite...

As: sure, sure. ((...))

P: that's a good idea.

As: that's a good idea.

P: faça o convite...

As: let's play soccer?

P: aceite...

As: sure. ((...))

P: that's a good =

As: that's a good ...

P/As: idea.

P/As: that's a good idea.

P: that's a good idea.

As: that's a good idea.

P: faça o convite...

As: let's play soccer?

P: aceite...

As: sure... that's ... ((...))

P: that's a good...

As: that's a good ... ((...)) (MUITO BARULHO)

P: that's a good idea.

As: sure...

As: that's a good...

P: that's a good idea.

As: *that's a good idea.*

P: *that's a good idea.*

A1: tem que falar de novo?

A2: estourou tudo, oh...

As: *that's a good idea.*

A: (RISOS)

P: *fala, ô... outra vez, né?... faça o convite...*

As: *that's a good...*

P: *não... let's ... let's...*

As: *let's play soccer...*

A1: *let's play soccer...* (RISOS)

P: *sure.*

As: *sure. ... that's a good...*

As: ((...))

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: ((...)) *faz favor, tá?*

As: ((...))

A: eu tô quieto aqui...

P: (vamos) *faça um convite...*

As: *let's play soccer.*

P: *aceite...*

As: *sure ... that's a good idea.*

P: *isso... let's play soccer.*

As: *let's play soccer.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *agora, (nós) vamos fazer o convite...e... vamos ((...)), né? vamos trocar o... aqui, o ...trocá o vocabulário... o jogo, né?, os jogos, né?, os jogos...*

As: *((...))*

P: *agora vamos mudar o vocabulário...então nós vamos mudar ... jogos, né, aqui... é bas'ketball, é volleyball, football...*

As: *((...)) table tennis...*

P: *cards.*

As: *cards.*

P: *bas'ketball.*

As: *bas'ktball.*

P: *volleyball.*

As: *volleyball.*

P: *checkers.*

As: *checkers.*

P: *chess.*

As: *chess.*

P: *table tennis.*

As: table tennis.

P: cards.

As: cards.

P: bas'ketball.

As: bas'ketball.

P: volleyball

As: volleyball.

P: checkers.

As: checkers.

P: chess

As: chess.

P: table tennis.

As: table tennis.

P: cards.

as: cards.

P: bas'ketball.

As: bas'ketball.

P: volleyball.

As: volleyball.

P: checkers.

As: checkers.

P: chess.

As: chess.

P: table tennis.

As: *table tennis.*

P: *cards.*

As: *cards.*

P: *bas 'ketball.*

As: *bas 'ketball.*

P: *volleyball.*

As: *volleyball.*

P: *checkers.*

As: *checkers.*

P: *chess.*

As: *chess.*

P: *table tennis.*

As: *table tennis.*

P: *cards.*

As: *cards.*

P: *ok...então vamos lá... let 's play bas 'ketball?*

As: *let 's play bas 'ketball?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that 's a good idea.*

As: *that 's a good idea.*

P: *let 's play volleyball?*

As: *let 's play volleyball?*

P: *sure.*

*As: sure.*

*P: that's a good idea.*

*As: that's a good idea.*

*P: let's play checkers?*

*As: let's play checkers?*

*P: sure.*

*As: sure.*

*P: that's a good idea.*

*As: that's a good idea.*

*P: let's play chess?*

*As: let's play chess?*

*P: sure.*

*As: sure.*

*P: that's a good idea.*

*As: that's a good idea.*

*P: let's play table tennis?*

*As: let's play table tennis?*

*P: sure.*

*As: sure.*

*P: that's a good idea.*

*As: that's a good idea.*

*P: let's play cards?*

*As: let's play cards?*

*P: sure.*

As: sure.

P: that's a good idea.

As: that's a good idea.

P: let's play football?

As: let's play football?

P: sure

As: sure.

P: that's a good idea.

As: that's a good idea.

P: let's play bas'ketball?

As: let's play bas'ketball?

P: sure.

As: sure

P: that's a good idea.

As: that's a good idea.

A: opa...

P: let's play volleyball?

As: let's play volleyball?

P: sure.

As: sure.

P: that's a good idea.

As: that's a good idea.

P: let's play checkers?

As: let's play checkers?

P: *sure*

As: *sure*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: ((...)) *agora vamos ((...))... convide (-o pra jogar), né=*

A1: *vamos jogar?*

P: = *qualquer jogo, né?,né?=-*

A1: *vamos jogar ((...))?*

P: = *depois troque os papéis...*

As: ((...))

P: ((...)), *tá?*

(burburinho: TRÊS MINUTOS 50 SEGUNDOS )

A2: *professor... aque... aquela chamada oral ... é... (RISOS) eu tirei A, né, professor? (A2 conversa com Pes)*

Pes: *então, fala... agora (o que que...) fala pra mim, de novo, como é que é a palavra aí, vai...*

A2: *perai, eu não sei, não!*

A3: *professor! ô, professor!*

A2: *my name is Marília...=*

A3: *Marcela!...*

A2: (RISOS)

A4: (Kelly)... *Kelly, Kelly...*

A5: *Mora, this is Marília...Marília=*

A6: *José Wilson!*

A7: *Cacique!*

A5: Nora, this is Marília=

As: ((...))

A5: my name is Kelly Cristina...

A4: my name is (Marcela)...

As: ((...))

A5: Nora, this is Marília...fine, thanks...and you!...pronto!

As: ((...))

A5: thank you! thank you! eu me chamo Andresa Soraia... thank you! thank you!

A9: let's ((...))

As: ((...))

A10: good morning! good morning! good mornig!

A11: tá ligado, aqui!

A10: good morning!

A12: let's play soccer?

A13: sure... (em vez de sure) that's a good idea.

A14: professor... let's play (em vez de play) soccer?

A5: vai... vai, professor! tá gravando, vai...

Pes: ah... tá...

A5: peraí, deix'eu ver, não tá...

Pes: tá...

As: ((...))

A5: peraí... como que é esse? let's...let's...

A5: let's play...

A6: eu falo ((...))

A5: então, vai...

Pes: então, vai, pode falar...

As: ((...))

A5: *let's play soccer.*

As: ((...))

A6: pode?

Pes: pode...

A6: então, vai gravar...=

Pes: fala, então fala...

A6: *volleyball, bas'ketball...* é... como é isso aqui?

Pes: *checkers...*

A6: *che-ckers...*

As: ((...))

A15: então, posso ver se tá rodando, professor?

Pes: tá...

A7: *volleyball, baskeball...*

As: ((...))

A6/A7: *bas'ketball... volleyball...checkers...*

As: ((...))

A7: vai ... eu sou esse... vai, Paulo!

Paulo: ((...))

A5: */fine/ thanks... and you?...* bem rápido...

Pes: vamos (ler) de novo...

A8: tá gravando aqui, tudo errado!... ah, não, não tá gravando..

A9: tá sim!

As: ((...))

A8: *hi, Paulo! ... hi, Paulo... (how are you?)*

As: ((...))

A9: *vamos nós duas? good morning, good morning... good afternoon, good afternoon...*

A10: *deixa eu cumprimentar o senhor? good afternoon..*

A9: *good night...*

A10: *vai, professor...grava aí...*

A: *good afternoon...good night...*

As: ((...))

A11: *bas'ketball... volleyball...*

Pes: *checkers.*

A11: *checkers. ((...))*

(burburinho: 30 SEGUNDOS)

A12: (tio), *deixa eu falar um pouquinho?*

Pes: *pode falar...*

A12: *ahh...*

Pes: *pode falar...*

A12: *é... Renato Virtis (pronunciando com sotaque) my name is Renato Virtis. ... é... Renato Virtis é muito bonito (RISOS) ((...)) one, two, three... seven, nine...no...no...two...three...five...((...))...no...two...*

A13: *yes, can I help...yes, can I help...*

A12: *Renato Virtis fez essa música... tchau, tchau, tchau, tchau.. beijinho, beijinho...*

A13: deixa eu cantar um pedaço de uma música em inglês?

Pes: ((...)) a professora ((...))

As: ahh... (PROTESTO)

A14: como é mesmo aquela música lá?

A15: é em inglês...

A14: 'cê num sabe?

(Um aluno começa a cantar uma música.)

As: ((...))

A12: ((...)) eu sou...o menino mais bonito...

A15: não professor...

P: (vamos lá...)

(barulho de As)

A15: o senhor também vai sê(r) professor, professor?

P: *let's play soccer!*

As: *let's ((...))*

P: *sure.*

As: *sure...* (apenas alguns alunos)

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play bas'ketball.*

As: *let's play bas'ketball.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: (não é pra gritar, viu?) fica gritando, e não tá acompanhando...vamos lá... *let's volleyball...*

As: *let's play volleyball.*

P: *sure*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play checker?*

As: *let's play checkers?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play chess.*

As: *let's play chess.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play football?*

As: *let's play football?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *((...))*

A: 'futebol' significa 'pe' (e) 'bola', né?

Pes: *((...))?*

A: 'futebol'...

Pes: *significa o que?*

A: 'pé' e 'bola'...

Pes: *ah, tá...*

P: *let's play cards?*

As: *let's play cards?*

P: *sure.*

As: *sure.*

A: *ô dona...*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer?*

As: *let's play soccer?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play volleyball?*

As: *let's play volleyball?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *that's play bas'ketball?*

As: *let's play bas'ketball?*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *(come here) ... a garota recusa o convite... vamos fazer o convite, e a garota vai recusar, (tá)? ((...)) let's play cards?*

As: *let's play cards? (POUCOS ALUNOS REPETEM)*

P: *ô...é pra repetir, né?...let's play cards.*

As: *let's play cards.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *let's play cards?*

As: *let's play cards?*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *let's play cards?*

As: *let's play cards?*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *let's play cards?*

As: *let's play cards?*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *let's play cards.*

As: *let's play cards.*

P: *I'm sorry.*

As: *I's sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.* (parece que alguns alunos dizem "My can't")

P: *vocês sabem como se recusa o convite? vamos recusar o convite? ((...)) let's play cards?*

As: *let's play cards?*

P: *I's sorry.*

As: *I's sorry.*

P: *I can't.*

As: I can't.

P: let's play volleyball?

As: let's play volleyball?

P: I'm sorry.

As: I'm sorry.

P: I can't.

As: I can't.

P: let's play bas'ketball?

As: let's play bas'ketball?

P: I'm sorry.

As: I'm sorry.

P: I can't

As: I can't.

P: let's play volley?

As: let's play volley?

P: I'm sorry.

As: I'm sorry.

P: I can't.

As: I can't.

P: let's play checkers?

As: let's play checkers?

P: I'm sorry.

As: I'm sorry.

P: I can't.

As: I ' can ' t .

P: let ' s play volleyball?

As: let ' s play volleyball?

P: I ' m sorry .

As: I ' m sorry .

P: I can ' t .

As: I can ' t .

P: I can ' t .

As: I can ' t .

P: ((...)) let ' s play handball?

As: let ' s play handball?

P: I ' m sorry

As: I ' m sorry .

P: I can ' t .

As: I can ' t .

P: let ' s play football .

As: let ' s play football .

P: I ' m sorry .

As: I ' m sorry .

P: I can ' t .

As: I can ' t .

P: ((...)) pra conversar, dá vontade e força, né? agora, pra falar... vamos lá ... let ' s play cards?

As: let ' s play cards?

P: I ' m sorry .

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *let's play handball?*

As: *let's play handball?*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *let's play volleyball?*

A: *let's play volleyball?*

As: *let's play volleyball?*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *let's play cards?*

As: *let's play cards?*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

As: *I can't.*

P: *I can't.*

P: *let's play cards?*

As: *let's play cards?*

P: I'm sorry, I=

As: I'm sorry.

P: can't.

As: I can't.

P: é pra falar a frase inteira, tá? agora, então...let's play football.

As: let's play football.

P: I'm sorry, I can't.

As: I'm sorry, I can't.

P: let's play volleyball.

As: let's play volleyball.

P: I'm sorry, I can't.

As: I'm sorry, I can't.

P: let's play bas'ketball?

As: let's play bas'ketball?

P: I'm sorry, I can't.

As: I'm sorry, I can't.

P: let's play... checkers?

As: let's play ... checkers?

P: I'm sorry.

As: I'm sorry.

P: I can't.

As: I can't.

P: I'm sorry, I can't.

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *todo mundo! I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play chess?*

As: *let's play chess?*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play football?*

As: *let's play football?*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play cards?*

As: *let's play cards?*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play cards?*

As: *let's play cards?*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play table tennis?*

As: *let's play table tennis?*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play table tennis?*

As: *let's play table tennis?*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play football?*

As: *let's play football?*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play chess?*

As: *let's play chess?*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: cinco minutos para vocês fazerem, então, o diálogo, né?

As: ((...))

P: sem bagunçar, né ((...))

As: ((...))

P: esse aqui, oh, só esse aqui...

As: ((...))

P: ah, não, (duas horas), já terminaram!

As: ((...))

P: ((...)) olha, eu vou ((...)) tá bom? ((...))

As: ((...))

P: ((...)) cinco (pra treinar) o diálogo... uma fala para o outro! tá?

(burburinho: UM MINUTO )

P: chega! o seu colega faz um convite, você recusa, e ele vai ((...)) Zé Eduardo! ((...)) então vai ((...)) o colega faz um convite, o outro recusa e vai justificar a recusa, ãh? então, vamos lá... *let's play chess.*

As: *let's play chess.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play chess*

As: *let's play chess.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play chess.*

As: *let's play chess.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play chess.*

As: *let's play chess.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play chess.*

As: *let's play chess.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study. (RISOS)*

A: *Ôh, dona!*

P: *qual é a graça, aí, hem? em vez de estar acompanhando, tão brincando, dando risada!*

A: *((...)) (= risos)*

P: *let's play chess.*

As: *let's play chess.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play chess?*

As: *let's play chess?*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play football?*

As: *let's play football?*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play football?*

As: *let's play football?*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study. (APENAS ALGUNS POUCOS ALUNOS)*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play volleyball?*

As: *let's play volleyball?*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play checkers?*

As: *let's play checkers?*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play handball?*

As: *let's play handball?*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: *I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play checkers?*

As: *let's play checkers?*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

As: I can't.

P: I have to study.

As: I have to study.

P: I'm sorry.

As: I'm sorry.

P: I can't.

As: I can't.

P: I have to study.

As: I have to study.

P: let's play soccer?

As: let's play soccer?

P: I'm sorry.

As: I'm sorry.

P: I can't.

As: I can't.

P: I have to study.

As: I have to study.

P: let's play volleyball.

As: let's play volleyball.

P: I'm sorry.

As: I'm sorry.

P: I can't.

As: I can't.

(Nesse momento ouve-se o barulho do sinal de término de aula.)

A: Renato Virtis! bonitão do Faustão, prá ganhar um cocozão!

- FINAL DA QUARTA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "E" (período da tarde)

Diário da AULA 5 - DATA: 10 / novembro /1989

No início da aula os As estavam novamente bastante agitados e eufóricos devido ao gravador. Vários alunos aproximaram-se do Pes e tentaram "gravar" suas falas (vide TRANSCR.).

O professor devolveu as provas feitas na aula anterior (dia 20 de outubro). Alguns alunos tiraram notas boas ("A"). Enquanto P devolveia as provas, houve bastante barulho e conversas dos As entre si, além daqueles que aproximaram-se do gravador.

A próxima atividade foi uma retomada da "Lesson 5" a partir do LD, na pag. 32, sob a forma de repetição em coro pelos As, a partir do modelo oral de P. O mesmo tipo de procedimento (repetição em coro) foi utilizado para os expoentes das páginas 33 e 34. Em seguida, P pediu aos As que tornassem a produzir as funções, guiando-os através de instruções do tipo: "Sua vez de falar! Convide um colega!", também extraídas do LD. Os As começaram a trabalhar em pares, e P deslocava-se pela sala, pedindo que alguns alunos (em pares) reproduzissem o diálogo, oralmente.

Novamente P assumiu o controle dos As através de um procedimento de repetição em coro. Durante esse período de repetição, um aluno "tentou" converter sua fala em um aspecto de interação, produzindo a fala "I'm sorry..." (vide TRANSCR.), embora o A simplesmente devesse seguir P no ritual (rígido) de repetição.

Terminada a repetição, os alunos voltaram a trabalhar em pares e P passou a monitorar os As sentados do lado oposto aos alunos que haviam sido monitorados no primeiro trabalho em pares feito nessa aula.

Após a proposta de trabalho em pares, aparentemente não bem-sucedida devido ao baixo grau de engajamento dos As, P tornou a utilizar repetição em coro, para as seguintes funções e expoentes (pags.34 e 35, Lesson 5 / vide TRANSCR.):

[1]. (convidar alguém para sair)  
"Let 's go to the snack bar".

[2]. (recusar)  
"Let 's go to the snack bar."

"I'm sorry, I can't."

[3]. (recusar e justificar)

"Let's go to the snack bar / to the cinema." (variação)

"I'm sorry, I can't. I have to study."

P propôs novamente um trabalho em pares utilizando as funções ilustradas acima, mas tal atividade praticamente não ocorreu. Os As permaneceram brincando ou conversando sobre outros assuntos.

A próxima atividade da aula foi a apresentação e prática, através de repetição em coro (exaustivamente) dos expoentes sobre "hora" (pags.34 e 35), ilustrados abaixo:

[4]. "What time is it?"

"It's...o'clock." (variações para horas diferentes)

[5]. "It's late, bye-bye."

"Bye-bye."

(vide TRANSCR.)

Na última parte da aula, P ditou os conceitos dos alunos, correspondentes ao terceiro bimestre letivo.

- FINAL DA QUINTA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "E" (período da tarde)

AULA 5 - Data: 10 /novembro /1989

As: ((...))

Pes: vou trazer, pode deixar...

A1: o senhor já tá gravando?

Pes: já...

A2: oi, oi, oi...(risos)

A: eu saí bastante na (outra) fita?

Pes: saiu...

A2: oi... oi..., Célio, oi, Soraia ...oi, professor, o senhor ta bonito...

Pes: obrigado...

A2: hoje eu não (queria)... eu queria ir com a Soraia...

Pes: ah... verdade...

A2: eu tirei Δ (né) ... a minha tia já deu ((...))?

Pes: já ... já... já passei tudo pra ela...

A2: que legal, tirei Δ!

As: ((...))

A3: professor, o senhor ((...))?

A4: tá gravando?

Pes: agora, não ((...)), tá?

A4: ah, professor, o senhor vai (passar) a fita?

Pes: hoje, não, mas eu vou trazer...

As: ((...)) (burburinho: SEIS MINUTOS 30 SEGUNDOS/ durante esse período de tempo, é possível perceber algumas frases e palavras isoladas, ditas tanto pelo professor como por alguns alunos, principalmente por alunos que se aproximaram do gravador).

A(Renato):(CANTANDO) (ganhei) um camburão...que desce na favela..  
*my name is...Renato Virtis...*é muito bonito, é aquele gatão...que sai no Jornal (Nacional)((...))...a Daniela não gosta mais do André, gosta do Renato Virtis...(é) o gatão dela...*my name is...Renato Virtis...*

A2: *my name is...Gerry ((...))*...eu tirei nota Δ...

A(Renato): eu tirei nota zero...

A3: *my name is Enilson...*tirei Δ...

A4: ((...))

A(Renato): *my name is Renato Virtis...* (CANTANDO) tava lá no bai-  
le, quando encontrei, uma mulher feia ((...))

As: ((...))

A(Renato): como nós tava falando aqui, eu (teve) que saí(r)  
muito urgente...Jornal Nacional, primeira notícia...vai  
saí(r)...jornal...*my name is Renato...*(risos)=

A1: o Renato é bobo...

A(Renato): =...o João é muito bobão...ele só fala nada...ele num  
sabe falá(r) nem inglês, nem nada, nem nada, nem nada...  
nem português, nem inglês, nem italiano, nem...nem (afri-  
cano)...nem...inglês...

A3: ((...))

A(Renato): o Carlos é muito bobo...ele só faz muita arte...ele só  
leva...E...E...de média, porque é muito ruim...

P: ((...))agora...((...))na página ((...))

A: ô dona, tô sem livro!

A2: Renato ((...))

A3: o Carlos tem livro...

P: bom, nessa lição, nós (havíamos) aprendido o que? fazer um  
convite, aceitar o convite ... e recusar o convite... até  
aí, né? então vamos lá ... faça um convite...

A: o que é que fala aqui? (sussurrando)

A2: *let's play* (em vez de *play*)...

P: *let's play soccer...* então (vamos) ((...)) *let's play  
soccer...* (P PRONUNCIA "sôquer" TODAS AS VÊZES QUE USA A  
PALAVRA)

As: (isoladamente, um ou outro) *let's play soccer.*

A: *let's play* um soco!

P: vamos lá ... *let's play soccer.*

As: *let's play soccer.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play soccer.*

As: *let's play soccer.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play basketball.*

As: *let's play basketball.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's play volleyball.*

As: *let's play volleyball. (voz de aluno: that's play volley-  
ball)*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea. (voz de aluno: that's a good aldia)*

P: *let's play checkers.*

As: *let's play checkers. (voz de aluno: let's play chiquers)*

P: *sure.*

As: *sure. (Voz de aluno: shuu!)*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's p!ay chess.*

As: *let's p!ay chess.*

P: *sure.*

As: *sure. (Voz de aluno: fuur!)*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

A(Renato): *o Renato é muito bonito...*

P: *let's p!ay table tennis.*

As: *let's p!ay table tennis.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's p!ay cards.*

As: *let's p!ay cards.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

A: *só prá gravá(r)...*

P: ((...)) agora ... ((...)) nós vamos aprender a recusar o convite. ... *let's play cards.*

As: *let's play cards.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play cards.*

As: *let's play cards.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play basketball.*

As: *let's play basketball.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play chess.*

As: *let's play chess.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play football.*

As: *let's play football.* (voz de aluno: *let's play vitibal*)

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play volleyball.*

As: *let's play volleyball.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's play table tennis.*

As: *let's play table tennis.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

A: *essa aqui é só da nossa classe, a fita? tem bastante fita?*

P: *chegou ((...)), ela justifica, né ... então, vamos aprender a justificar, né... aí, então, né ... let's play chess.*

As: *let's play chess.*

P: *I'm sorry, I can't. I have to study.*

As: *I'm sorry, I can't. I have to study.*

P: *let's play football.*

As: *let's play football.*

P: *I'm sorry, I can't. I have to study.*

As: *I'm sorry, I can't. I have to study. (DESORDENADAMENTE)*

P: *let's play volleyball.*

As: *let's play volleyball.*

P: *I'm sorry, I can't. I have to study.*

As: *I'm sorry, I can't. I have to study.*

P: *let's play (chess).*

As: *let's play (chess).*

A: *é quantos minutos é essa fita aqui?*

Pes: *trinta minutos...*

A: *trinta? ih, (a)inda tá... vai demorar, ainda...*

P: *let's play volleyball.*

As: *let's play volleyball.*

P: *I'm sorry, I can't*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *let's play table tennis.*

As: *let's play table tennis.*

P: *I'm sorry, I can't. I have to study.*

As: *I'm sorry, I can't. I have to study.*

P: ((...)) vamos aprender, agora, a fazer um convite para sair, para ir a algum lugar (tá)? Ah... ((...)) então, agora, o garoto vai convidar ((...)) para ir a algum lugar ((...)) algum lugar ((...)) *let's go to (the snack bar)*

P: ((...)) todo mundo...*let's go to the snack bar...*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *let's go to the school.*

As: *let's go to the school.*

P: *let's go to the cinema.*

As: *let's go to the cinema.*

P: *let's go to the club.*

As: *let's go to the club.*

P: *let's go to the club.*

As: *let's go to the club.*

P: *let's go to the zoo... (P PRONUNCIIA "zoS").*

As: *let's go to the zoo.*

P: *isso... let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sua vez de falar... escolha dois colegas, ((...)) né?*

As: ((...)) (burburinho: TRÊS MINUTOS - alguns alunos "tentaram" realizar a tarefa proposta; ouve-se algumas vezes o expoente "let's go to the snack bar")

P: então vamos lá... vamos convidar (já) alguém sair... *let's go to the snack bar*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: aceite o convite...

A: aceite o convite...

P: como é que é?

As: ((...))

P: *sure, that's a good idea.*

As: *sure, that's a good idea.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

As: *sure, that's a good idea.* (DESARTICULADAMENTE)

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

As: *sure, that's a good idea.*

P: *let's go to the cinema.*

As: *let's go to the cinema.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's go to the club.*

As: *let's go to the club.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: então, (você) já sabe (m) convidar ((...)) pra sair ((...  
) vamos recusar... *let's go to the snack bar...*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure.*

As: *sure. (RISOS)*

P: *I'm sorry.*

As: *I'm sorry. I can't...*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: ((...)) *vamos parar de brincadeira, né ((...)) brincadeira de mau gosto, né? então vamos ... let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *recuse...*

As: *(apenas um ou dois alunos:) I'm sorry, I can't.*

P: *bom... ((...))*

As: *((...))*

P: *((...)) ... let's go...*

P/As: *to the snack bar...*

P: *ok, ok. ((...)) I'm sorry... I can't... tá recusando, tá? let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar*

- P: *I'm sorry, I can't.*
- As: *I'm sorry, I can't.*
- P: *let's go to the cinema.*
- As: *let's go to the cinema.*
- P: *I'm sorry, I can't.*
- As: *I'm sorry, I can't. (DESORDENADAMENTE)*
- P: *let's go to the snack bar.*
- As: *let's go to the snack bar.*
- P: *I'm sorry, I can't.*
- As: *I'm sorry, I can't.*
- P: *agora, vamos recusar e justificar. ((...)), né? ((...))  
a... recusa, e justifica. ((...)) I'm sorry, I can't, I  
have to study, tá? então vamos lá... let's go to the snack  
bar.*
- As: *let's go to the snack bar.*
- P: *I'm sorry, I can't, I have to study.*
- As: *I'm sorry, I can't, I have to study.*
- P: *let's go to the cinema.*
- As: *let's go to the cinema.*
- P: *I'm sorry, I can't.*
- As: *I'm sorry, I can't.*
- P/As: *((...))*
- P: *let's go to the ((...))*
- As: *let's go to the ((...))*
- P: *I'm sorry, I can't. I have to study.*

As: *I'm sorry, I can't. I have to study.* (APENAS POUCOS ALUNOS)

P: *todo mundo, viu, (nada) ((...))... tá conversando, Diogo!*  
*let's go to the snack bar.*

As: *let's go to snack bar.*

P: *I'm sorry, I can't. I have to study.*

As: *I'm sorry, I can't, I have to study.*

P: *let's go to the cinema.*

As: *let's go to the cinema*

P: *I'm sorry, I can't, I have to study.*

As: *I'm sorry, I can't, I have to study.*

P: *I'm sorry, I can't, I have to study.*

P: *let's go to the ((...))*

As: *let's go to the ((...))*

P: *I'm sorry, I can't, I have to study.*

As: *I'm sorry, I can't, I have to study.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *I have to study.*

As: *I have to study.*

P: *então, agora, vamos (ver). agora, vamos fazer... o convite... e vocês vão recusar, (justificando), tá? de dois em dois. eu passo aí, já já, tá?*

As: *((...)) (burburinho: CINCO MINUTOS 40 SEGUNDOS/durante esse período de tempo, é possível perceber palavras e fra-*

ses isoladas, ditas pela professora e pelos alunos, principalmente por aqueles que estavam próximos/aproximaram-se do gravador - ouve-se várias vezes o expoente "let's play soccer")

A1: *my name is... "não"...*

A(Renato): *my name is Renato Virtis... é muito bonito, é muito bonito, é muito bonito... as menina(s) sai (caçando ele)...*

A2: *tá gravando, professor?... ((...)) agora que eu cantei desgravou?*

A(Renato): *ô cocô, essas menina(s)...*

A2: *pára de falá, que você só qué(r) falá "cocô", Renato...*

A(Renato): *cocô!*

A2: *((...)) vai gravá aqui... tchau, professor...*

P: *((...)) vocês dois, hem? ((...)) pra fora, ah, lá... a garota pergunta as horas... veja como ela pergunta. ... what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock.*

As: *it's one o'clock.*

P: *it's one o'clock.*

As: *it's one o'clock.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock.*

As: *it's one o'clock.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock.*

As: *it's one o'clock.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock.*

As: *it's one o'clock.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock.*

As: *it's one o'clock.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock.*

As: *it's one o'clock.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's two o'clock*

As: *it's two o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's three o'clock*

As: *it's three o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's four o'clock*

As: *it's four o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's five o'clock*

As: *it's five o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's six o'clock*

As: *it's six o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's seven o'clock*

As: *it's seven o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's eight o'clock*

As: *it's eight o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's nine o'clock*

As: *it's nine o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's ten o'clock*

As: *it's ten o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock*

As: *it's one o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock*

As: *it's one o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock*

As: *it's one o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock*

As: *it's one o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock*

As: *it's one o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock*

As: *it's one o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock*

As: *it's one o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock*

As: *it's one o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock*

As: *it's one o'clock*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock*

As: *it's One o'clock*

P: (bem), vamos fazer agora um ((...)), né? ((...))

As: ((...)) (burburinho: DOIS MINUTOS 50 SEGUNDOS/pode-se perceber que, nesse intervalo de tempo, a professora desenvolve com os alunos uma atividade de perguntas e respostas (de aluno para aluno), a respeito do tema 'que horas são' - ouve-se várias vezes o expoente "what time is it?")

P: vamos lá. daí, a garota disse ((...))=

A: ((...)) (aí), dona!

P: quem que foi? quem tá fazendo essa brincadeira? quem é?

As: ((...))

P: ((...)) vou mandar ((...)), hein! ((...)) essa brincadeira! ((...))

As: ((...))

P: aí a garota... ((...)) (prá onde ela vai). *it's late. bye, bye*

As: *it's late, bye, bye.*

P: *it's late. bye, bye.*

P: *it's late. bye, bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.* (DESORDENADAMENTE, INÚMERAS VÊZES)

A: *pára, cumpadre...*

P: *vão direitinho... it's late, bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late bye, bye.* (DESORDENADAMENTE)

P: *((...)) what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock.*

As: *it's one o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock.*

As: *it's one o'clock.*

P: *it's late, bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock.*

As: *it's one o'clock*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's two o'clock.*

As: *it's two o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's three o'clock.*

As: *it's three o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock.*

As: *it's one o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*  
P: *it's one o'clock.*  
As: *it's one o'clock.*  
P: *it's late. bye, bye.*  
As: *it's late. bye, bye.*  
P: *what time is it?*  
As: *what time is it?*  
P: *it's one o'clock.*  
As: *it's one o'clock.*  
P: *it's late. bye, bye.*  
As: *it's late. bye, bye.*  
P: *what time is it?*  
As: *what time is it?*  
P: *it's five o'clock.*  
As: *it's five o'clock.*  
P: *it's late. bye, bye.*  
As: *it's late. bye, bye.*  
P: *what time is it?*  
As: *what time is it?*  
P: *it's one o'clock.*  
As: *it's one o'clock.*  
P: *it's late. bye, bye.*  
As: *it's late. bye, bye.*  
A: *já decorou, dona...!*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock.*

As: *it's one o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's six o'clock.*

As: *it's six o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's seven o'clock.*

As: *it's seven o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's eight o'clock.*

As: *it's eight o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's nine o'clock.*

As: *it's nine o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's (ten) o'clock.*

As: *it's (ten) o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: Paulo, vamos lá... pergunte as horas, tá?

As: ((...))

Paulo: (e pra que eu vou perguntar as horas?)

P: converse com a sua colega ... pergunte as horas, responda e diga que é tarde e se despeça... vão treinando, né... ((...)). pergunte as horas ... responda as horas ... diga que é tarde e se despeça...

As ((...)) (burburinho: SETE MINUTOS)

P: o nº 01, A. não... peraí, não marca, não ((...)) não marca, não!

A: ((...)) é o terceiro...

P: é o terceiro, né? ... é ... nº 1, C; 2, C; 4, C.=

A: ((...))

P: = psiu! deix' eu falar. ... 5, C ... 6, A=

- A3: dona, eu não (tenho) ((...))
- P: (você pôs a mais). escreve aí, na cadernetinha... escreve, tá?
- A3: dona, é (de que) bimestre?
- P: ((...))
- A3: ih, dona, não vai ter meu ...
- P: que número é o seu, Carlos?
- A (Carlos): dois...
- P: D... 4, C; 5, C; ... 6, A; 7, B; 9, C ... 10, B; 11, B=
- A4: o B quanto que é, dona?
- P: = eu não vou repetir...
- A4: o B é que, dona?
- P: 12, D... 13, D, D ... 14, C... é o 14, aí?
- A5: ele, dona ...
- P: 14, C... 15, C; 16, B... 17, B=
- A6: e o segundo, dona?
- P: 20, C; 21, D... 23, C; 24, D; 25, C ... 26, C; 27 ... B; 29, D ... 31, C ... 32 ... não tem, né ... 33, B ... peraí ... 34, A=
- A7: ((...))
- P: cê tá sem nota ...
- As: ((...))
- P: agora não não dá pra falar!
- As: ((...)) ( burburinho: DOIS MINUTOS)

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "E" (período da tarde)

Diário da AULA 6 - Data: 17 / novembro / 1989

Na primeira parte da aula P utilizou a técnica de repetição em coro para praticar os diálogos da seção *Transfer* (pag.35), cujos expoentes haviam sido apresentados na aula anterior e correspondem às funções de "convidar alguém para sair", "aceitar o convite", "recusar", "justificar", "perguntar as horas", "dizer que é tarde" e "despedir-se" (vide DIÁRIO da AULA 5 e TRANSCR. da AULA 6). Os As sentados nas primeiras fileiras acompanharam a repetição mas os As sentados no fundo da sala permaneceram quietos ou conversavam sobre outros assuntos.

Terminada a repetição, P pediu aos As para que copiassem os mesmos diálogos nos cadernos, três vezes (nesse momento, o Pes desligou o gravador - vide *interrupção da gravação*).

Aos As que terminavam de copiar o *Transfer*, P pedia que copiassem o diálogo da seção *Dramatization* (pag.35).

Uma aluna perguntou as horas a P ("*What time is it?*") e P respondeu-lhe duas vezes, primeiramente "*It's fifteen to four*" e depois "*It's twenty to four*".

Na última parte da aula P permaneceu sentado à sua mesa. Os As dirigiam-se até lá para mostrar os diálogos que haviam feito (ou copiado?). P também fez uma chamada oral para alguns As, em grupos de dois ou três As por vez. Os As memorizavam os diálogos, a partir do LD, e apresentavam-no diante de P, recebendo cada aluno um conceito (uma nota) por seu desempenho. Enquanto isso, os demais As andavam pela sala ou brincavam.

- FINAL DA SEXTA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "E" (período da tarde)

AULA 6 - Data: 17 / novembro / 1989

(burburinho: QUATRO MINUTOS 30 SEGUNDOS)

P: ((...)) vamos lá ... *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure.*

As: *sure.*

P: *that's a good idea.*

As: *that's a good idea.*

P: *(I'm sorry, I can't).*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *(I have to do my homework).*

As: *I have to do my homework.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's two o'clock.*

As: *it's two o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

As: *sure, that's a good idea.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *I have to do my homework.*

As: *I have to do my homework.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's three o'clock.*

As: *it's three o'clock*

P: *it's late.*

As: *it's late.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

As: *sure, that's a good idea.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *I have to do my homework.*

As: *I have to do my homework.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's ((...)) o'clock.*

As: *it's ((...)) o'clock*

P: *it's late.*

As: *it's late.*

P: *bye, bye.*

AS: *bye, bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: Renato, (é prá olhar) no livro, viu? ((...)) você... *Let's go to the snack bar ...*

As: *Let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

As: *sure, that's a good idea.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *I have to do my homework.*

As: *I have to do my homework.*

P: *my homework.*

As: *my homework.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's two o'clock.*

As: *it's two o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late bye, bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *Let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

As: *sure, that's a good idea.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *I have to do my homework.*

As: *I have to my homework.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's one o'clock.*

As: *it's one o'clock.*

P: *it's late.*

As: *it's late.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

As: *sure, that's a good idea*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *I have to do my homework.*

As: *I have to do my homework.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's three o'clock.*

As: *it's three o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

As: *sure, that's a good idea*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *I have to do my homework.*

As: *I have to do my homework.*

P: *my homework.*

As: *my homework*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's three o'clock.*

As: *it's three o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

As: *sure, that's a good idea.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *I have to do my homework.*

As: *I have to do my ...*

P: *homework.*

As: *homework.*

P: *I have to do my homework.*

As: *I have to do my homework.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's three o'clock.*

As: *it's three o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

As: *sure, that's a good idea.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *I have to do my homework.*

As: *I have to do my homework.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's two o'clock*

As: *it's two o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

As: *sure, that's a good idea.*

P: *I'm sorry. I can't.*

As: *I'm sorry. I can't.*

P: *I have to do my homework.*

As: *I have to do my homework.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's two o'clock.*

As: *it's two o'clock. (APENAS ALGUNS ALUNOS)*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: (ninguém) tá acompanhando...((...)) cadê o livro?

A: tá aqui ...

P: então, por que não acompanha?

A: ah, tô acompanhando, dona!

P: não tá, não!

A: ((...))

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

As: *sure, that's a good idea.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *I have to do my homework.*

As: *I have to do my homework.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's two o'clock*

As: *it's two o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *let's go to the snack bar.*

As: *let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

As: *sure, that's a good idea.*

P: *I'm sorry. I can't.*

As: *I'm sorry. I can't.*

P: *I have to do my homework.*

As: *I have to do my homework.*

P: *what time is it?*

As: *what time is it?*

P: *it's two o'clock.*

As: *it's two o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

As: *it's late. bye, bye.*

P: *bye, bye.*

As: *bye, bye.*

P: *I'm sorry, I can't.*

As: *I'm sorry, I can't.*

P: *I have to do my homework.*

As: *I have to do my homework.*

P: *I have to do my homework.*

As: *I have to do my homework.*

P: ((...)) vamos fazer ((...))

A: (risos)

As: ((...)) (burburinho: CINCO MINUTOS 20 SEGUNDOS)

- interrupção da gravação -

( continuação da aula )

As: ((...)) (burburinho: DEZESSEIS MINUTOS)/FALAS ISOLADAS -  
PARECE QUE OS AS DIRIGEM-SE À MESA DE P PARA CONVERSAS DI-  
VERSAS.

- FINAL DA SEXTA AULA -

LD: DUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "E" (período da tarde)

Diário da AULA Z - Data: 24 / novembro / 1989

NOTA: Esta aula foi gravada por P (ausência do Pes).

Durante a maior parte dessa aula, P fez uma chamada oral, para grupos de dois ou três As cada vez. Os As preparavam um diálogo, a partir do LD<sup>1</sup>, e apresentavam-no diante de P, recebendo um conceito (uma nota) pelo desempenho oral.

No final da aula, P apresentou um texto para leitura, contido no LD, sob a forma de estória em quadrinhos (vide *Reading*, pag.38). P leu o texto da estória em voz alta, e os As acompanharam nos seus LDs. P não forneceu nenhuma informação adicional em termos de explicações de vocabulário ou qualquer tipo de "tradução". Devido ao sinal de término da aula, a atividade com o texto foi provavelmente interrompida, e P pediu aos As para que respondessem o às perguntas de compreensão do texto (pag.38) em casa.

- FINAL DA SÉTIMA AULA -

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 1

CLASSE: 5ª série "E" (período da tarde)

AULA 7 - Data: 24 /novembro /1989

As: ((...)) (burburinho)

P: (por cima das vozes dos alunos) quem estiver pronto pra fazer o diálogo, pode vir!

A: ((...))

P: então vem... cadê? quem vai fazer?

A2/A3/A4: eu! eu! eu!

P: sem gritar!

A5: ((...))

As: ((...)) (burburinho)

P: o resto senta lá ... lá atrás! pode sentar lá =

As: ((...))

P: = sem barulho... pode sentar lá atrás.

As: ((...)) (burburinho)

P: agora que eu vou fazer chamada para as duas, querem fazer silêncio?

As ((...))

A: *bye, bye! bye, bye! let's go to the...*

P: menina, vai treinar lá atrás!

As: ((...)) (burburinho)

P: vai, começa...

A1: *let's go to the snack bar...((...)) a time is it.... ((...))* *bye, bye.*

P: bom... pode começar...

A2: *let's go to the snack bar?*

A3: *sure, that's a good idea.*

A4: *i'm sorry, i can't...i have ((...))*

A2: *what time is it?*

A3: *((...)) o' clock.*

A4: *it's late... bye, bye...*

A2: *bye, bye.*

P: *então, começa...*

A5: *let's go to ((...)) bar.*

A6: *sure, that's a good idea.*

A5: *((...)) i can't.*

A6: *a time is it.*

A5: *is it (three) o'clock.*

A6: *it is ((...))...bye, bye.*

A5: *bye, bye.*

P: *ok.... hum... quem mais vai ser chamado? quem tá lá, agora?  
Renato... você...*

Renato: *((...))*

P: *mas é sem livro...*

Renato: *sem livro, dona?*

A: *mas ele não sabe sem livro, dona...*

P: *então, vão... vamos ver... vamos treinar um pouquinho, depois eu dou nota...*

A(Renato): *((...))*

P: *(então vamos lá) tá dando nota, lá, hein...*

A(Renato): *vai... let's go ((...)) bar*

A3: *let's go ... snack bar.*

A(Renato): *let's go ... snack bar.*

P: *ah, Renato! faz favor, vai... vai treinar mais um pouquinho, vai ...*

A(Renato): *((...))*

P: *começa...*

A3: *let's go ... snack bar... ((...)) idea... eu não sei fazer isso aqui...*

P: *sorry.*

A3: *sorry.*

P: *I'm sorry.*

A3: *I'm sorry, I can't.*

P: *I have to do my homework.*

A3: *((...))*

P: *I have...*

A3: *I have...*

P: *to do...*

A3: *to do ...*

P: *my homework.*

A3: *my homework*

P: *Roberto.*

Roberto: *((...))*

P: *não tem nada, o papelzinho de vocês, tão errados...*

A4: *((...))*

P: vai, Renato.

Renato: *let's go, let's (by)*

A4: *sure, that's a good idea.*

P: Renato.

Ren: Hum ... *I'm sorry, I can't.*

?: ((...))

A4: *what time is it? ("SOPRANDO" PARA Renato) it's one o'clock...*

Renato: *é... it's one o'clock.*

As: ((...)) (burburinho)

A4: *it's late, bye, bye.*

Ren: *bye, bye.*

P: *agora que(m) vai ... a Marcela e a ...*

P/A5: *Liliane.*

Marc.: *let's go to let's bar.*

Lili.: *sorry, can't. I go to...*

Marc.: *(ai, esse) dona...*

P: *sure, that's a good idea.*

Marc.: ((...))

Lili.: *I'm sorry, I can't.*

As: ((...)) (burburinho)

Marc.: *ah, Liliane...pô... dona ((...))*

P: *sure, that's a good idea.*

Lili.: *é...perai...é...*

P: *what time is it?*

Liliane: *what time is it?*

Marc.: *eu que falo... eu que falo "what time is it". é...*

P: *então, começa de novo... vamos começar tudo de novo...começa de novo...*

Marc.: *é... let's go to the snack bar*

Lili.: *sure, that's a good idea.*

Marc.: *I'm sorry, I can't. I have to do homework.*

Lili.: *what time is it?*

Marc.: *it's one o' clock.*

Lili.: *it's late. bye, bye.*

Marc.: *bye, bye.*

P: *quem vai agora?*

As: *((...))*

A6: *let's go ((...)) bar.*

A7: *I'm sorry, I can't. ... é isso aí, mesmo que eu não sei... (direitinho) ... ((...)), né?*

P: *tá tudo errado... vão os dois, aqui, vem...*

AB: *ah, meu Deus!*

P: *quem vai fazer?*

As: *((...))*

P: *então, não tem nota, não tem nota...*

As: *((...))*

P: *então fala...*

A: *tenta, Ricardo, tenta...*

Ric.: *é ... what time is it...*

As: ((...))

Ricardo: ((...)) é... *it's late. bye, bye.*

A9: *I'm sorry, I can't.*

P: *I have to study.*

A9: *I'm sorry. I can't.*

P: *aqui... I have to study... fica mais fácil...*

As: ((...))

Ric: *a time is it.*

As: ((...))

P: *outra vez, vamos treinar... mais um pouquinho...*

As: ((...))

P: *let's go to the snack bar.*

As: ((...))

P: *let's go...*

As: ((...))

P: *I'm sorry.*

A10: *I'm sorry.*

P: *I can't.*

A10: *I can't.*

P: *I have to study.*

A10: *I have to study. what time is it?*

P: *it's two o'clock.*

A10: ((...)) *bye, bye, bye, bye.*

P: *é "it's late ... bye, bye".*

As: ((...))

P: bom ... vão estudar mais ... tem o papelzinho... aí eu chamo, eu dou a nota... quem vai fazer?

As: ((...))

P: ah... mas a ... (Maristela) fala demais, aqui... vamos, vamos, (bem) pra lá... (FALANDO COM A11) vai...

A11: (mas eu) tô sem papel...

P: começa sem papel...

A11: *let's go to snack bar.*

A12: *sure, that's a good idea.*

A11: *I'm sorry, I can't. I have to do homework.*

A12: *é ...*

P: *what time is it?*

A12: *what time is it?*

A11: *it's two o'clock.*

A12: *é ... it's... é ... it's ... it's late. bye, bye.*

A11: *bye, bye.*

P: *ok.*

As: ((...)) (burburinho)

A13: ((...))

A14: ((...))

P: *let's go to the snack bar.*

A13/A14: *let's go to the((...))bar.*

P: ah, não fala assim! presta atenção... *let's go to the snack bar.*

A13/A14: *let's go to the((...)) bar.*

P: *snack bar.*

A13/A14: *((...))bar.*

P: *sure.*

A13: *sure, that's a good idea.*

A14: *I'm sorry, I can't.*

A13: *((...))*

P: *what time is it?*

A13: *what time is it?*

A14: *esse aqui eu não sei...*

P: *it's two o'clock.*

A14: *it's two o'clock.*

A13: *it's ((...)) bye, bye.*

A14: *bye, bye.*

A13: *it's late, bye, bye.*

A14: *bye, bye.*

P: *precisa estudar mais ... ah ... agora, quando eu tô chamando, ((...)) tá conversando, lá... por isso que não sabe...*

A15: *não, dona tava falando "eu não sei falar isso" ((...))*

P: *(ela fala totalmente) errado...((...)) você não prestou atenção...*

A15: *mas isso aqui, óh, que eu não sei...*

P: *a dona Liliane faltou bastante, né? faltou quantas aulas? Ah? precisa ver suas faltas, viu?*

A5: *((...))*

P: *what time is it? I have to do my homework. I have to do my homework. ... I have ... I have...*

A16: *I have...*

P: *to do...*

A16: *to do...*

P: *my homework.*

A16: *my homework.*

P: *isso... my homework.*

A16: *¿...?*

P: *my...*

A16: *my...*

P: *homework.*

A16: *homework.*

P: *home.*

A16: *home...*

P: *work*

A16: *work.*

P: *((...))*

A16: *((...)) (RISOS)*

P: *tá difícil abrir a boca, aí, ((...)) homework... então, quem vem fazer? ((...)) então, começa...*

A17: *let's go... ((...))*

As: *((...))*

A18: *((...)) é ... I'm sorry.*

A17: *I can't...*

P: *I have...*

A18: *I have...*

P: *to do...*

A18: *to do...*

P: *my homework.*

A18: *my homework.*

A17: *what time is it?*

A18: *((...))*

A17: *it is late, bye, bye.*

A18: *bye, bye.*

P: *ok.*

As: *((...))*

P: *((...)) página trinta e cinco ... vão copiando prá ((...)) ... depois eu leio para você ((...)) aí vocês vão responder, né. ((...)) vão copiando...*

As: *((...))*

P: *mas, oh... a matéria prá prova... né... página trinta e sete... aqui tem um resumo de tudo o que vocês aprenderam ((...)) psiu... página trinta e sete...*

As: *((...))*

P: *vamos ((...)) um pouquinho? faça um convite ao amigo dois (convidando) pra jogar... futebol. ... como se faz o convite para jogar futebol?*

As: *((...))*

P: *faça um convite ao amigo dois para jogar futebol...*

A: *let's play...*

P: *então vamos fazer... let's play...*

As: *soccer!*

P: *let's play football.*

As: *let's play football.*

P: *aceite o convite...*

As: ((...))

P: *aceite o convite*

As: ((...))

P: *como que'ceis aceitam o convite?*

As: ((...))

P: ((...)) *agora... sure...*

As: *sure, that's a good idea.*

P: *recuse...*

As: *é ... é i'm sorry, i can't... ((...))*

P: *agora justifique...*

A: *i'm sorry...*

A2: *let's...*

P: *i have...*

A3: *i have...*

P: *(fo study)... pergunte as horas...*

As: ((...))

P/As: *what time is it?*

P: *responda...*

As: *it's one o'clock. (DESORDENADAMENTE)*

P: *it's one o'clock.*

As: ((...))

P: *repete...*

As: *if 's one o'clock...*

P: *isso... agora, outro... diga que são seis horas e que é tarde...*

As: *if 's a...*

P: *if 's...six...o'clock...*

As: *if 's... ((...))*

P: *agora... é tarde. é tarde, como que é?*

A: *if 's late. ...*

P: *despeça-se...*

A: *bye, bye, bye, bye.*

P: *convide o aluno para ir... ao clube...*

As: *((...))*

P: *let's ... go ... let's go to the club.*

As: *let's go to the club. (APENAS POUCOS ALUNOS)*

P: *recuse...*

As: *((...))*

P: *como é que se recusa? ... é "I'm sorry..."*

As: *I can't.*

P: *I can't. ... justifique...*

As: *((...))*

P: *I have...*

As: *I have (to study).*

P: *I have to go home ... né? I have to do my homework... aluno um e aluno dois não se conhecem. ... apresente o aluno dois ao aluno um ...*

A: *Vânia, this is (Pedro)*

P: *isso...*

P/As: *Vânia, this is Paulo*

P: *diga que quer (entrar)...*

As: *((...))*

P: *((...)) in the city ((...)).*

P/As: *((...)) in the city ((...)).*

P: *apresente-se...*

A: *my name is....*

A2: *my name is ((...))*

P: *diga que também está na mesma série...*

As/P: *I am... in the (fifth) grade... too.*

P: *((...)), então...*

A: *vai cair na prova, isso, dona?*

P: *vai...*

A: *excuse me*

P: *pergunte-lhe as horas...*

A: *é ... como que é mesmo?*

A2: *a time is it!*

P: *what time is it? agora, ah...responda...*

As: *it's ((...)) o' clock.*

P: *vamos pôr "três horas"... como que é são "três horas"?*

As: *it's ((...)) o' clock.*

P: *it's three o'clock.*

As: *it 's three o'clock.*

P: *agradeça...*

As: *((...))*

P: *agradeça...*

As: *thank...thank you...*

P: *thank you... o aluno dois chegou atrasado à aula, no primeiro dia... ofereça ajuda...*

As: *((...))*

P: *yes.*

A: *yes, can I help you?*

P: *yes, can I help you?*

As: *yes, can I help you?*

P: *apresente-se ... apresente-se...*

A2: *my name is ((...)) Soraia.*

P: *diga que está na quinta série "A".*

As: *((...))*

P: *I am...*

P/As: *I am in the fifth grade "A".*

P: *((...)) convide-o a entrar e a sentar-se...*

As: *((...))*

P: *come in...*

As: *((...))*

P: *and sit down...*

A: *come and sit down.*

P: *(então) repete... "come and sit down".*

- As: "é sabado" ... como que é "sabado"?
- As: ((...))
- P: 'cês não aprenderam "sábado"?
- A: não, a senhora não ((...))
- P: Sh... *it's Saturday*... (pronuncia com ênfase a palavra "Saturday")... viu? ... copia no caderno, (já)... ((...)) *it's Saturday*...então repete...
- As: *it's Saturday... it's Saturday... it's Saturday..it's Saturday...*
- P: faça um convite do aluno dois para o aluno três para jogar vôlei...
- A: é "*let's go volley*"?
- P: não... *let's play*...
- As: *let's play volleyball.*
- A: *volleyball, basketball* ((...))
- A2: é a mesma coisa ((...))
- P: aceite o convite... *sure*...
- As: *that's a good idea.*
- P: agora, recuse o convite...
- A: *I'm sorry*...
- P: *I'm sorry*...
- As: *I can't.*
- P: justifique...
- A: *it's*((...)) *bye*=
- P: *I have... to study. It's late*.... é prá justificar, dizendo que é tarde, né, "*it's late*"... o aluno está caminhando, e esbarra com =

(interrupção): FINAL DE GRAVAÇÃO (continua no lado B)

Continuação da gravação (lado B):

P: ((...)) *it's late...* é pra justificar, dizendo que é tarde... *it's late ...* o aluno está caminhando e esbarra no aluno dois ... peça desculpas...

A: *I'm sorry.*

P: *I'm sorry... aceite...*

A: *I'm sorry, I...*

P: *that's all right...* lembram? *that's all right. ...* o aluno dois chega ao escritório ... cumprimente-o ... como se cumprimenta?

As: ((...))

P: *how...*

As: ((...))

P: *how are you?*

As: ((...))

P: ((...)) *lembram? ... então?... ((...)) repete.*

As: *how are you?*

P: *how are you?*

As: *how are you? how are you?*

P: *ofereça-lhe ajuda...*

As: *yes, can I help you.*

P: *pergunte se ele é Carlos Nogueira...*

As: ((...))

P: *are you ... Carlos Nogueira?*

As: *are you Carlos Nogueira?*

P: *are you Carlos Nogueira?*

P: *confirme...*

As: *((...))*

P: *that's right.*

As: *that's right.*

P: *convide-o a sentar-se...*

A: *convide-o a sentar-se ... é... (SUSSURRANDO)*

As: *((...))*

P: *sit down.*

As: *sit down.*

P: *confirme... that's right, sit down.*

As: *that's right, sit down.*

P: *that's right... sit down.*

As: *that's right... sit down.*

P: *((...))*

A: *dona, ((...))*

P: *(precisa) melhorar um pouquinho, tá, Marcia?*

A2: *ah... dona esqueci, dona...*

P: *((...)) estudar pra prova, viu?*

As: *((...)) (burburinho: CINQUENTA SEGUNDOS)*

P: *então, vem ... então, fala...*

A3: *let's go ... fo((...)) bar. I'm sorry, I can't. it is ((...)) bye, bye, bye, bye.*

P: *((...)) um diálogo, viu... então, eu vou fazer com você..*

A3: *it's...*

P: *let's go...*

A3: *let's go to((...)) bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

A3: *I'm sorry, I can't.*

P: *what time is it?*

A3: *it's ... it's o'clock.*

P: *it's late, bye, bye.*

A3: *bye, bye.*

P: *ok.*

A3: *que nota, dona?*

P: *é...*

A3: *((...))*

A4: *let's go ... snack bar.*

A5: *sure, ((...)) idea.*

A4: *é...*

A5: *I'm sorry, I can't. I have to do a... ((...))*

A4: *what time is it?*

A5: *it's (three) o'clock.*

A4: *it's late, bye, bye.*

P: *ok.*

A4/A5: *que nota, dona? que nota que nós...=*

A5: *que eu tirei? o meu número é 27...*

P: *começa, vai...*

A6: *Let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

A6: *((...)) I can't... não... I'm sorry, I can't. I have to do (my) homework.*

P: *what time is it?*

A6: *it's one é... it's one o'clock, né?*

P: *it's late. bye, bye.*

A6: *bye, bye.*

P: *vamos fazer outra vez ((...))*

A6: *é... let's go to the snack bar?*

P: *sure, that's a good idea.*

A6: *I am sorry, I can't. I have to do my homework.*

P: *what time is it?*

A6: *it's one... it's one o'clock.*

P: *it's late. bye, bye.*

A6: *bye, bye.*

P: *ok, vai, (Dilma), fala...*

Dil: *let's... não, let's ((...)) não é, dona?*

P: *let's go to the snack bar.*

Dilma: *let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

Dilma: *sure, that's a good idea.*

P: *vamos tentar outra vez...*

A7(Dilma): *let's go to the snack bar.*

P: *sure, that's a good idea.*

A7: *I'm sorry, I can't. ((...))...*

P: *my homework.*

A7: *my homework... mais um...*

P: *what time is it?*

A7: *it's... it's... two...((...))*

P: *it's late. bye, bye.*

A7: *bye, bye.*

P: *((...))*

AB: *sem papel, né, dona? let's go snack bar.*

A9: *sure, that's a good idea.*

AB: *I'm sorry, I can't. I have to do my homework.*

A9: *what time is it?*

AB: *it's one clock.*

A9: *é... it's... it's ((...)) , bye, bye.*

AB: *bye, bye.*

P: *ok.*

A10: *let's go to snack bar.*

A11: *sure, ((...)).*

A10: *I'm sorry, I can't. (I have to do my homework).*

A11: *I... I...((...)) bye, bye.*

A10: *bye, bye.*

P: *fala...*

A12: *let's go to snack bar.*

A13: *sure, that's a good idea.*

- A12: *I'm sorry, I can't. ((...))*
- A13: *a time is it?*
- A12: *((...))*
- A13: *it's late; bye, bye.*
- A12: *(bye, bye.)*
- P: *ok. ... ((...)) Renato, vai, começa...*
- A14: *((...)) snack bar?*
- A15: *sure, let's ((...))*
- A14: *I'm sorry, I can't. I have to do my homework.*
- A15: *let's ((...)).*
- P: *what time is it?*
- A15: *ah, eh! what time is it?*
- A14: *it's (a) three o'clock.*
- A15: *é... is late. bye, bye.*
- A14: *bye, bye.*
- P: *Você já tentou fazer (tudo) agora? vão acompanhando, aí, a...leitura, tá bom? vão olhando no quadrinho! não é pra olhar pra minha cara, tá certo? é no quadrinho!*
- As: *((...))*
- P: *(então), vão acompanhando! então, vão acompanhando a leitura, olhando, então ((...)) então, vamos lá...((...)) (Roberto)... what is your name? ((...)) made in Brazil, in 1961. (you look that). ... what? because ((...)) old and ((...)), nobody want (to show) the ((...)). I have an idea! I ((...)) green, pink, red, yellow, blue, white and black, you are marvellous, (John)! that's a good idea. Roberto. thank you. let's go to the park. behave you. now. a hundred cruzeiros a (ride). boy, girl, children, ((...)) now, ((...)). I love you, Roberto. love you, ((...)). outra vez... é... presta atenção...*

- A: B, dona! é...fala em português, ((...))
- P: (Paula)! hi, (this) is Roberto. what is your name? ((...)) (Brazil) in 1961. you look sad... why? because ((...)) (long) and (usual). nobody ((...)). hm ((...)) I have an idea. I ('ll) take you some (colours), green, pink, red, yellow, blue, white and black. you are marvellous ((...))! that's a good idea, Roberto. thank you. let's go to the park. behave you, now. cr\$ 100,00 (a ride) boy(s), girl(s), children, ((...)). now, I'm ((...)). I love you, Roberto, love you, (Beto)... acompanharam a leitura? ((...)) (NESSE MOMENTO, DUVE-SE UMA SIRENE)... para a próxima aula, então, quero todo mundo é...respondendo o questionário aqui...((...))

- FINAL DA SÉTIMA AULA -

5ª série "E" - Diário da AULA B - DATA: 24 /novembro/ 1989

Aula utilizada para aplicação do "Questionário de Alunos"

(Última aula observada nessa classe)

(burburinho: 30 SEGUNDOS)

- A1: oi, dona...oi, (professor)...(DIRIGINDO-SE AO Pes)
- A2: um prá cada um?
- As: ((...)) (barulho de As)
- P: (quietinho aí)((...))...o professor vai conversar com vocês, tá? ((...))
- Pes: ((...))
- A: é dona...
- Pes: ((...))...é o seguinte...eu estou fazendo um trabalho...de pesquisa...((...))da pesquisa...é (esse) livro de inglês (que vocês)((...))...sobre esse livro aqui, o Our Turn=
- As: ((...))(Our Turn...Our Turn...)

Pes: =(e a estória é a seguinte)...eu estou assistindo às aulas pra saber como a professora usa o livro com vocês...tá?...e agora eu queria saber também o que é que vocês acha (ênfase)...do (curso de) inglês...e o que que vocês acham do livro...=

A: ((...)) é super-legal...

Pes: =bom ((...))=

As: ((...))

Pes: =então vamos (fazer direito)((...))=

(barulho de As)

Pes: =eu preparei um questionário...tá?...então...a professora Elisabete...ela vai dar permissão pra (eu) fazer isso agora...((...))tá?...eu vou entregar um pra cada um, daí a gente vai lê(r)...todo mundo junto, tá?...pra ver se vocês têm alguma dúvida...tá bom? (então vamos lá...)

(Pes distribuiu uma cópia do questionário para cada aluno.)

A1: pode (escrever) à lápis? pode escrever à lápis?

A2: pode escrever à caneta, (professor)?

As: ((...))

A: dona...é dona, tem ((...))

As: ((...)) (burburinho)

P: ((...)) senta...Renato...

Pes: ((...)) pra vocês como é que vocês vão responder...tá?...é o seguinte...o questionário diz assim...primeira pergunta..."Qual a sua idade?"...então responde quantos anos você tem...todo mundo lembra? =

A: é claro!

Pes: =então tá bom...pode por...

As: ((...))

Pes: agora...(eu vou continuar lendo) o questionário ((...))=

P: vai sentá(r), fica (passeando ai pela classe)...

Pes: =olha lá..."Há quanto tempo você estuda inglês?"...então, se vocês estudam inglês ((...)) quinta série, vocês ((...))

A partir desse momento o Pes continuou a explicar as perguntas para os As, até a última pergunta do questionário. Os questionários foram respondidos e devolvidos ao Pes.

- FINAL DA OITAVA AULA -

APÊNDICE 5

- Dados da 8ª série: transcrições de aulas -

Obs: N. Viana

LD: A PRACTICAL ENGLISH COURSE - volume único

CLASSE: 8ª série (período matutino)

AULA 1 - Data: 23 /outubro/ 1989

Obs: N. Viana

P: *two*

A1: *present*

P: *three*

A2: *yes*

P: *four*

A3: *yes*

P: *five*

As: ((...))

P: *seven*

A4: *yes*

(BARULHO)

A: *yes*

P: *nine*

A7: *yes*

As: ((...))

P: trouxe o livro seu Rodrigo?

A1: eu não...

P: pra variá né...

A1: não...

P: cê vai vê ((...))

A1: eu tenho alguma falta ... eu tenho alguma falta de livro  
aí ou não fessora?

P: só todas as aulas ((...))

A2: (ah imagina)

A: ((...))

A1: ah... isso não é verdade não fessora...

A: ((...))

A1: ó... agora o papo é sério... eu tenho ((...)) entendeu  
fessora?

As: ((...))

P: falta o... último exercício pra gente corrigi, né gente?  
... porque...

A: é... pode crê ((...))

P: que página que é do livro?... ahn Bernadete?

A: ô dona ((...))

P: (TOM REPREENSIVO) faz favor Edson ((risos)) ((...))

(ALUNOS CONVERSAM EM VOZ BAIXA)

A: ((...)) (PERGUNTANDO ALGO SOBRE O PESQUISADOR A PROFESSO-  
RA)

P: o Nelson?

A: ((...))

P: imagine né...

- A2: imagina que ele vai querê... (POSSIBILIDADE DO PESQUISA-  
DOR SER PARANINHO DA TURMA)
- A1: ele vem de lá aqui pá fazê estágio... ele precisa sê rico  
né?
- A: ((...))
- P: último exercícios...
- As: ((...))
- P: Bernadete
- As: ((...))
- A1: É gente... unidade ((...)) o vocabulário na lousa aí  
((...))
- A: Éba - adoro isso...
- A: eu adoro falá...
- A1: ((...)) o vocabulário na lousa ((...))
- A: é
- P: ((...))
- A1: ((...))
- As: ((...))
- P: não sou eu que vou... cada um vai fazê...
- A1: ah, lógico...
- As: ((...)) (AS VEZES OUVI-SE TAMBÉM A VOZ DE P MAS NÃO DA  
PARA ENTENDER O QUE DIZ PORQUE OS ALUNOS FALAM AO MESMO  
TEMPO E RIEM)
- P: Wagner... vem na lousa
- As: ((...))
- A1: a gente escolhe qualquer palavra, põe na lousa o signifi-  
cado?

P: não ((...)) cê pega o seu livro, vem na lousa ((...))

A3: só o Rodrigo né?

P: não... (RISOS)

(CONVERSAS SIMULTANEAS - VOZ BAIXA - A1,A3 E OUTROS ALUNOS COPIAM NO CADERNO O VOCABULARIO QUE P ESCREVE NA LOUSA)

A1: já acabô já?

P: imagina Rodrigo...

A1: ((...))

A3: ((...))

A1: e aí professora? como nós távamos conversando...

A: ((...))

A1: conversa ((...)) aqui ((...))

A: ((...))

A: tá chegando perto do dia 30 ((...)) (RUÍDO DE CARTEIRAS)  
((...)) (P dá bronca)

P: ((...))

A: ((...))

P: faz favor Edson... ((...)) começa a copiá...

A2: ah dona, o meu caderno tá cheio, já...

A: ((...))

A: altos...

A1: é ((...)) mesmo?

(PAUSA)

P: Bernadete...

As: ((...)) (RISOS E COMENTARIOS)

A: *are there... há...*

P: certo

(COMENTÁRIOS DE As EM VOZ BAIXA)

P: vai Rodrigo

A1: eu?... "as" - como...

A2: (ri alto e repete como se fosse uma só palavra "ascomo")

As: (RISOS)

P: *as... como...Edson...*

A: ((...))

(CONVERSAS DE As EM VOZ BAIXA)

P: vai

A1: ah esse eu não sei professora ... *belong?*

P: *belong...*

A1: é?

P: *belong...*

A1: *belong...*

A: *belong...*

P: *pertencer...*

(SILÊNCIO)

P: vai...

A1: eu?

P: é... Andréia

A2: ih...

P: vai

A2: *bird*

P: (CORRIGE A PRONUNCIA) *bird*

A2: (REPETE ERRADO) *bird*

P: (MAIS ALTO) *bird*

A2: (REPETE CORRETAMENTE) *bird* ... pronto ((...)) ...

A1: os mais fácil caiu pa Andréia...

(RISOS)

A2: bi-bótió

P: (CORRIGE A PRONUNCIA) *boffle*

A2: (REPETE A PALAVRA DE FORMA ESTRANHA) bó:to...

As: (RISOS)

A: *get up...*

A: *get up...*

A: *get up...*

A: ((...))

(PAUSA)

P: ((...))

A1: gostei

(COMENTÁRIOS DIVERSOS - RISOS - P TAMBÉM RI)

P: vai...

P: ficou lindinho do jeito que você falou viu Edson?

A: ((...))

A3: ((...)) fazê uma revoluacão na América Latina...

P: vai

A: can

P: can

A: can

A1: can ...

As: (RISOS)

A3: ((...))

(PAUSA)

A1: (REFERÊNCIA AO PESQUISADOR) ... após um dia inteiro de trabalho ... após um dia inteiro de trabalho ... chegá em casa e ouvi essa fita aí... que beleza...

As: (RISOS)

P: vai Rodrigo ... canary...canary...

A1: canary...

P: isso (canário)

A: (gostei) dessa aí...

P: bonitinho né...

(PAUSA)

A3: ((...))

(PAUSA)

A: ah... essa daí não lembra a dona ((...))

As: (RISOS)

A: caf...

A1: Keity (RISOS)

(OUTROS ALUNOS REPETEM "KEITY" E RIEM)

P: só faltava...

(RISOS E COMENTARIOS DE As)

A1: ((...)) aqui... com perdão se eu tivesse um irmão chamado Keity eu me mato...

A3: ((...))

A1: que jacú... Kate...

A3: ((...))

A1: que que um homem desse tem na cabeça pra pôr um nome desse na filha hein? ...Kate?

A: cabeça?

(FALAS SIMULTANEAS DE As)

A: tá uma belezinha...

((...))

P: ((...))

A: ((...))

P: pensei que era Sheila...

A3: ((...))

A1: ((...)) aquela coisa linda lá (EM TOM SATÍRICO) (RISOS)

P: não é Sheila?

A1: Sheila?

A: não

A3: não

A: Kate

A: ((...))

P: ((...))

(PAUSA)

P: vai... é...

A: é ((...))

A: não não não ((...))

A: não... é ele

A: é ela

A: a dona me pegô no pulo... a que eu não sei falá...

A: cê tá sentado ou ((...))?

As: (RISOS)

P: pelo menos ((...))

A3: ((...))

P: só que não tão lendo mais a tradução né?

A: ah ((...))

A1: ah... é pra lê dona?

A2: é?

A: então vamo fazê... vou fazê uma pergunta agora...

P: (cê não leu lá) ((...))

A: ((...)) ... a gente lê o inglês e depois ((...))

(RISOS E COMENTARIOS)

A: cala a boca ((...))

(COMENTARIOS DE P E DE As)

(PAUSA BREVE)

As: ((...))

A: come back

P: come back

( PAUSA )

A1: eu quando come back dos Estados Unidos...

A: ((...))

( PAUSA BREVE )

( As CONVERSAM EM VOZ BAIXA )

A1: eu quando come back ((...))

( COMENTARIOS SIMULTANEOS )

P: vai ((...))

A: eu?

P: ((...))

A1: ((...))

A: ((...))

A: ((...))

( PAUSA BREVE )

A1: ( LENDO NA LOUSA ) cover ((...))

A: cover ... subir... subir... cobrir...

( RISOS )

A: não... é que essa letra escorrega...(RISOS)

( COMENTARIOS SIMULTANEOS )

( PAUSA )

A: curió dona?

P: curiosity ( LENDO A PALAVRA )

As: ((...))

A: curiosi?

P: *curiosify*

A: *quiuriosos...*

(PAUSA)

(CONVERSAS EM VOZ BAIXA)

P: *Evandro...*

A3: *eu ... é...*

A: *Ivan...*

A3: *disk*

P: *desk*

(RISOS)

A3: *brigado*

P: *carteira*

A1: *disque (RI) disque oito quatro meia...*

A: *diz que me tá preocupado...*

A: *((...))*

(PAUSA)

A: *((...))*

A5: *((...))*

A: *bom... (RISOS) ((...))*

A1: *((...))*

P: *então fala Rodrigo...*

A1: *director*

A3: *gostei Rodrigo .. director (RI)*

P: *fala Evandro agora...*

A3: *director ... (RISOS)*

A: ((...))

A1: *cê falou director ... ((...)) director*

(FALAS SIMULTANEAS)

(ALUNOS FALAM TODOS AO MESMO TEMPO E FAZEM UM SOM EM CORO NO FINAL RIEM BEM ALTO E CONTINUAM CONVERSANDO - OUVI-SE A VOZ DE A1 QUASE O TEMPO TODO)

P: *Andréia ((...))*

A: ((...))

(conversas em voz baixa) ((...)) (A1 fala bastante e ri)

P: *Bernadete...*

B: *de novo? ... ((...))*

(ENQUANTO ISSO, OUVI-SE A VOZ DE A1 QUE NAO PARA DE FALAR)

P: (CHAMA OUTRO ALUNO)

(A1 continua falando)

A: ((...)) (em resposta à P)

A: ((...)) ((conversando com A1))

((prosegue a conversa)) ((...))

A1: *óh... três ((...))*

(CONVERSA ENTRE AS PROSSEGUE - AS VEZES EM VOZ MAIS BAIXA)

A: ((...)) (ALGUM ALUNO LENDO PALAVRA DA LOUSA A PEDIDO DE P)

A1: *parece aqueles cara do Chico Anísio que sopra sopra sopra ((...))*

(RISOS E COMENTARIOS)

P: *Andréia...*

A1: vai .. vai ... não sei professora

P: vai... vai... vai indo ainda fala outra coisa ((...))

As: ((...))

A1: professora ... como fala saco assim ... saquinho... saco

P: por que?

A1: ahn? eu quero sabê como fala isso...

A3: ih... mas ela leva tudo ((...))

P: (todo dia não?) mas todo dia ele faz uma pergunta dessa..

-

(RISOS BEM ALTOS DOS ALUNOS)

A1: é óbio ((...))

A: ((...))

A1: ((...))

A: ((...))

A1: ((...))

(PAUSA)

P: vai Andréia

A2: eu não sei dona ... .. go (PRONÚNCIA BEM "DURA" : gô)

A: como é que é? ... gô?

A2: (repete)"gô"

A1: ((...)) (ri)

A: como é que é "go"?

A: ai-ai...

(COMENTÁRIOS DIVERSOS)

A2: no:issa... grã...fêter?

P: *grandfather...*

A2: *ah... grande coisa*

A1: *grandfather ((...))*

A3: *não é grande coisa... é "vô"*

P: *é avô ... não é grande coisa .. é avô*

(PAUSA)

A: *ele avoa...*

(PAUSA)

A: *avô*

A1: *(RINDO) ((...))*

A: *((...))*

(PAUSA)

A2: *((...)) (LENDO UMA PALAVRA DA LOUSA)*

(PAUSA)

A: *ah... vai se ferrá... Marcelo...*

A: *por que?*

A: *((...))*

A2: *((...)) .. ... ((...)) (LENDO PALAVRA DA LOUSA)*

(CONVERSAS ENTRE As)

A2: *tem um ainda?*

P: *tem...*

A2: *why not...*

P: *((...))*

A: *((...))*

A1: eu? ((...))

As: ((...))

A: cinco pras nove agora...

A: então... falta quinze pra nove e dez (HORARIO EM QUE A AULA TERMINA)

A: beleza...

((...))

A: eu dona?

P: é...

A: ((...))

P: ((...))

A1: ((...))

(PAUSA)

P: ((...))

A1: ((...))

P: *inférs - tin (=interesting)*

A: é do...na ... o do...na...

P: *infér - tin...*

A: *inférs...*

(PAUSA)

P: *interê/interessante...*

A: *interessante...*

A1: *infiristing*

A3: ((...)) interessante dona...

A1: (REPETE A PALAVRA COM PRONÚNCIA DIFERENTES)

P: (CHAMA OUTRO ALUNO)

A: quem? ((...)) ... é dona eu não sei ... ((...)) deixa ele  
falá tudo dona...

(RISOS)

P: não... eu quero que você também participe...

A: ((...)) já falei dona ... quênds...

As: ((...))

A1: (RISOS)

A1: *kinds*...

A: quênds...

A: não é quênds...

P: não é quênds=

A1: é *kinds*...

P: ((...))

A: ((...))

P: (*kinda*) *kinds* ... ((...))

A: ((...))

A3: ((...))

(CONVERSA ENTRE As - ALGUMA COISA SOBRE FILMES)

A1: cêis também são umas ((...))

A: quenôu

P: *know* ((...))

(As REPETEM, CONFORME A PRONÚNCIA DE P) As: *know*...

A3: cabô né Angélica?

A2: cabô ((...))

(Barulho de As) -

A1: (EM TOM SATÍRICO) acabô de escrevê na lousa ... agora tem lá embaixo...

P: agora vamo começá ((...))

A: ((...))

A: acabô lá...

A: nossa...

(CONVERSAS EM VOZ BAIXA ENTRE As / RISOS / ALGUNS RUÍDOS DE CARTEIRAS - ALGUNS As CONTINUAM A LER, CONFORME A SOLICITAÇÃO DE P)

P: Marcelo

A: name...

P: name...

A: name - nome ((...))

P: ((...))

As: ((...)) (RISOS)

A1: ((...))

A: ((...)) *very*

P: ((...))

A: ((...))

(PAUSA)

A: ((...))

A: vai?

P: vai

A: ((...)) ... ((...)) *light* (PRONUNCIOU *LIGHT* EMBORA A PALAVRA SEJA *LITTLE*)

A: *light*...

(PAUSA)

A1: ((...)) *extra light*... (RI) *extra light*...

A: ((...))

P: *little*

A: ahn?

P: *little*

A: *little?*

A: eu nunca ia acertá aquela...

A: é *little* o que?

A: *little*...

A: então qué dizê que a ((...))

A: ((...))

(PAUSA)

A1: tô com saudade dele já...

A: (ah eu não tô viu)

A: ôh dona.. ((...))

P: oi...

A: a dona mora perto do Amauri? (REFERENCIA A UM EX-PROFESSOR DA TURMA)

P: mais ou menos...

A: fala pra ele ((...))

A: ((...)) fazê uma visita...

(VARIOS As FALAM AO MESMO TEMPO E RIEM)

P: ((...)) vai pro convento...

(FALAS SIMULTANEAS)

P: ((...))

A: ((...)) dona...

As: ((...))

P: vai ... é... Marcelo...

A: eu de novo?

A1: ((...)) (RISOS) por que cêis não pensam em Deus? (REFE-  
RINDO-SE A UMA FALA DO EX-PROFESSOR CITADO ANTERIORMENTE)

A3: perdemo o professor (RI)

A: acho que ele ficou tão perturbado de dá aula aqui ... (RI)

A1: ((...)) aquele coitado...

A: coitado ((...))

P: ((...))

A: ((...))

As: ((...))

P: ((...))

A1: aquele dia que eu assisti aula de costas, cara ele ficou  
tão nervoso... parecia que ele ia tê enfarte, cara...

As: ((...))

P: Evandro...

A3: eu!

(CONVERSA ENTRE A1 E OUTROS ALUNOS - RISOS)

A: *living* (LENDO ENQUANTO OUTROS ESTÃO CONVERSANDO)

P: *Living ((...)) room*

A3: *ah... room*

P: *Living - room...*

A3: *room*

P: *sala de estar...*

A3: *sala de estar*

A1: ((CONTANDO ALGUMA COISA OCORRIDA EM SALA DE AULA COM O EX-PROFESSOR)) professora .. um dia ele ((...)) essa porta ((...)) deu uma peitada no batente da porta (RINDO) ((...)) ((OUTROS RIEM TAMBÉM)) ... quase que levou o batente pra casa

A: ((...)) mais aula aquele dia...

As: ((...)) (RIEM)

A1: a Bernadete nunca abriu a boca .. quando abriu tomou xingo do Amauri ... a única vez que o Amauri xingou ((...))

A2: ah: e aquele dia também ... ((dramatizando)) abre mais: (RISOS) não vai embora ... ((...))

As: ((...))

A2: parecia um pimentão ((...))

As: ((...))

A: eu? ... é: many...

P: many...

A: muitos...

A: ((...))

A: ((...))

P: Andréa

A: ((...))

As: ((...))

A1: essa semana todos os filmes são legais...

A: é...

A1: ((...))

As: ((...)) (RISOS)

A2: porcaria eu não vou assisti mais

P: já começo: né gente? (TOM REPREENSIVO)

A: ahn?

P: já começô:

A2: ((...))

A: ((...))

A: ((...))

A: não: vamo fazê ... ((...))

A: ô dona ...o que que é cure em inglês dona?

A1: o que?

A: cure...

A1: como que se escreve?

A: (ri) porque aqui tem mǎni (=many) não tem cure .. manicure (RISOS ALTOS DE ALUNOS - COMENTARIOS DIVERSOS) ((...))

A: o ((...)) hoje deve tê levado algumas pancadas na cabeça viu? porque...

A: óia ...pancada levou o alemão...

A: ((...))

As: (RISOS)

P: Bernadete

B: ( ( ... ) )

As: ( ( ... ) )

B: ( ( ... ) )

P: ( ( ... ) )

(OUTROS ALUNOS ESTÃO CONVERSANDO E NÃO DÁ PARA ENTENDER AS PALAVRAS EM INGLÊS QUE FORAM FALADAS POR P E PELA ALUNA DESIGNADA PARA LÊ-LAS )

As: ( ( ... ) )

(BREVE)

A: Ô Angela .. falta dois minuto pra batê o sinal

A: Ô dona... pode sai dona?

A: ( ( ... ) )

A: só dois minuto...

P: só dois?

A: só dois...

(DIVERSOS COMENTÁRIOS SIMULTÂNEOS) ((...))

A1: do:na falta dois pras nove e dez

A3: ela não acredita viu ... ela não acredita ((...))

A: ( ( ... ) )

(DIVERSOS ALUNOS E P FALAM AO MESMO TEMPO) ((...))

A3: não tá atrasado nem um minuto

As: ( ( ... ) ) (RIEM)

A1: o Amauri .. o Amauri então ficou nervoso .. todo mundo virô de costas pra ele assim com a cadeira ...aquelas cadeira .. ele parô e nós assistindo aula de costas ...

(COMENTÁRIOS DE OUTROS ALUNOS) ((...))

P: que gracinha né

A: só eu: ... só eu prestando atenção na aula do coitado

As: ((...))

P: ( posso apagá a lousa? )

(ALUNOS CONTINUAM CONVERSANDO E RINDO - FALAM SOBRE O EX-PROFESSOR E CONTAM ALGO PARA A PROFESSORA)

P: já tô sabendo dessa estória

As: ((...))

P: verdade ... pergunta pra...

A: ah... puta relaxo...

- FINAL DA PRIMEIRA AULA -

LD: A PRACTICAL ENGLISH COURSE - volume único

CLASSE: 8ª série (período matutino)

AULA 2 - DATA: 27 / outubro / 1989

Obs: N. Viana

(P FAZENDO A CHAMADA)

A1: ele não veio...

A: ele pensou que ((...))

A: ele veio pá vê a nota fessora...

A: não veio ... (não veio)

A: nine...

A1: ((...))

P: ((...))

A1: mas será que eu trouxe o livro hoje?

P: se você não trouxe ((...))

As: ((...))

P: quando eles tem aula você nunca fala de ir buscá... só porque você sabe que eles não tem aula de inglês 'cê vai lá querê...

A1: ((...))

A: ((...))

P: ((...))

A1: vamo ((...))

( DIVERSOS ALUNOS FALAM SIMULTANEAMENTE )

P: não vai não...

( ALUNOS CONTINUAM CONVERSANDO )

P: vamo lá senhor Edson ... pode ((...))

( ALUNOS FALAM ALTO )

P: ( VOZ MAIS ALTA ) óh... agora vamo ficá em silêncio

A: ( PARA OUTRO ALUNO ) cala a boca aí...

P quem vai começa a fazê a leitura do texto?

A: bérds (=birds) are animals...

P: animals...

A: bérds...

P: vamo pará de batê papo? (TOM REPREENSIVO)

A: that can...

P: fly...

A: ((...))

A: *about* (COM O FECHADO)

P: *about...*

A: (O ALUNO FAZ BRINCADEIRA COM AS DUAS PALAVRAS QUE LÊ E NÃO DÁ PARA COMPREENDER SUA FALA)

P: (CORRIGE) *nine thousand...*

(OUTROS ALUNO RIEM E CONVERSAM)

P: *é...Rodrigo...*

A1: *birds...there are birds all over the world ... ((...))*

(OUTROS ALUNOS FALAM AO MESMO TEMPO EM QUE A1 LÊ)

P: ((...))

A1: *in the woods ... in the fields lakes and rivers "nér"*  
(=near) our house

P: *Evandro...*

A3: *eu?*

A: *eu...*

A3: *there are many inter - in?*

P: *inférstin (=interesting)*

A3: *inférstin curiosi...*

P: *curiosities...*

A3: *curiosities "á-bot"...*

P: *about...*

A3: *about ... ((...)) ...a-birds*

P: *of birds...*

A3: *of birds...*

A5: *birds...*

A3: *many birds "migrate"...*

P: (CORRIGE)) *migrate...*

A3: *migrate... não tá fácil hoje hein? (tão tudo contra mim hein?)*

A: ((...))

A3: *migrate...*

P: *during...*

A3: *during the ... the...*

P: *winter...*

A3: *the...*

P: *winter...*

A3: *winter ...é...*

P: *season...*

A3: *ahn?*

P: *season...*

A: ((...))

A3: *cala a boca ((...))*

P: *peeeeeeeeeeee ...season...*

A3: *season...*

P: *é...*

A3: *brigado...*

P: *continua...*

A3: *after .. the cold...*

P: *cold...*

A3: *sea...sonsss (RI)*

- P: não é assim ... vai...
- A3: *season...a...ahn...the...*
- P: *they...*
- A3: *they...*
- P: tem uma diferença... cê não acha?
- A3: ah...tem o epsilon aqui, mas no fundo não faz diferença nenhuma...
- P: vai...
- A3: *they ... they ((...))*
- A1: *((...))*
- A3: "*riturn*" (=return) to the "*sôme*"...
- P: *same...*
- A3: brigado ... ré...
- P: "*ré-gions*" (=regions)
- A3: "*ré-gion*" and many ... tá bom né?
- P: ah... não chegou no ponto ainda né?
- A: deixa ele...
- A3: ah... mas só tem ponto...
- P: *of them...*
- A3: *of ... them...*
- A1: *to the same nest ... vai... pronto...*
- A3: *the same nest...*
- P: Zé Cláudio...
- JC: *é... birds... these birds... fly long distances and nobody knows how they come back to their place of "óridien" (=origin)*

(ALUNOS GRITAM E AFLAUDEM - ELE É CONSIDERADO O ALUNO QUE MELHOR LÊ NA CLASSE)

A: é que o meu negócio é russo... não é inglês...

P: vai Bernadete...

B: *birds build many "kinds" (COM I) of...*

P: (CORRIGE) *kinds...*

B: *of nestes that ... they "üzi" (=use) for...*

P: *use...*

B: *use for ..como fala isso?*

P: *little...*

B: *little ... or much time ... there was an...*

P: *eagle...*

B: *eagle that... used ... the same nest ... for thirty-five years ..*

P: certo ... Rodrigo...

A1: Rodrigo? ...a ((...)) não leu ainda...

P: ela vai lê...

A1: (TOSSE) ... certo ...

P: ((...))

A1: lógico... não era eu...

P: não era? você não pode então prestar atenção?

A: dá E pra ele...

A: ((...))

P: (Rodrigo) ((...))...

- A1: ah... (COMEÇA USANDO UMA PRONÚNCIA CONFUSA PARA A PALAVRA "HUMMINGBIRD" E CONTINUA) *nests are there ... are the ... smallest ... a cap of bottle can cover one ...é... "sfu- diz indi- indicat" ((studies indicate)) that only one ... third of ... the young birds can sur-survive...*
- P: José...
- J: Ô dona...
- A1: ah... também não sabe (REFERÊNCIA À PARTE DO TEXTO QUE DEVE SER LIDA)
- A: ((...))
- P: *squirrels*
- A: *squirrels, snakes "dezézi" (=diseases)*
- P: (CORRIGINDO) "diziziz"
- A: *other animals and bad "uiter" (=weather) kill many young birds...*
- A: *young birds...*
- A: *many people raise "birds" (=birds) as pets, such as parrots .. "pêra"...*
- P: *"pâra-kits" (=parakeets)...*
- A: *parakeets and canaries...*
- P: ((...)) lê...
- A: ((...))
- P: é... Zé Cláudio...
- JC: *"unfortunefly" many "spêches" (=species) of birds are "dizépirin" (=disappearing)...*
- A1: Led Zeppelin (RI)
- P: ((...))
- A: *he must protect and love nature and these flying beauties ... don't you "égri" (=agree)?*

(UM ALUNO AFLAUDE)

A: acabou...

As: ((...))

P: fizeram ... fizeram a tradução?

(HA VARIAS FALAS SUMULTANEAS)

A: fizemos...

A3: quem fez?

A1: o que?

A: eu fiz ((...))

A1: a senhora falou que não era ((...))

(FALAS SIMULTANEAS DE P E As)

P: que que nós combinamos ontem?

A1: não... (ficô assim)

A: ((...))

A1: se vocês quiserem fazer em casa ... é melhor que aqui né dona ... mas a senhora não falou ((...))

P: ((...))

A: ((...))

A1: a senhora falou assim (se...)

A3: (você não fez) você não fez aquela tradicional pressão psicológica...

A: eu fiz ((...))

A3: se vocês não fizerem cêis levam E...

P: (FAZ UM COMENTARIO E RI) tá... então vamo fazê a tradução...

A: não preciso porque eu já fiz...

A: tradução...

P: cê vai fazê sim ... todo mundo vai ((...)) mesmo que tenha feito...

A1: ((...))

(ALUNOS FALAM SIMULTANEAMENTE)

P: vai copiá então...

As: ((...))

A: hoje ((...)) não vai dá pra fazê...

P: por que?

A: acabô o caderno!

As: ((...))

P: (AO PESQUISADOR) na segunda ... nessa segunda eu ainda tô aqui e ... é na outra que eu vou ... eu vô tê que fazê o ((...))

Pes: ((...))

P: ((...))

Pes: ah... tá bom ... tá...

(SILENCIO)

P: se você quisé me dá a cópia... (DO QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR ) ...ai eu levo ... eu faço lá...

Pes: ((...))

(ALUNOS CONVERSAM EM VOZ BAIXA E FAZEM A TRADUÇÃO)

P: ((...))

A: ((...))

P: cê já fez ((...))?

A: ainda não...

(PAUSA)

A: ela me apunhalô... (RISOS)

(PAUSA)

P: hei... que é isso? ... cada um ... Rogério... (RISOS)  
((...))

(PAUSA)

A1: ah... ô ((...)) dá um tempo ... depois eu te empresto o caderno procê copiar...

A: ((...))

P: ((...))

(PAUSA)

P: (CHAMA UMA ALUNA) ... ((...)) um pouquinho...

A: ah...

P: (CONVERSANDO COM O PESQUISADOR) 'cê faz a entrevista com eles e dá... entrevista por exemplo não são as mesmas perguntas que tem no ... no ... questionário?

Pes: ((...))

A1: professora ... a gente tá trabalhando aqui ... o ((...)) copiando...

As: ((...))

A1: ahn? fazendo ((...))

A: copiando...

A: sertão ... sertãozona ((...))

A: negócio de sertão ((...)) (RISOS)

A: ô dona ... ô dona...

(P ESTÁ FALANDO ALGO EM VOZ BAIXA)

As: ((...))

A: o de "nine" (COM I) é nove?

P: *nine thousand...*

A: nove mil?

P: mil ... pode respondê ((...))

A: ô dona ((...))

As: ((...))

P: ((...))

As: ((...))

A: ô dona ((...))

A: ah Edson ... sai ((...)) vai enchê o saco da tua mãe vai.  
..

A: shsss! (PEDINDO SILÊNCIO)

A: ah... minha mãe ((...)) pro almoço...

A1: tã gravando (RISOS) fica ... ficã xingando a mãe do outro  
aí (RISOS)

A3: vamo parâ com a baixaria...

As: ((...))

A1: caipira é fogo ... eu não me conformo... (RISOS)

A: ah... veio do planalto...

(RISOS)

As: ((...)) (RISOS)

P: ((...)) vamo fazê a tradução...

A: (ALUNO FORA DA SALA DE AULA) ah... mas não é possível  
né?

A: ( DENTRO DA SALA ) é... não é possível mesmo ... (RI)

A3: ((...)) ... (COMENTÁRIOS ENTRE ALUNOS EM VOZ BEM BAIXA E RISOS)

A1: por falta de ((...)) difícil ((...))

As: ((...))

P: ((...))

A3: ah sei ((...)) ... forças ocultas ... tudo bem...

(VARIAS FALAS SIMULTANEAS DE As E P)

A: *over...all over the world...*

P: não tá parecendo ((...))

A: então... é pássaros ... há pássaros ...

P: em todo o mundo...

A: em todo o mundo ... pera aí...

P: pode guardá que eu não vou traduzi tudo não ... que ocê tem o vocabulário com todas as palavras ... eu tô achando muita (ENFATICAMENTE) falta de vontade...

A: ((...))

As: ((...))

A: *teacher...* posso ir no WC?

As: (ALUNOS FALAM EM VOZ BAIXA)

A: posso ir no WC?

(COMENTÁRIOS DE ALUNOS EM VOZ BAIXA)

A: é dona ...*caf* é gato?

P: *caf?* ... é...

(ALUNOS CONTINUAM FAZENDO A TRADUÇÃO - FALAM EM VOZ BAIXA)

(PAUSA)

(HA POUCOS COMENTARIOS - O TOM DE VOZ É BAIXO - PERGUNTAM UM AO-OUTRO ALGUMAS PALAVRAS E ÀS VEZES À PROFESSORA, QUE RESPONDE EM VOZ BAIXA AO ALUNO QUE PERGUNTOU. HA VARIOS PERÍODOS DE SILÊNCIO NA SALA)

(REINICIA O BARULHO NA SALA DE AULA)

P: aonde? (RI)

A: ((...))

P: los não ((...)) cê fica ai jogando...

(RISOS - QUANDO A P FALA QUE O ALUNO FICA JOGANDO, REFERE-SE À ESTRATÉGIA DELE DE FALAR PARTE DA TRADUÇÃO DA PALAVRA PARA QUE P COMPLETE A FRASE EVITANDO-LHE TER QUE TRADUZIR A FRASE TODA)

As: ((...))

P: cê até agora cê fez três frases e as três cê veio aqui pra mim traduzir ... qué dizê cê não fez nenhuma...

A: ((...))

A: ô dona ... é que eu sô burrinho ... é que eu sou o caçulinha lá em de casa ((...))

P: coitado ... imagina os outros ((...)) o caçula ((...)) assim...

A: ((...))

A1: deu um suador fazê essa tradução...

P: guenta...

A1: cansou ((...))

P: ((...)) respondeu às perguntas?

A: ahn?

P: cê já respondeu às perguntas? ((...))

A: ô dona ... ô dona...

P: ((...))

A1: é pra respondê as pergunta?

A: é dona ... é dona ((...)) fora da escola ((...))

P: ((...))

A1: ((...)) óh... vai sê documentado nessa fita ... a paixão profunda...

(RISOS)

P: ((...))

A1: ganhá essa fita e entregá pro ((...)) pensou cada pancadaria que não sai?

As: ((...))

P: (RINDO FAZ UM COMENTARIO) ((...))

As: ((...))

A: cê não sabe de nada ... cê é uma desinformada ...

P: só sei que eu vou vendê ((...))

A: cê não sabe lê jornal?

(RISOS)

P: ((...)) (CONVERSA ENTRE P E As SOBRE UMA FESTA QUE VAI SER REALIZADA NA ESCOLA NO FINAL DE SEMANA)

A1: (EM TOM SATÍRICO) pelo amor de Deus ... eu vejo a professora a semana inteirinha ... menos terça-feira ... sábado que eu ia... tava pensando que não ia vê a professora ... ela vai trabalhá do meu lado?

P: do teu ladinho...

A1: meu Deus...

A: ((...))

A1: que tragédia...

(COMENTARIOS DIVERSOS SOBRE A FESTA ENTRE ALUNOS E P)

A: a Bernadete ... ah... eu tenho vergonha de vendê ... tem que ficá olhando pra cara do ((...))

B: ah...

As: ((...))

A1: cê é planalto e ela é sertão...

As e P: ((...))

A: text ((...)) não tanto quanto ((...))

A: ((...)) cheio de pinga ... ((...)) pode esquecê ((...))

A: Ô dona ... sabe que eu não bebo...

(RISOS)

P: a aula passada cê se declarou aqui, meu filho...

A: não...

P: ((...))

A3: é... cê falô que você é um alcóolatra (RI)

A: não... eu comecei bebê dona ... (RISOS) tinha quinze anos...

A: ((...))

A: a primeira mamadeira dele foi um litro de cerveja...

(RISOS)

A: eu era um bebedor primário (RISOS) agora ((...)) seis anos ... aí eu embalei né ... agora eu sou um alcóolatra formado (RISOS) ...eu sou primário ainda? ((...))

P: ((...))

A: a Ângela...

P: ((...))

A: o Rodrigo ... esse negócio de bebê ((...))

(RISOS)

P: quem vê pensa né?

A1: ((...)) professora

P: ((...))

(COMENTARIOS DIVERSOS DOS ALUNOS)

P: vai (RINDO)... vamo faze a... a tarefa vai ... ((...))

As: ((...))

A1: a professora não enxergava ((...))

P: o Sérgio tava lá no ((...))

A1: a professora tava tão travada que na barraquinha da pesca que eu tava ajudando os nego lá ... a professora não conseguia encaixá a varinha lá no ...

P: coitadinho ... tava vendo ... vendo ((...))

A1: eu vi ... a professora chegou com uma Brasília cor de ... laranjinha caramelo ...

P: mentira ... era ((...))

A1: caramelinho ((...))

P: ((...))

A1: eu vi a professora ... tava em ((...))

As: ((...))

P: cheguei às cinco ... sai às seis ... deu pra tomá um porre ... (RINDO)

A1: então ((...)) chegou travada né...

A: já chegou travada ... começô a passá mal ... teve que levá pa...=

P: não me chamo Edson...

A: =farmácia...

A1: É professora... cê sabe ... cê sabe...

P: nem Edson nem José Cláudio, Marcelo...

A1: É professora eu não bebo...

A: ainda bem que não citou o (meu nome)...

P: (não)

A1: nem cerveja...

A: ((...))

A1: nem cerveja eu não bebo...

A3: ele bebe vodca...

P: ((...))

A1: não...sabe por que professora? não ... sabe aquela ...  
como chama? ((...)) com vodca ... eu tomá uma porcaria  
daquela lá ... eu não sou acostumado...

A: logo cê cai ... caipirinha dona ((...))

(RISOS)

A1: É professora ... cê soube ... cê soube ((...)) levou um  
porre ... dormiu na porta da igreja ... o cachorro foi  
lambê a boca dele...

(RISOS)

P: terminaram? vamo fazê a tradução?

A1: ((...)) dormindo na porta da igreja ... vê se pode...

A: aquele cachorro ((...))

(RISOS)

A1: (RINDO) aquele dia foi demais...

A: ((...))

- P: Rodrigo...
- A: ((...))
- P: ((...))
- A: dona ... óh ... óia a pouca vergonha aqui ... óh... oh depois eu sou vagabundão...
- A: cê que copiou tudo da dona ... tonto... (RI)
- A: copieei da dona não ...
- A1: ah... ele tirou uma fotocópia...
- A: Ô dona ... oh ... o negócio é o seguinte ... é que eu tô sem dinheiro mas se eu ... se eu arrumá grana eu vou comprá um litro de uísque pra mim bebê de segunda à sexta...
- A: (ô Angélica...)
- P: ((...)) pá tomá na sexta ... querê ((...))
- A:: Angélica ((...))
- As: ((...)) (RISOS)
- A: Ô dona ... paga uma cerveja pra mim?
- P: ah meu filho ... o pagamento é só dia dez...
- A: e o tio Quércia paga bem pra todo mundo...
- A: ((...))
- P: o pagamento é só no dia dez...
- A: uma cervejinha pra mim e um buldoguinho de natal...
- P: ih...
- A1: (RINDO) buldoguinho...
- P: ((...)) nunca ouvi falá nesse negócio ... que que é isso?
- A: buldoguinho ... cachorro ((...))
- A1: ((...))

- P: ( RI )... Edson...
- E: ah... péra aí que eu tô achando...
- P: lê a primeira ... a primeira frase e traduz ... em inglês
- A: (( ... ))
- A: "bérds"
- A1: (( ... )) ele nunca fez isso na vida pelo (amor de Deus)
- P: (*birds*)
- A: *are animals "animals" that fly:* (EXAGERANDO NA LETRA "L")  
... pássaros são animais que podem voar...
- P: certo ... *birds are animals that can fly...*
- A: *can ... that...* qué a outra? ...*there are "ábout" nine "fozen" (=thousand)*
- (RISOS)
- P: vamo pará de gracinha...
- A: *of birds...*
- P: *of birds...*
- A: há: aproximadamente deze...dezenove mil espécies de... pássaros...
- A: dezenove mil?
- P: dezenove? agora dezeno... *nine* virou dezenove...
- A: *there are birds* (COM PRONÚNCIA CONFUSA E TOM DE BRINCADEIRA AO FALAR A EXPRESSÃO SEGUINTE ) *all over the world.*  
..
- P: pára com isso (RISOS) Evandro...
- A3: Evandro lê? mas não pode lê junto ... o ((...)) lê ... eu (traduzo)
- P: (não)

A3: então a professora lê... eu traduzo...

P: rapidinho...

A: ((...))

A3: ((...)) então vai ... então vai ... é a segunda?

P: *there are birds...*

A: ((...))

A3: (*there are*) *there are birds a-a-a-a-a-a-* (RI)

P: olha ... v<sup>o</sup> os dois lá pra baixo ((...))

A3: (então) fala pra ele sai de perto de mim...

P: eu já dei o livro pro Edson pra ele não ficá junto com você...

A3: é... então ele não entendeu o... recado ... *there are birds all...*

P: *over the world...*

A3: *over the world ... on the...*

P: *high...*

A3: *high...mountain ...in the...*

A: ((...))

P: *valleys...*

A3: "vale"

P: *in the...*

A3: "woods" (=woods)

A: (REPETE) "woods"...

A3: *in the ... fields ...*

P: *near...*

- A3: *near ... the "leques" (=lakes)*
- P: *lakes...*
- A3: *lakes ... and rivers...*
- P: *rivers...*
- A3: *é... "nê iôr" (=near our)*
- P: *near...*
- A3: *near ... "rôuzi" (=house)*
- A: *((...))*
- A3: *(tradução) ... há... pássaros em todo o mundo .... nas  
altas .... altas montanhas, nos vales, nas altas monta-  
nhas, nos vales, nas matas e nos campos, perto dos lagos  
e dos rios ... é isso...*
- P: *lagos e rios e perto de nossas casas...*
- A3: *perto de nossas casas...*
- A: *é professora ((...))*
- P: *vai Bernadete...*
- B: *onde tá?*
- P: *there are many...*
- B: *there are many interesting curiosities about the life of  
birds (LEU EM VOZ BAIXA E RAPIDAMENTE NÃO SENDO POSSIVEL  
NOTAR BEM A PRONUNCIA)*
- A1: *(uau)*
- A3: *(uau) uau...*
- A1: *pode ((...))*
- A3: *há muito interesse...*
- B: *há muitas interessantes curiosidades sobre a vida dos  
pássaros...*

- P: (curiosidades interessantes)
- A: (há muito) há muito ... há muito...
- P: Rodrigo...
- A1: eu tô com as questão ... não sei onde tá...
- P: ((...))
- A: terceira frase...
- A1: *many birds migrate é... during the "wain" ((...)) (=win-fer season)... é exatamente...*
- P: continua lendo...
- A1: precisa continua?
- P: ((...))
- A1: então ... muitos pássaros migram ... durante a estação de inverno...
- P: Zé...
- JC: eu ... adonde? ((...))
- F: ((...))
- JC: *after... the cold "sêasân" (=season) they "riturn" (=re-fern) to the same region ((...)) and .... and many of them to the same nest ...é... depois da estação fria, eles se...eles voltam para a mesma região e muitos deles para o mesmo ninho...*
- A: ((...)) vai batê o sinal ((...))
- P: quer horas são?
- A: falta ((...))
- A: cinco minutos pra as onze horas...
- P e As: ((...))
- P: vai ... lê: (lê essa o...)

- A: (quinze minutos)
- A2: quinze? ... (quinze) ((...))
- P: (*these birds fly*) ((...))
- A: and "nobôdu"...
- P: nobody...
- A: nobody...
- A: ((...))
- A: ("kinôus") (=knows) ((...)) "kôm-béki" (=come back) ((...))
- P: come back...
- A: come back to ... their place of "origin" (=origin)...esses pássaros voam longas distâncias e ninguém sabe como voltam para o mesmo... para a mesma origem...
- A: ih...
- P: pode sê: o lugar de origem ... é:... ((...)) lê a próxima...
- A2: cadê dona?
- A: birds ((...))
- P: ((...))
- A: onde cê parou Giselle?
- A: ((...))
- A: (*birds build*)
- P: (*birds build*)
- A: build many kinds ... of nests é:... that they use for little or much time ... é:... pássaros... eles constroem muitos tipos de ninhos que usam é...
- A: ((...))

- A1: por pouco ou por muito tempo...
- A: ou por muito tempo...
- A1: agora sou eu... é... *there was an eagle that "iuzéd" (=used) the same nest for thirty-five years ...é exatamente... qué vê? havia uma águia que usava o mesmo ninho por trinta e cinco anos...*
- P: é...
- A: que é essa ((...))
- A1: ((...))
- A: ahn ((...))
- P: ahn... ((...))
- A: ((...))
- P: nada...
- A1: (que horas são?)
- P: (*Hummingbird*)
- A: *nests are the smalles... (a cap of a bottle can cover one)*
- A: ((...))
- A1: é que ... faltando três minutos a pressão psicológica dá vontade de ir embora pra casa ((...)) ... então...
- A: não é:... não é bem assim...
- A1: não... fala ... fala ... pera aí ... ô professora ... embora você não tenha o estímulo final...
- A: ((...))
- P: pelo amor de Deus hein?
- As: ((...))
- A: posso sair né dona?

- P: não ((...))
- A3: ( sete ) de história...
- A1: por isso que eu joguei fora minha prova de ciência e a minha de história...
- A: ( COM A VOZ FINA E A LONGANDO-SE NAS SÍLABAS TÔNICAS ) ah... eu tirei: oi:to...
- A3: não to perguntando nada pro cê...
- A: eu tô falando...
- A1: óia:... uma fita Sony novinha ... ai que judiação (REFERÊNCIA À FITA USADA PELO PESQUISADOR PARA GRAVAR A AULA)
- A: ahn?
- A1: uma fita Sony novinha...
- A: ah... qué troca com uma "véia" minha...
- A1: que judiação...
- A3: sabe ... quanto o Lobão é Rodrigo?
- A1: não...
- A3: dezanove cruzados...
- A1: aonde?
- A: ((...))
- A1: eu não gosto...
- A3: eu gosto...
- A: olha a cola como fez?
- A: preciso comprá o disco da Xuxa...
- ( GARGALHADAS )
- A: precisa apanhá um pouco...

A1: ((...)) eu gosto do Legião...

A: ((...)) do Legião ((...))

A1: uau...

A: ((...))

A1: ((...)) teia de aranha ... que que é?

A: ((...))

(RISOS)

A1: óia que sujeira ... no planalto acho que ((...))

A: no planalto não existe isso...

A: ô...ô (Angélica)...

A1: (limpeza higiênica)

A: óh... a mēezinha falô né? amanhã sete e meia da manhã to-  
do mundo aqui...

P: ah... meu Deus...

A: e funcionário ((...))

P: (chega a semana toda) ((...))

A: ((...))

P: (se fosse às sete e meia)

A: (funcionário) ((...))

P: sete e meia da manhã eu não ((...))

A: ah... não ((...))

(SINAL DE TÉRMINO DA AULA)

(PALAS SIMULTANEAS - GRITOS - VÁRIAS VEZES "TCHAU")

- FINAL DA SEGUNDA AULA

LI: A PRACTICAL ENGLISH COURSE - volume único

CLASSE: 8ª série (período matutino)

AULA 3 - Data 30 /outubro/ 1989

Obs: N. Viana

(OS ALUNOS CONVERSAM ENTRE SI - COMENTÁRIOS E RISOS)

P: tãõ vendo pessoal?

A1: tãõ...

A2: eu tãõ vendo dona

A1: essa aqui é a pergunta?

As: ((...))

P: ((...))

As: ((...))

P: are...

As: ((...))

A3: a senhora gosta de pera?

P: ((...))

A3: sou pela Marinete...

As: ((...))

A1: o ((...)) gente fina pa caramba (RISOS) cê viu o dia dos professor?

A3: lá nós pegamo o segundo turno ((...))

(RISOS)

A: tá bom ((...))

(CONVERSA SIMULTANEA COM RISOS - DURANTE BOA PARTE DA AULA, O ASSUNTO É UMA FESTA QUE HOVE NA SEMANA ANTERIOR)

P: Vamo começá a gramática?

A3: não...

A: não...

A: não começa não dona...

As: ((...))

P: Ô N (REFERINDO-SE AO PESQUISADOR)... eu tenho... hoje eu vou dá mais uma aula aqui ... cê qué dá o questionário pra eles?

A1: é isso aí ...

A2: é sim ... ((...))

Pes: eu não trouxe as cópias hoje...

P: não? ah... tudo bem ... segunda eu venho sim...

A1: ((...)) (RISOS)

P: ((...))

A1: ((...))

A2: ô dona ((...))

(HÁ OUTROS ALUNOS FALANDO AO MESMO TEMPO)

A2: nós vamo banguelá tudo (REFERÊNCIA ÀS AULAS NA PRÓXIMA SEMANA - OS AS NÃO VÃO APARECER NA ESCOLA PORQUE VÃO EMENDAR O FERIADO - P e As DISCUTEM SOBRE ISSO)

A: ((...))

(ALUNOS PROSSEGUEM CONVERSANDO ENTRE SI, AGORA EM VOZ ALTA - A3 ESTÁ CONTANDO QUE ALGUÉM MORREU)

P: ((...)) de português?

A3: não... hoje não tem aula de português...

A1: ((...))

P: não... porque senão a gente fazia português (AULA DE PORTUGUÊS)

A: seria bem melhor do que inglês...

(A PROFESSORA DE INGLÊS É TAMBÉM PROFESSORA DE PORTUGUÊS DESSA TURMA DE 8ª SÉRIE E COMO HOJE ELA VAI DAR UMA AULA A MAIS, ELA ESTÁ DISCUTINDO A POSSIBILIDADE DE SER AULA DE PORTUGUÊS EM VEZ DE INGLÊS)

A2: é... seria bem mais ((...))

A: ah...então vamos fazer uma aula de canto.. a gente fecha a porta, canta uma música em inglês...

(RISOS)

(CONTINUA A CONVERSA - A1 É O QUE FALA MAIS)

A: dona...é dona ((...)) tava com o bolso cheio de grana ((...))

(RISOS - CONVERSA ENTRE ALUNOS E ÀS VEZES COM A PROFESSORA TAMBÉM - CONTINUAM FALANDO SOBRE A FESTA)

P: ficam conversando .. depois((...))

A: conversando ... ((...))

A1: não... nós támo converseando...

A: ficou vermelho, ficou vermelho, ficou vermelho!

A1: ((...))

A: ((...))não terminei...

P: pronto ... vai ficar na lousa ... aí cê copia...

A: ah... dona não vai ficar na lousa ((...))

P: ((...))

A: ((...))

P: pronome relativo - *who*.... o que ... é pronome sujeito ... tem como antecedente o nome de uma pessoa ... *the man who ... telephoned ... me is my teacher ...* o homem que

me telefonou é meu professor... então tem como antecedente o nome de uma pessoa não é pronome objeto né? *whom* - a quem, de quem, para quem é pronome objeto ... tem como antecedente o nome de uma pessoa também ... *That is the girl whom I "invited to the party" (=party)* ... aquela é a garota a quem eu convidei para a festa ...

A: ah quero ir também...

(RISOS E CONVERSAS)

A1: dona M. H. dá um alô pro nosso comedor de gente aí ó (O ALUNO REFERE-SE AO GRAVADOR, DIZENDO PARA A ASSISTENTE DA DIREÇÃO DA ESCOLA QUE FOI DAR UM AVISO NA SALA DE AULA, QUE GRAVE ALGUMA COISA)

A: tá gravando...

A2: tá nada...

M.H.: tá gravando?

(RISOS) (A ASSISTENTE SAI DA SALA)

As: ((...))

P: aquela é a garota a quem eu convidei para a festa...

A1: o professora péra aí ... que nem aquelas coisa que ((...)) (RISOS)

P: Rodrigo faz favor ... *whose ... that is the man whose son is my friend ...* aquele é o homem cujo filho é meu amigo ... *that is the man whose farm I visited ...* aquele é o homem cuja fazenda eu visitei... *that ...* que... *there are many birds that sing ...* há muitos pássaros que cantam ... *the man that you "sê (=saw) is my father ...* o homem que você viu é meu pai ... *which ...* que ... então *who* e *whose* são pronome relativo que se referem à coisas ... o pronome *that* e o *which* pronome relativo que se referem à coisas ... o pronome *that* pode substituir o *who* também ... agora ... é: ... o exercício aqui ...

A: siga o modelo...

P: siga o modelo ... só que ... óh... *the man is my friend ... he "riparid" (=repaired) my "ré - rádio" (=radio) ...* o homem é meu amigo ... ele consertou meu rádio ... *the*

man ... só vai ... só vai acrescentá o pronome *who* ... no primeiro exercício ...

A: *who...*

A2: *he man who?*

A1: não...

P: vai acrescentá o pronome *who* no primeiro exercício ... só que tem que traduzi ... pra vê aonde que ele vai ficá ... olha aqui ó...pronome sujeito tem como an-te-ce-dente o nome de uma pessoa ... então vem ... antes da - antes do pronome vai vir o nome né? por exemplo ... *the man* aqui no ... aqui no dois ... *that is a girl* ... aquela é a menina...

A: ((...))

P: então depois ... antes vai vir o nome ... pra depois vir o pronome ... certo olha...

A: *that girl ... who...*

P: não... *that is a girl ... a girl ...menina ...o segundo não é?*

A: é...

P: olha lá...

A: *that is the girl ... who telephoned*

P: é pronome sujeito ... tem como antecedente o nome de uma pessoa ... então como ... vem primeiro o nome pra depois o pronome

A1: então... *that is the girl who telephoned "mai" (=me) yesterday...*

P: isso...

A1: *she*

P: que *she* o que?

A1: olha em cima como ficou *teacher ... the man who repaired my radio (is my friend)*

- P: (*is my friend*) então...
- A1: (então) o *my friend* que é o sujeito da primeira passou pra ... ((...)) passou pra segunda ... é isso que eu tô confundindo...
- P: ó... *the man who is my friend* ...
- A1: *telephoned*...
- P: *telephoned me yesterday* ((...))
- As: ((...))
- P: Rodrigo ó... aquela menina não vai...vai pôr ela de novo? pra que? vai colocá o *she* ((...)) ...
- A1: aquela menina cuja...
- P: porque ó... o homem ... o homem que... é meu amigo, consentou meu rádio ...
- A: dona ... só uma pergunta dona...
- P: aí fica ((...)) aquela menina ... telefonou-me ontem ... ela telefonou-me ontem ...tem o ((...))
- A: (ô dona)
- As: ((...))
- A: meu Deus ((...))
- P: (na última linha)
- A: (o que)
- P: tá na última palavra do ...
- A2: certo?
- P: do texto...
- A2: ((...))?
- P: segundo exercício ... (ALUNOS FALAM SIMULTANEAMENTE) a terceira aqui e a quarta na 6ª A...

As: ((...))

P: dois ... *join the two sentences by means of the relative that* ... un as duas sentenças num único período composto por meio do pronome relativo *that*... pronome relativo ... primeiro ... o pronome relativo *that* pode ter como antecedente o nome de uma pessoa ... uma coisa ou animal... pode funcionar como sujeito ou objeto .. então aqui é só pra unir as frases com *that* ...certo?

A: certo...

A2: ((...)) (RI)

P: a três ... *join the two sentences by means of the relative which* ... é... ligue as duas sentenças por meio do pronome relativo *which* ... mesma coisa do segundo... só que em invés de se *that* vai se *which*...

A: mas ...

p: (pronome relativo ) refere-se a coisas, animais ... substitui normalmente por *that*...

A: tem o mesmo significado do *that* então...

P: olha lá o significado das palavras...

A: *that*... que que é *that* dona?

A: e *clau*...que que é *clau* ...*clau clau* também que significa?

P: *clau*?

A1: *cow*?

A: não...*clau*...

A: *clau* ...((...)) (RISOS)

A2: *clau* ((...))

A: se a dona me disesse *clau* ai ele achava *that* ... ((...))  
Claudete (RISOS)

A2: & dona ...

A1: eu sabia que ele ia falá isso...

A2: É dona...

A1: não é clau, é cow...

A2: a dona tá com o livro da ((...)) aí?

A: ((...))

A2: ((...))

P: o quatro é *whom* né ... fazê a mesma coisa só que usá o *whom* ... pronome relativo tem como antecedente uma pessoa ... funciona como objeto e pode ser precedido de preposição ... o cinco...una as duas sentenças por meio do pronome relativo *whose*... não possui antecedente ... refere-se a um substantivo que vem logo a seguir ... então logo em seguida do:... do... substantivo ... alguma dúvida vem me perguntar...

A: ( falei )

A: ( opa )

A: falô...tá falado...

A2: posso sai dona?

P: não...

A1: professora?

A2: não dona ... ( posso ir no banheiro? )

A1: ((...))

P: *the man who is my friend* ((...)) o homem é meu amigo...  
ele consertou meu rádio...

(HÁ VARIAS FALAS SIMULTÂNEAS ENQUANTO OS ALUNOS FAZEM OS EXERCÍCIOS)

P: *the man who ... agora that is the girl ...* ((...)) (P  
EXPLICA O EXERCÍCIO PARA ALUNOS QUE VÃO ATÉ A MESA)

(ALUNOS CONVERSAM SOBRE ASSUNTOS DIVERSOS ENQUANTO FAZEM OS EXERCÍCIOS)

P: terminou já Evandro?

A3: dependendo do que... eu posso falá que sim dependendo do que... eu posso falá que não (RISOS)

P: o exercício...

E: qual exercício?

P: o um, dois, três, quatro e o cinco!

A3: mas eu não sei ((...)) dona...

P: é? só que pra conversá ((...))

(RISOS)

A3: (ENTRE CONVERSAS) terminei já...

A2: dona...deixa eu tomá água? (CONVERSAS) hein dona?

A1: ah...se ela for eu também vou...

A2: ah... larga de sê pisão ô...

A1: se ela for eu também quero...

A: ah...eu também...

A: ah...eu também...

P: amarra uma cordinha e vão todos no banheiro...

A1: pode ir dona?

As: ((...))

P: pega a cordinha primeiro ((...))

A: vamo então ô P?

(RISOS E FALAS DIVERSAS)

A2: ((...))

A: ((...))

A2: ((...))

A: ah...isso aqui no ((...)) né dona?

P: ((...))

A: ((...))

(VARIAS CONVERSAS SIMULTANEAS E RISOS)

A1: canta a musiquinha pra ela...

A: não...agora não posso ... ((...))

A2: ((...))

A3: ((...))

A1: ((...))

(As CONTINUAM CONVERSANDO ENTRE SI - RIEM)

(P FALA ALGO EM MEIO A CONVERSA DOS ALUNOS)

P: ô Marcelo...

A3: não dona... eu só tô vendo um negocinho aqui...

(CONTINUA A CONVERSA ENTRE ALUNOS)

A3: não... eu tô terminando o segundo...

A1: Angélica...o dois...o dois do um vai ficá assim então  
(QUESTÃO DOIS DO EXERCÍCIO 1)...*that is the girl who telephoned me yesterday...*

P: ((...))

A1: é isso ?

A: dona...o que significa *get along* ((...))

A: ó...como é que se escreve?

As: ((...))

A2: (CANTA) ((...))

As: ((...))

A: cala a boca...

(RISOS ALTOS E FALAS SIMULTANEAS)

A1: (EM MEIO AO BARULHO) é professora...the man who...

(FALAS SIMULTANEAS)

A: não deixe morrer a criança que está dentro de você...

((RISOS E COMENTARIOS))

A1: então...the man who was...was ((...))

P: ((...))

A3: ((...))

A: O...quem riscou a...a letra do ((...))

A1: e a quatro como faz?

P: (EM MEIO A FALAS SIMULTANEAS DE ALUNOS) depois do... da do jogador ((...))

- FINAL DA TERCEIRA AULA -

LD: A PRACTICAL ENGLISH COURSE - volume único

CLASSE: 8ª série (período matutino)

AULA 4 - DATA: 06 / novembro / 1989

Obs: N. Viana

(ALUNOS CONVERSANDO ENTRE SI) ((...))

P: óh... vamo fazê o favor de começá a corrigi as frases... por favor...

As: ((...))

P: ((...))

(ALUNOS CONVERSAM BASTANTE.... A1 É O QUE MAIS FALA)

A1: e não conversa ((...)) ficou uma onça comigo ((...)) saiu  
((...)) pergunta pra Andréia ((...))

(RIEM)

A2: Ô Rodrigo... ah... é gostoso porque tem um sonzinho gos-  
toso... um arzinho (FALAM SOBRE UM OUTRO PROFESSOR)

P: Vai ô Andréia...

A2: eu esqueci o livro dona...eu ((...))

A1: eu vou...eu vou ((...))

(VARIAS FALAS AO MESMO TEMPO)

A: achei...

A2: *the man...*

A1: ((...))

A2: ((...))

A: ((...))

A2: ((...))

(ALUNOS CONTINUAM FALANDO E RINDO)

P: *I like...*

A: *I like...*

A: *I like...*

(ALGUNS ALUNOS FALAM EM VOZ BAIXA)

P: *the man ... that...*

(ENQUANTO ISSO ALGUNS ALUNOS CONTINUAM FALANDO - EM VOZ BAIXA)

(ALUNOS FALANDO MAIS ALTO E SIMULTANEAMENTE - A2 RI BEM ALTO VÁ-  
RIAS VEZES)

A1: é ... Bernadete tá fazendo uma ((...))

(FALAS SIMULTANEAS)

P: faz a última também ((...)) (PARA O ALUNO QUE ESTA NA LOUSA) (OUTROS ALUNOS CONVERSAM ((...)) *the man...*)

(PROSSEGUE A CONVERSA ENTRE OS ALUNOS COM VÁRIAS GARGALHADAS)

P: posso ((...))?

(CONVERSA ENTRE ALGUNS ALUNOS EM VOZ BAIXA - A1 PARECE ESTAR CONTANDO ALGO)

A1: e eu? ... não vou fazê professora?

P: ((...))

A: deixa eu também...

A1: ah...não ((...))

A: ((...))

A: ahn?

P: não é ((...)) é aquele o ((...)) depois o Evandro ((...))

A: ((...))

(VÁRIAS FALAS SIMULTANEAS)

A1: a Lurdinha não é a chefe da operação picareta?

(RISOS)

(FALAS SIMULTANEAS E RISOS)

A1: eles não aceitam assim...alunos repetentes...assim...  
((...)) alunos com (passado mau) ((...)) foi expulso  
((...))

P: (número com acento no "mé" dói no coração de qualquer um)

A1: ((...))

As: ((...))

P: não...

(ALUNOS FALAM SIMULTANEAMENTE - VOZ BAIXA - OUVI-SE MAIS A VOZ DE A1 E A3) (RISOS)

P: tá pelo menos copiando?

A: tá sim...

(COMENTÁRIOS SIMULTANEO DE ALUNOS - A1 PARECE ESTAR CONTANDO ALGO POIS FALA BASTANTE)

A: acordou?

A: não...

As: ((...))

A: é dona...

A: ia cai em Nova York ((...))

A: ((...))

P: man...

A: ((...))

(ALUNOS CONVERSAM EM VOZ BAIXA)

P: vai Zé...

(FALAS SIMULTANEAS) ((...))

A1: putz...eu fui no cinema cara ((...)) três carteirinha que eu tenho em casa...

A: ((...))

A1: é Vendo...

A3: ahn?

A1: tinha três carteirinha ((...)) ficou nervoso ((...)) cala a boca aí (RISOS)

A3: ((...))...sô ... coringa do filme ((...)) o Rodrigo acabô  
((...))

(RISOS E FALAS SIMULTANEAS)

A1: ele é um bat-idiota...

(FALAS SIMULTANEAS)

P: tem que tirá o E desse filme...

(FALAS DIVERSAS)

A1: tirá E de matemática... isso sim...

(FALAS SIMULTANEAS P E As)

A2: ((...))

P: vamo pará...

(RISOS E CONVERSAS DE ALUNOS)

A2: ((...)) tá escrito Edson W.C. Wagner dos Santos...

A: óia...até banheiro no meu nome...W.C.

(GARGALHADAS)

(CONVERSAS DIVERSAS ENTRE ALUNOS - RISOS)

(QUANDO P FALA ALGUMA COISA NÃO DÁ PARA ENTENDER POR CAUSA DAS  
CONVERSAS DOS As)

P: *that...that...*

As: ((...))

P: coloca o número três...

(CONTINUA A CONVERSA ENTRE OS ALUNOS)

A1: Vandão...Vandão...sabe o que vai acontecer?

A3: ahn...

A1: o seu candidato vai pro segundo turno...

A: Color?

A: Lula...

A1: Covas ou Color vai pro segundo turno...

(FALAS SIMULTANEAS)

A: o Edson vai votá pro Silvio Santos...

A2: ((...)) Silvio Santos ((...))

A2: não é Silvio Santos...é Silvio ((...))

A2: (RINDO) Silvio ((...))... por que?

(FALAS SIMULTANEAS)

A: eu tô falando...

As: ((...)) (RIEM)

P: Rodrigo...

A1: ahn?

A2: é dona...não tá errado esse... esse ((...))...não tá faltando o "h" ali não?

P: não...

(FALAS SIMULTANEAS - P e As)

P: vai na lousa Rodrigo, faz favor...

A: ((...))

A3: tá envergonhando o Rodrigo...

A1: ((...)) o único que tem um fidalgo lá embaixo sou eu (RI)

(RISOS DE OUTROS ALUNOS)

(CONVERSA ENTRE ALUNOS - A2 DA VARIAS GARGALHADAS)

As: ((...))

P: ((...)) faz favor...

As: ((...))

(P FALA ALGO CORRIGINDO O QUE ESTÁ NA LOUSA)

A: é dona...é dona...

A3: ((...))

(CONVERSA ENTRE ALUNOS)

P: ((...))

(FALAS DIVERSAS - RISOS ALTOS)

P: Bernadete...vai na lousa fazê o ((...))

As: ((...))

A1: professora... colocaram um livro debaixo da minha carteira ... acho que foi o Zezinho que roubou e pôs pra me incriminá...

As: ((...))

A1: aquele pai que tava apoiando a filha...minha filha não precisa ficá nervosa... não se preocupe...cê vai repeti mesmo...pra que estudá?

(FALAS SIMULTANEAS)

(UM ALUNO CANTA)

A: cala a boca...

(RISOS)

As: ((...))

A1: comprei aquela fita ((...))

A: comprou o que?

A1: ((...))

A: ((...))

A1: não...((...))tem um cara que grava o disco do...(pirata)

A: ((...)) novo tá quarenta pau...

A: quanto?

A: quem ((...))

A: (por vinte e cinco)

A: vinte e cinco...

A1: de quem?

A: ((...))

A1: de quem?

A: do Legião...

A1: é...eu vi por dezessete...

A: onde?

A1: no ((...))

A: ((...))

A1: no ((...)) é um cara que grava pirata que vende pra mim..

-

A: dezessete conto?

A1: ((...))

P: vai Edson...

A: vai Edson ((...))

A1: É lógico ...é que nem se fosse comprada na loja...

A: ((...)) acho melhor...

A1: ((...)) a embalagem é diferente só...

A: a embalagem é a embalagem embalada...

A: ((...))

A1: eu comprei *Pet Shop Boys*, Cazuza...

A: Cazuza...

A1: *Mega Hits*...

A: *Mega Hits*...

A: Mané Garrincha...

(RISOS - A2 DÁ VÁRIAS GARGALHADAS)

A3: cala a boca...

A2: ((...))

A: ((...))

A1: ((...))

A: tá mais de cinquenta pau...

As: ((...))

A2: bate nele...

A: vou dá uma ((...))

A1: tenta a sorte...

A: ((...))

A: Marcelo...

P: ((...))

A1: é professora...

A3: ((...))

A: ((...))

A3: se fosse pro cê escolhe entre mecânica...desenho mecânico e que mais que é outra (lá?)

A: (contabilidade)

P: (aí é ((...)) né?)

A3: ( e contabilidade )

( FALAS SIMULTANEAS )

P: ( ( ... ) )

A3: engenheiro mecânico...

A: ahn?

A3: ah... não sei...

A1: que desenho ( ( ... ) )?

A3: desenho mecânico e desenho técnico...

A1: pra que?

A: ( ( ... ) )

A: é nada ... desenho quebra a cabeça...

( FALAS SIMULTANEAS )

P: ( ( ... ) )

( FALAS SIMULTANEAS )

A: é dona ( OUTROS ALUNOS FALAM AO MESMO TEMPO ) é dona ... é dona...

( FALAS SIMULTANEAS )

P: número cinco... número um a número cinco...

As: ( ( ... ) ) ( RISOS )

A3: é ( ( ... ) ) cadê os exercícios hein?

( P ESTÁ EXPLICANDO ALGO A UM ALUNO MAS NÃO É POSSÍVEL ENTENDER PORQUE OUTROS ALUNOS FALAM AO MESMO TEMPO )

P: olha aqui Edson e Evandro ( TOM REPREENSIVO )

A: não é por nada não ( ( ... ) )

A2: óia só:...

A: ((...))

A: aparentemente ((...))

P: ((...))

A: bom... mas eu não sei fazê...

As: ((...))

A2: ((...)) (RI) é que nem minha mãe falou assim que o Color..

P: para...

A2: ((...)) do assalariado ((...))

P: ((...))

(FALAS SIMULTANEAS)

(P FALA ALGO EM MEIO A CONVERSA DOS ALUNOS - NÃO É POSSÍVEL ENTENDER)

As: ((...))

P: (EM VOZ ALTA) faz favor os mocinhos ...

- FINAL DA QUARTA AULA -

APÊNDICE 6

- Observação de uma aula de 6ª série -

LD: OUR WAY - Junior English Series / volume 1

CLASSE: 6ª série "A" (período da tarde)

Nº de ALUNOS: 22 - Data: 02 / outubro / 1989

DIÁRIO DE AULA (única aula observada nessa classe)

O professor entrou em sala e disse: "*Silence, please. Pay attention!* Vou fazer (a) chamada." Os alunos estavam inicialmente alvoroçados, mas depois foram se acomodando.

P fez a chamada, segundo os números dos alunos, em inglês e os As respondiam "Yes" ou "OK".

Em seguida, P disse: "*Open the book on page sixty-three*" (Unidade 8) e os As se manifestaram: "Fala em português!"

P então introduziu a lição em português, dizendo: "Hoje vamos treinar a pronúncia deste texto".

Segundo P, em conversa com o Pes anteriormente a esta aula, os As já haviam visto o texto do diálogo, e esta aula seria então uma revisão e continuação do mesmo assunto: compras.

Todos os As possuíam o LD.

P (olhando a pag. 63 do LD): "Acho que ainda não dei..."

As: "JÁ!"

P: "Mas não vimos a pronúncia ainda!"

P introduziu a situação (uma loja) e o tópico (compras); fez uma repetição em coro: P lia cada sentença, a partir do LD, e os As repetiam.

Alguns As diziam "*Mr Jones*" em vez de "*Mrs Jones*"; no final da repetição, P chamou a atenção dos dos As para este ponto.

A repetição foi feita com os As acompanhando (lendo) o texto do diálogo no LD.

Terminada a repetição, P disse: "Podem fazer pares". Os As teriam que reler o diálogo em voz alta, em pares. Essa atividade foi feita com a finalidade de uma preparação para uma leitura do diálogo, em pares, diante da classe e de P.

Os As mostraram-se bastante animados com a possibilidade de apresentar o diálogo e todos queriam "ser os primeiros".

P começou a escrever, na lousa, os nomes dos As (pares) para a leitura do diálogo diante dele:

(Na lousa:) 1-Adriana e Marcilene  
 2-Ana Carla - Tavares  
 3-Débora e Lucimara  
 .  
 .  
 (total: 7 pares de As)

Apresentação: leitura do diálogo da pag. 63 em voz alta e comentários do Pes sobre o desempenho dos As.

1-Adriana e Marcilene: bom desempenho; problema de pronúncia com o som da primeira vogal em "here".

2-Ana Carla - Tavares: leitura com sons "muito desarticulados"; entoação incorreta (P fez várias correções durante a apresentação desses As).

3-Carla e Francisca: desempenho regular; pronúncia deficiente.

4-Débora e Lucimara: bom desempenho; embora o LI apresentasse a forma "they are", P corrigiu os As para que produzissem "they're".

Não foi possível a apresentação de todos os alunos listados na lousa. P encerrou a aula mais cedo para poder levar os alunos a uma exposição artística que realizou-se nas proximidades da escola, naquele dia.

- FINAL DO DIÁRIO DA AULA DA 6ª série "A" -

APÊNDICE 7

- Dados coletados na fase preliminar (piloto de pesquisa) -  
CLASSE: 7ª série (período da tarde)

OBSERVAÇÕES SOBRE A PROFESSORA SUJEITO DA PESQUISA

Entrei em contato pela primeira vez com a professora Vilma a caminho da sala de aula. Contei-lhe sobre meu propósito de observar suas aulas e obter dados para minha dissertação de mestrado.

Vilma me disse que não se considerava uma professora tradicional e que suas aulas enfatizavam a conversação. Segundo ela, mesmo quando "a tendência geral do ensino de LE nas escolas públicas ainda era gramaticalista" (como se tal fato não fosse mais realidade!), Vilma já utilizava diálogos situacionais em suas aulas, como por exemplo, "no banco" ou "no restaurante", extraídos de livros estrangeiros, e fazia os alunos encenarem as situações. Contou-me também que, no ano anterior, uma de suas classes havia lido dois pequenos livros de ficção, em inglês, e que os alunos haviam encenado as histórias.

Vilma tem também experiência como professora em uma escola de línguas (particular) e cursou disciplinas de pós-graduação na universidade.

Durante o pouco tempo em que conversamos, Vilma procurou salientar suas experiências que pudessem contribuir para seu desempenho profissional, contrastando-as com a falta de condições de trabalho e de recursos, segundo ela, na escola pública.

Vilma considera que os alunos da escola pública são intelectualmente mais fracos, que enfrentam sérios problemas sociais, tais como a fome e famílias desajustadas, e que "muitos não sabem falar bem nem o português, sua própria língua materna". Disse-me que considera impossível alguém aprender uma LE na escola pública, e que a única maneira de se aprender bem uma LE é cursando uma escola de línguas. Na escola de 1º grau, declarou a professora, a LE consiste apenas um "alargamento cultural e informativo para os As".

Na sala de aula, Vilma mantém com os As um comportamento sério e enérgico a maior parte do tempo. Durante a apresentação de uma dramatização, pelo grupo de meninos (vide AULA 1), um aluno disse "*I don't have time*". Vilma perguntou-lhe o significado da frase em português, e como o aluno não o soubesse, Vilma ficou brava e disse-lhe que "o curso não era para papagaios" e que poderia atribuir-lhe um zero como nota bimestral.

Observei também que a professora não trazia consigo, durante a primeira aula observada, seu exemplar do LD.

LD: OUR TURN - 1º grau / livro 2

CLASSE: 7ª série (período da tarde)

Diário da AULA 1 - Data: 20 / setembro / 1988

Número de alunos presentes: 13

P cumprimentou os alunos, em inglês, ("good afternoon") e fez a chamada pelos números dos alunos, também em inglês. Os As respondiam "present" ou então "faltou", com relação aos As ausentes.

Primeiramente P pediu aos As que não haviam feito o último teste para que formassem dois grupos, de três alunos cada, e sentassem na parte do fundo da sala. Esses As fizeram, então, para nota, a seguinte tarefa: escolher, no LD, um verbo regular e conjugá-lo, no passado simples, para todas as pessoas, nas formas afirmativa, negativa e interrogativa. Simultaneamente, a pedido de P, uma aluna verificou se os demais colegas haviam feito a lição de casa, olhando em seus respectivos cadernos.

Os As não envolvidos com a atividade para nota formaram mais dois grupos, quatro meninas em um e três meninos em outro. P ceidou-lhes alguns minutos para que, em grupo, se preparassem para uma chamada oral. Durante essa preparação, os As consultaram seus LDs.

O primeiro grupo avaliado foram as meninas. A dinâmica consistiu de uma rápida dramatização (roleplay), utilizando perguntas e respostas preparadas anteriormente, seguida de outra série de perguntas e respostas, às vezes guiadas por P, ora fornecendo o nome das funções (já vistas pelos As, nas lições do LD) em português, ora fornecendo os próprios expoentes das funções, também em português.

Nesse interim os alunos que faziam a avaliação terminaram sua tarefa e P pediu-lhes para preparar um diálogo (nos mesmos grupos de três As), baseado nas funções contidas no LD.

O grupo de meninos também foi avaliado nos mesmos moldes utilizados para as meninas.

As meninas mostraram-se mais à vontade diante de P e com o uso da LE. Os meninos demonstravam uma certa tensão e inibição para o uso da LE na produção oral. Ambos os grupos desempenharam-se com certa fluência mas todos os As cometeram erros de pronúncia e de estruturas gramaticais.

A aula encerrou-se após P pedir para que os As estudassem as funções das lições anteriores, mais precisamente das lições 2, 3, 4 e 5, e que "não se prendessem à sequência do livro" mas "poderiam misturar os conteúdos" em diálogos.

Diário da AULA 2 - Data: 22 / setembro / 1988

Número de alunos presentes: 17

A primeira parte da aula foi dedicada a uma revisão oral, com todos os As. P fornecia, em português, o nome das funções já estudadas, e os As produziam os expoentes em inglês. Todo o conteúdo dessa atividade foi a partir do LD.

Os As mantinham seus LDs abertos sobre as carteiras, e alguns o consultavam rapidamente enquanto a revisão se procedia. Vários As participaram bastante da atividade, respondendo prontamente às solicitações de P.

Durante essa atividade, P comentou sobre a frase "Oh really" como sendo uma expressão muito frequente da língua inglesa (no LD - vide pag.19), introduziu as formas "a.m." e "p.m." para horas e também explorou graus de complexidade formal para uma mesma função, sendo que todos os os expoentes já eram conhecidos pelos As.

Função: convidar alguém a fazer alguma coisa.

Expoentes:

*"Let's go to..."*

*"Would you like to go to...?"*

*"How about going to...?"*

Também foi introduzida, por P, a expressão "I'm tired out".

Em seguida os As fizeram uma leitura silenciosa de um texto, um bilhete, na pag. 44 do LD, e esclareciam dúvidas uns com os outros. Depois, P leu o bilhete, em voz alta, fazendo a tradução de cada sentença. P introduziu a palavra "ranch" como um sinônimo para a palavra "farm", existente no texto. Após a tradução da terceira sentença do texto, souo o sinal de término da aula.

Como lição de casa os As deveriam ler novamente o bilhete, terminar a tradução e responder às perguntas de compreensão do texto, contidas no LD.

- FINAL DO DIÁRIO DA AULA 2 -

APÊNDICE B

ENTREVISTA: PROFESSOR 1 - 5ª série "B" - Escola Municipal  
 DATA: 22 / novembro / 1989

OBSERVAÇÃO: Esta entrevista foi realizada em sala de aula e durante a aula. P pediu aos alunos que fizessem um exercício do LD, explicando-o rapidamente antes de iniciar a entrevista. Ocorrem interrupções ocasionais de alunos com dúvidas sobre o exercício, e também uma interrupção pela entrada do assistente de direção na sala, para conversar com P. Em alguns momentos, o barulho de alunos na sala prejudicou a transcrição de algumas falas.

Pes: eu gostaria de começar sabendo a respeito do seu trabalho... você poderia me dar algumas informações sobre sua experiência com a língua inglesa? você fez uma formação em Letras?

P: fiz...bom, primeiro, concomitante ao curso colegial, eu fiz o Centro Cultural Brasil-Estados Unidos...=

Pes: aqui em Campinas?

P: =...aqui em Campinas...fiz o curso básico, curso adiantado, (o) conversação e literatura, fiz quatro cursos, foram oito anos de Centro Cultural Brasil-Estados Unidos...depois eu fui pra São Paulo e prestei o exame para...pela Universidade de Michigan, lá na União Cultural Brasil-Estados Unidos...obtive o certificado e...já estava na faculdade nessa época...e depois fiz quatro anos de Letras...português-inglês...naquela época era chamado de anglo-germânicas porque tinha alemão no meio, não é?, e...essa foi a minha formação=

Pes: certo...

P: =...então o que me deu mais base não foi a faculdade, que a faculdade a gente sabe que é um tanto fraca...mesmo aquela época, de sessenta e oito a setenta e dois...e nós tínhamos laboratório de inglês...de manhã eram as aulas teóricas, à tarde as aulas práticas, na sala de áudio-visual...mesmo aquela época quando eles exigiam só sessenta alunos por classe...hoje em dia são três períodos, cada período são cento e vinte alunos, né...então naquela época só sessenta alunos, em um período só...então diante disso não era tão...se você quisesse aprender bastante, não é?...mas o que me deu mais base foi ter feito um curso paralelo...como eu fiz...

Pes: certo...e depois que você começou a lecionar, você leciona inglês há quanto tempo?

P: eu sou professora há dezenove anos...

Pes: sempre no Estado, na escola pública?

P: sempre...não, eu comecei no Supletivo Evolução...dei aulas lá para o supletivo, não é?...depois eu dei aula de inglês no Colégio Imaculada...lá eu tinha um laboratório pra trabalhar, foi muito bom...mas...tirando assim colégio particular, depois eu ingressei no Estado...fui aprovada em português e inglês...optei por inglês porque português eu já era aqui na Prefeitura...

Pes: ah, certo...há quanto tempo você está na Prefeitura?

P: na Prefeitura eu estou há quatorze anos...

Pes: com português e inglês?

P: português e inglês...

Pes: certo...agora falando sobre inglês especificamente no primeiro grau, você considera a língua estrangeira, a língua inglesa, uma disciplina importante e por que? ou não, e por que?

P: eu acho muito importante...isso eu posso observar durante as aulas de português...eu pego um texto em português, aparecem palavras...tem assim correlatos ao inglês, não é?...os alunos começam a perguntar...então eu começo a dar toda aquela evolução semântica, explicações e tudo mais...ver como (é que) elas chegaram ao português...então o inglês...uma língua estrangeira...(pode ser) o inglês ou o francês, uma língua estrangeira é importante..

Pes: e pro aluno, por que você acha que isso é importante?

P: pro aluno...eles vêm todo instante (falar) "dona, o que significa isso?", "dona, eu anotei isso aqui da minha camiseta", não é?...então nós estamos vivendo num mundo onde...o nosso país está mais entregue aos americanos, né?...do que outra coisa...então eles...eles estão vivendo, é uma cultura diferente, né?...=

Pes: certo...

P: =...então essa cultura que eles estão vivendo, eles vêm a todo instante perguntar...e eu canso de falar, "não, isso é marca registrada, não tem tradução", mas assim mesmo eles querem uma tradução pra tudo...então é importante o inglês, apesar que na escola pública nós não temos muitas condições pra trabalhar são

só duas aulas por semana, né?...nós não podemos exigir muito material...a própria direção da escola fala...isso aí (eles) já têm assim orientações...(de lá de cima) nós falamos não pode exigir muita coisa...então...diante disso...nós ficamos tolhidos=

Pes: umm...sei...

P: =...e quando se tira licença...eu tirei licença que eu sofri uma cirurgia...num mand(am) um professor pra me substitui(r)...eu fico muito contente com isso...

Pes: quanto tempo eles ficaram então sem aula?

P: eles ficaram sem...professor...agosto, setembro e outubro...

Pes: umm...umm...certo...

P: cê lembra que quando eu voltei eu perguntei se eles já tinham passado mais cinco unidades...eles olharam pra mim..."mas como!"...(risada do P)

Pes: umm...umm...

P: eu esperei chegá aqui já está(r)...bem adiantado, né...=

Pes: certo...umm...agora...em relação ao livro didático...você sempre trabalha com um livro nas aulas de inglês ou não?

P: sempre trabalho (com livro)...

Pes: umm...

P: oi, bem... (dirigindo-se a um aluno)

A: (esse troço) aqui é continuação (disso aqui)?...(o aluno indicou um exercício no seu LD)

P: é continuação...

A: (e tem que copiar isso aqui?...)

P: tem que copiar...tá?...(SEGUEM MAIS TRÊS TURNOS CADA UM, P e A, INCOMPREENSÍVEIS)

Pes: eee...bom, você sempre usa um livro didático, então...?

P: sempre um livro didático...quando eu dei...eu dei aula no supletivo eu elaborava minha apostila. né? =

Pes: ah... tá...

P: =( (...)) faculdade, pedia orientação pros professores... então, era mais elaborado...

Pes: ah, é?

P: é... porque... eu... e... equacionava aquilo que eu pretendia dá(r)... e o 'cê sabe que muitas vêzes o que você qué dá não é aquilo que tá no livro... eu pulo muita coisa (que tá) no livro...

Pes: ah... tá...

P: (não é?)... então diante disso eu aumentava os... os exemplos, aumentava os exercícios... para que ficassem mais voltados pro mundo=

Pes: umm...

P: =não é?... (eu) sempre falo assim... assim eu pudesse...ã... (sempre) elaborar os meus livros...=

Pes: umm, umm...

P: =não é?... eu acho que os alunos sairiam... num sei... com mais base (porque) a gente tem uma visão diferente, né...

Pes: dá pra você explicá(r) um pouco melhor essa... voltar o aluno pro mundo, que você colocou?

P: voltar o aluno para o mundo é... por exemplo... nós estamos voltados para... culturalmente, o Brasil está muito ligado com as coisas... do exterior, não é?... então o aluno... aqui na classe ele pensa em mais aulas de gramática... não é?...ãã... o vocabulário aparece... pouco... não é?... (repetido)... muita coisa repetida, tudo...=

Pes: certo...

P: =então, diante disso... se eu pudesse (assim) elaborar uma apostila e dar aula sobre ela... um livrinho, não é?... seria assim mais prático... eu... acho que... conseguiria muito mais coisa... porque daí... aí... eu (não iria) ficá repetindo muito (ENFATICAMENTE) a mesma coisa... e o aluno poderia... partir pra outras...

Pes: pensando assim no... em primeiro grau e na quinta série... o que que você acha mais importante no curso de inglês... o que que

eles deveriam incluir no programa...ou como você (daria) esse curso pra eles...você acha mais...

P: bom...eu começaria com um pouco de conversação, não é?...e depois...depois um pou...da...da conversação...sem que eles soubessem...ahh...coisa, o verbo "to be"...a gramática, o início da gramática=

Pes: umm...

P: =...eles vão começando a falar...alguma coisa...não é?...e depois eu começaria com...a gramática...a gramática inclusive vai ajudar o português, que (na) quinta série eles vêm semi-analfabetos...nós (estamos) com um problema muito (difícil) a respeito disso...então daí ((...)) vai começá ajudá(r) inclusive no português...

Pes: ah...tá...e essa conversação você faria a partir de que...você traria material escrito pra eles...?

P: material..tr...traria...coisa(s) que a gente não tem tempo de prepará, não é?...ãã...folhas de sulfite, mimeografadas a cada aula...=

Pes: umm...

P: = e eu trabalharia sobre aquelas folhas mimeografadas...mas você vê...com isso, eu precisaria ter tempo para...programar...nem o Estado nem a Prefeitura dá esse tempo pra nós...(que eles querem) que o professor fique apenas na sala de aula...

Pes: umm...entendi...ee...você acha que o livro didático...ele é fundamental ou não...?

P: não, não é...não, não é...apenas para...a gente (guiar) numa sala de aula...foi o que eu falei pra você, se eu pudesse prepará as minhas folhinhas de sulfite...como quando eu (es)tava no Evolução eu preparava...no supletivo...lá nós tínhamos um tempo pra prepará e um tempo para ficar em sala de aula...então aquele tempo para prepará ...(era) quando eu preparava as...as folhas...as apostilas...e eles têm lá um senhor que fica datilografando...não é?...passa no mimeógrafo e entrega pronto pra gente...mas aí...aí os professores mesmos poderiam fazê(r) se eles tivessem esse tempo...cê vê, nós temos hora-atividade...nessa hora-atividade é para preparar (ENFATICAMENTE)...a matéria...eu tenho doze aulas semanais (nessa) aqui, com duas horas-atividade, imagina...

Pes: e não dá tempo...(confirmando)

P: não dá tempo...se tivesse aqui seis horas-atividade, daí daria tempo...!

Pes: certo...se você pensar agora do lado do aluno=

P: umm...

Pes: =...como é que você acha que o livro ajuda o aluno, ele é importante pro aluno ter o livro didático, ou não?

P: não, não é...não, não é importante...porque eu falei pra você...o livro didático...é mesmo porque nós não temos condições de trabalhá(r)...fora...dele (se ficasse) apenas com o caderno...e...a matéria na lousa...o aluno não vai tê...como fazê lição em casa, como estudá...os pais exigem isso...aí é que está...mas...muitas vezes as mães falam assim...mãe já veio falá comigo...que eu mandei fazê exercício no livro...e num...e...e o aluno...o filho não fêz o exercício no caderno...mas esse livro é descartável...

Pes: ah...tá...

P: ((...)) então naquela=

Pes: (ajuda) ((...))

P: =é...((...))(nesse) sentido...e as mães querem matéria no caderno, então cê imagina si...ficasse só...numa coisa...não é?...então, há aquela cobrança=

Pes: certo...

P: =agora se eu tivesse, por exemplo, um...um porta-folhas, né...((risada))...e se fosse dando folhas para eles, se eles fossem juntando...não é?...aí seria outra coisa...

Pes: e você produziria essa folhas a partir...de quê? você tiraria essas idéias pras folhas...a partir do material...?

P: eu já dei aula particular...dei muita aula particular...=

Pes: umm, umm...

P: =...e pros meus alunos eu fazia isso...não é?...então fa... (começava) assim...da gramática, inclusive tenho alunos que foram aos Estados Unidos e estão morando lá, não voltaram...não é?...então nós começamos assim...da conversação...da gramática...e de-

pois eu dava...texto...e do texto eu tirava...a gramática...e a conversação=

Pes: umm, umm...

P: =e explorava o texto...então começando primeiro com um pouco de conversação...=

Pes: certo...

P: =...depois um pouco de gramática pra (aproveitá) a lição... mas ((...)) (momento) que a noção da gramática...eu passava a dar o texto...depois...dava a gramática do texto que...tinha uma sequência de gramática...mais fácil e também mais difícil...e depois as questões...e partia pra conversação...baseado naquele texto...eu fiz isso com alunos, dei uns oito anos de aula particular, mais ou menos...

Pes: umm...funcionou bem...?

P: nossa, era uma maravilha...não tinha horário pra...pra encaixá(r) mais aluno...

Pes: que bom...(barulho de alunos)...agora...se a gente falá(r) um pouco sobre o Our Way=

P: ã...?

Pes: =...uma pergunta interessante seria...por que que você usa o...Our Way?

P: (olha), nós estávamos adotando outros livros (antes)...tá?...e este ano então nós pudemos mudar...cê sabe que nós podemos mudar livro de dois em dois anos...antes disso num pode...não é?...então como o outro livro que (a gente estava) usando ((...)) um pouco ultrapassado...de exercícios...de exercícios muito repetidos...então nós procuramos assim...pegamos vários livros de inglês...não é?...e fomos ver ((...)) adequado pra quinta, sexta, sétima e oitava série...(diria) que o Our Way é...é um livro mais ou menos dentro daquela linha tradicional...porque (o meu) inglês é (o inglês) tradicional ainda, né...inclusive...eu explico pra eles...que...se eles...quiserem aprender o inglês norte-americano...eles têm que tirá da...do inglês tradicional...a Elaine...e eu...somos as duas que...determinamos os livros, não é?...nós achamos que esse aí está mais dentro daquela linha tradicional, onde o aluno ainda aprende mais...

Pes: dá pra você explicar essa linha tradicional...?

P: a linha tradicional é justamente a linha que...no texto que...não tem aqui...(barulho de alunos) (a linha)((...))...(P UTILIZOU O LD PARA ILUSTRAR SUA EXPLICAÇÃO)...tem um pequeno texto...para a gramática...=

Pes: umm, umm...

P: =(porque)...há muitos livros...que eles começam: "unidade quatro"...vem aquela gramática...sem (parar)...exercícios...e acaba por aí...e o texto que o...que a gra...que vão aparecê(r) as palavras...os vo...o(s) vocabulário...o aluno (não) l...=

Pes: certo...

P: =...então o aluno aprende o vocabulário ((...)) os exercícios...(no fim ele) acaba esquecendo...não é? ...a criança esquece mesmo...(porque) a faixa etária deles é dez, onze anos...

Pes: umm, umm...então você acha que partindo de um texto=

P: de um texto...

Pes: =você pode contextualizá(r) melhor a gramática=

P: muito...muito melhor...

Pes: =...e o ((...)) aqui, você tem alguma preferência pelo tipo do texto, pelo assunto do texto...o que você acha mais...?

P: não, não...não tenho...porque...na quinta série eles são mais diálogos...não é?...agora...o livro na oitava série é texto grande mesmo, sem diálogo...=

Pes: umm, umm...

P: =...onde o autor coloca o texto...eu dô...pras oitavas séries lá no Estado, né?...o autor dá o texto...e depois...faz a compreensão do texto...perguntas em inglês, não é?...pra vê se eles entenderam aquilo que eles leram...lá cê fica mais ((...))...que é o mesmo livro...e ((...)) iguais pra...pro diálogo...que é muito bom...

Pes: ótimo...se você pensá no...no Dur Way...(tanto no) primeiro volume como nos outros...o que que você mais gosta neste livro, o que que é melhor nele?

(interrupção da entrevista pela entrada da diretora da escola na sala de aula)

P: ((...)) a pergunta...

Pes: tudo bem...ã...em relação ao Our Way, o que você considera melhor nesse livro?

P: olha...eu acho que aí no...o todo, né?...tudo aí...eu estou satisfeita, que esse livro nós adotamos esse ano...

Pes: umm, umm...

P: eu estou satisfeita com o livro...coisa que...nos outros anos atrás, a gente adotava um livro, não é?...depois de três meses já via que não era aquilo que a gente queria...

Pes: ã...talvez se você pensasse assim...o que você mais gosta de trabalhar no Our Way?

P: o que eu mais gosto?...bom, eu gosto...dos textos...da gramática...não tem assim...nada que eu (ainda) tenha encontrado, que eu possa tirar, cê entende? ((...)) exercícios são muito repetitivos, isso e aquilo, ,ais...muito pouco...não é? cada texto em si está sendo assim...eu acho que até para os alunos, eles estão entendendo bem...

Pes: e você, no seu trabalho desde o início, está seguindo exatamente o livro como ele propõe ou não? =

P: eu estou seguindo o livro...

P: =...está...mudando alguma coisa?

P: não, eu estou seguindo...pra(s) sétima(s) série(s) da outra escola eu esou mudando alguma coisa...estou dando mais adiantado.  
..

Pes: ah, tá...

P: mas para a quinta sé...pras quintas, não é?...eu estou...eu estou seguindo o livro...

Pes: tem alguma coisa que você não gosta, (que é) deficiente nele, que poderia ser melhorado?

P: aqui no livro?...bom, sempre a gente procura dar coisa fora aqui, né?...por exemplo, a gramática...eles...dão aqui (um enun-

ciado) da gramática...se o professor não for traduzir, explicar a gramática, o aluno não...não vai entendê bem...

Pes: se ele fosse lê(r) somente no livro...

P: somente no livro, não vai entendê...((...)) tem que ir para a lousa e explicar...não é? os livros bons eram aqueles livros quando eu estudei, por exemplo (RISADA DE P), não é? (só que) aquilo lá não existe mais...onde havia uma explicação minuciosa e ((...)) tudo, né?

Pes: ((...)) de algum livro ((...))?

P: (quando) eu estudei? ((...))...por exemplo, o livro do ((...))...que foi meu professor na faculdade...um livro interessante...foi ((...))...através dos livros dele...no colegial e no...no primeiro grau, né?...que era ginásio...na faculdade (ele) foi meu professor...não é?...então (nos) livros dele...ele explicava muito bem...não é?...que(r) diz(e)r...às vêzes ((...)) a professora a gente lembra que ((...))...

Pes: e...além do livro didático, você usa algum tipo de material na aula?

P: não...não dá para usar...nem na Prefeitura e nem no Estado...devido ao tempo...que tem...que a gente tem que cumprir setenta e cinco por cento da matéria que nós...né...que nós colocamos no papel no início do ano...aqui não (teria) aquela cobrança...eu tirei licença, a professora de português veio me substituir (não deu as aulas)...e a prova é para depois de amanhã...não tem condição, não tem matéria...entende? então há uma cobrança que...no fim a gente fica...tolhido a dá só aquilo...que tá no livro mesmo...

Pes: certo...se a gente pensá(r) novamente sob o ponto de vista do aluno...=

P: umm, umm...

Pes: =você:...acha que o Our Way...ele vai de encontro àquilo que o aluno precisa realmente...que (é) aquilo que ele vai, digamos assim...usá(r) da língua inglesa na vida dele como ((...))?

P: não...

Pes: não?

P: qualqué(r) livro...não vai de encontro...

Pes: nenhum ((...)) faz esse tipo de coisa?

P: não...só se (ele) for ((...))...se eu sentasse e elaborasse um...um livro partindo da nossa realidade...entende? então o livro partindo da nossa realidade...entende? então o livro partindo...da nossa cultura, da nossa realidade, não é?...o aluno ia aprendê mais aquilo do dia-a-dia...e mes...aprendê tantas minúcias como os livros que a (gente) ((...)), né?...e no fim os alunos não (vão usá um dia isso)=

Pes: certo, umm, umm...

P: =...então (eu) acho que os livros não estão indo de encontro a uma realidade...(principalmente) a nossa cultura, né?...nossa cultura tem ((...)) voltada para o estrangeirismo...

Pes: certo...e...você acha que os alunos...de maneira geral...conseguem compreender aquilo que o livro apresenta?

P: conseguem...(isso) eles conseguem...mas...o professor (usando) um livro ele tem que...destrinchar, né?...então daí que eles vão entendê...porque se pegá assim...por alto...os alunos não entendem...e mesmo assim...há bons alunos que depois de um ano de ter visto a matéria...esquecem aquilo que viram...porque...não é cobrado...nada deles...

Pes: agora no final do ano ((...))...o que você espera como objetivo do seu curso de ((...))?

P: olha...eu não espero ((...))...inclusive ((...)) muito mais a maté...o programa, né?...que ficou meio...truncado, não é? não veio substituto ((...))...porque...inglês não reprova...então ((...)) eles vão ficá(r) assim...aprovados pra sétim...sexta série..

Pes: certo...então aquilo que você cobrir do livro até o dia da prova...vai sê aquilo que você=

P: vai...

Pes: =vai ((...))?

P: justamente...a professora do ano que vem...não sei se vai ser eu ou a Elaine...nós vamos ((...)) aquilo que...onde eles pararam...

Pes: certo...você gostaria de comentar mais alguma coisa sobre o livro?

P: não... (acho) que (é) só, né? ((...)) tudo mais... não é aquilo que eu... onde eu gostaria de chegar... foi o que eu falei pra você... eu (tenho seguido) o meu (texto)... elaborado... e os meus alunos sabiam mais... e eu vou falá(r) mais... foram muito bem... e eu exigia deles, eu fazia prova, ninguém cobrava aqui na escola nada... =

Pes: umm, umm...

P: =tá? e eram todos alunos que... iam morar lá... ou a passeio... tanto até que foram a passeio e ficaram... e eles (que não) foram morá... não quiseram mais voltá(r)...

Pes: tá bom, então... acho que é só... obrigado...

- TÉRMINO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR 1 -

APÊNDICE 9Entrevista: Professor 2 (P2)

Data: 24 / novembro / 1989

Pes: bom, Elisabete, o que eu gostaria de saber... em primeiro lugar, é sobre a sua experiência como professora de inglês.. você dá aula há dez anos...((...))?

P: eu dô... trabalho ((...)) sim...

Pes: você sempre trabalhou na escola pública?

P: sempre...eu trabalhei... (agora)...faz dois anos que eu (trabalho) na escola particular...ã:...escola pública, ...ã...dez anos (mais ou menos)...

Pes: em princípio, você pode apontar algumas diferenças entre a escola pública e a particular, já que você tem experiência nos dois lugares?

P: bom...eu acho o seguinte...o interesse na escola... pública...é maior...(do que) na escola estadual=

Pes: umm...

P: =porque o aluno...ele...acho que assim..em termos de:... posição social-econômica, é diferente...né?...então o aluno...(por exemplo), de periferia...ele fala assim.. "por que que eu tô aprendendo inglês?"...ele qué(r) sabê por que (que ele tá aprendendo inglês)...ele acha que ele não vai usá(r) o inglês...então ele né ((...)) ...mal sabe o português...(e vai aprendê) o inglês=

Pes: umm...

P: =eles não mostram muito interesse... por mais que você explique..que ((...)) de uma língua é:...bem (essencial) aqui no Brasil ... ((...)), né?... (tem que) está sempre em contato com a língua..(eles perguntam "através do que?")...((...)) da música, né...di:...propaganda...assim...((...)) tá com (a) camiseta, eu mostro... (eu pergunto) "cê sabe o que está escrito aí?" ... (ele) nunca sabe, né...ele sabe que (vem) aquela palavrinha lá...mas

não sabe o que é...=

Pes: ummm...umm...

P: =mas o que eu tenho notado é o seguinte...o interesse é muito pouco...por parte deles...agora, na escola particular não, porque eles...ã:...vão continuá(r) estudando, né...eles têm condição de estudá(r)=

Pes: umm...

P: =de continuar os estudos...e...os alunos de escola assim...mais...afastada...eles não:...ã:...a maioria deles...termina a oitava série...((...)) trabalhá(r), né...

Pes: pára de estudar...

P: pára de estudar...então o interesse (deles) é saber ler e escrever...

Pes: você acha que o inglês na escola pública tem alguma vantagem, tem um benefício pro aluno? ou você acha que não?

P: acho...que pode sim, né...acho que pode tê(r)...pelo menos como conhecimento...(pra ele conhecê), né?... (conhecê) uma outra língua sem ser a dele=

Pes: umm...

P: =mesmo que seja bem assim...superficial, né...pelo menos (tem) um contato...com outra língua...=

Pes: umm...

P: =...agora tem aluno que gosta...às vezes um aluno...é...de periferia...é:...se sai bem melhor do que um...(um...da) escola particular...acho que vem muito da pessoa também, né...(que dizê que)...tem tendência pra falar...(a língua)...

Pes: umm...

P: entende?...=

Pes: umm...

- P: =gosta...eu tive alunos assim em escola...de periferia... que gostavam de inglês...e que (se saiam) muito bem... ótimos alunos=
- Pes: ah...é?
- P: =...às vezes eles num...não continuaram (os) estudos... porque eles não podiam...não tem condição, né...=
- Pes: umm...
- P: =mesmo de fazê(r) u:m...curso particular...um curso de inglês...((...)) (se saiam muito bem) ...((...)) que gostam, né?...às vezes (desperta) o gosto...(tem uns que já) não têm interesse=
- Pes: umm...
- P: =nenhum, né...ele acha que pra ele inglês num vai...fazê falta, né...
- Pes: umm...em termos do material que você trabalha com os alunos...ã:...se a gente pegasse, por exemplo, o... *New Dynamic English* que você trabalha na escola particular...=
- P: um...
- Pes: =...por que que você adotou esse livro?...ou foi a escola que já...colocou pra você usá(r)?
- P: não...quando eu...eu cheguei lá...já (es)tava adotado esse livro...(né)?...apesar que eu acho um...dos mais simples...acho que ele tem o básico aqui=
- Pes: umm...
- P: =...(vem)...e:...e...vem pouco...em pouco...conteúdo, né...ele dá...ã:...a base, acho...(aqui)...((...))...ele não é complicado...(porque) tem livro que complica muito...desenho...muita parte assim...de gramática...parte de conversação...((...))=
- Pes: umm...

P: =...ã...como fala...ã...atividades, tem vez que não interessa, né...=

Pes: umm...

P: =...acho assim (que ele) diz tudo...em poucas...(com) pouco conteúdo, né...((...))

Pes: 'cê acha que ele seria um livro mais enxuto?

P: isso...mais direto, né...mais...mais objetivo...

Pes: umm...umm...o que mais que você acha de bom (ENFATICAMENTE) no *New Dynamic English*? (PAUSA) como professora, em que que ele te ajuda em termos do seu trabalho, por exemplo?

P: ah, por exemplo...é:...elaboração (dos) exercícios...elaboração de testes, né...((...)) testes...=

Pes: umm...

P: =...ã...parte de texto (também)... não é?...(eu acho que ele) ...eu acho que é um livro bem completo, assim...(eu) acho que pra início de...de inglês...ele é completo... agora eu acho mais em termos de conteúdo (também)...assim...de gramática...agora em termos de:...vocabulário, de conversação...o...aquele... o *Yázigi* é melhor... o *Dur Turn* é melhor...=

Pes: ah, tá...(acho que) seria interessante a gente retomar um pouco...os objetivos=

P: umm...

Pes: =que o aluno tem na quinta série, por exemplo...você considera idênticos os objetivos da escola particular e da pública ou não? cê acha que são coisas diferentes?...o que você faz com o *New Dynamic English* e o que você faz com o *Dur Turn*?<sup>1</sup>

P: (não) ...é diferente, porque...o objetivo na escola particular...(eu) trabalho mais assim...pensando...mais assim...ã...(no) que vem pra eles, né...((...)) que eles vão prestá vestibulinho...eles vão continuá o estudo... eles vão precisar de um gramática...=

Pes: ummm...

P: =...certo?...(de) conteúdo em inglês...agora aqui no Estado, não...aqui...mais assim com a...com a parte de conhecimento...conhecer a língua...então a conversação...então esses (termos) que eles (es)tão...assim...cotidiano, né?...ã...cumprimentar...perguntar...=

Pes: umm...

P: =conversar com o colega...porque ele ((...)) talvez nem continue o estudo, né...

Pes: e você vê alguma maneira desse aluno usá(r) essa língua fora daqui...fora da escola, pra conversação?

P: (PAUSA) ah, ele pode ((...))...ele conversar?...ele pode, por exemplo...ouvir...em filmes, né...música...eles têm (seu) interesse...

Pes: e cê acha que ele conseguiria entender alguma coisa das músicas, dos filmes?

P: ah, alguma coisinha sim...(acho) que dá pra entender... (pelo menos eles)...eles comentam comigo...ah, ontem eu vi um filme, num sei o que...=

Pes: ah, é?

P: =...aquela palavra, né...aquele...termo...ele...ele ouviu...

Pes: ah, tá...=

P: acho que...(principalmente) em música também...eles sempre têm interesse...(às vezes) eles trazem...perguntas... sempre tão perguntando, ah, que que significa isso, né?... (eles) vêem o título da música...eles vêem (em disco), né...((...)) ...o único interesse pra eles é o inglês que eles tão vendo, né...que eles tão sentindo, assim...durante...a:...o dia-a-dia, né...

Pes: umm...o...*New Dynamic English* ele traz uma série de exercícios também...do tipo de completar, do tipo de praticar a gramática...você acha que são bons os exercícios, o que que você acha desse tipo de...de prática?

P: ((...))...não eu achei (que) são bons...(isso porque) eles são bem simples (também), né?...exercícios fáceis, né...((...))...os exercícios são...(foram acho que) elaborados de acordo com o texto, né...que o aluno leu...

Pes: umm...e 'cê acha que os alunos gostam do ...do *New Dynamic English*? ...das estórias, por exemplo, que eles lêem? 'cê acha que eles têm interesse ou não?

P: olha...eu acho que eles gostam, sim...do livro...eles não têm assim...reclamado, não, do livro...assim...que (poderia) ser outro, melhor...né... (quer dizer que) eles gostam...eles acham o livro fácil... não têm, assim...encontrado dificuldade nessa parte...

Pes: tem alguma coisa que você não gosta no *New Dynamic English*?

P: que eu não goste?...

Pes: ou que você acha que poderia ser aprimorado?

P: (PAUSA)...(não, eu acho que...) ...(pra falá a verdade) não (tem) alguma coisa que eu não goste (dele)...eu achei...a parte (que eles lêem) do texto...assim...(que) diminuisse um pouco as figuras...acho que (tem) muito colorido no livro...acho que desperta o aluno (mais para o visual) do que...a parte do entender, né...do livro...

Pes: você está dizendo mais em termos de cor ou em termos de desenhos?

P: de cor...é, de cor, desenho, né...assim...o...muitas figuras, né?

Pes: fotografias, assim, por exemplo (Pes MOSTRA UMA PÁGINA DO LD A F), se acha que...=

P: (não)...fotografia, tudo bem...(acho) que mais na parte de texto, né...assim um texto mesmo, assim...mas a parte de diálogo sem sê em fig...em quadrinho=

Pes: ah, tá, por exemplo, na página dezesseis, onde tem só uma figura...e o texto...=

P: e o texto...

Pes: =...ah, tá bom...

P: pra vê se o aluno...se ele tem também tem um pouco de imaginação, né...porque vem tudo pronto, né...todas as imagens prontas...=

Pes: umm...

P: =e o aluno ((...))

Pes: e os alunos que usam o *New Dynamic English*... você acha que eles podem falar inglês também...ou o livro não possibilita esse tipo de coisa?

P: olha...eu (vou) falá pra você...eu...esse livro qui...eu usei o um e o dois, por enquanto...eu não trabalhei com o três e o quatro=

Pes: umm...

P: =...(mas) eu acho que ele...ele num dá assim uma...a parte de...de:...conversação... num possibilita muito, não...o aluno fica mais preso com a...parte da...gramática mesmo...porque o aluno...em primeiro lugar...ele (tem) vergonha de ler... 'cê manda (ele) ficá lendo, né...é...é dois três que se interessa prá lê, o resto num qué lê... porque (ele)...(ele diz que pede)...ah, vai lê, um dá risada, outro...né...eles num gostam, têm vergonha (às vezes) de ler, né...

Pes: ah, certo...tá...

P: e...agora...aqui...o livro, né, o *Dur Turn*...ele já obriga o aluno falar...ele trabalha só a conversa...não entra gramática...ele...aprende, né...ele fala mais num sabe... assim, nem o que ele tá falando, né...ã...sabe o signigicado, né...a gente fala...faça um convite, não é?...ã... pra sair, um convite pra jogar=

Pes: umm...

P: =apresente um colega ao outro...eles sabem isso...mas eles ((...))...que palavrinha, eles não sabem...(pode estar) pra terminar o livro...se você...se ele não (tiver) uma tradução, ele não sabe...ele pode até...ã...aprender a falar...eu num cheguei a fazer um trabalho com esse livro, assim do começo ao fim, quer dizer...pegar um aluno ...de primeira série...de quinta série, até a oita-

va...é a primeira vez que (eu) tô trabalhando com ele...=

Pes: este semestre ou este ano?

P: este ano...(é) a primeira vez...mas eu tenho a impressão assim...que ele pode falar...(o aluno)...se ele tiver vontade...que a gente vê os alunos falando aí...eles falam...mas só que você perguntar assim pra ele...pra dizer a palavra por palavra (ENFATICAMENTE)...ele não sabe...

Pes: e algum aluno já te pediu a tradução das palavras?

P: ele pedem...

Pes: e aí como é que você faz?

P: às vezes eu dô(u) pra ele (assim)...ele qué(r) sabê(r) ... (eu) falo o que signigica...

Pes: tá...mas você não acha que seja fundamental essa tradução...de todas as palavras?

P: ah, eu acho que não...((...)) conversação seria fundamental, né...(apenas) entendê... não é?...entendê o que tá falando...saber o que está falando, não é?... não saber (assim) palavra por palavra... (saber) o significado, né...

Pes: umm, umm...e o que que você acha, por exemplo, que os alunos, agora do *Dur Turn*, tão achando? cê acha que eles gostam desse...desse tipo de aula, de falar mais...não ter tanta gramática...?

P: ah, eu acho que eles gostam...(eu)...eu tenho notado assim...(um interesse assim por eles) maior, né?...acho... que porque eles falam, então...acho que...eles vivem mais (a) língua...a gramática (tem) só no caderno...eles ... não vão pegá o...a gramática e falá porque...eles ((...)) tá decorando, né...regrinhas, tal=

Pes: umm, umm...

P: =mas...falar...nunca, assim...com a gramática não...((...)) a teoria, né... ('ê aprende) a teoria e não a prática...acho que o *Dur Turn* dá mais assim...é:...mais prática...bem mais prática...

- Pes: tá OK...se você tivesse que apontar as características que você mais gosta no *Dur Turn*, o que que você diria?
- P: as características...?
- Pes: é...por que que ele é um bom livro?
- P: olha...eu...gosto dele porque ele é assim, como eu falei, ele usa...vocabulário, ã:...bem (ENFATICAMENTE)...assim...ah...conivente com a realidade do aluno, né...=
- Pes: umm...
- P: =fica mais próximo...da...da vida dele, né, do...que ele costuma falar todo dia...(né)?
- Pes: mesmo o aluno, por exemplo, comparando o aluno de uma escola mais do centro, o aluno da periferia... 'cê acha que o aluno da periferia também...? =
- P: também...
- Pes: =se adapta bem?
- P: se adapta, porque (acho) tanto um...um aluno de periferia como de...um aluno de:...centro, né, de cidade...de um nível melhor...eu acho que:...o:...a realidade, assim...o que eles querem, né...eu acho que é a mesma, o sonhos deles são iguais, não é?...acho que...a conversa, (acho que eles) conversam as mesmas coisas, né...as...acho que eles têm amigos...do mesmo jeito que...os da periferia têm (ENFATICAMENTE) amigos...=
- Pes: umm...
- P: =eles conversam, perguntam as mesmas coisas, né...(qué sabe) a idade, perguntá...cumprimentá, apresentá um amigo ao outro...=
- Pes: umm...
- P: =eu acho que...a(s) vivências deles são...são iguais...=
- Pes: certo...

P: =talvez a realidade (ENFATICAMENTE) seja diferente, mas eles têm o mesmo...assim...o modo de pensar, né, assim... os jovens, assim...crianças...então acho que (esse livro) pode ser usado tanto (para) o aluno de :...de um nível social melhor...como um aluno .de periferia...=

Pes: certo...

P: =a linguagem dele (eu) acho que é...comum, né...(é) uma linguagem, assim, generalizada, né...(sobre) tudo...

Pes: e tem alguma coisa que você não gosta, não recomenda no *Our Turn*?

P: que eu não goste...? (PAUSA) ... (é difícil dizer coisa) que eu não goste, porque...eu come...eu conheci ele agora, né...tô conhecendo o livro, assim...=

Pes: umm...

P: e...em termos do livro didático pra você, como professora...você acha importante o livro...mais ou menos importante...ou você acha que você trabalharia também sem o livro (ENFATICAMENTE)...como é que você vê o papel dele pra sala de aula?

P: eu acho o livro muito importante na sala de aula, viu... uma que é bem mais prático pro professor, (o professor) não tem que prepará a aula, não é...e:...acho que o interesse do aluno...é bem maior...do que sem o livro...aí a motivação também, né?=  
 Pes: ah, é?

P: =motiva bastante, o aluno...

Pes: eles usam muito...o livro?

P: eles usam o livro...eles trabalham...quer dizer, nesta... quinta série, sexta série que eu estou trabalhando com o livro, eles usam...todo dia o livro...(sempre) com o livro, né...

Pes: e aqueles que não tem livro, como é que você faz?

P: quando não tem livro...aí eu pego (os outros) livros...aí eu tiro, né...eu fa...eu elaboro o ponto, né...o conteúdo que eu vou dar...depois, mimeografo os exercícios...ou então passo no quadro...(quer dizer então que eles) têm que copiar os exercícios pra depois resolver...agora o livro...ã...já vem, né, o exercício pronto, ele não precisa copiar...então ele já faz direto, né, no livro...então mesmo pro aluno, pro professor...eu acho que o livro...é bem mais prático, né...

Pes: certo...umm, umm...e você acha que os alunos estudam além da aula? (que) eles usam o livro, por exemplo, pra rever as aulas, pra estudar...cê acha que isso pode ser uma realidade ou não?

P: ah...tem alguns que estudam...quando tem interesse, o aluno gosta...ele estuda, sim...qualquer matéria, não...precisa ser inglês...porque tem aluno que sabe, aqui que não...que inglês não é...não pa...não repete, né...que ele é uma atividade, não uma...disciplina...mas mesmo assim eles...eles estudam...

Pes: certo...se você pudesse sugerir alguma coisa pra inovar...ou pra melhorar o livro didático, que que você gostaria de sugerir?

P: (PAUSA)

Pes: o que que você acha que ainda falta, ou poderia ser melhor nos materiais?

P: eu acho que deveria...assim, por exemplo...a...além do livro, ter a fita...cada aluno (poderia) ter a fita...pra ele estudar em casa, acho que=

Pes: cada aluno...?

P: é...num sei se (eles) vendem a fita, né, se eles podem adquirir...(ou então) viesse o livro já com a fita, né...(tudo) junto...pro aluno...em casa, né...pra eles em casa...ele(s) estudá e colocá a fita, né...e repetir...porque a maior dificuldade do aluno é ele...falar, né... não é escrever...((...))... (porque ele)...é diferente, né...ele sempre...eles apontam isso, né...porque que inglês escreve de um jeito e fala de outro...então na hora que eles vão escrever...=

## (INTERRUPÇÃO DA ENTREVISTA - UM ALUNO FALA COM P)

Pes: eu tenho alguns pontos, no meu trabalho, que eu estou tentando me concentrar quando eu vou analisar um material...vou analisar um livro, né...por exemplo, a questão daquilo que é mais importante pro aluno aprender em relação à língua, e aquilo que é mais relevante pra ele ouvir ou falar, né... 'cê acha que os mais relevantes pra ele ouvir ou falar, né... 'cê acha que os livros estão atendendo esse tipo de coisa ou eles estão longe disso...como é que você vê essa questão?

P: o que que...?

Pes: o que que é mais importante pro aluno saber, em inglês... 'cê acha que os livros tão...estão de acordo com essas necessidades deles?

P: ã... nem todos, né... nem todos os livros...

Pes: umm, umm.. mas 'cê acha que no geral eles...=

P: no geral sim,...

Pes: =eles tentam cobrir isso...

P: eles tentam (acho) que aproximar...essa...ã...o livro, né...com a...realidade do aluno, com a...aquilo que ele convive, né...(a convivência) do aluno...

Pes: umm, umm...e como que você acha que o...a compreensão da língua...ela é favorecida pelo livro...como é que o livro ajuda o aluno a entender o que está acontecendo...ou você acha que o livro não ajuda...se ele pegar um livro, por exemplo, e não tiver alguma outra coisa para ajudá-lo a entender a língua, ele nunca vai entender?(PAUSA) quando você vai, por exemplo, começar uma lição nova...o que ajuda o aluno a entender bem o que está acontecendo, a compreender...essa lição nova?

P: entender...?

Pes: a gente falou um pouco de tradução...como é que você vê essa...

F: ah, se o livro tiver, por exemplo, uma figura...talvez ele...pela figura ele pode entender...(o que está dizendo)...

Fes: umm...

F: às vezes ele num entende nada...ele não entendendo, ele procura (no) vocabulário...do livro...(às vezes)...os textos... têm vocabulário, né...=

Fes: tipo dicionário...?

F: =tipo...é...dicionário...agora tem (algumas) palavras que às vezes aproxima, pelo português...às vezes eles entendem, sim... e... então...eles buscam o dicionário ou o vocabulário do livro (pra) entendê(r)...ou então através de figura, agora...ã...os textos...em quadrinhos...nessa parte, (eles) ajudam bastante, né...porque...ele...ele olha a imagem...(e o que) está escrito...e o aluno...entende um pouco melhor...e quando num tem assim...o:...a figura, então ele procura o vocabulário...ou então você fala antes pro aluno so...aquilo que ele vai lê...sobre o que, né...o assunto que ele vai ler...

Fes: umm, umm...

F: às vezes pelo título, né, também,...dá...eles entendem...

Fes: ah, tá legal...

F: eu li um texto outro dia com eles...o ((...)) texto do fusquinha, lá...eu li...e eles sentem o vocabulário ((...)) (falando)...eles tem também um questionário também, pra responder o que eles entenderam...(e eles) sem tradução, sem olhar (em) vocabulário...eles tão respondendo...(eu não traduzi)...

Fes: ah, tá... então a estória em quadrinhos pode ser uma coisa boa...?

F: (ela) também pode ser nesse ponto de mostrar...a...ã... facilita, né...ajuda a entender o texto...aquilo que eles estão lendo...

Fes: certo...certo...tá bom...bom, eu acho que basicamente era isso...depois se a gente puder voltar a conversar mais no final...das aulas...pode ser que aí eu tenha alguns pon-

tos mais específicos pra você me ajudar a esclarecer...  
muito obrigado...

P: tá bom...

- FINAL DA ENTREVISTA COM P1 -

NOTA (1): P1 o livro Our Turn (1º grau - livro 1) na escola estadual e utiliza outro LD, o New Dynamic English, de Bertolin e Siqueira, em uma escola da rede particular.

APÊNDICE 10

Prezado(a) professor(a),

Este questionário tem por objetivo coletar dados para um projeto de pesquisa sobre o livro didático de inglês nas escolas de primeiro grau. Sua colaboração, ao respondê-lo, será muito valiosa. Desde já, muito obrigado por sua atenção e disponibilidade.

1. Há quanto tempo você leciona inglês? em escola(s) estadual(ais) / municipal(ais)?  
Em outras instituições?
2. Você considera importante a língua inglesa na escola de primeiro grau?      ( ) sim      ( ) não      ( ) indiferente  
  
Por que?
3. Na sua opinião, qual a razão para se aprender uma língua estrangeira no primeiro grau?
4. Você sempre adota um livro didático? (Justifique sua resposta)
5. Poderia enumerar alguns livros didáticos que você utiliza(ou) e os considera bons livros? Se possível, justifique sua(s) escolha(s).
6. Você utiliza algum material com seus alunos de primeiro grau, além do livro didático? O que?

RESPONDA ÀS PERGUNTAS 7, 8 E 9 SOBRE O LIVRO:

7. Aponte as características que você mais gosta nesse livro:

Poderia justificar sua resposta?

8. Aponte o que você considera deficiente nesse livro didático:

Poderia justificar sua resposta?

9. Na sua opinião, como deve ser um livro didático para língua estrangeira no primeiro grau?
10. Você estaria disponível para uma entrevista sobre o mesmo assunto deste questionário?      ( ) sim      ( ) não

APÊNDICE 11

## - QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS -

Este questionário tem por objetivo coletar informações para um projeto sobre livros didáticos de inglês. Sua colaboração será bastante valiosa, e você não precisa necessariamente identificar-se. Desde já, muito obrigado.

1. Qual a sua idade? \_\_\_\_\_ anos.
2. Há quanto tempo você estuda inglês? (anos/meses)
3. O que você acha da língua inglesa (sua opinião pessoal)?
4. Poderia assinalar algum/uns dos itens abaixo para classificar o inglês?

- |  |                                   |
|--|-----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> uma língua bonita | <input type="checkbox"/> estranha |
| <input type="checkbox"/> fácil             | <input type="checkbox"/> difícil  |
| <input type="checkbox"/> útil              | <input type="checkbox"/> inútil   |
| <input type="checkbox"/> interessante      | <input type="checkbox"/> chata    |

5. Você acha importante estudar inglês?

- sim       não       indiferente

Por que?

6. Você gostaria de (assinale suas preferências):

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> falar bem inglês? | <input type="checkbox"/> escrever em inglês?    |
| <input type="checkbox"/> entender?         | <input type="checkbox"/> outros - exemplifique: |
| <input type="checkbox"/> ler em inglês?    |   |

7. O que você acha dos países onde se fala inglês?

8. O que você acha das pessoas que falam inglês como língua materna, por exemplo, os norte-americanos?
9. Você mudou de opinião a respeito da língua inglesa e/ou sobre os países onde ela é falada depois que passou a estudar inglês?
- ( ) sim - Em que aspecto(s)?
- ( ) não
10. Quanto você acha que sabe de inglês?
- |                |                       |
|----------------|-----------------------|
| ( ) bastante   | ( ) muito pouco       |
| ( ) suficiente | ( ) praticamente nada |
| ( ) um pouco   |                       |



APÊNDICE 12

## - ROTEIRO PARA ENTREVISTAR PROFESSORES -

Procedimento - Elaborar, no momento da entrevista, perguntas com o objetivo de levantar dados quanto aos seguintes aspectos:

1. Experiência profissional: ensino de inglês como LE / trabalho na escola pública e em outras instituições de ensino.
2. Objetivo e validade do ensino de LE no 1º grau.
3. Favorecimento do processo de ensino/aprendizagem pelo LD: se o LD favorece o processo, de que maneira propicia competência aos alunos, na L-alvo?
4. Características das amostras de LE contidas nos LDs já utilizados pelo professor:
  - organização e sequenciamento;
  - relevância para os alunos;
  - compreensibilidade.
5. O LD e possibilidades de corresponder às reais necessidades e interesses dos alunos.
6. Aspectos positivos e negativos do LD utilizado na(s) classe(s) observadas; sugestões de melhoria do material didático.

## APÊNDICE 13

Amostras do livro didático OUR WAY-Junior English Series (vol.1)

( U n i t 5 )

## UNIT 5

## Where's she from?

## Chat I

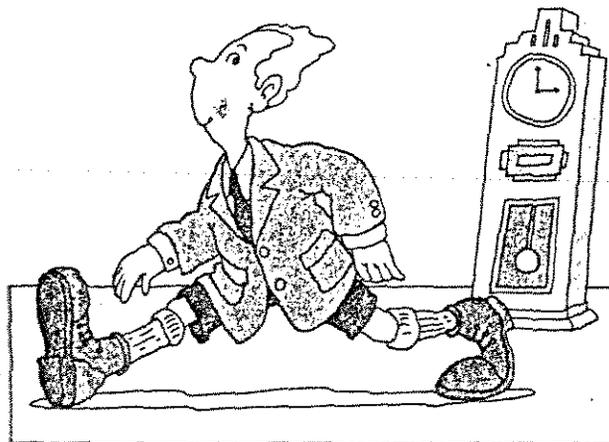
- Professor lê alunos quem
- Professor lê alunos recebem em sala.
- Grupos de 2 alunos lêem.
- Grupos de 2 alunos fazem a dramatização do diálogo



- Who's that boy?
- That's Marcello.
- Is he American?
- No, he isn't.
- Where's he from?
- He's from Italy. He's Italian.



- Who's that girl?
- That's Ideko.
- Is she Japanese?
- Oh, no! She is Brazilian.
- Brazilian?
- Yes, she's from São Paulo.



- Who's that boy?
- That's David.
- Where's he from?
- He's from England.
- What's his nationality?
- He's English.

Amostras do livro didático OUR WAY-Junior English Series (vol.1)

( U n i t 5 )

**Drill**

- |                            |                                    |   |                                   |               |  |
|----------------------------|------------------------------------|---|-----------------------------------|---------------|--|
| 1. Who's that?<br>this?    | That's Marcello.<br>This is David. | 2. Who's he?<br>she?                                | He's David.<br>She's Ideko.       |               |  |
| 3. Where's he from?<br>she | He's from<br>She's                 | America.<br>England.<br>Brazil.<br>Italy.<br>Japan. | 4. What's his nationality?<br>her | He's<br>She's | American.<br>English.<br>Brazilian.<br>Italian.<br>Japanese. |

**Write**

**(A) Complete as respostas.**

- Where's Marcello from? *Marcello is from* ..... Italy.
- Where's David from? *David is from* ..... England.
- Where's Ideko from? *Ideko is from* ..... Brazil.
- Where's Suzuki from? *Suzuki is from* ..... Japan.

**(B) Escreva frases seguindo o exemplo:**

Tim/America

Is Tim from America?

Yes, he is. He is American.

1. Suzuki/Japan

Is Suzuki from Japan?

Yes, she is. She is Japanese.

2. Angelo/Italy

Is Angelo from Italy?

Yes, he is. He is Italian.

3. Karen/England

Is Karen from England?

Yes, she is. She is English.

4. Alberto/Brazil

Is Alberto from Brazil?

Yes, he is. He is Brazilian.

**DRILL:**

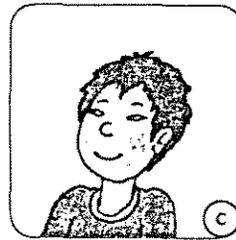
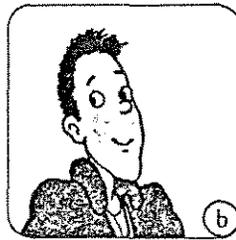
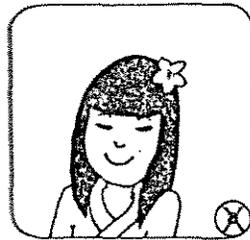
- Cada item é uma pergunta e resposta
- Professor lê alunos repetem em coro
- Faça exercícios prais com alunos da classe

- O Write pode ser utilizado como lição de casa
- A correção do exercício B deve ser feita na lousa
- Após a correção, o professor pode utilizar os exercícios como prática oral.
- O professor poderá expandir o exercício criando novas substituições.

Amostras do livro didático OUR WAY-Junior English Series (vol.1)

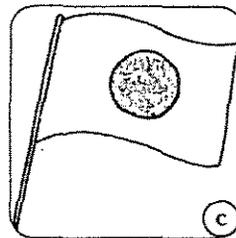
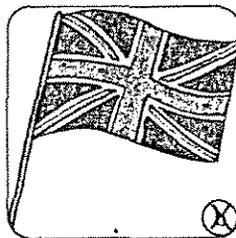
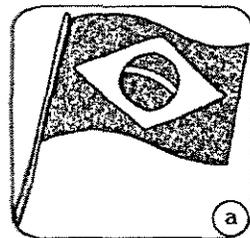
( Unit 5 )

**B** Assinale a alternativa correta de acordo com o que o professor ler.



1

My friend is from Japan.  
She's Japanese.



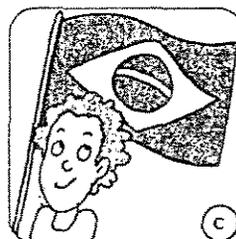
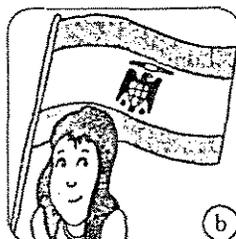
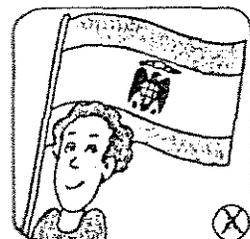
2

— Is Sally English?  
— Yes, she's from London.



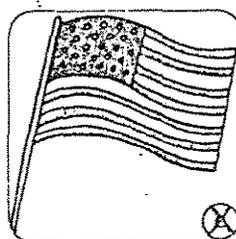
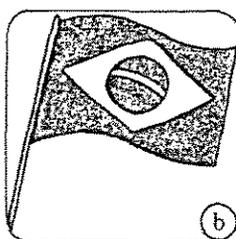
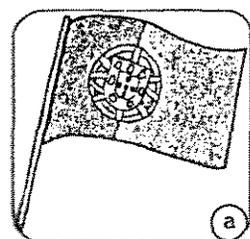
3

— Who's American?  
— My father is.



4

— Is your brother Turkish?  
— No, he's Spanish.



5

— Where's he from?  
— He's from New York.

## Grammar Capsule

1. FROM = de  
 Where's he from? De onde ele é?  
 Where's she from? She's from Italy.
2. America → American  
 Brazil → Brazilian  
 Italy → Italian
- China → Chinese  
 Japan → Japanese  
 Portugal → Portuguese
- England → English  
 Spain → Spanish  
 Turkey → Turkish
- He's from America. He's American.  
 She's from China. She's Chinese.  
 Juan is from Spain. He's Spanish.

- Ⓐ Complete os diálogos de acordo com o exemplo.
- Sally is from New York.  
 What's her nationality?  
 She's American.
1. Jack is from London.  
 What's his nationality?  
 He's English.
2. Camila is from Salvador.  
 What's her nationality?  
 She's Brazilian.
3. Ideko is from Tokyo.  
 What's her nationality?  
 She's Japanese.
4. Marcelo is from Rome.  
 What's his nationality?  
 He's Italian.

## Ⓑ Complete os diálogos.

- Karen is from Washington.  
 Is she American?  
 Yes, she is.
1. Paolo is from Rome.  
 Is he Italian?  
 Yes, he is.
2. Suzuki is from Tokyo.  
 Is she Japanese?  
 Yes, she is.
3. Carmem is from Madrid.  
 Is she Spanish?  
 Yes, she is.
4. Alberto is from Portugal.  
 Is he Portuguese?  
 Yes, he is.
5. Kelly is from London.  
 Is she English?  
 Yes, she is.
6. Cheng is from Peking.  
 Is he Chinese?  
 Yes, he is.
7. Tina is from Belém.  
 Is she Brazilian?  
 Yes, she is.
8. Mike is from New York.  
 Is he American?  
 Yes, he is.

## Ⓒ Complete os diálogos segundo o exemplo.

- Cheng is from Peking.  
 Is he Japanese?  
 No, he isn't.
1. Carmen is from Madrid.  
 Is she Turkish?  
 No, she isn't.
2. Frank is from Los Angeles.  
 Is he Turkish?  
 No, he isn't.
3. Sylvia is from Paris.  
 Is she English?  
 No, she isn't.
4. Greg is from London.  
 Is he English?  
 Yes, he is.
5. João is from Manaus.  
 Is he Italian?  
 No, he isn't.
6. Pablo is from Montevideo.  
 Is he Brazilian?  
 No, he isn't.
7. Chico is from Natal.  
 Is he Brazilian?  
 Yes, he is.
8. Manuel is from Lisbon.  
 Is he Chinese?  
 No, he isn't.

\* Complete os diálogos de acordo com o exemplo.  
 \* Complete os diálogos de acordo com o exemplo.  
 \* Complete os diálogos de acordo com o exemplo.

\* Complete os diálogos de acordo com o exemplo.  
 \* Complete os diálogos de acordo com o exemplo.  
 \* Complete os diálogos de acordo com o exemplo.

LESSON

Objetivos: Ao terminar esta lição, você deverá ser capaz de:



- fazer um convite
- aceitar um convite
- recusar um convite
- justificar uma recusa
- perguntar as horas
- dizer as horas
- expressar a idéia de tarde
- despedir-se

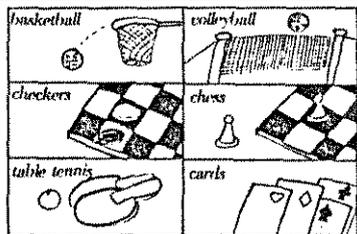


SUBJECT

A. Amigos se encontram. Um deles faz um convite e o outro aceita. Veja!

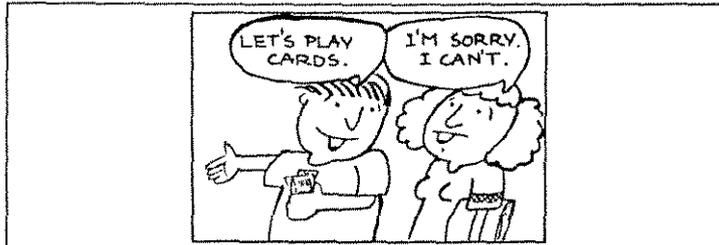


Vocabulary:



Agora, com um colega, faça o mesmo. Convide-o a jogar... Depois troque os papéis.

B. A garota recusa o convite. Observe o que ela fala.



Seu colega faz um convite e infelizmente você tem que recusar.

C. Depois da recusa, ela justifica.

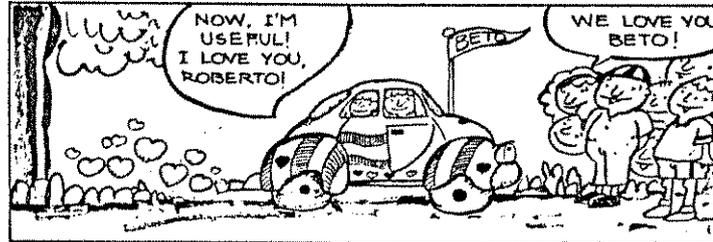
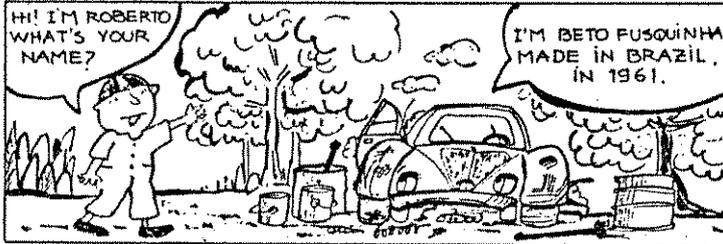


Vocabulary:

- I have* (class at 2:00  
an appointment with the dentist  
a date with my boyfriend/ girlfriend
- I have to* (study  
go home  
do my homework  
help my mother  
wash the dishes



Leia a história com atenção e responda a pergunta:  
A história é sobre...



Leia o texto novamente e responda:

1. De onde é Beto Fusquinha?
2. Em que ano ele foi fabricado?
3. Por que Beto está triste?
4. Qual foi a idéia de Roberto?
5. Em quantas cores Roberto pintou Beto Fusquinha?
6. Onde vão Beto Fusquinha e Roberto?
7. Quanto custa uma corrida no novo Beto Fusquinha?

( L E S S O N 5 )